

NIGHTSIDE OF EDEN

KENNETH GRANT



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Esta presente tradução é material interno da *Sociedade Amrit*, e não deverá ser publicado na internet, sob a pena da Lei. Porém, poderá ser distribuído para que amigos imprimam e façam uso pessoal & particular, desde que não seja distribuído “para o povo”.

Proibida a reprodução total ou parcial desta tradução, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do Tradutor. (Lei n. 9.610, de 19.02.98).

Amor é a lei, amor sob vontade.

R.-Bulad
Fra. Sekhemkhet



Prefácio do Autor

PARECE que a opinião mantida em certas partes é que em meus livros anteriores eu tenho revelado um tanto excessivamente os Mistérios, e que o Véu de Ísis foi erguido até uma altura inconveniente. Eu portanto reitero o fato que os Mistérios, a verdadeira Gnosis, são de uma natureza predominantemente psico-sexual. Eu meramente disponibilizei – talvez pela primeira vez de uma forma tão clara – conhecimento que tem sido oculto até aqui, i.e. escondido. Conforme este fato eu não faço nenhuma apologia por ter tornado estes Mistérios esclarecidos para aqueles que tem a intuição necessária.

Que existem aqui Mistérios negros isso é inegável, mas também existem as chaves para a sua compreensão. Talvez isto possa ser reivindicado para o presente livro ainda mais do que para a trilogia que o precedeu, onde certas formulas operativas foram impedidas de serem mostradas.

As chaves do ocultismo prático, quer sejam do Misticismo ou da Magia(k), podem ser apreendidas intelectualmente pelo estudo de livros, mas é apenas nos planos internos que seus trabalhos efetivos podem ser revelados. À menos que os contatos necessários nos planos internos sejam estabelecidos da maneira adequada, nenhuma quantidade de leitura revelará 'segredos' que são literalmente indecifráveis e portanto verdadeiramente ocultos. As proteções (contra o acesso) são tanto automáticas quanto à prova de descuidos.

Em vista do precedente pode muito bem existir a pergunta sobre o porque alguém deva se dar ao trabalho de expor os Mistérios em um nível enquanto que sua plena compreensão é possível apenas em outro que não é geralmente disponível. A resposta é que existe um grande grupo de indivíduos – um grupo que está crescendo mais rapidamente que em qualquer outra época na história humana – que necessita de um indicador, uma mera sugestão, para desenvolver sua sensibilidade às influências do plano interno.

É a tarefa de um Iniciado que representa uma Ordem mágica particular, desenvolver a obra de seu antecessor. No presente exemplo esta Ordem é a O.T.O. (*Ordo Templi Orientis*), e a tarefa requer a exposição da corrente mágica conhecida como 93, ou Thelema, que Aleister Crowley recebeu de uma fonte extra-terrestre e que ele incorporou em *O Livro da Lei*, e outros escritos.¹

Portanto o trabalho presente, que está baseado em um grimório extremamente sinistro conhecido como *Liber 231*,² continua a transmitir a Corrente 93 como revivida por Crowley no vigésimo século.

É inevitável que durante o processo da evolução de uma corrente, certos aspectos considerados como obsoletos, não práticos, ou errôneos, tenham que ser rejeitados em favor de meios mais eficientes. Isto se aplica com uma força de convicção particular na esfera da iniciação mágica como evolvidas em Ordens tal como a O.T.O., sobre a qual é necessário aqui dizer algumas palavras.

O sistema de iniciação empregado pela O.T.O., da qual Crowley era o Chefe em sua época, estava baseado sobre uma estrutura maçônica. Crowley não alterou aquela estrutura embora ele revisasse os rituais dos graus mais baixos da Ordem após ele ter sido acusado de infringir os direitos da franco maçonaria ortodoxa.

¹ Vide Bibliografia, sob Crowley, Aleister.

² Primeiramente publicado em *O Equinócio*, vol.I, No. vii, Londres, 1912. O número 231 é a soma dos números das Cartas do Taro, 0-21; ele é, portanto, a extensão do número 22. O *Liber 231* (ou CCXXXI como é mais usualmente designado) trata dos 22 Atus de Thoth como aplicados aos 22 Caminhos da Árvore da Vida, e as 22 celas das Qliphoth. Crowley tratou abertamente dos Atus (vide *O Livro de Thoth*), porém sobre as 22 Celas das Qliphoth e os Túneis de Set sob os Caminhos, ele não escreveu. Portanto, o presente livro completa a obra que ele deixou inacabada.



Desde aqueles dias (por volta de 1915), todo o sistema de Loja e Operação Ritual foi abandonado. Ele era manifestamente de difícil controle e – devido a seu propósito internacional sempre crescente – tornou-se impraticável para os membros se reunirem em um mesmo tempo e local para propósitos de operações mágicas. Mas acima de tudo, a estrutura maçônica não mais se harmoniza com a consciência e atitudes do Novo Aeon. Em outras palavras, a fórmula maçônica está ‘fora do real’ e não mais representa o Projeto Universal de realização mística e mágica.

Os sistemas de maçonaria do Velho Aeon estavam baseados no Quadrado, e fundamentados sobre um conceito de supremacia masculina simbolizada por Osiris, Salomão e outras figuras patriarcais. A nova O.T.O. está fundamentada no Círculo, a Deusa, a Mãe *cujo filho é seu símbolo*. É portanto um aparente reavivamento de um ethos (?) mais anterior (de fato o mais antigo), em que ele envolve o culto da Deusa Primordial que, não conhecendo nenhum deus, foi posteriormente rejeitada como ‘irreligiosa’, e portanto – por um modo da mesma lógica curiosa – tornada ‘diabólica’.³ A evolução psíquica, como outras formas de evolução, se desdobra em uma forma espiral, e o aparente reavivamento do Culto da Mãe e seu Filho é, num exame mais profundo, considerado como tendo progredido, pois a ‘criança’ não é mais o filho mas a filha. Este avanço em tipos é muito confuso para discussão aqui; ele foi explicado em minha trilogia, desenvolvido no presente livro, e mencionado aqui de forma a refutar certas críticas à nova O.T.O. que foram niveladas contra ela por parte daqueles que falham em compreender a evolução e reencarnação espiral progressiva das fórmulas mágicas.

A O.T.O. mantém seus onze graus, que agora são considerados como círculos menores sobre a margem daquele Círculo ou Roda maior que está em processo de revolução contínua. Todos os graus – equidistantes do eixo imóvel – são portanto equivalentes. Eles se erguem e caem ritmicamente, sempre se aproximando ou se afastando de um dos dois horizontes, o local do nascente e o local do poente, o local do nascimento (manifestação) e o local da morte (não-manifestação).

A morte era a grande ilusão do Aeon anterior – o Aeon de Osiris. Agora entretanto, neste Aeon de Horus, que é o Aeon da Eterna Criança, vida e morte são vistas como fenômenos contínuos, ou como Dia e Noite no processo de Auto-iluminação.

A doutrina foi explicada em detalhes na minha Trilogia Tifoniana. As sementes dela existiam nos escritos inspirados de Crowley, mas ele pessoalmente parecia incapaz de conceber um sistema de iniciação fora do molde postulado pela franco-maçonaria. Eis o porquê ele perpetuou o sistema antigo e rígido descrito em *O Equinócio*, vol.III, No.1, que foi mantido após a sua morte por seu discípulo inquestionável. Karl J.Germer. Então foi deixada [a incumbência] para o presente escritor de trazer adiante o novo esquema, e isto ele tem feito durante os últimos 25 anos.

As observações precedentes foram inspiradas pelas muitas cartas relacionadas à Corrente 93 e à O.T.O. recebidas após a publicação dos meus livros anteriores. Espera-se que a função da Ordem novamente organizada seja agora finalmente esclarecida.

Agradecimentos e reconhecimentos especiais se devem ao Sr. Michael Bertiaux, Chefe do Culto da Serpente Negra, pelo material ao qual eu me referi na introdução da Parte I, e em outras partes; ao Sr. Gary Straw e Sra. Margaret Cook, e os editores do *The Cincinnati Journal of Ceremonial Magick*, por sua permissão em fazer citações do *Liber Pennae Praenumbra*, e material pertencente ao Culto de Maat; ao Sr. Michael Magee, por apoiar o trabalho da O.T.O. em sua revista, *Sothis*, e ao Sr. John Symonds por me permitir fazer uso dos escritos de Crowley.

³ Não existia naquele estágio primitivo de sociedade conhecimento sobre o pai na terra e, portanto, nenhuma imagem de pai ou ‘deus’ no céu, pois os ‘deuses’ são nada mais que projeções psíquicas.



Finalmente, eu desejo agradecer aos seguintes artistas que generosamente permitiram a inclusão de seus desenhos ou pinturas: Steffi Grant, Margaret Cook, Janice R. Ayers, Jan Bailey, Michael Bertiaux, Allen Holub, David Smith, e Frederick Seaton.



Introdução

A ÁRVORE da Vida é uma chave para os poderes ocultos tanto em um sentido místico quanto em um sentido mágico. Numerosos livros têm sido escritos sobre as Dez Sephiroth e os Vinte e Dois Caminhos desenvolvidos pela consciência humana em sua tentativa de compreender poderes macro cósmicos em termos de valores micro cósmicos. O ocultismo no Ocidente, contudo, tem sido dominado por interpretações que levam em consideração apenas o aspecto positivo deste grande símbolo. O outro lado, o lado negativo ou oposto da Árvore tem sido mantido fora de vista e diligentemente ignorado. Porém não existe dia sem noite, e o próprio Ser não pode *existir* sem referência ao Não-Ser do qual ele é a inevitável manifestação.

Quaisquer alusões à este aspecto da Árvore e seus ramos tem sido colocadas num plano mais abrangente sob títulos desdenhosos ou relacionadas ao reino infernal das Qliphoth, o mundo das conchas ou sombras que não é nenhum outro além do nosso mundo tal como o conhecemos, sem a luz transformadora da consciência mágica.

Uma completa iniciação mágica não é possível sem uma compreensão dos assim chamados caminhos qlifóticos que são, na prática, tão reais quanto a sombra de qualquer objeto iluminado pelo sol. Em outras palavras, os caminhos bem iluminados de Horus, os caminhos que o homem projetou para para conectar as zonas de poder cósmicas (Sephiroth) com sua própria consciência, tem suas contrapartes nos Túneis de Set, uma teia escura ou rede noturna de caminhos, cuja verdadeira existência é negada ou ignorada por aqueles que são incapazes de perceber a total verdade da Árvore e sua validade para aqueles que escalariam mesmo seus ramos mais baixos.

A mente é iludida com promessas de ‘consciência cósmica’ e os sentidos são induzidos ao sono ou são enfeitiçados pela constante reiteração de que se abrimos nossas asas e voarmos nós alcançaremos os ramos mais altos no espaço de um único tempo de vida. Contudo aqueles que realmente falam com tanta desenvoltura sobre iluminação, e que varrem de lado com aparente facilidade os lados opostos das zonas de poder com as quais eles ostentam familiaridade, eles realmente acreditam que apenas um lado existe? É fútil e falso imaginar uma moeda com apenas um lado.

É apenas depois de dominar o mundo das sombras dentro de si mesmo na forma de arqui-demônios, ódio, luxúria, e orgulho, que o homem pode realmente reivindicar a ser o Senhor das Rodas ou Discos Brilhantes.⁴

É parcialmente devido à obra de Frater Achad sobre a Árvore⁵ que eu pela primeira vez percebi a natureza multidimensional de seus muitos aspectos. Então assumi para mim uma forma totalmente diferente; ela não era mais um mero diagrama simbolizando um sistema preciso embora complexo de realização espiritual; ela se tornou viva, tomou volume, e pareceu tão diferente de um diagrama quanto um país com relação a seu mapa. Eu me conscientizei de que a Árvore não tinha apenas um topo e uma base, mas também uma frente e um verso, e embora Achad não tenha desenvolvido sua tese do mesmo modo pelo qual comecei à vislumbrar o assunto, ele não obstante estava ciente de suas implicações sobre o aspecto oposto. Este fato pode ser apreciado por um estudo de sua Fórmula do Reverso em conexão com palavras mágicas de poder, e sua interpretação de certos versos do *Livro da Lei*.⁶ Chocou-me naquela ocasião⁷ o fato que se as Sephiroth fossem vistas como globos mais do que como

⁴ I.e. as dez Sephiroth. (Vide Diagrama da Árvore).

⁵ *A Anatomia do Corpo de Deus*, Sendo a Suprema Revelação da Consciência Cósmica, de Frater Achad (Charles Stansfeld Jones) Chicago, 1925. Recentemente reimpresso por Samuel Weiser, New York.

⁶ Um livro recebido por transmissão direta em 1904 por Aleister Crowley. Vide *Aleister Crowley & O Deus Oculto*, Muller, 1973.

⁷ No ano de 1952 e.v., quando eu estava reformando a OTO e compondo rituais mais tarde utilizados na Loja Nova Ísis. Vide *O Renascer da Magia*, Muller, 1972.



rodas ou discos, os caminhos seriam adequadamente aprofundados e seriam parecidos não como planos áridos entre as zonas de poder, mas como túneis perfurando com profundidade no espaço, pois a Árvore como um todo está enraizada nos vazios internos e místicos de consciência multidimensional os quais não podem ser adequadamente representados por um diagrama bidimensional.

Estou plenamente consciente de que as regiões opostas das zonas de poder são território perigoso, e a princípio recordaria àqueles que acham que tal exploração seria melhor não ser feita, de que não se pode começar esta iniciação, ou jornada interior, quando se começa sua subida desde Malkuth,⁸ pois somente projetando a consciência através de Daäth,⁹ o Portal do Abismo, pode-se ingressar no Reino dos espaços infernais que está sob o domínio de Choronzon.¹⁰ Deve-se portanto estar familiarizado com estes caminhos antes que se possa entrar no Local Profundo onde eles continuam, não como os bem iluminados Caminhos de Hórus plenamente sinalizados à luz do dia, mas como os Túneis de Set que dobram e se contorcem como uma serpente, ou como as entranhas daquele Deus do Golfo sem nome cuja escuridão possibilita, por contraste, suas contrapartes claras. Se isso for mantido em mente não será necessário me culpar por irresponsabilidade por aqueles que possam ser seduzidos, mesmo contra sua vontade, a começar uma jornada para a qual eles estejam inadequadamente equipados e que possa portanto se mostrar fatal.

Uma outra observação parece ser relevante. Durante o curso da escrita dos três volumes que constituem minha Trilogia Tifoniana¹¹ um Adepto chamado Michael Bertiaux escreveu para mim de Chicago. Sua carta foi o início de uma correspondência frutífera durante o curso da qual ele me enviou os Papéis Graduados de sua sociedade secreta¹². Para minha surpresa descobri que ele tinha, bastante independente de minhas próprias pesquisas, formulado uma concepção da Árvore da Vida que comportava entre suas muitas facetas os Caminhos Retrógrados que eu aqui chamo de os Túneis de Set. Embora não exista alinhamento preciso de nossas teorias respectivas, é talvez interessante notar como as duas concepções se confirmam e complementam entre si. Portanto tomo esta oportunidade para chamar a atenção do leitor para o tratamento do Sr. Bertiaux sobre o assunto.

Isso me traz ao ponto final: À menos que o ocultismo se torne criativo no sentido de abrir novas abordagens, modificando e desenvolvendo conceitos tradicionais e revelando de modo geral um pouco mais sobre aquela Deusa Suprema cuja identidade está oculta por trás do véu de Ísis, Kali, Nuit, ou Sothis, haverá estagnação no pântano de crenças tornadas inertes pela recente rápida aceleração da consciência da humanidade, que pouco sente falta do miraculoso. Se não se quiser que a ciência do imanifesto permaneça fundamentada num estágio pré-pubescente, enquanto as ciências manifestas sobem ao espaço, o ocultista maduro deve por de lado os brinquetes da superstição e encarar sem temor as Árvores da Eternidade cujos troncos e ramos brilham com o fogo solar, mas cujas raízes são nutridas na escuridão.

⁸ O modo usual de procedimento é subir a Árvore de Malkuth à Kether *via* Pilar do Meio. Vide diagrama.

⁹ A décima primeira zona de poder.

¹⁰ Vide o Glossário para a definição deste termo que é usado aqui em um sentido diverso daquele no qual Aleister Crowley e outros o tem usado.

¹¹ Vide Bibliografia.

¹² O Monastério dos Sete Raios, que inclui o Culto da Serpente Negra (*La Couleuvre Noire*). Vide particularmente os Papéis Graduados pertencentes ao Curso do 4º Ano.



1

O Local da Cruz

AS SEPHIROTH eram descritas pelos antigos qabalistas como emanções divinas do Absoluto. A palavra *sephiroth* é a forma plural da palavra hebraica *sephira*, significando 'número' ou 'emanção'. As Dez Sephiroth representam o surgimento [a partir] do *Ain* (o Nada que está além da Unidade) *via* escala dos números de um a nove, da Vibração Divina, e seu retorno novamente para o Vazio *via* Malkuth onde a Unidade (1) se torna Nada (0) novamente.

Durante o curso do desenvolvimento da ciência oculta os números de um a dez vieram a significar centros ou zonas de poder cósmico, e de modo a trazer sua natureza para dentro do alcance da compreensão humana foram partilhados entre elas vários representantes planetários.

Plutão representa a zona de poder mais externa, o pylon colocado na mais distante margem do sistema planetário além da qual se estende as vastidões do Espaço Exterior. Quando aplicado ao micro cosmo (o mundo da consciência humana) Plutão representa o pylon nos portais do santuário do Espaço Interior. Kether, a Coroa do Sistema no Externo e no Interno, é portanto equivalente à Altura (e Profundez) do espaço físico e psicológico. É essencial apreender este fato de modo a compreender porque Malkuth, a décima e final *sephira*, é equivalente à aquilo que, pela falta de um termo mais preciso, pode ser indicado pelo termo anti-matéria. Eu digo indicado, porque nem

(figura)

A Árvore da Vida Qabalística mostrando as dez Sephiroth e vinte e dois caminhos com suas principais atribuições astrológicas, elementais e de taro, organizados de acordo com a Tradição Oculta iniciada.

Kether nem Malkuth podem ser descritas em termos de lógica mundana. Os qabalistas aludiam à Kether por títulos como O Antigo dos Dias, a Cabeça Branca, o Ponto Supremo.¹³ Similarmente, nos ensinamentos esotéricos do Tantrismo (tanto Budista como Hindu), Nirvana e Samsara¹⁴ são considerados como sendo idênticos. Ainda assim o conceito de Samsara não está, estritamente falando, confinado a Malkuth, pois todas as outras Sephiroth até e incluindo Kether formam parte deste; em outras palavras, todos eles são conceitos e portanto objetivações da subjetividade. Como objetos eles são ilusórios, pois *Ain* (subjetividade) sozinho É, e a natureza de seu ser é NÃO. Mas, como analogia aproximativa isto é útil porque traz a doutrina oriental em alinhamento com a Tradição Oculta Ocidental.

Existem inúmeros tratados sobre a Árvore da Vida qabalística e presume-se que o leitor esteja familiarizado com alguns deles. Não se pretende aqui escrutinar solo já pesquisado muitas vezes antes, mas analisar o esquema qabalístico como um mapa de zonas cósmicas de poder interagindo e impingindo sobre o homem em todos os pontos de seu ser, pois não existe um único elemento no homem que não vibre em concordância com o ritmo dos números de um a nove, e suas modificações. (Vide diagrama da Árvore). É evidente que nenhum ser humano, não importa o quão avançado ele esteja rumo à realização da consciência cósmica, pode transcender Kether e explorar os vazios transplutonianos, seja nos espaços externos do universo físico ou nos espaços internos de sua própria individualidade inescrutável. Fazer isso implicaria que ele tivesse desistido completamente e para sempre o reino da consciência humana, talvez para se tornar um com Deus, pois, seja o que for que aquele termo possa significar o estado que ele implica não pode ter significação possível dentro da estrutura da experiência dualista, e portanto está fora do escopo da presente investigação. Como se para

¹³ O *bindu* ou ponto indivisível dos Tantras.

¹⁴ Literalmente a coisa movente; i.e. o mundo das aparências; este universo.



compensar por esta jornada proibida, contudo, a Árvore oferece uma única brecha através da qual a vontade humana pode ser projetar, e é este ‘buraco no espaço’ que forma o pylon externo oculto no abismo da consciência (o Inconsciente) que separa a tríada sefirótica superna (Kether-Chokmah-Binah) do remanescente da Árvore. Desencaminhar-se neste Deserto de Set é tornar-se o que é conhecido como um Irmão Negro. Seu destino é talvez único.¹⁵

O nome dado pelos qabalistas a este Portal do Golfo é Daäth, e na tradição oculta este é o lugar no qual o dragão de oito cabeças das profundezas desapareceu por trás da Árvore quando ele a escalou numa tentativa mal sucedida de atingir bem no coração da divindade (i.e. Kether). A palavra Daäth instantaneamente sugere o nome daquele outro portal que abre sobre o vazio da extinção pessoal, i.e. Morte. Estes temos, Daäth e Morte, deveras possuem uma afinidade mística e não há refutação à este fato de que as palavras estejam em línguas diferentes, pois os elementos salientes de ambas as palavras D A Th são cabalisticamente equivalentes ao número 474¹⁶. Um dos significados de Daäth é ‘Conhecimento’. Ela é chamada ‘a *sephira* que não é uma *sephira*’. Em um aspecto ela é a filha de Chokmah e Binah; em outro, ela é a Oitava Cabeça do Dragão Curvado, elevado quando a Árvore da Vida foi despedaçada e Macroprosopus colocou uma espada flamejante contra Microprosopus.¹⁷ Por permutação Doth (Daäth) iguala com OThD, outra palavra hebraica, significando um ‘carneiro’ ou um ‘bode’; este é também o número da palavra grega *duo*, significando ‘dois’.¹⁸ O duplo é o *eidolon*, boneco, ou sombra, simbolizado pelos antigos egípcios pelo *Tat* que é equivalente a Doth. Daäth é também a Casa de Choronzon, o Guardião do Portal do Abismo. Reunindo estes vários significados nós percebemos que o Conhecimento de Daäth, ou Morte, é da natureza do segredo da Dualidade representada pela sombra ou duplo mágico através do qual o homem supera a morte e entra no portal de Daäth para explorar a Morada de Choronzon, o Deserto de Set.

Daäth enquanto a filha de Chokmah e Binah¹⁹ é atribuída a Urano o que indica a natureza altamente explosiva deste ‘conhecimento’. Netuno, como Chokmah, é uma forma de Hadit, e Saturno, como Binah, é uma forma de Nuit.²⁰ Este conhecimento, portanto, é o conhecimento da Vida que é também o conhecimento da Morte e, como tal, ele sugere a natureza sexual de sua fórmula. Em *O Livro da Lei*²¹ Hadit declara:

Eu sou a chama que arde em todo coração de homem e no âmago de cada estrela.
Eu sou Vida e o doador da Vida, ainda que portanto seja o conhecimento de mim
o conhecimento da morte.

Se por morte nós lermos Daäth o verso assume um significado mais profundo pois ele é então visto como sendo uma chave secreta da função de Hadit. Hadit é Shaitan ou Set, Senhor do Deserto e do Grande Portal do Golfo cujo guardião é Choronzon. A palavra ou nome Choronzon é dentro de toda probabilidade uma corruptela de Chozzar²² cujo símbolo, o tridente, o iguala a Netuno-Nodens, o Deus das Profundezas. Então, Hadit (Netuno) e Nuit (Saturno), os princípios duais da vida, combinam-se para formar o princípio oposto ou

¹⁵ Vide Parte Dois.

¹⁶ A letra ‘A’ sendo considerada como *Ayin*, 70.

¹⁷ Isto é explicado no devido curso.

¹⁸ Para uma explicação sobre dualidade em termos do Duplo ou Diabo simbolizado pelo bode itifálico, vide *O Renascer da Magia*. Muller, 1972.

¹⁹ Chokmah=Sabedoria; Binah=Compreensão. Vide diagrama da Árvore.

²⁰ Vide *O Livro da Lei* e seus comentários para uma explicação sobre estes termos.

²¹ Capítulo 2, Verso 6.

²² O deus da Magia Atlante. Porém veja *Cultos da Sombra* para uma definição mais completa.



Choronzonico de Daäth e Morte; pois este conhecimento (Daäth) é do lado oposto, reverso, ou posterior da Árvore.

Daäth é descrita pelos qabalistas como a falsa *sephira* porque ela não tinha lugar no esquema de números de um a dez, nenhum lugar que esteja na dimensão representada pela parte frontal ou anverso da Árvore. Em consequência ela foi considerada como sendo a décima primeira *sephira*. Onze é o número da magia(k), da ‘energia tendendo à mudança’, que é a fórmula precisa da Operação de Daäth, e a razão para sua associação com a morte como o tipo supremo de mudança.

No esquema Tantrico dos *chakras*, ou zonas de poder micro cósmicas, Daäth é atribuída à Zona da Palavra, Visuddha ou centro da garganta.²³ Este centro representa a fala, mas a Palavra em seu sentido oculto da Verdadeira Voz (*Ma Kheru*) pode ser pronunciada apenas por um Magus, cuja origem natural é a segunda *sephira*, Chokmah, atribuída à Hadit. O 11 (dois) e o 11 (onze) portanto se encontram em Daäth, a esfera do conhecimento, pois o conhecimento é possível apenas onde a dualidade (dois; *duo*, 11) prevalece. Esses dois – sujeito e objeto – se unem, e sua união provoca a modificação, que é a fórmula da magia(k). A união ocorre *na consciência*, onde o ato é refletido como num espelho, e o ato abre o portal através do qual a Vontade (Hadit) é projetada. Sua imagem aparece no mundo-espelho²⁴ nas costas da Árvore e *em reverso*, pois naquela dimensão o tempo flui para trás, e o homem se reverte ao macaco. O cinocéfalo foi portanto escolhido como um símbolo mágico da Palavra pelos antigos egípcios que a atribuíam ao deus-lua, Thoth. O nome deste deus é equivalente a Doth²⁵ (Daäth) e é significativo que a lua esteja atribuída ao *kala* que irradia desde Kether através do abismo até o centro solar ou centro do coração do cosmos.²⁶ O reflexo do sol (consciência humana) nas águas do abismo é então simbolizado por Thoth e seu cinocéfalo como o homem e seu cão [são] refletidos na lua. O cinocéfalo ou macaco com cabeça de cão pronuncia a Palavra do Magus (Hadit-Chokmah) *em reverso*. Frater Achad tinha uma noção destes mistérios e isso o levou a enunciar sua Fórmula da Reversão.²⁷ Por volta do mesmo período o artista Austin Spare, trabalhando através de linhas similares, percebeu que de forma a se tornar Deus, o homem deve regredir ao estado primal ou original de consciência.²⁸ Esta é a *base lógica* definitiva por trás das tentativas dos ocultistas de todas as eras em saltar para trás e para dentro rumo às profundezas interiores da Árvore, dessa forma revertendo ao estado de consciência primevo antes que Kether transmitisse a corrente de manifestação desde o Olho do Vazio (Ain).²⁹ Muitos magos se desencaminham naquela jornada de regresso, sua consciência assume formas de vida larval que são anteriores à humana. Então o Macaco de Thoth escarnece deles enquanto eles lutam para se desembaraçar de uma reversão de consciência que se acelera rapidamente e que finalmente os lança no esquecimento. Este é o destino peculiar aos Adeptos que, nutrindo suas tendências animais enquanto estão no abismo, assumem a forma de bestas³⁰ sem primeiro abandonar as tendências do ego em usar para fins pessoais os poderes que estas criaturas simbolizam.

²³ *Cultos da Sombra* capítulo 1, para um relato detalhado desta zona e sua relação com a cruz óctupla dos *kalas*.

²⁴ Conhecido em algumas escolas de mistérios como o *miroir fantastique*. Vide Michael Bertiaux: Papeis Graduados do MSR.

²⁵ A letra ‘d’ é a forma posterior e suprimida de ‘t’.

²⁶ Representado na árvore pela *sephira* Tiphareth que tipifica a consciência humana iluminada.

²⁷ Vide *Liber XXXI*, de Frater Achad. Revista *Sothis* vol. I. No. iii.

²⁸ Vide *O Livro do Prazer* de Austin Osman Spare. Reimpresso em 1975.

²⁹ *Ain* significa ‘nada’, ‘vazio’, o não-manifesto. Ele também significa um Olho, *Ayin*, que possui o valor numérico de 70. Para o significado deste número importante vide mais adiante.

³⁰ Esta é a origem da licantropia mágica e fenômenos ocultos similares.



Podemos então propor anti-mundos (anti-universos) baseados na aplicação de cada *sephira* ao seu oposto, dessa forma obtendo uma rápida visão não apenas das costas da Árvore, mas do reverso total da Árvore com respeito à seu anverso, que constitui o mundo das aparências.³¹ Podemos desta forma formular não apenas um anti-universo ou zona de anti-matéria, mas também uma zona de anti-espírito representada por Kether invertida por trás de Malkuth. Porém não vamos cair no erro de Achad de considerar estas especulações como fatos reais de consciência espiritual. Ao invés disso, utilizemos a idéias delas como um trampolim que pode nos lançar para dentro de espaços internos de consciência que comportam, cada um por sua vez, o inferno³² ou buraco de cada zona de poder.

²⁰ Os antigos finlandeses (?) utilizavam uma palavra mais apropriada para designar 'inferno', a saber: 'tuonela', um túnel. Num sentido físico esta palavra implica numa passagem subterrânea; em um sentido psicológico, o subconsciente, e num sentido macro cósmico ela significa o mundo sub-nuclear da anti-matéria, o buraco negro no espaço do qual o inferno mitológico, com suas chamas aniquiladoras, é o símbolo.

³¹ i.e. o mundo fenomenal; nosso universo.

³² Os antigos finlandeses (?) utilizavam uma palavra mais apropriada para designar 'inferno', a saber: 'tuonela', um túnel. Num sentido físico esta palavra implica numa passagem subterrânea; em um sentido psicológico, o subconsciente, e num sentido macro cósmico ela significa o mundo sub-nuclear da anti-matéria, o buraco negro no espaço do qual o inferno mitológico, com suas chamas aniquiladoras, é o símbolo.



2

Qabalah da Gnosis Primal

A INTERPRETAÇÃO primitiva dos fenômenos era de uma natureza física, nós podemos portanto sondar a gnose ou aplicação metafísica dos símbolos primais apenas pela compreensão do significado mágico especial que os antigos ligavam aos números de zero a dez, o zero sendo o *Ain*, a fonte não manifesta e numênica de manifestação. Na cabala caldaica as letras de Aleph à Yod (1-10) resumiam a origem e desenvolvimento da emanção primal desde o *Ain*, e é apenas compreendendo o significado destes números com relação aos fenômenos físicos que podemos penetrar o mistério do simbolismo metafísico que eventualmente se tornou a linguagem d'Os *Mistérios*.

A contagem primal é mantida pelas letras caldaicas e hebraicas, cada letra sendo também um número; e estes números com seus primitivos significados foram preservados na cabala quase intactos em sua transição de origem africana *via* Egito. A tradição também é preservada pelos antigos Barddas britânicos que reivindicam que eles 'começaram com dez sinais originais que Beli reduziu para o valor das letras, e então adicionaram outros seis, fazendo dezesseis ao todo'. Embora não seja necessário neste estágio apresentar os dezesseis *kalas*³³, o leitor deveria manter na mente o conceito enquanto lê o presente capítulo. Os *kalas* são mencionados aqui para mostrar a unidade dos mistérios (*arcana*) mais antigos e sua existência em um período geralmente considerado como tendo antecedido, por vários ciclos de tempo, os mistérios mais recentes e derivativos, ou 'mistérios metafísicos'. Aqui, como em qualquer outro lugar, os Mistérios eram físicos no início e assumiram os véus metafísicos das Tradições Arcanas assim que as verdades físicas ficaram obscurecidas e esquecidas por todos com exceção dos poucos. Também deve ser entendido que a série de fenômenos compreendidos como físicos era infinitamente mais expansiva do que é hoje. Por exemplo, nos tempos primitivos, o fantasma ou duplo (o corpo astral) era um fenômeno observado que não tinha necessidade de demonstração. Foi em tempos mais recentes, quando a humanidade perdeu o contato com sua origem natural, que o fantasma veio a ser considerado como um fenômeno incomum ou anormal. Nos tempos antigos o mundo dos espíritos era reconhecido em todo lugar porque era uma matéria de experiência direta e aberta para todos exceto para os mais insensíveis. O mundo dos espíritos era tão familiar para o homem primitivo como é o mundo dos sonhos para o homem moderno. O mundo do espírito se tornou o recente mundo 'espiritual' após a indevida ênfase sobre o desenvolvimento mental do homem ter obliterado quase inteiramente o mundo astral no qual ele havia originalmente se movimentado com tanta facilidade quanto no mundo mundano. De fato, pouca diferença tem sido feita entre os dois. Esta peculiaridade, que parece estranha aos povos ocidentais, ainda caracteriza o asiático que até hoje não faz uma distinção precisa entre *swapna* (estado de sonho) e *jagrat* (estado de vigília).

Os ideogramas alfabéticos de Aleph a Yod, portanto, resumem o processo inteiro da emanção e desenvolvimento da existência fenomenal, embora não devamos esperar encontrar uma total concordância entre as idéias originais representadas pelas letras e as interpretações mais recentes que várias tradições tem atribuído a elas.

O *Ain*, ou Olho do Vazio, representa absolutamente Nada (No Thing). É não manifestação pura e simples. Apenas a partir dela a manifestação pode proceder. A primeira formulação de Nada, sua reflexão ou imagem reversa, era Algo (Some Thing), e isso era representado pelo número Um, *Aleph*. O símbolo ligado à este número, que é também uma letra, a letra 'A', é aquele de um bezerro, o que está ligado à juventude (?_youngling); ele era a criança da mãe a quem ele tinha feito uma abertura ao sair do útero ou abertura do Abismo

³³ Literalmente, essências, princípios, elementos, etc. Os *kalas* são divisões de tempo e nos Tantras eles possuem uma conotação muito especial, sendo conectados com certas secreções físicas que são representadas na cabala e no taro por glifos mágicos, o que é o propósito de meus livros explicar. Vide *A Trilogia Tifoniana*.



(*Ain*). O bezerro é portanto o símbolo do Califa como o primeiro rachador ou fazedor da fenda. Ele era a *fenda* (*clef*) ou chave dos mistérios da Iniciação; o bezerro ou 'criança' de todas as mitologias posteriores.

Segundo o taro dos egípcios, a criança era o bebê tolo ou inocente representado pela cruz rodopiante,³⁴ o raio que rasgava o firmamento; ele também era o louco que dava cambalhotas à beira do abismo. Porém a primeira divindade era uma deusa, a Mãe, e *sua criança era seu símbolo*.³⁵ A criança, sendo de qualquer sexo, veio a ser o símbolo de nenhum, um ser neutro que deu seu nome à deidade no antigo Egito como *nuter* ou *neter* – os deuses; o potencial neutro da criação positiva e negativa, masculino e feminino. O boi, mais tarde igualado com Aleph no simbolismo dos judeus, continua este tipo de característica assexuada do bezerro ou criança.

Na segunda letra, B ou Beth, nós portanto discernimos o glifo do deus biuno que é *ambos* [*both*] (Beth) masculino e feminino, ainda que, assim sendo, não era nem um nem o outro, mas o andrógino ou hermafrodita. Beth era atribuída ao Mago ou o Prestidigitador³⁶, o Um duplo que, ao atingir a puberdade, torna-se repleto com potencial criativo simbolizado pelo camelo, a letra *gimel*, que é o número três. Em Uma Pessoa estão assim resumidos a trindade de poderes de Aleph, o Louco ou bebê inocente, através de Beth a deidade bi-sexual andrógina, até o procriador sexual totalmente equipado, a criança em seu décimo terceiro ano.³⁷ Na Árvore da Vida, o décimo terceiro caminho é aquele do Camelo, o habitante do deserto, o assento ou zona de poder do deus Set. num simbolismo posterior o *kala* deste caminho era referido à sacerdotisa virgem da Estrela de Prata (i.e. a lua)³⁸, e o número treze expressa a natureza lunar deste simbolismo.³⁹ Na tradição mais antiga – i.e. a Sothiatica – este é o caminho da virgem, a sacerdotisa adormecida ou em transe em seu caminho de se tornar oracular com a Voz do Poder. Ela é o arauto de Daäth, e seu totem é o cinocéfalo cuja palavra não é da humanidade mas parte de 'uma fala estranha e monstruosa'⁴⁰ que se torna inteligível na terra (i.e. de modo fenomenal) quando ela é transmitida através da porta do abismo. A porta, ou *Daleth*, é representada pela Mulher, a Esposa, a Mãe – Isis, a irmã ou reflexo manifesto de Nephthys, o Olho original e invisível (*Ain*).⁴¹

A tríada supernal que conecta as zonas de poder cósmicas, Kether-Chokmah-Binah, é formada pelos *kalas* que emanam de Aleph, o décimo primeiro *kala*, Beth o décimo segundo *kala*, e Gimel o décimo terceiro *kala*. O décimo terceiro *kala* cruza Daleth, o décimo quarto *kala*, que representa a formulação completa do ato sexual em um sentido cósmico. Aleph, o raio rodopiante, é o glifo de Ar ou Espaço; Beth é Aquele da dupla baqueta, o Mago (masculino e

³⁴ A Suástica, que é por formato a letra Aleph.

³⁵ A criança fenomenal típica do 'bebê do abismo' que é gêmeo como Set-Horus, ou Hoor-paar-Kraat imanifesto, e Ra-Hoor-Khuit manifesto. Seus análogos astronômicos são Sírius 'A' (Horus) e Sírius 'B' (Set). Vide *Magick* de Aleister Crowley para uma explicação completa sobre estes termos.

³⁶ No Taro.

³⁷ Na Árvore da Vida ele é o 13º caminho que é atribuído à *gimel*, e ele marca o local da Cruz ou Cruzamento, que ocorre no exato *locus* de Daäth por trás do Véu do Abismo, pois Daäth é o reflexo do Vazio (*Ain*) no domínio dos fenômenos místicos.

³⁸ Existem treze luas para um ano lunar; $28 \times 13 = 364$.

³⁹ A lua está sob a égide de Hecate que é idêntica com Sothis, assim conectando este simbolismo com a tradição Secreta da *Argenteum Astrum* (a A.'.A.'.), a Ordem da Estrela de Prata. Esta é uma Ordem mágica que Aleister Crowley construiu a partir do débris da Golden Dawn, após ele ter estabelecido contato com inteligências extraterrestres (Chefes Secretos) o que MacGregor Mathers tinha falhado em conseguir. Vide *O Renascer da Magia* (Muller, 1972) para um relato completo sobre este assunto.

⁴⁰ *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli* (Crowley), verso 10.

⁴¹ Nu-Isis é o glifo desta negativa dual ou ausência dupla, simbolizado magicamente como uma fonte feminina de criação.



feminino), e Gimel é o reflexo lunar do *Ain* através do Deserto de Set. E Daleth, número Quatro, resume a fórmula da união desses conceitos.⁴² A junção forma o preciso ponto de ingresso das forças ofidianas que fervilham por trás do Véu nas águas do Abismo. Este cruzamento (travessia) é encenado pelo homem *através* da mecânica da magia(k) sexual, que busca trazer a humanidade ao relacionamento [sexual_?] consciente com a *entidade* por trás do Véu. A cruz e o cruzamento/travessia são de importância primordial na fórmula da iniciação, pois elas refletem o processo cósmico de manifestação a partir da não manifestação. O *Livro da Lei* abre com este ato, com as palavras: 'Had! a manifestação de Nuit', o que se lê – segundo as chaves do simbolismo mais antigo: 'Set! a criança de Tífon'. Set é a criança que abre o útero da Deusa; ele é o eterno bebê (do Abismo) que, ao amadurecer⁴³ revela-se como a primeira deidade masculina – o filho da Mãe, Nuit, que era a Tífon antiga. 'A revelação da companhia do céu', o segundo verso de *O Livro da Lei*, se refere ao Véu do Abismo rasgado por Set para estabelecer o Aleph, Aquele: *Algo (Something)*, onde previamente apenas o Nada (Nothing) existia. A frase 'companhia do céu' denota as estrelas; esta companhia é também Set ou Sept⁴⁴ que é composto pelas sete estrelas da Deusa de quem ele era a *altura* ou oitavo, como extensamente explicado na *Trilogia*.

Assim como Set abriu sua mãe quando ele rompeu seu útero com o raio de sua *clave* (*clef*) ou aleph, igualmente Sothis era quem abria o ano no simbolismo primal de Khem (Egito). 'Todo homem e toda mulher é uma estrela' (3º verso de *AL*)⁴⁵ declara que a humanidade possui o potencial para esta 'abertura', não apenas em um sentido místico e espiritual mas também no sentido mágico e esotérico da abertura do Portal do Abismo através das fórmulas secretas de magia(k) sexual que estão escondidas no *AL* e nos antigos livros de poder. A partir disso segue-se que, como proclama o próximo verso, 'Todo número é infinito; não há diferença'. Todo número, e portanto toda letra, é nada mais do que um raio ou *kala* procedendo do Abismo e brilhando como uma estrela no céu e como uma alma na terra, como as forças fluem desde o *Ain* e se manifestam no local do cruzamento/travessia. Este *locus* é o 'horizonte duplo' onde o sol mergulha para o Amenta no Oeste⁴⁶ e se ergue no Leste.⁴⁷ A ascensão do sol é o início da manifestação; seu ocaso, o retorno ao Abismo da não manifestação. O número quatro, *Daleth*, tipifica esta quádrupla travessia.

Hé, o número cinco representa a manifestação total; ele é o glifo da Mulher *par excellence*. Sua fórmula completa é 15 (3 x 5). O simbolismo da Deusa Quinze foi tratado extensamente na *Trilogia*. Aqui é suficiente chamar a atenção para a identidade da Mão (como uma figura de cinco), e o Olho, como o iluminador do Vazio. Estes dois instrumentos mágicos são primordiais no *Zos Kia Cultus* de Austin O. Spare onde eles se fundem no 'Eu' Atmosférico, ou consciência cósmica.⁴⁸ Cinco é o número do princípio feminino em sua fase lunar. Na versão original de *AL*.I.60, a deusa Nuit começa uma sentença da qual Crowley ouviu apenas as primeiras seis palavras,⁴⁹ após o que ocorreu um hiato no manuscrito o qual foi mais tarde preenchido pela mão da Mulher Escarlate,⁵⁰ que completou a sentença assim: 'A Estrela de

⁴² A letra Daleth é atribuída a Vênus, a deusa do amor ou união sexual.

⁴³ i.e. obtendo poder mágico, ou pubescência.

⁴⁴ Sept é a estrela Sothis ou Sírius.

⁴⁵ *O Livro da Lei* ou *Liber AL vel Legis* doravante referido simplesmente como *AL*.

⁴⁶ O antigo Norte, igualando-se com Death (Morte), Daäth.

⁴⁷ O antigo Sul, igualando-se com Vida, Tiphareth.

⁴⁸ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* de Kenneth Grant, Muller, 1975.

⁴⁹ 'A forma de minha estrela é...'

⁵⁰ Rose Crowley, nome de batismo Kelly. A Mulher Escarlate é um termo que denota uma sacerdotisa consagrada aos Mistérios da Magia(k) Ofidiana. Vide *Aleister Crowley e o Deus Oculto* (1973).



Cinco Pontas, com um Círculo no meio, e o círculo é Vermelho...⁵¹ Isso quer dizer, a estrela (*khab*) é de cinco raios (*kalas*) que encerram, como fazem as cinco pétalas de uma flor, seu círculo central. O círculo é vermelho porque ele simboliza a característica de ciclo sanguíneo da mulher em sua fase lunar. Os cinco *kalas* concentram e reificam o sexto ou energia criativa que habita o coração (o cerne) da flor assim como a criança dentro da mulher. Seis (Six) é o nome e número do sexo e ele é representado pela letra *Vau* que significa um 'prego', o *unguis* ou símbolo fálico de virilidade. A criança é gêmea e brande a espada (*Zain*) que abre sua mãe.

Zain é o número sete, o número do amor sexual. Este número significava originalmente o útero através do simbolismo da Deusa das Sete Estrelas, Ursa Maior, a constelação da Coxa que tipificava o local de nascimento da Luz na Escuridão do Abismo.⁵² Sete tornou-se mais tarde o número de Vênus, o representante planetário da Deusa, quando o conceito foi romantizado e aplicado ao amor sexual entre humanos tal como distinto do simbolismo primário e estelar que significava união bestial.⁵³ Sete tornou-se então sinônimo com o mecanismo da polaridade sexual simbolizado por Gêmeos (cuja letra atribuída é *Zain*) sob a influência de Mercúrio, o aspecto masculino de Vênus ou, mais corretamente, o aspecto positivo da polaridade hermafrodita tipificada pelas *sephiroth* Hod e Netzach (vide diagrama da Árvore). *Zain* está místicamente associado com a yoni, o olho secreto ou oculto (*ayin*) que, juntamente com a letra 'z' – a letra da serpente – torna-se *Z-ayin* ou *Zain*. Eu indiquei previamente⁵⁴ a afinidade peculiar que existe entre *Zain* e a Era de Aquário que está interconectada com o Aeon de Horus.⁵⁵ Nesta presente era do Ar ou Espaço, *Zain* é de importância fundamental como sendo a S(word) (palavra) da Serpente, que é *Silêncio*. Então, nos mais secretos Cultos de Mistério o Aeon de *Zain* é dito como sendo destituído de uma Palavra. Ela é a transmissão silenciosa de energia sexual em polaridade que vibra a Palavra em Silêncio, e aquela Palavra é como uma Espada que rompe o Abismo e ela é ouvida por(?) Ninguém (No-One). É dito que no Aeon de *Zain* a 'humanidade é para um giro ao redor das costas da Árvore', o que explica porque nenhuma palavra será ouvida, pois será Ninguém (No-One) (*Nun* = o Abismo) quem a ouvirá. O relacionamento sujeito-objeto terá cessado de existir. A Serpente e a Espada são o glifo dual deste mistério (*arcanum*) e tal é o emblema especial de Set.

No *Liber 333*⁵⁶ (capítulo 87), o sigilo da Espada e da Serpente aparece em conexão com um certo simbolismo excremental que tem sido interpretado erroneamente pelos caluniadores ignorantes de Aleister Crowley. Os ocultistas, contudo, estão cientes que ambas a Serpente e a Espada podem ser interpretadas como símbolos da mulher em sua fase lunar. Em seu breve comentário ao capítulo 87, Crowley observa que o sigilo deriva de um talismã Gnóstico que 'se refere ao Sacramento'. A natureza do sacramento é lunar e portanto não há surpresa em descobrir que 87⁵⁷ é o número de *Lebanah* (incenso) que pertence à Esfera da Lua. Ele é também o número de *Asvk* (uma forma de *Aossic*⁵⁸), significando 'cálice', 'calyx',

⁵¹ Vide a foto fac-símile do manuscrito original do *AL* reproduzido em *Os Comentários Mágicos e Filosóficos sobre o Livro da Lei*, 93 Publishing, Montréal, 1974.

⁵² i.e., o Abismo como o céu noturno ou golfo de espaço.

⁵³ Note que o número *Zain*, 7, é, por seu formato, o equivalente do sinal neuter (neutro_?) da deidade – sendo a razão que a criança, o neutro, era considerada pelos antigos como significando *nem* masculino nem feminino, mas ambos; e, como o símbolo de criação sexual sete foi adotado como o sinal do machado (vide figura) que tipifica a abertura do útero pela criança enquanto esta salta para o nascimento como um resultado de amor.

⁵⁴ *Cultos da Sombra*, página 16.

⁵⁵ *Ibid*, capítulo 8.

⁵⁶ *O Livro das Mentiras* (Assim falsamente chamado) de Aleister Crowley. Primeiramente publicado em 1913. O Comentário foi publicado postumamente por Samuel Weiser em Nova Iorque, 1970.

⁵⁷ Os números de [cada] capítulo do *Liber 333*, como todos os números que aparecem nos escritos expressamente Thelemicos de Crowley (i.e. os Livros Sagrados) não são arbitrários mas possuem significado cabalístico.

⁵⁸ Vide Parte II, capítulo 3 *infra*.



'parte de uma flor'. A flor é a flow-er ou aquele que flui, i.e. a mulher em seus períodos (?). O cálice daquele que flui é a vagina da virgem. O cálice nos Mistérios está ocultado por trás do véu que em seu sentido primal e biológico é o hímen. *Cheth*, o número oito, significa uma 'cerca', 'vallum' ou 'muro'; ele é o Véu encerrando o Graal, a cortina ocultando o Santo dos Santos. Este é também o místico Véu de Paroketh (*Paro-cheth*) que foi cortado em pedaços no momento em que a deidade se tornou ativa e pronunciou a Palavra em oráculos de trovão. *Cheth*, soletrada por inteiro, é 418, o número de Abrahadabra que significa a união das correntes positiva e negativa, a realização da Grande Obra. O totem zoomórfico de sua analogia astrológica, Cancer, revela o mecanismo do *viparita karani*⁵⁹ sob a figura do caranguejo cujo modo de locomoção nas laterais é um símbolo apropriado do caminho oblíquo ou tortuoso. Nos planisférios egípcios mais antigos o besouro precede o caranguejo como o signo do sol da meia noite (Khepra), a luz solar protegida da inundação do abismo (Nilo) por ele estar oculto em uma bola de excremento que o besouro conduz para segurança com suas mandíbulas. Este simbolismo resume o aspecto ativo e dinâmico do Sigilo de Set explicado em conexão com a letra *Zain*, pois a inundação do Nilo simboliza a inundação do útero que deságua e ameaça a vida da semente solar-fálica. Mas o simbolismo tem também um significado mais profundo.

O círculo vermelho no centro dos cinco ou quinze *kalas* (3 x 5) é a flor ou o que flui onde reside o *bindu*.⁶⁰ Nesta conexão, as observações de Alvin Kuhn são relevantes:

O fluido criativo masculino . . . é a essência concentrada do sangue, que por sua vez é altamente carregado com a alma elétrica da energia espiritual. Ela era a semente da essência criativa do deus. Ela foi portanto considerada como sendo uma condensação de energia solar.⁶¹

Teth, significando uma 'serpente', é o número nove. Nos Cultos Osirianos posteriores a serpente era igualada com a energia solar-fálica na forma do leão-serpente que gerou o espermatozóide.⁶² Na Tradição Draconiana, contudo, *Teth* é a serpente simbólica da mulher que periodicamente muda seu corpo velho como faz a cobra com sua pele. Então, nove é o número do rejuvenescimento e renovação. Na interpretação de Crowley sobre os Atus de Thoth, *Teth* combina o leão, a mulher, e a serpente, em um glifo que constitui a décima primeira chave do Taro. Devido à uma alteração na seqüência das Chaves dos Arcanos Maiores,⁶³ os Atus VIII e XI foram transpostos. Isso causou uma transposição correspondente das letras *Lamed* e *Teth*.⁶⁴ A fórmula da Mulher (atribuída a Libra) então se torna Atu VIII, e aquela do leão-serpente (atribuída a Leo), Atu XI. A combinação de *Lamed* e *Teth* (ou 30 e 9) oculta um grande mistério, pois o número 39 é o triplo de 13 e é também 93 *ao inverso*. Além do mais, o número VIII, o número de *Cheth*, é o número da Grande Obra. O fato de que o Atu XI⁶⁵ agora forma o equilíbrio de VIII significa que a Grande Obra é de uma natureza basicamente psicossomática envolvendo o uso mágico da energia sexual.

Yod, o número dez, 10, é a soma total ou o fim da matéria uma vez que ele simboliza o retorno da Unidade (1) ao estado original de não dualidade simbolizado pelo *Ayin* (0), o Olho

⁵⁹ Um termo Sânscrito usado nos Tantras para denotar a reversão dos sentidos. Vide a Trilogia para uma explicação completa.

⁶⁰ Um termo Sânscrito utilizado nos Tantras para denotar a semente criativa.

⁶¹ Alvin Boyd Kuhn, *A Luz Perdida*, p.503.

⁶² O *yod* ou 'semente secreta'; o número dez. Vide *infra*.

⁶³ Crowley foi solicitado à fazer a alteração de acordo com as instruções no *AL*. Vide *Comentários ao AL*.

⁶⁴ *

⁶⁵ A fórmula da Besta unida com a Mulher.



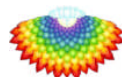
de Nuit. Isto demonstra a identidade definitiva do Olho e da Mão.⁶⁶ A última, sendo o instrumento do que segura, o recipiente, ou útero, é um ideograma do número 5 e portanto da mulher. Mas o simbolismo da mão (*yod*) nos cultos posteriores ou pós-Tifonianos era atribuído à semente solar-fálica representada pela gota, ponto, *bindu*, ou espermatozóide. A distinção é apenas relativa à doutrina pois a fonte primal de criação era, e sempre continuará sendo, a mulher cujos símbolos, Mão (I) e Olho (O), denotam o sangue materno, o útero no qual e [a partir] do qual a Palavra é emitida e assume a carne.

O precedente explica a doutrina dos números de acordo com a Tradição Tifoniana que, quando aplicada em conexão com fórmulas mágicas pelos sacerdotes dos Cultos *posteriores* foi arrancada de seu significado primitivo (puro) para servir às sociedades dominadas pelo masculino.

A décima primeira letra – *Kaph* (K) – inicia uma nova série de números e é, em seu sentido mais oculto, não apenas o número da magia(k) mas também de Daäth, a décima primeira zona de poder que é considerada como existente em uma dimensão inteiramente diferente das dez zonas de poder manifestas ou Sephiroth. É nesta dimensão oblíqua que existem as seis letras de *Kaph* até *Pé* que formam, com as dez primais, os 16 *kalas* secretos da Corrente Ofidiana. *Kaph* significa a ‘palma’ (da mão), e *Pé* significa uma ‘boca’. As fórmulas mágicas associadas com a mão interna (*Kaph*) ou útero, e o olho secreto ou ‘boca’ de Pé emergirão nos capítulos subsequentes. Pode-se notar aqui contudo que *Pé* é atribuído à corrente marcial que, como tem sido mostrado, está conectada com o sangue da Ísis Negra e de Kali.⁶⁷

⁶⁶ A palavra *yod* significa uma ‘mão’.

⁶⁷ Aleister Crowley e o Deus Oculto.



3

A Luz Que Não É

SEGUNDO A sabedoria oculta a Consciência Cósmica se manifesta na humanidade como sensibilidade que se concentra em um centro individualizado de consciência e divide-se em sujeito e objeto. O sujeito se identifica com o princípio consciente como ego, e o objeto é o seu mecanismo de consciência. Esta identificação de consciência com ego é ilusória e portanto o Princípio de Consciência é velado.⁶⁸ O ego se imagina como sendo uma entidade distinta dos objetos que ele sente e, ao invés de pura sensação, audição, visão, gustação, conhecimento, existe a falsa suposição que 'eu sinto', 'eu ouço', 'eu vejo', 'eu experimento', 'eu conheço'. É assim que o mundo fenomenal (o mundo das aparências) é representado para nós como Malkuth. O processo inteiro, de Kether a Malkuth, é o de coberturas sucessivas acompanhado de uma perda crescente de consciência do Princípio de Consciência, sendo o pleno propósito da encarnação a 'redenção' e reintegração do Princípio perdido.

Budistas e Advaitas consideram estes véus como totalmente ilusórios, ao passo que outros os consideram como modificações do Princípio original. Sob quaisquer pontos de vista em que estes sejam considerados o problema continua inalterado: como resolver o perpétuo jogo de esconde-esconde⁶⁹ que Kether joga através dos véus primários de sujeito e objeto (Chokmah e Binah), sendo o nexo deste localizado em Daäth. A causa do mistério, glamour, ou ignorância como os Budistas o chamam, é a identificação inicial e mal entendida do Self com seus objetos. Isto é causado principalmente pelo fato que, como os Qabalistas reivindicam, "Kether está em Malkuth e Malkuth está em Kether, porém de uma maneira diferente". A presença de Kether em Malkuth⁷⁰ cria uma ilusão de realidade em todos os objetos. Este glamour engendra sensibilidade a qual desnorteia e submerge o Self em ilusão. Srí Ramakrishna compôs e cantou muitos hinos de transcendente beleza à sua 'Maya encantadora do mundo' ou jogo mágico de glamour e ilusão gerada nos sentidos da humanidade que confunde o irreal com o Real.

Kether é o foco da Consciência Cósmica, e a sua primeira manifestação é Luz⁷¹. O *Ain*, que é sua fonte, não é Escuridão mas a Ausência de Luz, e portanto a verdadeira essência da Luz. Kether é o ponto infinitesimal no espaço-tempo no qual a Ausência de Luz se torna sua Presença ao virar o Vazio (*Ain*) no avesso (de dentro para fora). Kether, e a Árvore da Vida resultante, podem portanto ser concebidos como o interior do Vazio [se] manifestando em Espaço, que é o mênstruo da Luz.

No microcosmo esta Luz se manifesta como a luz da consciência que ilumina a forma. Ela é a luz pela qual, e na qual, um pensamento pode ser visualizado na escuridão da mente; como os sonhos aparecem na escuridão do sono. Na esfera celestial, a consciência se manifesta como luz física, o sol. No reino mineral ela se manifesta como ouro. Biologicamente considerada ela é o falo que perpetua a semente de luz (consciência) no reino animal. Estas luzes são Uma Luz (Kether) e elas provém de uma infinita ausência de luz (*Ain*). Ao se derramar através de Kether ela é dividida em três raios que formam os três ramos supernos da Árvore. Estes possuem três pylons (portais_?): Chokmah, Daäth, e Binah, assim concentrando

⁶⁸ Isso é descrito no *Liber LXV* (verso 56, capítulo IV) como o 'Erro do Início'. Esta é a falha essencial notada pelos Árabes, a 'Queda' original.

⁶⁹ No Hinduísmo, este Jogo é descrito como um 'Lila' que tem sido traduzido como 'esporte divino', 'máscara' ou a eterna Dança de Shiva e Shakti. Esta ilusão básica mais tarde fez surgir o conceito de 'pecado original' que foi pervertido pelos cristãos se tornando uma doutrina de importância moral.

⁷⁰ i.e. Consciência ou Sujeito em todos os objetos.

⁷¹ A LVX ou Luz da Gnose.



16 *kalas*⁷²⁵ que, com seu reflexo no mundo da anti-matéria (o *Ain*) constituem os 32 Caminhos ou Kalas da Árvore da Vida.

Escuridão é ausência de luz, uma ausência que torna possível a presença de tudo que *parece ser*. Não-ser, cujo símbolo é a escuridão, é a fonte do Ser, e entre estes dois terminais existe uma *solution de continuité* (solução de continuidade) representada pelo Abismo que separa o mundo numênico de Kether, com seus terminais gêmeos,⁷³ do mundo fenomenal de Malkuth. O ponto exato de *discontinuité* (descontinuidade) é marcado pelo Pylon de Daäth no meio do Abismo. Daäth é conhecimento do mundo fenomenal refletida para baixo através dos Túneis de Set na parte posterior da Árvore. Este conhecimento, ou Daäth, é a morte do Self. Ele representa o estágio primário no qual as mortalhas são tecidas em volta da múmia que entra em Amenta no Deserto de Set. Ele aparece na frente da Árvore como a semelhança *aparentemente* viva do ego com o qual ele se identifica em sua descida gradual para dentro da matéria (Malkuth). Seu despertar para a consciência mundana é em realidade um sono e uma morte dos quais o Princípio de Consciência original pode ser salvo apenas atravessando os Caminhos de Amenta *em reverso*. Esta jornada para trás através dos Túneis de Set começa no Tuat, a passagem preliminar ou 32º Caminho que conduz de volta de Malkuth (consciência mundana) até as esferas astrais de Yesod.

As tradições orientais tem tipificado esta descida de Consciência nos termos dos três estados de consciência *sushupti* (sono), *svapna* (sonho), e *jagrat* (vigília), e sua reintegração em um quarto estado – *turiya* – que não é realmente um estado definitivamente, mas o substrato dos outros três e o *único elemento real naqueles três*. *Turiya* se iguala com Kether (Consciência Indiferenciada), *Sushupti* se iguala com Daäth, *Svapna* com Yesod, e *Jagrat* com Malkuth. Este esquema se iguala à doutrina cabalista: O estado de sono profundo e sem sonhos (*sushupti*) é um estado no qual a mente não está consciente do universo objetivo ou fenomenal. Ele é vazio no sentido em que está isento de pensamento (imagens), e escuro no sentido em que dentro deste a luz está ausente. *Sushupti* funde-se em *Svapna*, o estado de objetividade subjetiva, ou sonho, porque Kether cria no vazio de *Sushupti* uma tensão que se manifesta como vibração. Esta tensão é refletida no mundo dos sonhos (Yesod) como sensibilidade latente nas zonas de poder micro cósmicas (*chakras*) nos quais ela assume formas elementais de éter, fogo, ar, água, e terra. Em outras palavras, esta vibração se manifesta como os seis sentidos que, por sua vez, são projetados como fenômenos objetivos no estado de vigília (*jagrat*; Malkuth). Desta maneira um estado ou mundo de consciência funde-se em outro. Similarmente, um estado ou nível de Consciência Cósmica se desenvolve e evolui em outro até que o Princípio de Consciência original seja objetivado com densidade crescente. Desta maneira o mundo do 'nome e forma' parece ao ego (o pseudo sujeito) como 'realidade', enquanto que no fato real a Realidade se retira enquanto o Princípio de Consciência retrocede e retorna ao ponto de sua ausência original.

Daäth como [sendo] o ego é a sombra-shakti ou poder ocultador de Kether no momento ultra rápido (como o raio) de sua bifurcação em Chokmah (sujeito) e Binah (objeto). O ego é uma sombra, mas ele é a sombra da realidade. É impossível expressar este conceito na linguagem da dualidade. Realidade é Não-Ser, e o ego é o reflexo ou reverso da Realidade nas águas do Abismo; mas a imagem não está apenas revertida, ela está também invertida.⁷⁴ Nos termos da Tradição Draconiana o ego é a miragem que aparece no Deserto de Set.

A exaltação do ego em Daäth e sua reivindicação em ser a Coroa⁷⁵ é a blasfêmia contra a divindade, e aqueles que estabeleceram este falso ídolo tem sido chamados de Irmãos Negros (Black Brothers). Por este ato eles banem a si mesmos para o Deserto de Set

⁷² O número de Chokmah é 2; o de Daäth, 11; e Binah é 3; 16 *kalas* no total.

⁷³ Chokmah (sujeito) e Binah (objeto).

⁷⁴ Vide o Grande Símbolo de Salomão; figura 1 em *Magia Transcendental* de Eliphas Lévi.

⁷⁵ Um título de Kether.



pela duração de um aeon; ou, se profundamente comprometidos com a hierarquia inversa, eles podem manter esta soberania de sombra durante ‘um aeon e um aeon e um aeon’, um *kalpa* inteiro ou Grande Ciclo de Tempo. O falso rei dura até que o *kalpa* seja eliminado por um *Mahapralaya*.⁷⁶ Contudo, tais Irmãos Negros não devem ser confundidos com os Irmãos Negros cujo ídolo não é o ego mas um certo Chefe secreto de uma hierarquia verdadeiramente inversa que resume todos os 777⁷⁷ caminhos na parte posterior da Árvore. Eliphaz Lévi indicou esta hierarquia em termos de ‘magia negra’ e do Chefe Bafométrico iluminado com o enxofre do inferno e adorado pelos Templários. Outra Adepta que teve um breve vislumbre desta Hierarquia Negativa foi H.P.Blavatsky, embora sua imensa luta para retirar através do véu algum fragmento(?) de seus negros mistérios resultou apenas na confusão volumosa de suas duas obras monumentais.⁷⁸ Talvez a Ísis que ela buscou desvelar não fosse a Ísis da natureza manifesta na matéria, mas a Nova Ísis do Não Natural, da antimatéria, com seus vazios do ser e buracos negros no espaço. Antes de explorar os Túneis de Set temos que estabelecer o fato de que os mistérios do Não Ser, embora não interpretados nos tempos antigos no modo pelo qual nós os interpretamos hoje, foram não obstante considerados como possuindo um significado que era tanto vital como ameaçador. Isso é o mais surpreendente uma vez que é apenas dentro dos cinquenta anos passados ou mais que estes assuntos obscuros tem sido iluminados através de descobertas surpreendentes nos campos da física nuclear e sub-nuclear e psicologia, nenhuma das quais tendo sido demonstrada cientificamente quando a doutrina cabalística estava sendo evoluída.

Ainda assim outro adepto dos tempos recentes, Salvador Dali, sugeriu através das ausências negras que surgem abruptamente em algumas de suas pinturas a doutrina do não-ser, do negativo, do numênico que é a Realidade subjazendo a existência fenomenal.⁷⁹

Embora haja uma solução de continuidade entre os dois mundos – representados pelas partes anterior e posterior da Árvore – existe nada mais do que uma *copula*, e ela reside em uma função peculiar da sexualidade. Ela não é uma ponte em qualquer sentido positivo, e portanto ela não pode ser descrita, contudo ela pode ser pressagiada através da analogia de um raio brilhando entre eletrodos invisíveis de eletricidade positiva e negativa. As dimensões interiores do não-ser podem ser iluminadas pelo brilho ofuscante liberado pela energia sexual descarregada em conexão com certas técnicas de magia(k) Tifoniana na qual a energia pré-conceitual é capturada pelos mais tênues tentáculos da consciência assim que ela vaza através do véu do vazio a partir do olho transplutônico (*Ain*) além de Kether.

O Livro de Dzyan, O Livro da Lei, e os Livros Sagrados Thelêmicos, todos os quais tem sido disponibilizados durante o século passado, contém fórmulas mágicas que tem sido utilizada desde tempos imemoriais, mas não existe ainda nenhum comentário adequado à qualquer um deles, pois ambos Blavatsky e Crowley – avançados como eles indubitavelmente eram – estavam limitados por uma atitude basicamente de velho aeon perante o Vazio. Crowley, talvez em virtude de uma identificação consciente com a Corrente Draconiana (através dos mistérios do número 666), tinha compreendido intuitivamente a possibilidade de um anti-Cristo e um anti-Espírito embora ele não pudesse, ao que parece, confrontar a idéia de anti-Logos! Isto é evidenciado pelo horror com que ele se referiu ao Aeon que não possui nenhuma Palavra, um aeon ainda por vir ao qual ele atribui a letra *Zain*.⁸⁰ Apenas um Adepto,

⁷⁶ Literalmente, Grande Dissolução. O retrocesso para dentro do Vazio [por parte] do Universo após sua manifestação na matéria. Um *Mahapralaya* ocorre após cada sete fases de existência manifesta. Vide *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, capítulo 4.

⁷⁷ O número total de Caminhos e Sephiroth da Árvore da Vida.

⁷⁸ *Ísis Desvelada e A Doutrina Secreta*. Estas obras estão repletas com alusões à mistérios que são iluminados pela Tradição Draconiana e são explicadas no presente volume.

⁷⁹ Vide em particular a pintura intitulada ‘Acomodação dos Desejos’, reproduzida em *A Vida Secreta de Salvador Dali*, e em outros lugares.

⁸⁰ Vide capítulo anterior.



que eu saiba, estava atento ao fato de que Crowley não pronunciou uma Palavra, porque, sendo identificado com a Besta *ele era incapaz de formulá-la*⁸¹. Mas a reversão à falta de fala e incapacidade bestial de pronunciar uma palavra não explica a falha de Crowley que estava enraizada em sua inabilidade de sondar a dimensão atemporal onde a verdadeira anti-palavra (anti-cristo) verdadeiramente se obteve.⁸²

Um exame sobre a versão de Dion Fortune sobre a Doutrina Cósmica revela uma relutância similar, ou talvez uma inabilidade genuína em perceber interiormente (*insee_?*) a questão a qual é a de que a Magia(k) da Luz (LVX) não se relaciona nem com magia branca nem com magia negra mas com uma corrente oculta que, como Austin Spare corretamente assumiu, vibra nos espaços intermediários [entre os espaços]; nos interstícios, por assim dizer, da ausência de espaço espiritual que existe em um vazio necessariamente atemporal por detrás, ou em algum lugar fora, da Árvore.

Se Daäth, cujo número é onze,⁸³ for contada junto com as quatro *sephiroth* remanescentes do Pilar do Meio,⁸⁴ o número 37 será obtido. Este é um número primo significando a plena manifestação da corrente mágica simbolizada por Set ou Shaitan.⁸⁵

Aquilo que era conhecido pelos Cabalistas como a Árvore da Morte era de fato o outro lado da Árvore da Vida, e as *qliphoth* eram forças ‘demoníacas’, os anti-poderes ocultados nos túneis de Set que formavam a rede interior e reflexo reverso dos Caminhos.

O célebre Cabalista Isaac Luria (1534-1572) compôs as seguintes linhas as quais Gershom Scholem⁸⁶ descreve como um ‘exorcismo dos “cães insolentes”, os poderes do outro lado’:

Os cães insolentes devem ficar do lado de fora e não podem entrar,
Eu chamo o ‘Antigo dos Dias’ à noite até que eles sejam dispersados,
Até que sua vontade destrua as ‘conchas’.
Ele os lança de volta para dentro de seus abismos, eles devem se
esconder profundamente em suas cavernas.⁸⁷

Os cães insolentes são, em um sentido muito especial, ‘os cães da Razão’ (i.e. de Daäth) mencionados em AL, capítulo 2, verso 27. A atribuição do cão aos reinos infernais deriva do Egito onde o chacal ou raposa do deserto é o típico habitante do Abismo, sendo ambos estes animais totens de Set. O simbolismo ilumina o capítulo 2, verso 19: ‘Deve um Deus viver em um cão? Não! mas os mais elevados são de nós . . .’ Cão, que é a palavra Deus ao contrário, indica o Pylon de Daäth através do qual o cão da razão entra no Abismo e ‘perece’. Um deus não deve ‘viver em um cão’, mas os ‘mais elevados são de nós’. O mais elevado é a altura representada pela oitava cabeça da Serpente que habita no Abismo. Os ‘mais elevados são de nós’ implica que existem outros três: a tríada superna ou mais elevada da Árvore, consistindo de Kether, Chokmah e Binah. Junto com o oitavo (ou *mais elevado*)

⁸¹ O adepto em questão era Charles Stansfeld Jones (1886-1950), conhecido como Frater Achad. Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.

⁸² Frater Achad, com sua fórmula de reversão e negação, parece ter chegado mais próximo do verdadeiro significado de AL do que o próprio Crowley, pois os comentários de Crowley revelam uma abordagem consistentemente positiva e consequentemente fenomenal ao seu significado.

⁸³ Daäth é 11 e 20, e portanto 31, AL, a Palavra Chave do Aeon de Horus.

⁸⁴ $10 + 9 + 6 + 11 + 1 = 37$.

⁸⁵ Três, o número de Set ou Saturno, multiplicado por 37 resulta em 111 que é o número de Samael (Satã), Pan, e Baphomet.

⁸⁶ *A Kabbalah e seu Simbolismo* (Routledge, 1965).

⁸⁷ ‘Velho dos Dias’, usualmente traduzido como ‘Antigo dos Dias’, é um título de Kether. As ‘Conchas’ são as *qliphoth*.



estes três formam onze. A deusa Nuit (que é Não) proclama no capítulo 1, verso 60: 'Meu número é 11, como todos os seus números que são de nós'. Estas palavras fornecem a chave para o mistério do Oito e do Três, ou o Um e o Três,⁸⁸ pois a Serpente é Uma embora ela tenha oito cabeças.⁸⁹ Onze é o número da magia(k), ou 'energia tendendo à mudança', e é no pylon de Daäth que esta morte ou modificação mágica ocorre. Daäth é o único ponto na Árvore que dá acesso ao mundo de Nuit (Não). A palavra 'nós', em ambos os versos, é cabalisticamente igual a 66 que é o 'Número Místico das *Qliphoth* e da Grande Obra'.⁹⁰ Então aqui há uma chave para o real significado das *Qliphoth* que tem iludido cabalistas e ocultistas do mesmo modo, pois poucos tem sondado a função das *qliphoth* com relação à Grande Obra. Entretanto quando se percebe que o 'mundo das conchas' é formado pelo lado reverso da Árvore é possível compreender porque ele tem sido considerado como inteiramente maligno.

As *qliphoth* não são apenas as conchas dos 'mortos' mas, de forma mais importante elas são as anti-forças por trás da Árvore e o substrato negativo que subjaz toda vida positiva. Como no caso do *Livro dos Mortos* egípcio, cujo título significa seu oposto preciso,⁹¹ assim também a Árvore da Morte judaica é a fonte numênica da existência fenomenal. É a última que é falsa pois o mundo fenomenal é o mundo das aparências, como seu nome implica. A fonte numênica por si É, porque ela NÃO é. Uma vez que esta verdade seja compreendida torna-se evidente que os antigos mitos sobre o mal, com sua demoníaca e terrificante parafernália de morte, inferno, e o Demônio, são sombras distorcidas do Grande Vazio (o *Ain*) que persistentemente assombra a mente humana. Estes mistérios são explicados em termos cabalísticos pelo número 66 que é a soma da série de números de um a onze. 66 é o número da palavra LVL que significa 'torcer' ou 'circundar' (o outro lado da Árvore). Como já foi notado, a humanidade está 'reservada a fazer um giro ao redor das costas da Árvore' durante o Aeon de Zain. Este é o Aeon que não possuirá nenhuma Palavra porque este é o Aeon do anti-logos que será vivido no reino do cão, o que é um modo simbólico de denotar as costas da Árvore. Além do mais, *Zain* está conectado com o simbolismo 'gêmeo' de Gemini, e uma espada denotou a mulher, ou o que parte em dois (?), como mostrado na oitava chave do Taro. Esta chave também contém a fórmula do Amor através da polarização, pois no Aeon de *Zain* a humanidade terá transcendido as ilusões de tempo e espaço, tendo compreendido a base numênica da consciência fenomenal.

Segundo a tradição oculta o homem alcançará a iniciação final pelo Fogo antes do fechamento ou retirada final do presente *Mahakalpa*.⁹² Sessenta e seis é também o número de DNHBH, o nome de uma Cidade de Edom que é a sombra da Cidade das Pirâmides (Binah, †) no Deserto de Set (♁). Seu pylon, Daäth, é o santuário daquele Chefe Secreto (o Oitavo) que os Templários adoravam sob a imagem de Baphomet, o Deus do Nome Óctuplo, *Octinomos*. Crowley assumiu a forma-deus de Baphomet como 'Chefe' da O.T.O.⁹³ Oito mais três (a Tríada Superna) constitui o Sagrado Onze: o número daqueles 'que são de nós'. 'Nós' (66) é também o número de ALHIK que é interpretado em Deuteronômio, iv, 24, como 'O Senhor teu Deus (é um fogo que consome)'. Pode ser demonstrado que este fogo é a Serpente de Fogo ou Corrente Ofidiana. 66 é o número de Gilgal (GLGL) 'uma roda' ou 'espiral' e é

⁸⁸ Existe um mistério maior aqui que concerne a letra de fogo – *Shin*. De acordo com o *Sefer há-Temunah* esta letra em sua forma completa possui *quatro*, não três, línguas. Scholem observa (*ibid*, pagina 81) 'Em nosso aeon esta letra não é manifestada e portanto não ocorre em nosso Torah'. Também, 'Todo aspecto negativo está conectado com esta letra ausente'. *Shin*, é a tripla língua de fogo, e a letra de Set ou Shaitan, também de Chozzar o deus da Magia(k) Atlante, e de Choronzon, a Besta do Abismo.

⁸⁹ Hadit diz no capítulo 2, verso 30: 'Eu sou oito, e um em oito'.

⁹⁰ *Liber D*. (Vide *O Equinócio*, volume I, No.8).

⁹¹ i.e. O Livro dos Sempre Imortais.

⁹² Fogo = a chama de 3 línguas representada pela letra *Shin*. Segundo Crowley (*Diário Mágico*, p.144) '*Shin* é o Fogo de *Pralaya*, o "Juízo Final" '.

⁹³ *Ordo Templi Orientis*, A Ordem do Templo do Oriente, da qual Crowley foi em uma ocasião o Grão Mestre.



instrutivo notar que a tradição hindu dos *chakras*, ou rodas de força, confirma a interpretação egípcio-caldaica dos mistérios de Daäth.

Se um diagrama da Árvore da Vida for superposto *de ponta cabeça* sobre uma forma correta desta, vários fatos significativos virão à tona. Tiphareth permanece central, o pivô ao redor do qual nós giramos a Árvore invertida; mas ao invés do Fogo Branco do Sol nós agora temos o Fogo Negro de sua anti-imagem; e Kether se tornou Malkuth como se para ilustrar, literalmente, o texto 'Kether está em Malkuth e Malkuth está em Kether, mas de uma maneira diferente'. Esta 'maneira diferente' se refere à um modo mágico associado com a fórmula do cão que, segundo meu conhecimento, foi indicada apenas em um exemplo – a saber: no *Liber Trigrammaton*.⁹⁴ Este livro é descrito por Crowley como um informe sobre o processo cósmico correspondente às stanzas de Dzyan em outro sistema'.⁹⁵ Finalmente, porém mais significativamente, Yesod agora cobre Daäth. Yesod é o assento das forças sexuais e do aspecto mais denso das energias eletromagnéticas da Serpente de Fogo. Ele é a morada de *Shakti* e o local ou centro especial de culto dos devotos de Shaitan (Set) entre os Yezidis.⁹⁶ Daäth potencializada por Yesod se torna portanto a Palavra energizada, o *linga* ao invés da *língua*, pois Daäth se equaciona com o *Visuddha Chakra*, como Yesod se equaciona com o *Muladhara*.⁹⁷ A ligação entre linguagem,⁹⁸ representada pela Palavra (*Visuddha Chakra*) e o *linga*, representado pelo *Muladhara*, é óbvia porque o *Logos* é a forma assumida pelo *linga* quando ele pronuncia sua Palavra suprema.⁹⁹

A característica peculiar de Daäth sózinha é que as condições de iniciação obtidas nesta esfera requerem a total desintegração da Palavra. Em outras palavras: O *Muladhara* encontra seu anti-estado em Daäth, e a Palavra permanece não pronunciada. Isto em si mesmo inicia o Aeon de *Zayin*, que é um aeon subjetivo que começa se e quando um Adepto salta os vazios por trás da Árvore. Esta é a Grande Obra implicada pela fórmula de *viparita* como tipificada pelo reverso da Árvore.

⁹⁴ Vide *Os Comentários Mágicos e Filosóficos sobre o Livro da Lei*. (Ed.Symonds and Grant; 93 Publishing, Montreal, 1974).

⁹⁵ A referência é ao sistema exposto por H.P.Blavatsky.

⁹⁶ Vide a *Trilogia Tifoniana* (Grant/Muller, 1972-75) para um informe completo sobre esta zona de poder.

⁹⁷ As regiões da garganta e dos genitais respectivamente.

⁹⁸ Mais corretamente, *langage*, no sentido de uma língua sagrada.

⁹⁹ i.e. no momento do orgasmo.



4

A Porta da Morte

ESPALHADAS em vários dos escritos de Crowley, embora principalmente naqueles que ele considerava não terem sido escritos por ele próprio, mas por Inteligências extra-terrestres que o usavam como um canal, estão sugestões relativas à verdadeira natureza das *qliphoth* ou Mundos reversos. O *Liber 474*, por exemplo, é descrito como ‘o Portal do Segredo do Universo’, e, como o número do livro sugere, ele está atribuído a Daäth.¹⁰⁰ Segundo o *Liber 474*, o universo tem que ser destruído. Mas existe uma importante qualificação pois ele diz: ‘por Universo Nós queremos dizer não aquele Universo inferior que a mente do homem pode conceber, mas aquele que é revelado à sua alma no Samadhi de Atmadarshan’. E novamente, através do Portal do Universo Secreto o homem ‘pode entrar em uma real comunhão *com aqueles que estão além*, e ele será competente para receber comunicação e instrução de Nós mesmos diretamente. Então Nós o prepararemos para a Confrontação de Choronzon e a Ordália do Abismo, quando nós o tivermos recebido na Cidade das Pirâmides’.

As cinco palavras que eu grafiei em itálico poderiam parecer singularmente significativas, pois, tendo destruído o ‘Universo’, o que mais resta? Com o que ou com quem pode o iniciado então comungar? Se é lembrado do verso em *AL* que diz: ‘Eu sou o Senhor da Dupla Baqueta de Poder; a baqueta da Força de Coph Nia – porém minha mão esquerda está vazia, pois eu esmaguei um Universo; & nada resta’. Este é o 72º verso do último capítulo de *AL*, e o 217º verso do Livro como um todo. Os dois números, 72 e 217, indicam a natureza da Força mencionada. 72 é o número de OB, a Serpente (*Aub*), o aspecto negativo ou feminino de Od (*Aud*) que é a própria Luz Mágica(k); ele é também o número da palavra caldaica DBIVN, significando ‘fluxo’ ou ‘gota de sangue’. A palavra deriva do egípcio Typhon ou *Tefn*, a Mãe de Set. Nos Mistérios Egípcios estes poderes gêmeos, o Ob e o Od, eram representados por Shu e Tefnut, o primeiro significando fogo, o último, umidade ou sangue.¹⁰¹ O número 217 é aquele de (*) Seth, que não é apenas o nome do Deus Set, mas [também] da estrela de sete pontas de Babalon, a Mulher Escarlate, cuja imagem é Sírius. 217 é 31 x 7, assim afirmando sua conexão com *AL* (31), o número Chave do *Livro da Lei*. 217 é também o número de DBVRH, significando ‘uma abelha’ que é o símbolo específico de Sekhet, cujo nome significa uma abelha. Ela é a deusa da intoxicação e paixão sexual, logo sua conexão com o mel e com *sakh*, ou *sakti*, ‘inflamar ou inspirar’ e com ‘bebida fermentada’. A abelha, que é a cópula entre os elementos masculinos e femininos nas flores, era um tipo da alma que é representado nos ideogramas egípcios como o *Ba* ou *Aba-it*, que guia as almas dos mortos *en route* para o Sekhet-Aahru, os Campos de Prados Celestiais ou Mel. Ba, o astral ou duplo é também uma palavra significando ‘mel’ e diz-se que Shu e Tefnut distribuem mel.¹⁰² A deusa Sekhet como *Sakti* é uma força lunar, e, junto com seus atributos de amor e doçura, um símbolo adequado da lua de mel, que indica a natureza sexual da força em questão.

(*_Aqui há o nome Seth com caracteres gregos – N.do T.)

A combinação dos números 72 e 217 resulta 289, o número de PTR, uma ‘abertura’, ‘orifício’, ou ‘vazio’. As idéias sugeridas pelos números do verso podem portanto ser resumidas pelo símbolo do útero e suas emanções ofidianas. Isto é confirmado pela palavra ou nome curioso, Coph Nia. Coph ou Koph significa a ‘filha’.¹⁰³ Este é um nome de Proserpine ou Perséfone, a deusa da destruição. Ela é chamada Koph porque, como Payne Knight o expressa, ela representa a ‘Filha universal, ou princípio secundário geral; pois embora

¹⁰⁰ DOTH = 4 + 70 + 400 = 474 (Daäth)

¹⁰¹ Shu, a letra *Shin* (Fogo) se aplica a Set; Tefnut, sangue, a Typhon.

¹⁰² Vide *Luniatry, Ancient & Modern*, de Gerald Massey.

¹⁰³ Vide *Arte Antiga & Mitologia*, de Sir Richard Payne Knight, Seção 117, *koph*.



apropriadamente a deusa da Destruição, ela é freqüentemente distinguida pelo título *Soteira*, Preservadora, representada com folhas (?) de milho sobre sua cabeça, como a deusa da Fertilidade. Ela era, em realidade, a personificação do calor ou fogo que supunha-se penetrar a terra, que foi uma vez considerado como sendo ao mesmo tempo causa e efeito da fertilidade e destruição, *como sendo ao mesmo tempo a causa e efeito da fermentação*; da qual ambos procediam'.¹⁰⁴

A Segunda parte da palavra ou nome – Nia – é o *ain* (vazio) ao contrário, que identifica o olho ou útero da filha com o *Ob* ou Corrente Ofidiana; uma 'dupla baqueta' porque *Ob* é o complemento de *Od*. A 'mão esquerda está vazia', pois eu (o ego) esmaguei um Universo & nada (o *ain*) resta'. *Ain* é 61; *Nia* é também 61, mas se o número for também invertido, obtém-se 16, e 16 é Hia (Ela), i.e. a Filha.¹⁰⁵ 16 é o quadrado de 4 e, no *Liber CCXXXI* o quarto verso, cuja numeração é 3,¹⁰⁶ declara:

A Virgem de Deus está entronada sobre uma concha de ostra; ela é como uma pérola e busca Setenta para seu Quatro. Em seu coração está Hadit a glória invisível.

Três é *gimel*, a letra atribuída à Sacerdotisa Virgem da Estrela de Prata. Quatro é o número da Esposa; aquela cuja porta¹⁰⁷ está aberta. Buscando Setenta¹⁰⁸ para seu Quatro significa que a virgem busca abrir seu olho ou tornar-se desperta. Mais luz é lançada sobre o significado deste verso pelo penúltimo verso de *AL*:

Existe um esplendor em meu nome oculto e glorioso, como o sol da meia noite é sempre o filho.

O sol-filho é Hadit, a glória invisível no coração da virgem. A identidade do sol-filho é enfatizada pela referência a Khephra – o sol da meia noite – o sol de Amenta, o sol negro de Set.

'Eu sou' (o ego) é idêntico com Daäth, pois o ego é a shakti-sombra ou poder ocultador de Kether no momento rápido como o raio de sua bifurcação em Chokmah e Binah (Horus e Set¹⁰⁹). Daäth é o espectro, a sombra da realidade, um conceito ilusório que surge na consciência humana mas que não possui existência à parte desta. Ela é conhecida na metafísica hindu como o *chit-jada-granthe* – o sentido de identidade sutil e ilusório que faz a consciência (*chit*) imaginar-se em posse de uma mente e corpo individuais que, na realidade, são inexistentes, sem vida, inertes (*jada*). *Granthe* é o nó que os liga em aparente identidade. No simbolismo egípcio a múmia representa o *eidolon*, uma mera boneca ou fantoche subtraído de auto-consciência exceto quando animado pelo *khu* ou poder mágico do Adepto. Por esta razão o corpo humano, que era considerado pelos egípcios como o tipo da múmia, era considerado sem vida ou ilusório. É este corpo morto ou inerte que é ressuscitado em Amenta pelo *khu* vivificante do Adepto. A identidade com este fantasma de ego-consciência, como a múmia, é projetada como uma miragem no Deserto de Set. Ela tem que ser destruída (i.e. esquecida), em consciência, antes que a morte verdadeira seja experimentada nos Pylons de Daäth. Apenas deste modo o Universo é 'destruído', e a consciência é libertada da escravidão da existência imaginada. Apenas então pode 'ele (o Adepto) entrar em uma real comunhão com aqueles que estão além'.

¹⁰⁴ Itálicos do presente autor. Compare as notas sobre Sekhet e o simbolismo da abelha, *supra*.

¹⁰⁵ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8, para o significado da filha na fórmula do Tetragramaton no Aeon presente.

¹⁰⁶ Os versos do *Liber CCXXXI* – como de muitos outros dos Livros Sagrados de Thelema, são numerados desde o zero (o *ain*) ao invés de o um; assim o verso de numeração 3 é de fato o quarto.

¹⁰⁷ *Daleth* = 4 = uma 'porta'.

¹⁰⁸ *Ayin* = 70 = 'um olho'.

¹⁰⁹ Representados pelos planetas Netuno e Saturno.



A situação torna-se compreensível quando a verdadeira natureza da mente subconsciente (Amenta) tenha sido sondada. Os três estados de consciência – *jagrat*, *svapna*, e *sushupti* – tem seus paralelos no simbolismo egípcio pelos três estados de vida na terra, vida em Amenta, e o estado de liberação da escravidão da matéria o que é obtido tornando-se um dos *khus* na esfera celestial das estrelas¹¹⁰ que nunca se põe^{111 112}. Uma vez que este paralelo seja percebido fica fácil compreender a parte representada por Daäth. Daäth representa o ego que errôneamente identifica a consciência (que ele reflete mas que ele não produz) com o complexo corpo-mente, desta forma atribuindo a ele a consciência que não pertence à terra¹¹³ ou à Amenta,¹¹⁴ mas à consciência amorfa e não condicionada (i.e. cósmica). A múmia era o tipo do corpo funcionando em Amenta; quer dizer, o corpo terreno adormecido ou ‘morto’ e funcionando em níveis astrais de consciência. A morte do corpo implicava portanto no nascimento do espírito em Amenta. Porém não é a morte verdadeira que libera o espírito para sempre. Para fazer isto acontecer uma morte real tem que ser obtida, e esta é a morte total do ego tanto em sua condição pessoal (consciente) quanto em sua condição impessoal (sonho). A mecânica deste processo está resumida no assim chamado *Livro dos Mortos* que é o manual mágico da metamorfose do corpo em um *khu* (espírito glorificado).

¹¹⁰ Estrelas tipificavam almas. O fato físico de nunca se por foi mais tarde aplicado às almas que nunca morriam (i.e. elas eram imortais).

¹¹¹ As estrelas que nunca se põe tipificavam imortalidade porque para os antigos egípcios estas estrelas pareciam não morrer (i.e. se por, [como o sol]).

¹¹² Nota do Tradutor: Comparado ao por do sol.

¹¹³ Consciência de vigília (*jagrat*).

¹¹⁴ Consciência de sonho (*Svapna*).



Além do Pylon da Cova

A CHAVE para o mistério da redenção ou revitalização da múmia em Amenta repousa no uso mágico da Serpente de Fogo como ensinado nas escolas arcanas, particularmente aquelas da Ásia.¹¹⁵ A chave está oculta no mito de Ísis e Osíris, e a busca de Ísis pelo falo perdido de Osíris.¹¹⁶ Este assunto é tratado por Apuleius em seu relato simbólico dos Mistérios de Ísis. Psyche, a alma, aprisionada no submundo de Plutão, é resgatada por Eros. Estes símbolos podem ser explicados em conexão com a Árvore da Vida como interpretada sob a luz da fórmula de Daäth do Novo Aeon. A Sabedoria Superna (Daäth) é representada pelo ego ou alma (Psyche) a qual adoece no Amenta. Kether, como Plutão, o Senhor do Abismo, é o mais externo, e, por analogia, o mais interno pylon de Amenta e o último Portal para o Espaço Exterior (Interior) onde a alma é liberada pela Serpente de Oito Cabeças. Oito representa a oitava, o *Octimonos* ou Mestre Magista, o mais alto ou *altura*. O simbolismo envolve o poder criativo primordial representado pela sete estrelas 'filhas' de Tífon no abismo do espaço (Malkuth), e a oitava, tipificada por Set ou Sothis na altura do céu (Kether). A profundidade de Malkuth e a altura de Kether é equilibrado pela Serpente de Daäth na qual a fórmula da Serpente de Fogo (Eros) está implícita. Portanto, Kether está em Malkuth, e Malkuth está em Kether, porém conforme outro modo. Em outra versão deste mito, Plutão ou Set é Kether e Eros ou a Serpente é Daäth, porque Daäth é o Jardim do ODN (Éden), o campo de força eletromagnética que é o covil da Serpente de Fogo; e a Psyche é Malkuth.

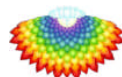
O simbolismo envolve o poder criativo primal representado pelas sete estrelas de Tífon no abismo do espaço, e o oitavo filho – Set – como a altura do céu tipificada pela estrela Sírius ou Sóthis na qual a fórmula da Serpente de Fogo está implícita. Este simbolismo, embora aparentemente complexo, é simples, como pode ser visto ao equacioná-lo com a bem conhecida fórmula budista: Primeiramente HÁ (there IS) (i.e. Malkuth) – Forma (i.e. Presença de Objeto). Então NÃO HÁ (there is NOT) (i.e. Kether) – Vazio (Void) (i.e. Presença de Sujeito). Então HÁ (there IS) (i.e. *Ain*) – Nem Forma nem Vazio, porém ausência da presença de ambos Objeto e Sujeito (i.e. a Ausência Absoluta, ou Vazio). Os dois primeiros estágio da fórmula compreendem toda a Árvore e suas dez zonas de poder cósmicas. Mas existe uma além de dez (i.e. onze; Daäth) que é o portal para o *Ain* a qual torna possível a transição do Universo representado pelo anverso da Árvore até o anti-Universo representado pelo inverso da Árvore. A pseudo-sephira, Daäth, é o espelho mágico no qual o Verdadeiro Ser é refletido em 'matéria' na forma de Existência.¹¹⁷

Este conceito era antigamente representado pela identidade de Satan o Opositor (e portanto o oposto ou reverso) com Malkuth, o universo mundano tal como este aparece no estado de consciência de vigília. Ainda assim a transição do universo irreal (representado pela Árvore) para o universo real que é NÃO (NOT) (representado pelas costas da Árvore) é ilusória, pois não existe nenhuma ponte verdadeira entre os dois universos. Existe uma *solução de continuidade*, e de forma à realizar isto, a altura do Abismo (a oitava estrela, Sóthis) tem que ser realizada *em* reverso, de forma que aquilo que se parece a altura a partir do lado frontal da Árvore seja realmente a profundidade quando observado a partir do 'outro lado'. Satan-Set é portando a chave, e o nome do Pylon da Cova, cujo guardião é 'aquele antigo demônio

¹¹⁵ Eu expliquei os aspectos Tântricos deste Mistério em minha Trilogia Tifoniana (q.v.). Crowley foi um dos primeiros adeptos a incorporar ao ocultismo Ocidental o uso mágico das energias sexuais, embora o iniciado africano, P.B.Randolph, operando nos Estados Unidos por volta da virada do presente século foi talvez o primeiro à advogar abertamente um uso mágico do sexo. Vide *Eulis* (P.C.Randolph), Toledo, Ohio, 1896.

¹¹⁶ Para uma interpretação iniciática deste mito, vide *Aleister Crowley & o Deus Oculto*, capítulo 10.

¹¹⁷ O Ser, por si apenas, é real. Ele é a within-ness (internalização_?) das coisas; o noumenon. A existência é irreal pois, como está implícito na palavra, ela comporta a objetividade do Ser em algum estado externo, e não existe nenhum. O universo fenomenal, ou Existência (como uma 'permanência fora' de subjetividade) é apenas aparente.



Choronzon' cujo número, 333, é também aquele de Shugal, o Uivador, a raposa do deserto, a imagem zoomórfica de Sírius, o Negro ou Escuro, o Negativo Supremo.¹¹⁸

Na terminologia do Culto Tifoniano, Nuit ou Not (Não) é o Negativo Absoluto simbolizado pelas Sete Estrelas da Ursa Maior, o Possuidor-das-Faíscas ou Serpente de Fogo cujo oitavo filho é Sóthis, Set, ou Hoor-paar-Kraat. Portanto, de acordo com o antigo simbolismo onde o filho e a mãe são idênticos, Nuit e Set representam o infinito campo de possibilidade, pois em Set está ocultado seu gêmeo –Hórus– a manifestação da não-manifestação que o ego (Daäth) sózinho torna possível.¹¹⁹

Austin Osman Spare demonstrou que a Postura da Morte¹²⁰ é a chave para o Portal do Abismo, e sua doutrina do Nem-Nem (Neither-Neither) está intimamente entrelaçada com o complexo ego-anti-ego de Daäth. Naquela doutrina a mão simboliza o Zos, ou 'corpo considerado como um todo', e a mão, como foi mostrado, é um ideograma mágico do Macaco. Ela era de fato o nome do Macaco-Kaf (Kaf-Ape) no antigo Egito.¹²¹ O macaco ou cinocéfalos era o veículo de Thoth ou Daäth. O outro glifo-chave da feitiçaria de Spare, o Kia ou 'Eu' Atmosférico, é o despersonalizado ou anti-ego simbolizado pelo olho.¹²² Um certo uso mágico destes dois instrumentos – a Mão e o Olho – em consciência de vigília produz o estado de Nem-Nem que era a designação de Spare para o estado não conceitual (carente de conceito) ou pré-conceitual. Kia, portanto, é a antítese de Ra-Hoor-Khuit¹²³ e, como tal, é idêntico a Set. A implicação Satânica está contida na identidade paranomasic(?) do Olho de Set e o 'Eu' de Kia.

O número de Kia, 31, é também aquele de AL, a chave de *O Livro da Lei*, e neste sentido Kia pode ser considerada como sendo o Olho de Nuit, o *Ain*, que é o 'outro'[olho] ou o olho secreto,¹²⁴ tipificado pelo ânus de Set. O cabalista medieval, Pico della Mirandola, formulou esta equação nos seguintes termos:

As letras do nome do demônio maligno que é o príncipe deste mundo [i.e. Set, Satan] são as mesmas que aquelas do nome de Deus¹²⁵ – Tetragrama – e aquele que sabe como efetuar sua transposição pode extrair um do outro.¹²⁶

Eliphas Lévi explica esta passagem com a declaração *Daemon est Deus inversus*. Em *A Sabedoria Secreta da Qabalah*, J.F.C. Fuller observa que 'Satan . . . é de fato a Árvore da Vida de nosso mundo, aquela vontade livre que, para sua verdadeira existência, depende do choque das forças positiva e negativa as quais dentro da esfera moral nós denominamos bem e mal. Satan é portanto a Shekinah¹²⁷ de Assiah [o mundo material]. Fuller observou previamente com respeito a Satan que:

¹¹⁸ A palavra Shugal é o equivalente cabalístico da palavra SaGaLa que é considerada por iniciados como sendo o nome de um metal do qual é constituída a estrela gêmea escura ou invisível de Sírius. Vide Robert Temple, *O Mistério de Sírius*, pág.24. O simbolismo da raposa é também implícito. Vide Temple, págs. 24, 48.

¹¹⁹ O Universo é conceitual, e nenhum conceito é possível sem um ego para concebê-lo.

¹²⁰ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte II, (1975).

¹²¹ Kaf em hebraico significa a 'palma' (da mão).

¹²² Olho = Ayin = Ain = Nada.

¹²³ i.e. o ponto de vista individual.

¹²⁴ i.e. a vulva.

¹²⁵ Deus (God) = AL = 31; a afinidade vem, como declarado, via Kia, o Olho, AL, a Chave para a Corrente 93 (93 é três vezes 31), e *Ain*, o olho secreto de Nuit que, como Tífon, era a mãe ou fonte de Set.

¹²⁶ Como demonstrado. Vide nota anterior. O trecho é de *Kabbalistic Conclusions*, XIX, citado em A.E. Waite: *A Santa Kabbalah*, Livro X.

¹²⁷ Shekinah é o equivalente judaico de *shakti*, poder divino.



O Deus de Assiah¹²⁸ é o Sammael de Yetzirah¹²⁹ invertido, que é o Metatron de Briah¹³⁰ invertido, que é o Adam Qadmon de Atziluth¹³¹ invertido. Em resumo, Sammael em Assiah é o Adam Qadmon invertido três vezes removido; ele é a 'sombra negra da manifestação do Grande Andrógino do Bem'. (*Qabbalah*, Isaac Myer, pág.331).

O número de Sammael, 131, é de grande importância no Aeon presente. Ele contém o número 13 e seu reverso, 31, sendo ambos vitais para a Corrente Ofidiana. Observe também que a elevação aos planos através das três zonas de poder, Malkuth-Yesod-Tiphareth, traz o foco de poder a Daäth, o vórtice que suga as energias cósmicas negativas que nutrem a Árvore. Isto é típico do ego que absorve tudo como uma esponja e então é ele próprio dissolvido no vazio do Abismo.

O Dragão cuja oitava cabeça reina em Daäth é idêntico com a Besta 666. A metade masculina é Shugal (333), o uivador no Deserto de Set; a metade feminina é Choronzon (333) ou Tífon, o protótipo de Babalon, a Mulher Escarlata. Um dos significados de *Goetia* é 'uivar'¹³² o que sugere que os antigos *grimórios* eram registros primitivos da tentativa do homem em rasgar o véu do abismo e explorar o outro lado da Árvore. As elaboradas codificações de demônios e seus sigilos e os ritos acompanhando seu uso fazem paralelo com os trabalhos mágicos ortodoxos usados em conexão com a parte frontal da Árvore. Isso explicaria a necessidade de segredo e o uso frequente de nomes sagrados que velavam as verdadeiras intenções do feiticeiro.

A.E.Waite, em sua introdução à *O Livro de Magia Cerimonial* fala sobre as fases mais ortodoxas da magia como 'aspectos da Tradição Secreta em tal extensão como esta declarou a si mesma ao lado de Deus'. Ele então declara 'que existe uma tradição à rebours'¹³³. Ele observa mais:

'Como existe a altura de Kether no Kabalismo, igualmente existe o abismo que está abaixo de Malkuth . . . ' Ele não diz, contudo, que o abismo abaixo de Malkuth é acessível ao homem apenas através do Portal de Daäth. Porém na página xli ele escreve:

Como existe uma porta na alma que se abre para Deus, igualmente existe outra porta que se abre para as profundezas (recremental_?), e não existe dúvida que as profundezas adentram quando ela é efetivamente aberta. Também existem os poderes do abismo.

Pode ser observado que Waite distingue entre as 'profundezas' e os 'poderes do abismo'.

Existe uma Arte Negra e uma Branca . . . uma Ciência da Altura e uma Ciência do Abismo, de Metatron e Belial.¹³⁴

¹²⁸ i.e. Satan.

¹²⁹ Sammael (SMAL = 131 = Pan, etc) é o Guardião no Limiar (do Abismo). Yetzirah é o mundo formativo ou astral. SMAL, 131, é também o número de Mako (Set) o filho de Tífon.

¹³⁰ Metatron é o Anjo de Briah, o Mundo Criativo.

¹³¹ Atziluth é o Mundo do Espírito, algumas vezes chamado de o mundo arquetípico. Os quatro mundos: Assiah, Yetzirah, Briah e Atziluth correspondem aos quatro estados de consciência referidos pelos hindus como *Jagrat*, *Svapna*, *Sushupti*, e *Turiya*. (Vide capítulo anterior).

¹³² Vide *As Confissões de Aleister Crowley*, capítulo 20.

¹³³ Página xxxviii. A *rebours* significa 'contra o grão', i.e. *ao inverso*.

¹³⁴ *O Livro da Magia Cerimonial*, pág.5.



É minha intenção mostrar que a Altura e o Profundo, i.e. o Oitavo e o Tephth¹³⁵ são idênticos abaixo da imagem da Besta, cuja *oitava* Cabeça é a Porta do Abismo. Waite observa, corretamente, que 'Typhon, Juggernaut,¹³⁶ e Hecate¹³⁷ não eram menos divinos que os deuses do supra-mundo¹³⁸. Ele contrasta o supra-mundo com o submundo ou, como poderíamos dizer, a frente da Árvore com seu lado inferior (neste caso, lado posterior).

É significativo que a incorporação da consciência humana, i.e. o homem, é, em hebraico, 'Adam', significando 'terra vermelha' ou 'barro', um símbolo do sangue solidificado como carne. A palavra *Adam* deriva do egípcio *Atum* ou *Tum*, o sol poente, o sol vermelho-sangue que está morrendo e afundando no Amenta, a terra oculta (hell). Nas tradições mais primitivas (i.e. a Draconiana), antes de o período equinocial ter sido estabelecido, o Norte, não o Oeste, era o lugar da escuridão; o esquerdo, o lado inferior; mesmo como o Sul era o Leste primitivo, como a frente ou lugar de ascensão.¹³⁹ Daäth, primeiramente o norte, mais tarde se tornou identificado com o Pylon Ocidental e o bourne (início_?) da jornada do homem. A partir do momento de sua encarnação, a consciência humana inicia sua jornada para o Amenta. Então, o início está em Malkuth (terra); o fim está em Daäth (ar ou espaço).

A Besta e a Mulher unidos é a fórmula do Baphomet andrógino que era representado pela cabeça de um asno. Esta criatura era um símbolo Tifoniano do caminho, passagem ou túnel regressivo, um glifo apropriado do Abismo, o portal para o que era Daäth (Death / Morte). O símbolo da *qliphoth* de Yesod é conhecido como o 'asno obscuro', que, por sua vez é simbólico da consciência astral tipificada pela água (sangue), o elemento atribuído à Mulher Escarlate. Daäth, como Sabedoria Superna, corresponde ao elemento fogo, pois ele é o aspecto criativo do ego que gera imagens no sangue de Yesod antes da reificação na carne de Malkuth.

As cinco zonas de poder cósmico do Pilar do Meio correspondem aos cinco elementos: Terra (Malkuth), Água (Yesod), Fogo (Tiphareth), Ar (Daäth), e Espírito (Kether). A dissolução do ego em Amenta tem que ser realizada antes da 'ressurreição' ou exaltação ao céu do Espírito, representado por Kether. Os cinco elementos correspondem aos cinco estados de consciência mencionados pelos hindus: *Jagrat* (consciência de estado de vigília), Malkuth, Terra; *Svapna* (consciência astral ou de sonho), Yesod, Água; *Sushupti* (consciência vazia), Tiphareth, Ar; *Turiya* (consciência transcendente), Daäth, Morte, Fogo; e *Turiyatita* (estado Nem-Nem de Kia), Kether, Espírito.¹⁴⁰

Malkuth (terra) é o mês-truo de reificação; Yesod (água), o mês-truo de reflexão ou o duplo da imagem¹⁴¹ via o sangue da lua; Tiphareth (ar), o mês-truo da aspiração pela luz da consciência solar; Daäth (fogo), o mês-truo de vibração, o Local do Logoi ou Palavra Gêmea que é ambas verdadeira e falsa, pronunciada e não pronunciada; e Kether (espírito), o mês-truo do Não-ser que transmite a Negatividade Pura do *Ain*.

¹³⁵ Tophet; a Profundez.

¹³⁶ Yog-Nuit. Compare com Yog-Sothoth.

¹³⁷ Ur-Hekau, a coxa emblema do Grande Poder Mágico (*shakti*), conhecido pelos egípcios como o 'Poderoso dos Encantamentos'. Vide *O Livro dos Mortos*.

¹³⁸ *O Livro da Magia Cerimonial*, pág.14.

¹³⁹ i.e. do sol no macrocosmo e do falo no microcosmo.

¹⁴⁰ Será notado que na série de atribuições anterior o Ar, e não o Fogo, é atribuído a Daäth. Isso é porque Daäth enquanto o Portal do Vazio = (é igual a) Espaço (Ar), ao passo que Daäth enquanto Morte = (é igual a) Dissolução (Fogo).

¹⁴¹ i.e. reprodução em níveis astrais.



A numeração total das Sephiroth do Pilar do Meio, incluindo Daäth, é 37, que representa a própria Unidade em sua manifestação trinitária equilibrada.¹⁴² 37 é também a palavra LHB, significando a ‘chama’, ‘cabeça’, ou ‘ponto’, que resume a doutrina da Cabeça (em Daäth) como o ponto de acesso ao universo de Pura Negação. Também, 37 é o número de LVA que significa ‘Non’, ‘Neque’, ‘Nondum’, ‘Absque’, ‘Nemo’, ‘Nihil’; não, nem, não ainda, sem, nenhum, nada.

Como previamente observado, o número 333, a metade da Besta na frente (Shugal-Set) adicionado a 333, a parte detrás (Choronzon) surge como a Besta 666. Quando 333 é subtraído do número 365,¹⁴³ resta 32. Este é o número da manifestação total; as coisas como elas são em sua totalidade e finalidade, como representado pela Árvore inteira: as dez *sephiroth* e os vinte e dois caminhos. Mais importante de tudo, entretanto, 32 é o número de IChID, o ego, self, ou alma. A palavra *Ichid* deriva do egípcio *Akhet*, o espírito, o *manes*, o morto, que enfatiza a natureza precisa do ego como uma *upadhi* – uma entidade ilusória mascarando-se como o Ser. E este *upadhi* é o único portal para o reino do puro Não-Ser, de onde se originam todos os fenômenos. A Besta 666 então representa o Habitante no Portal do Abismo, e seus dois aspectos – Shugal (333) e Choronzon (333), juntos resumem os 32 *kalas*¹⁴⁴ – que são as chaves para o Mistério da Plenitude, Santidade, Totalidade, representados pela Árvore da Vida e a Árvore da Morte.¹⁴⁵

Em *A Gênese Natural* (vol.I.p.137) Massey declara:

Pode ser afirmado, de modo geral, que todos os inícios verdadeiros na tipologia, mitologia, números e linguagem, podem ser traçados até a abertura de uma Unidade (Oneness) que [se] divide e se torna dual em sua manifestação.

Isto também se aplica à metafísica da ‘Criação’. Em egípcio, o local de abertura é o *Teph* ou *Tepht*. A palavra hebraica *Tophet* deriva do egípcio *Tepht* como a ‘cova’, ‘inferno’, o ‘abismo’. A letra ‘T’ era uma forma anterior da letra ‘D’, e quando a mais recente substitui a letra inicial da palavra *Tepht*, nós obtemos *Depth* (Profundez). Como Daäth, esta é a abertura primal para o Abismo por trás da Árvore. Massey declara mais ainda que ‘o pensamento humano verificável mais antigo estava relacionado à *abertura*’ no sentido de que a mãe abriu, e o *um* por este meio se tornou *dois*. O paralelo metafísico é também verdadeiro, pois o pensamento humano era uma conceitualização de energias partindo da abertura de Daäth como uma fenda no espaço, por assim dizer, através da qual as forças do Não-ser escorreram e se tornaram, no processo, pensamento conceitual. Assim o ego floresceu, e sua raiz estava no abismo. A palavra ego¹⁴⁶ totaliza 78, que é o número de *Mezla*, a influência de Kether. Esta influência não fluiu diretamente para dentro de Tiphareth (o assento da consciência humana), ela veio *via* o Túnel de Set por trás de Daäth através do qual ela passou – como a luz através de um prisma – para terminar em pensamento conceitual; daí a sua natureza ilusória. ‘No ato da abertura, as coisas se tornaram duais’- Massey expressou portanto o assunto com relação aos fenômenos físicos; o mesmo também é verdadeiro sobre os fenômenos metafísicos. Uma passagem do *Bundahish* expressa a situação nesses termos:

¹⁴² 111 dividido por 3.

¹⁴³ O ciclo completo de manifestação como tipificado pelo círculo de 360 graus, mais os 5 dias ‘proibidos’. Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 4.

¹⁴⁴ Dezesesseis cada = 32.

¹⁴⁵ 333 + 32 = 365. O número 365 e os 16 *kalas* foram explicados em detalhes em *Cultos da Sombra*, capítulo 4.

¹⁴⁶ Por *Cabala Simplex*, Ego = 25, que é o número d’A Besta, *ChIVA*, como 5 x 5, a fonte ou útero da vida. Tenho uma dívida para com a Soror Tanith por ela ter salientado para mim que ShIVA é uma metátese de AIVASh, assim identificando a Besta com o prisma egoidal através do qual as forças extraterrestres fluem para o ser (para se tornar_?) a partir dos vazios do Espaço (não-ser).



A região da Luz é o local de Ahura-Mazda, a qual eles chamam de Luz infinita, e sua onisciência está em visão ou revelação.

Por outro lado: Aharman 'em Escuridão, com entendimento retrógrado e desejo por destruição estava no abismo, e é ele quem não será, e o local daquela destruição, e também daquela Escuridão, é o que eles chamam de a escuridão infinita'.¹⁴⁷

o número do ego, 78, é também um número de AIVAS, o transmissor do AL a partir de uma dimensão extraterrestre. Esta dimensão é interna (está dentro), e não externa (não está fora), e a mensagem de Aiwass procedeu desde o Abismo do Não-ser. Esta corrente negativa, ao passar através do prisma do ego,¹⁴⁸ assumiu aqueles aspectos com os quais os estudantes do assunto estão familiarizados: 'Aiwass é chamado o ministro de Hoor-paar-Kraat, o Deus do Silêncio; pois sua palavra é a Fala do Silêncio'.¹⁴⁹ Em outras palavras, 78 (ego) é o Logos, a pronúncia manifesta do Imanifesto. Esta vibração (Palavra), no processo de se tornar manifesta é inevitavelmente falsificada, porque de formas que ela possa ser formulada, Nada (Nuit) deve aparecer para tornar-se Algo (Hadit). O reino da palavra – no microcosmo – é o *Visuddha chakra* que é atribuído a Daäth. Seu elemento, ar, é o mênstruo de vibração, o meio através do qual o silêncio se manifesta em som. Em termos mágicos Daäth como ar é o meio pelo qual Hoor-paar-Kraat se manifesta como Ra-Hoor-Khuit. O numênico se torna fenomenal no *chit-jada-granthi*¹⁵⁰ ou centro-Daäth que tipifica o ego, a fonte aparente de todos os fenômenos.

Também, 78 é o número de Enoch (ChNK), significando 'iniciar'. Enoch era a fonte das Chamadas ou Chaves usadas por Dee e Kelly em seu tráfico com entidades extraterrestres. É de fato a Dee que nós devemos o primeiro relato sobre Choronzon, o Guardião do Abismo¹⁵¹. Ainda mais, 78 é o número de MBVL, 'uma enchente' e portanto a enchente. A palavra deriva do egípcio *mehber*,¹⁵² que contém o nome real do abismo. Finalmente, 78 é o número de cartas que compreendem o pacote do Taro e, como tal, ele resume todas as fórmulas ocultas possíveis.

Em resumo, Daäth é a abertura primal, a fonte do universo conceitual, i.e., o ego; daí sua natureza alegadamente satânica e enganosa. A fórmula de sua resolução é a fórmula de iniciação no Real, i.e. o anti-universo ou mundo do não-ser, o negativo, o *Ain*.

Já foi observado que *Ain*, vazio fenomenal, é, no inverso, o *Nia*. Esta palavra, que é comum á vários dialetos africanos, denota o negativo, *não* (*no*, *not*). Ela era representada no Egito pela deusa Nuit. Seu determinativo hieroglífico é a mulher menstruando. O *ain* (olho) como *nia*, é o olho invertido; não o olho da luz, mas o olho da escuridão, o olho oculto, a vulva em sua fase negativa, a lua [feiticeira_?] de sangue, o eclipse lunar.

As Duas Águas ou Cheias descritas no *Bundahish* são consideradas como fluindo [a partir] do Norte. Este é o lugar de Daäth, a fonte do segundo dilúvio, o primeiro fluindo do *Ain*, ainda mais além do norte. Dion Fortune salienta que nas tradições mais antigas o Norte era considerado como o local da maior escuridão. Como a mulher foi a primeira a abrir e dividir em dois, então a escuridão precedeu a luz no sentido de que ela era o estado de ser numênico, negativo, a partir do qual a existência, o estado positivo, foi emitida. Daäth é o portal para a

¹⁴⁷ Citado por Massey em *A Gênese Natural*, vol.1, página 147 de *O Bundahish*, capítulo 1, versos 2 e 3. (trans.West.)

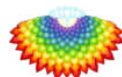
¹⁴⁸ Neste caso, Aleister Crowley.

¹⁴⁹ *Comentários Mágicos e Filosóficos Sobre o Livro da Lei*, p.94.

¹⁵⁰ Um termo sânscrito que denota o nó ou centro sutil no qual a senciência se identifica com a não-senciência e portanto parece criar uma entidade autônoma ou sujeito consciente tendo o 'mundo' como seu objeto.

¹⁵¹ Dr.John Dee, 1527-1608: 'Existe um Poderoso Daemon, O Poderoso Choronzon, que serve para guardar as Grandes Portas do Universo Desconhecido. Conheça-O Bem e Esteja Atento'.

¹⁵² *Meh*, 'o abismo das águas'; *ber*, mais tarde *bel*, 'jorrar', 'inchar', 'ser efervescente'.



escuridão primal no norte. Inversamente ela é também o manifestador da existência, representada pelo sul. Set é Matéria; Nuit é Espírito. O Norte ou costas da Árvore com sua rede de túneis aparece no Sul como a frente da Árvore na forma das zonas de poder e caminhos. Como a Mãe-Escuridão era primal e representava as costas da Árvore, assim a Mão Esquerda como a mão feminina ou infernal, era também a primeira. Existe uma tradição rabínica que mantém [a idéia de] que 'todas as coisas vieram a partir de Hé'. Hé é o número 5, que é o glifo da Mulher tipificado pela sua fase negativa; ele é também o equivalente de uma mão (cinco dedos), a própria mão sendo típica [do ato] de formar, moldar, criar. Seu ideograma era o macaco-Kaf (?) ou cinocéfalo, o veículo especial do deus Thoth (a lua), assim indicando a natureza lunar desta formação. A mulher produz o sangue a partir do qual a carne é formada. A Mão Esquerda portanto se equaciona com o simbolismo do macaco. Nos antigos mistérios egípcios o macaco era um tipo da morte transformadora, quer dizer, do nascimento dentro do mundo do espírito. O significado esotérico é que, na noite da morte (Daäth), o ego é dissolvido, descarta sua existência ilusória e alcança o ser real que é não-ego, não-ser.



6

Teratomas Tifonianos

A TRADIÇÃO de Mistérios mais antiga (i.e. a africana) era dominada por três símbolos principais: a Árvore, a Água, e a Serpente. Estes são três tipos supremos de deidade com várias raças primordiais, e eles estão resumidos na metafísica da qabalah como a Árvore da Vida, a Água do Abismo, e a Serpente que alcançou sua apoteose, ou altura, *na profundeza* para a qual o Portal é Daäth.

Em vários dos escritos de Crowley aparece a frase o 'Erro do Início'.¹⁵³ O início estava com o Abismo que transbordava suas águas em dois rios, aquele da vida e aquele da morte, ou, mais corretamente, aquele da existência (ilusão) e aquele do ser (realidade). O rio positivo é considerado como sendo real, e o rio negativo irreal, enquanto que o oposto é verdadeiro como será mostrado no devido curso.

Na esfera dos fenômenos físicos o rio positivo da onda-de-vida tornou-se incorporado em carne, e os 'filhos de Deus' foram seduzidos. A matéria é expressa em termos bíblicos pela frase 'os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens, e elas deram filhos à eles . . .'.¹⁵⁴ De suas cúpulas emergiram teratomas Tifonianos tais como aqueles descritos por Berosus em seu relato da criação.¹⁵⁵ Destes teratomas o dragão e o macaco foram os arquetipos. Os dragões¹⁵⁶ morreram (desapareceram), mas o macaco ainda sobrevive como o símbolo da degradação dos deuses em seu tráfico com força-de-vida incorporada. O tema se caracteriza proeminentemente em antigos escritos tais como o *Livro de Enoch*, o *Épico de Gilgamesh* sumeriano, o *Zend Avesta*, o *Bundahish*, os *Vedas*, e no mais antigo *Livro de Dzyan*.

Segundo a doutrina secreta estas bestas são o resultado de experimentos mágicos pré-humanos por parte de extraterrestres que copularam com mulheres primitivas. O fato de que tais uniões também ocorreram entre o *simia* superior e o humano mais baixo foi mencionado por P.B.Randolph como prova da possibilidade de tais inter cruzamentos, em apoio do que ele cita 'Os "homens" de cauda da Terra Namaqua; os povos anões da terra dos gorilas, e os filhos das mulheres Hotentote capturadas e impregnadas pelos macacos gigantes de Nigritia'.¹⁵⁷

Porém o "Erro do Início" pertencia à ligações vastamente anteriores àquelas mencionadas por Randolph. Uma das razões da aversão na qual o Caminho da Mão Esquerda tem sido mantida através de aeons de tempos até os dias atuais é devido ao tipo de miscigenação cósmica implicada pela intrusão de influências do lado posterior, esquerdo, ou infernal, da Árvore, com sua conseqüente *perichoresis* (?) do não-ser para dentro do reino da existência manifesta. Um mal entendido sobre a função de Daäth e sobre a natureza de Choronzon (o Portal do Abismo) tem sido a causa desse erro de interpretação. O Caminho da Mão Esquerda é anterior àquele da direita no sentido, e apenas neste sentido, de que o Esquerdo é o primeiro (o *Ain*) que é simbólico do verdadeiro ser (i.e. o não-ser) como distinto da existência aparente ou fenomenal, que, como a palavra indica 'existe *do lado de fora*'. Aquilo que é numênico (i.e. *interno*) é anterior àquilo que está fora (i.e. fenomenal). Não existe

¹⁵³ Vide, por exemplo, *Liber LXV*, capítulo IV, verso 56. Este Livro foi reimpresso com um Comentário na Revista *Sothis*, Vol.I.No.V.

¹⁵⁴ Gênesis, VI, 4.

¹⁵⁵ Vide *Criação Mágica*, de Kenneth Grant, *Carfax Monograph No.IX*.

¹⁵⁶ O símbolo do Dragão da Profundeza, do qual Dagon (777) é o tipo, pode ter sido depositado na mitologia por encontros reais na terra entre extraterrestres anfíbios e a humanidade primitiva. Vide Temple, *O Mistério de Sirius*, Sidwick & Jackson, 1976.

¹⁵⁷ *Eulis* de P.B.Randolph (Toledo, Ohio, 1896.) p.173.



realidade objetiva, mas existe a manifestação de não-manifestação; a sombra do ser que é projetada pelo não-ser. Esta corrente, quando aplicada à fisiologia da encarnação, produz os teratomas Tifônicos que se tornaram os *tipos* das Qliphoth como simbólicas das influências que emanam do 'outro mundo'; na terminologia da metafísica cabalística, o outro lado da Árvore.

Choronzon se manifesta como a Mulher Escarlate, uma forma de Babalon¹⁵⁸ como a primeira abertura ou portal, o *início* representado pelo sangue, o fluido escarlate da encarnação. *Babal* ou *Bab-el* significa o 'Portal de Deus' e, como tal, é equalizado com o portão Norte do Éden (céu) interpretado cabalisticamente como Daäth. *AL* ou *EL* é 31, o número chave do Novo Aeon, como totalmente explicado na Trilogia.

Berosus e outras antigas autoridades tem preservado registros sobre as criaturas monstruosas que se aglomeravam em criação e que eram refletidas na mitologia como os 'gigantes'¹⁵⁹. O nome genérico para eles é *Oza*, 78, um número de Aiwass e da influência a partir de Kether (*Mezla*). O *Oz* é a entidade que lança sua sombra monstruosa e parecida com um símio sobre *O Magista* no desenho de Crowley do baralho de Taro.¹⁶⁰ O ego, 78, como o 'macaco' do Self preenche uma função similar àquela do cinocéfalos em relação ao deus da Lua, Thoth. O macaco, *kaf*, era a mão de Thoth, o executor dos decretos do deus, como o ego é o executivo do Self (Ser verdadeiro) no mundo da ilusão (i.e. o universo lunar). A Mão e o Olho estão combinados no simbolismo de Daäth como o Símio de Thoth, o Falo de Set, e o Olho de Tífon (Babalon), o *Ain* do Abismo.

O Véu do Abismo que separa a tríada superna, Kether-Chokmah-Binah, do centro solar, Tiphareth, é equilibrado pelo Véu de Paroketh que divide aquele centro dos mundos lunar e sublunar¹⁶¹. O mundo das emanações do *Ain* compreende as zonas de poder supernas. O mundo solar ou criativo é caracterizado pelo segmento mediano da Árvore, e o mundo da formação¹⁶² é representado pelo centro Yesodiano abaixo do Véu de Paroketh. O Duplo Véu oculta um mistério da Qabalah não menos importante do que aquele do Horizonte Duplo e o Mistério do Senhor da Baqueta de Duplo Poder na Tradição Egípcia. No misticismo judaico, Paroketh ou Parakah era o véu que dividia o Templo. Seu número, 305, é aquele de Yetzirah, o Mundo da Formação, e como o Véu do Abismo separa o Mundo das Emanações do Mundo da Criação, assim o Véu de Paroketh separa o Mundo da Criação do Mundo da Formação. O Véu do Abismo oculta Daäth; o Véu de Paroketh obscurece Yesod, e estas duas zonas de poder geram o glamor e ilusão que constituem o mundo das aparências.

O véu separa. No macrocosmo o horizonte divide o ano, e o signo da divisão tem sido depositado no signo astrológico de [libra] (vide glifo no livro) que mostra o sol nascendo ou se pondo no horizonte duplo e dividindo o círculo do ano em verão e inverno, como o nascer e o por do sol dividem a rotação do dia em luz e escuridão. No microcosmo o véu separa a donzela da mulher. É no sentido psicológico que a serpente é identificada com o véu da divisão de um inteiro.¹⁶³ A cavidade ou *Tepht* da Serpente¹⁶⁴ é composta de duas metades; a potencialidade negativa ou latente da Donzela, e o poder positivo ou patente da Mulher. Assim a Serpente, a

¹⁵⁸ A ortografia *Babalon*, como distinta de Babylon, se originou em *O Livro da Lei*. Vide os *Comentários sobre AL*, para uma explicação total.

¹⁵⁹ Mencionado em *Genesis*.

¹⁶⁰ Atu II, atribuído a Mercúrio e portanto ao Símio de Thoth. Vide *O Livro de Thoth* por Aleister Crowley.

¹⁶¹ Os mundos sublunares são o astral, o etérico, e o qlifótico. Eles estão especificamente relacionados às zonas de poder Yesódica e Malkuthiana.

¹⁶² i.e. o mundo astral.

¹⁶³ O ciclo total representado pelas 10 *sephiroth*.

¹⁶⁴ i.e. o Abismo.



Árvore¹⁶⁵, e o Abismo¹⁶⁶ estão resumidos na décima-primeira *sephira*, Daäth. Sua posição setentrional na Árvore equilibra a nona *sephira*¹⁶⁷, que é a manifestação meridional do *ain*, via Aquele da dupla baqueta (11), Daäth. Esta equação cabalística expressa o inter-relacionamento entre Nuit (Tífon) e Hadit (Set) nos termos da polaridade dualista da manifestação.

A fórmula de IHVH¹⁶⁸ está implícita neste simbolismo, pois, segundo a sabedoria rabínica Jehovah denota uma entidade *dividida*, metade serpente, metade mulher. Ihuh é Chavvah ou Eva. Uma tradição judaica diz que Eva começou a menstruar numa terça-feira, em cuja ocasião ela [se] transformou numa serpente. Na tradição indiana, a terça-feira é consagrada à Kali, a deusa do Tempo¹⁶⁹ e do Sangue. Um de seus glifos é o Dragão das Profundezas. Na tradição Arcana Ocidental, a terça-feira é atribuída a Marte que é preeminente a divindade do derramamento de sangue, não – primariamente – de batalha, mas de sexualidade.¹⁷⁰ Marte representava o que abre, e o sangue que fluía da fenda materna era o tipo mais anterior de Marte como a energia mística da deusa. Isto nos capacita a interpretar o símbolo da espada e do verso em AL que diz:

*Que a mulher seja cingida com uma espada ante mim: que sangue flua em meu nome*¹⁷¹.

Ra-Hoor-Khuit, a *criança*, está falando; sua manifestação é dependente da divisão em dois¹⁷² característica da fórmula de criação. Há também uma implicação mais profunda. Em hebraico a palavra para espada, *zain*, está atribuída aos Gêmeos, Set-Horus. *Zain* é o número sete, o número de Sevekh, a forma mais anterior de Set como o filho da Mãe (Tífon), um de cujos símbolos era o crocodilo, a serpente da água ou dragão das profundezas. Como a progênie de Tiamat,¹⁷³ Sevekh assumiu o totem de sua mãe, o crocodilo. Segundo uma tradição, ele era o sétimo filho e, junto com sua mãe, o oitavo poder; o poder que representava a altura ou ápice. Ele era de fato a realização de sua mãe. Nesse papel, a mãe e seu filho homem (Set) receberam um lugar permanente no planisfério, onde eles ocupam a posição central no ápice ou polo.¹⁷⁴

A Mãe e a Criança constituem o Dragão com 8 cabeças que forma o tema do Ritual da Golden Dawn.¹⁷⁵ Sete das cabeças podem ser identificadas com os sete planetas, e as sete *sephiroth* inferiores da Árvore da Vida, as sete que tem seu ápice ou altura em Daäth.

O Véu que oculta o Dragão do Abismo divide a tríada das Supernas, o veículo do *Ain*,¹⁷⁶ das sete zonas de poder inferiores que são veículos do *zain*, o poder dual dos gêmeos –

¹⁶⁵ As 10 *sephiroth* ou ciclo total do manifesto e do imanifesto; cada um dos lados do véu.

¹⁶⁶ A fonte de emanção de ambos.

¹⁶⁷ A zona de poder Yesod, atribuída a Teth, i.e. Set.

¹⁶⁸ Tetragrammaton. Vide *O Renascer da Magia* para uma interpretação iniciada desta fórmula.

¹⁶⁹ Kali também divide, pois Ela corta o Tempo em *kalas*; períodos.

¹⁷⁰ Vide *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, capítulo 4, nota 20.

¹⁷¹ AL III, 11. Note o número do verso, *onze*, o número de Daäth e da magia(k), i.e. 'energia tendendo à mudança'.

¹⁷² Two's day (dia do dois), portanto a manifestação de Eva naquele dia tipifica a fórmula de criação.

¹⁷³ A 'Mãe do Tempo' no relato Berossiano da criação.

¹⁷⁴ Vide o Zodíaco de Denderah.

¹⁷⁵ Vide o frontispício deste livro.

¹⁷⁶ Kether-Chokmah-Binah. Esta tríada domina tudo e corresponde às letras *Aleph*, *Beth*, *Gimel* que, por analogia, comportam o mundo inteiro.



Set-Horus – negativo e positivo, Hoor-paar-Kraat e Ra-Hoor-Khuit. Além do mais, a espada é um símbolo da pomba cujo glifo é a *yoní* e, como Massey observa, ‘ambos se unem em uma imagem sob um nome’¹⁷⁷ devido à sua origem no Grande Poder Mágico¹⁷⁸ ou Olho Secreto. Um dos símbolos deste poder combina em uma imagem ambas a espada e a cauda da pomba. A pomba era uma imagem de Tífon longas eras antes de ter sido associada com a virgem ou ‘a velada’ de tradições posteriores. É a pomba Tifoniana que é retratada mergulhando no cálice no grande selo da *Ordo Templi Orientis*. O cálice porta o signo da cruz que também é pré-cristã como o signo do X, o dez ou total. Uma forma do total é a cruz décupla da Árvore da Vida. Porém é a cruz *undecupla* [11 partes] que Crowley, como um Gnóstico, identificou com o *Octinomos* ou nome *óctuplo*, BAPHOMET, o antigo Chefe adorado pelos Templários. Daäth é a décima-primeira zona de poder, e a cruz undécupla denota o Cruzamento do Abismo, embora não – como Crowley supunha – no sentido no qual aquele evento é descrito em *Uma Estrela à Vista*,¹⁷⁹ porém mais no sentido de uma *travessia* de um lado da Árvore até o ‘outro lado’ – ou seja: a Árvore da Morte. Isto é confirmado pelo próprio nome, pois a raiz de Baphomet é *Meté*,¹⁸⁰ ‘um e sete’, i.e. o oitavo (Set), com toda a riqueza de simbolismo implicada pela fórmula de Hoor-paar-Kraat, o Deus Oculto.

Uma confirmação adicional à esta leitura pode ser encontrada na alusão aos ‘cães da razão’ associados à Daäth, a Esfera da *Ruach* que as tradições posteriores alteraram metafisicamente (?) e reservaram à faculdade da razão. Mais tarde, isso é, no sentido de que a ‘pomba de Maria’ é a versão metafisicamente alterada de um símbolo que pode ser traçado até o Grande Poder Mágico resumido sob o glifo do *Ain* e do *Zain*: o sete e o um.¹⁸¹ O *Ru* (mais tarde *Lu*) era o emanador como o *Ain*, ou olho secreto. Devido à fusão de dois níveis de linguagem o *Ru* e *Lu* tornaram-se idênticos. Foi depositada a palavra *hriliu*, um termo Gnóstico que Crowley restaurou e incorporou em sua Missa Gnóstica.¹⁸² Ele definiu *hriliu* como o ‘êxtase metafísico’, i.e. o êxtase além do físico, e portanto além do manifesto. A palavra hebraica *ruach* é derivada de *Ru*, significando uma ‘yoní’ ou ‘roda’ cujo movimento de revolução, espiral ou giro a identificava com espírito. No *Livro dos Mortos* a *ruach* aparece como *Ru-hak* o que segundo a gnose primitiva denota a boca ou vulva de Hak.¹⁸³ Massey nota que Ru-Hak era ‘uma serpente enganadora . . . o réptil que faz uso de seu poder mágico (*hak*) para atrair a vítima na direção de sua boca’.¹⁸⁴ O ponto de importância é que a palavra ‘boca’, quando não interpretada segundo a gnose primitiva ou fisiológica, denota Daäth como a saída ou *útero* que pronuncia a Palavra ou *logos*. A contraparte mística desta atividade é o *Visuddha chakra*¹⁸⁵ que está associado à zona de poder na base do cerebelo, o assento das energias reprodutivas. À esta zona os cabalistas atribuíram a letra *qoph*.¹⁸⁶

A palavra *Hak* é uma forma primitiva de Hag, Hexe, Witch (bruxa). Hekau em egípcio significa ‘magia’, ou ‘encantar’; ela também significa ‘cerveja’, que contém o resultado da

¹⁷⁷ Z-ain.

¹⁷⁸ O Grande Poder Mágico (*Ur-Hekau*) tipifica a faculdade de visão clarividente, que os antigos representavam pelo glifo do Olho.

¹⁷⁹ Vide *Magick* p.327. et seq.

¹⁸⁰ A *Gênese Natural*, II, 14.

¹⁸¹ *Zain* = 7; *ain* é nossa palavra ‘um’ originalmente derivada do Nenhum que era *primeiro*, e portanto um como o conceito primordial.

¹⁸² Vide *Magick*, p.423 et seq.

¹⁸³ O poder mágico; compare Ur-Hekau, Hekt, Hecate, Hexe, Hag, como a feiticeira ou manipuladora do glamour ou ilusão.

¹⁸⁴ Itálicos do presente autor.

¹⁸⁵ O centro da garganta. Note que à ele os hindus atribuem um lótus com 16 pétalas.

¹⁸⁶ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 1.



fermentação, a saber: espíritos alcoólicos (substâncias etílicas?). Massey cita a palavra chinesa Hak, um nome para ‘espíritos destilados’, que, como ele observa, é ‘também um modo de magia’, porque a intoxicação, resultante de *Hak*, abre o portal do mundo espiritual e facilita a visão astral. E assim, no *Livro dos Mortos* surge a exortação: ‘Volte Ruhak! Frio fascinante ou contundente com os *olhos*’(ch.Cl.) O simbolismo do olho já foi explicado, mas o epíteto ‘frio’, à parte de sua óbvia conexão com o sangue do réptil e a paralisia induzida por seu olhar, também sugere os ‘reinos gelados do nada’¹⁸⁷ que caracterizam o ‘outro’ Universo, Universo ‘B’, e o ‘frio agreste de Kadath’ que H.P.Lovecraft associou com influências de ‘fora’, isso é, o outro lado da Árvore.

O simbolismo de *qoph*¹⁸⁸ é também relevante. *Qoph* é um desenvolvimento, poder-se-ia dizer quase um refinamento da idéia de *Kaph*, a décima-primeira letra dos antigos alfabetos, a letra que identifica o símio-kaf (cinocéfaló) que *apes (imita por mímica)* ou reflete a Palavra através do mecanismo da reprodução sexual. O macaco era um símbolo de experimentos mágicos primitivos envolvendo o uso da Corrente Ofidiana em conexão com as energias simbolizadas por *qoph*, que significa a ‘parte posterior da cabeça’ (nuca). A cabeça é *Resh*, a letra ‘R’ hebraica (mais tarde ‘L’).

Retornamos novamente ao *hrillu* ou êxtase metafísico induzido ao se atravessar o Portal do Abismo para dentro de um reino que não é apenas além da matéria, mas que é positivamente antimatéria. A cabeça como o *resh* é o sol (Tiphareth), e a nuca como o *qoph*, é a lua representada por Yesod na Árvore. Sol e Lua, *Resh* e *Qoph*; estes conceitos quando misturados são uma expressão do Espírito: *Resh* (200) + *Qoph* (100) = *Shin* (300). *Shin* é a forma triádica do Um, *Ain*, ou *Yoni*, que é Nenhum. A letra *shin* derivou da forma ideográfica da Besta como a coxa de Pasht a leoa, a grande gata Bâst, a cortada ou fendida. A natureza sexual do corte ou divisão foi continuada em *O Livro da Lei*.¹⁸⁹ Massey afirma que a coxa, simbólica do Grande Poder Mágico, *hekau*, ‘tornou-se a letra Sin (*Shin*)’.¹⁹⁰ Segundo o AL: ‘A palavra de Pecado é Restrição’.¹⁹¹ Por causa de sua identidade com o divisor feminino em [duas partes], o *Shin* tornou-se um símbolo do Espírito em sua fase negativa ou não-manifesta. Pesh, Peh, ou Pasht, forneceu o tipo da coxa feminina ou poder mágico do *hekt*, hecate, bruxa, ou mulher sábia associado com o oráculo do tempo periódico e, em um estágio adiante o *peh* ou coxa-símbolo do Aeon, ou *fim de um período de tempo*.¹⁹² Sin (pecado) como restrição na esfera moral está relacionado aos ‘cinco dias negros ou negativos do período intercalado do Epagomenae’. Massey cita um mito australiano no qual ‘considera-se que a serpente cortou a Árvore da Vida, de forma que ela pudesse caminhar na forma humana como o masculino e o feminino’. Nisso a Serpente é o *divisor* porque ela era um tipo de menstruação. Esta é a ‘divisão próxima à direção da casa (origem)’ (?) como que implicando o caminho de retorno à não -manifestação. Este tipo do término de um aeon, e portanto de restrição no sentido de terminação, é algumas vezes representado pelo lagarto que é uma outra forma da serpente. Seu nome, *Tzab* tem o valor de 93 o que o equaciona cabalisticamente com a manifestação especificamente Thelemica da Corrente Ofidiana. Seu glifo cognato é *Nakaka* (também 93), o nome da Serpente da Escuridão, a noite de Nuit que pode se manifestar apenas pela virtude de Har (Horus), a *criança* que é o resultado do amor (*agapé*, 93), sob vontade (*thelema*, 93). A

¹⁸⁷ MSR. Papéis Graduados. Estudante Grau I, por Michael Bertiaux.

¹⁸⁸ *Qoph* pode ser considerada como um *Kaph* metafisicalizado.

¹⁸⁹ AL.I.29: ‘Pois estou dividida por causa do amor, para a chance de união’. Também, AL.III.2: ‘Há divisão daqui de volta ao lar . . .’

¹⁹⁰ (vide ilustração) O ideograma egípcio do quadril ou coxa que se torna mais tarde a letra hebraica (vide ilustração) (*Shin*) atribuída ao Espírito.

¹⁹¹ AL.II, 41.

¹⁹² A letra *Shin* é atribuída, no antigo baralho do Taro, ao Trunfo intitulado O Anjo do Julgamento Final; ela tipifica destruição pelo Fogo e é agora aplicada ao simbolismo do Novo Aeon onde o Trunfo é intitulado O Aeon. Vide *O Livro de Thoth*.



criança é o divisor da Mãe-Escuridão (Nuit); ela é seu fogo¹⁹³ que a revela, assim como o brilho do relâmpago ilumina o céu noturno. Portanto é dito: 'Had! a manifestação de Nuit'.¹⁹⁴

Na página 56 as sete cabeças do dragão foram identificadas com os sete planetas e as sete zonas de poder inferiores da Árvore da Vida. Antes de tentarmos traçar esta identificação é necessário compreender que nas mitologias mágicas mais primitivas, tais como a egípcia, as zonas de poder primais estavam concentradas nos 8 deuses que governavam em Am-Smen, o Local de Chaos.¹⁹⁵ Estes oito poderes primários foram mais tarde rebaixados e identificados com as zonas de poder cósmico inferiores: O Sol, Júpiter, Terra, Lua, Marte, Mercúrio, e Vênus. Estes poderes foram identificados com a pirâmide básica da Árvore da Vida que culminava no ápice ou altura, a oitava zona de poder tipificada por Daäth, o local de Choronzon ou Chaos no Abismo.¹⁹⁶ Am-Smen também era conhecido como o local de purgação e preparação, o que ele é por virtude de sua associação com o aspecto Babilônico de Choronzon como anteriormente explicado. O Smen, sêmen, ou semente, era originalmente o sangue frutificante considerado como feminino antes de o espírito criativo ter sido atribuído à masculinidade.

Na fase Sumeriana de mitologia, as sete cabeças do dragão devorador¹⁹⁷ eram representadas como segue:

A primeira por um escorpião

⁴⁵ i.e. Apophis. Vide ideograma retratando as oito – não sete – voltas, portanto colocando em uma categoria mais abrangente as 8 zonas de poder primárias e os 16 *kalas*. Página 137.

A segunda por uma Cruz ou Raio Giratório¹⁹⁸

A terceira por um Leopardo ou Hiena

A quarta por uma Serpente

A quinta por um Leão Enfurecido

A sexta por Gigante Rebelde

A sétima por Tífon, Anjo do Vento Fatal.

Embora não possamos esperar por uma perfeita concordância de simbolismo, estes sete tipos equacionam quase precisamente com os poderes dos planetas acima relacionados. Devido a em sua fase mitológica mais primitiva o Sol ter sido identificado, não com o céu mas com o inferno e com os ardentes ferrões do escorpião; eis o porquê, nos mitos primais, o sol não é celebrado e abençoado por seus raios doadores de vida, porém amaldiçoado e abominado por seu calor explosivo. Foi após os criadores de mitos terem deixado seu lar mais primitivo¹⁹⁹ que o sol começou gradualmente a assumir o papel beneficente que o mesmo desempenhou nas mitologias posteriores.

O fogo do inferno foi baseado sobre experiência direta do *Har* como o filho-sol do céu, o *har* ou hell causado pelo fenômeno elemental de calor secante. Em tempos posteriores, o

¹⁹³ *Har* não significa apenas *criança*, mas também *fogo*; ela é a raiz de Hal ou Hellfire.

¹⁹⁴ Note que um significado da palavra Nuit é Não.

¹⁹⁵ Crowley equaciona Chaos com Therion (a Besta). Vide *Magick, Liber XXV* e compare o mesmo com o capítulo 25 de *O Livro das Mentiras*.

¹⁹⁶ A base quádrupla e a elevação triangular ou tripla.

¹⁹⁷ i.e. Apophis. Vide ideograma retratando as oito – não sete – voltas, portanto colocando em uma categoria mais abrangente as 8 zonas de poder primárias e os 16 *kalas*. Página 137.

¹⁹⁸ A suástica.

¹⁹⁹ i.e. África Equatorial.



Har ou Horus se tornou o glorioso deus criativo tipificado pelo falcão solar. Ainda assim a concepção primordial persistiu dentro das fases posteriores do pensamento egípcio quando a negrura elemental (a negrura do calor chamejante) foi metafisicalizada no mal moral, pois os egípcios afirmavam que todo mal emanava do local do nascimento do sol, enquanto que todas as forças boas e curativas irradiavam da terra no Oeste.²⁰⁰ Massey demonstrou através de uma lista comparativa de nomes que em 36 linguagens africanas o nome para o inferno é o mesmo que para fogo, que por sua vez é frequentemente sinônimo para o sol. Albert Churchward também faz esta observação.²⁰¹

À Júpiter é atribuído o raio ou suástica giratória. O Leopardo e a Hiena são tipos de transformação. A última em particular é conhecida como a 'besta de sangue' e portanto uma forma lunar deste elemento em sua fase formativa é atribuída ao elemento e ao planeta Terra. Na versão egípcia das Sete Cabeças do Dragão, a hiena é trocada pelo touro que, como um tipo, corresponde ao elemento terra.

A Serpente é atribuída à Lua por motivos que já foram citados. Na Lista Egípcia dos Sete, a Serpente é descrita como 'indo comer sua hora'(?). A hora é uma divisão de tempo e o ato de consumo é uma alusão ao dragão devorador do eclipse e os cinco dias negros quando a luz é obscurecida. É significativo que em um texto egípcio 'Ela' (a Serpente) seja denominada 'A Que Faz a Existência Invisível Aparente', uma alusão ao ato da encarnação ou entificação, e portanto de *identificação* através da carne (encarnação) que é a função peculiar à corrente lunar em sua fase Ofidiana.

O leão Enfurecido por ser identificado com o planeta Marte, e isso é confirmado na Lista Egípcia através do epíteto 'Olhos Vermelhos'.

O Gigante ou Macaco Rebelde, o veículo de Thoth, identifica o próximo membro dos Sete com o planeta Mercúrio. O simbolismo do Macaco e do Gigante já foi explicado.²⁰²

A cabeça final é chamada de o 'mensageiro do vento fatal' e ela é identificada com o sopro do fogo, com Serk, Scorpio, Sirocco, e Tífon, o Tufão. Na Lista Egípcia esta cabeça é descrita como 'silvo que se aproxima e retorna; olhando à noite e trazendo ao dia'(?), uma descrição perfeita do tipo Bennu ou Fênix daquele que retorna.

As Sete cabeças que culminam na Oitava (a Altura) são as zonas de poder²⁰³ cósmicas mais Daäth, o Lugar de Purgação ou *Preparação* para a experiência final tipificada pela Tríada Superna, portanto somando onze centros no total.

Na representação simbólica da Queda²⁰⁴ as cabeças do Dragão levam os nomes dos oito Reis Edomitas²⁰⁵, e seus chifres os nomes dos onze duques: 'E porquê em Daäth estava a máxima ascensão da Grande Serpente do Mal; portanto existe como existia outra Sephira,

²⁰⁰ O local do pôr do sol.

²⁰¹ Vide *O Renascer da Magia*, p.71.

²⁰² Vide página 53.

²⁰³ Representadas pelas sete Sephiroth inferiores de Malkuth a Chesed.

²⁰⁴ Vide Frontispício.

²⁰⁵ Edom é um outro nome para Esau que significa 'vermelho'. Segundo Kuhn (*Luz Perdida*, pp.257, 275) 'Esau era chamado 'vermelho' porque ele sugava o sangue de sua mãe antes de seu nascimento. Vendeu seu direito de nascença por um punhado de 'vermelho'. 'A tradição apresenta Esau refletido pelo falcão solar, que simbolizava sangue [Hor-Apollo. Bk. I. 6]. Os Reis de Edom portanto eram Reis da Terra Vermelha ou *local de sangue*.



fazendo oito cabeças de acordo com o número dos oito reis;²⁰⁶ e para as *Sephiroth Infernais e Opostas* onze ao invés de dez,²⁰⁷ de acordo com o número dos onze duques de Edom.²⁰⁸

No corpo humano as oito zonas de poder formam a Cruz Magnética mostrada no diagrama 1 de *Cultos da Sombra* (q.v.) e em um sistema tão amplamente divergente como o Taoísta, nós encontramos Han Shan (1546-1623) falando detalhadamente sobre estes 8 centros básicos, aos quais ele se refere como as ‘Oito Consciências’:

Se alguém atravessar o ninho das Oito Consciências, e com um grande salto passar diretamente através delas, então não haverá nada mais para ele alcançar²⁰⁹ . . . Por quê? Porque se as Oito Consciências não forem atravessadas, tudo o que se vê e se faz são meramente obras da consciência e sentidos *samsaricos*.²¹⁰

É quando tivermos dado este salto ou pulo através do Abismo – e apenas então – que ‘sabemos que não somos . . . Naquele momento percebemos que somos vazios, que o vazio é subjetividade, e que a subjetividade é nós – não nós como si-mesmos individuais mas nós como todos os seres sencientes (?), não como qualquer tipo de ser senciente mas como *ser* senciente como tal. Aquele é o caminho negativo . . . eis o porque nós devemos saber que não somos, de modo que possamos compreender em qual modo nós podemos ser’.²¹¹

A vivificação destes 8 centros pela ação da Serpente de Fogo ou Kundalini é o objetivo de todos os sistemas esotéricos de realização mágica e mística. Não até que a Serpente de Fogo tenha sido trazida até a altura, a oitava zona de poder, pode o salto ser empreendido com sucesso. A natureza peculiar deste salto tem sido indicada nos escritos dos antigos, ainda assim a pista tem sido quase totalmente ignorada pela maioria dos modernos expoentes dos Mistérios. São exceções H.P.Blavatsky, que mais ocultou a verdade do que a revelou; Aleister Crowley, que em *O Livro das Mentiras (Liber 333*²¹²) tratou o assunto reservadamente, e Michael Bertiaux cujas generosas pitadas de alusões ao assunto são, até hoje, disponíveis apenas aos poucos que são admitidos na organização oculta conhecida como O Culto da Serpente Negra.²¹³ Estes Adeptos aludem à natureza expressamente sexual da chave para este Mistério definitivo, mas quer eles o tenham apresentado como misticismo ou como magia ou – como no caso de Blavatsky – como a obra do próprio demônio, eles deixam o leitor com pouca dúvida em relação à sua potência como um meio de realização. E de modo a compreender como esta chave opera é necessário compreender o mito da expulsão do homem do Jardim do Éden e o significado mágico da assim chamada ‘Queda’.

²⁰⁶ Centros ou Zonas de Poder.

²⁰⁷ Onze ao invés de Dez Sephiroth.

²⁰⁸ O número das Qliphoth é 11.

²⁰⁹ i.e. o mundo fenomenal.

²¹⁰ Citado em *Pergunte aos Despertos*, p. 182 (Wei Wu Wei).

²¹¹ Wei Wu Wei comentando sobre as palavras de Han Shan. *Ibid*, p.182-83.

²¹² Como era de se esperar, já que 333 é o número de Choronzon.

²¹³ *La Couleuvre Noire*. A Ordem Interna do Monastério dos Sete Raios sob a liderança de Michael Bertiaux. Vide *Cultos da Sombra*, capítulos 9 e 10.



7

Ídolos de Merodach

SEGUNDO uma antiga tradição rabínica sobre a queda do homem para dentro da matéria, apenas ele foi lançado fora do Jardim do Éden enquanto que a mulher permaneceu atrás. O único meio de retorno ao 'paraíso' para o homem portanto se encontra através da mulher. Esta alegoria é a origem do simbolismo da Mulher como a *primeira*, a *interna*, a *inferior*, as *costas*, o lado noturno, enquanto que o Homem veio a representar o *segundo*, o *externo*, o *mais elevado*, a *frente*, o *período diurno*, o *direito*. Esta equação se encontra na raiz da posterior supremacia do homem na esfera sociológica.

Os dois elementos primais como Adão e Eva²¹⁴ fornecem a chave também para o complexo mágico que foi criado sobre a polaridade dos sexos. Adão, 45, e Eva, 16, quando combinados produzem *Ain*, 61, que é a fonte de manifestação como o Olho do Vazio. O número de Eva é aquele dos *kalas*. Cabalisticamente interpretada, portanto, a alegoria significa o retorno do homem ao Paraíso *via* os 16 *kalas*.

Ain no reverso (i.e. *Nia*) é a Filha, Koph ou Qoph cujo glifo, o Símio Kaf, é o veículo de Thoth, a lua. *Ain*, 61, como *Nia*, resulta 16, o numero de *kalas* atribuído ao *Mahakala* (i.e. a lua). O caminho lunar é de oeste para leste, o contrário do caminho solar. *Qoph* é atribuído à Lua no macrocosmo e à nuca no microcosmo. Como previamente explicado, *Resh*, a letra do Sol é a Cabeça, cuja parte posterior é simbolizada pela Lua. Este simbolismo é refletido no homem (Adão) e na mulher (Eva), o primeiro representando o dia, o sol; a última, a lua; Adão, a cabeça, Eva a nuca onde o assento das forças sexuais está primariamente situado.

O simbolismo da queda contém a separação original ou ruptura em duas metades da Unidade primordial (*Ain*) que, ao se tornar dois, ou ao se reproduzir, se torna a *Nia* ou 'filha' contendo os 16 *kalas*. J.F.C.Fuller observa que . . . alegoricamente a criação de Eva precede a de Adão, pois alegoricamente as forças positivas da vida (o masculino) emanam das forças negativas (o feminino). Separando o Yod do Tetragrammaton²¹⁵ – (Y)HVH – e portanto ao criar Eva, uma estupenda força ativa e conseqüentemente demoníaca é liberada; pois Eva é a 'mãe de todas as coisas vivas' (incluindo a 'Mãe de Deus') a força feminina, ou negativa, de Jah (YH) – cujo Hé está sempre buscando reunir com o Yod'.²¹⁶

IHVH, 26, é a soma dos números das sephiroth do tronco principal da Árvore²¹⁷ excluindo Daäth.²¹⁸ Segundo Crowley a fórmula mágica do Aeon atual é uma palavra de onze letras: Abrahadabra. DBR, que é a raiz da fórmula é 206 que é o *Oráculo* ou Palavra de Poder que emana do *Ru*, o Portal feminino do Mundo²¹⁹ de Luz. DBR é o equivalente exato do egípcio *Khepsh*, a coxa posterior(?) típica do Grande Poder Mágico.²²⁰ Abrahadabra é

²¹⁴ AIM=45; HVH=16.

²¹⁵ i.e. separando I de IHVH.

²¹⁶ *A Sabedoria Secreta da Qabalah*, p.130 (J.F.C.Fuller).

²¹⁷ 1 + 6 + 9 + 10 = 26.

²¹⁸ Cujo número é 11.

²¹⁹ Nota do Tradutor: No texto impresso aparece Word / Palavra e não World / Mundo. Ao que tudo indica, parece que o portal dá acesso à um mundo e não uma palavra_?

²²⁰ Para considerações de outros elementos da palavra Abrahadabra vide os *Comentários* de Crowley sobre *AI*, *Liber 418*, e *Magick*.



consequentemente a expressão dinâmica ou mágica de IHVH (tipificado pelo tronco central da Árvore), a Palavra undécupla que vibra em Daäth por trás do Véu ou Nuvem do Abismo.²²¹ É o encantamento mágico que re-combina o Yod (o falo perdido de Osiris) e a Eva do Eden, representada pela filha ou Hé final de IHVH. Ela é a ‘filha de abóbada azulada do Pôr do Sol’ celebrada em *AL* (I,64 e em outras partes). Ela é de abóbada azulada porque o azul é a cor das águas do espaço representado pelo Abismo; e do pôr do sol porque o fogo solar afunda dentro do abismo e é extinto no Lugar de Aniquilação sobre a pira que, no simbolismo Tântrico, é o campo de cremação ou a yoni²²² de Kali (Eva) recoberta de flores. Eva é a manifestação e portanto o reflexo do *Ain* (um, ou *yoni*) como a *Nia* ou filha do pôr do sol.

O número de Eden, ODNH, 129, é também o de OITM, significando um ‘lugar de criaturas vorazes’, idêntico ao *atem* egípcio, ‘cercar’, ‘trancar’, ‘aniquilar’, todos igualmente aplicáveis às cavernas de Choronzon. ODN ou ODNH (Eden) significa ‘prazer’.²²³ O local de prazer e de aniquilação era o lugar fechado ou santuário oculto tipificado pelo útero ou jardim. E como a semente solar aprisionada no útero encarna na carne, também o Lugar de Aniquilação, ou Santuário de Choronzon era similarmente um lugar de transformação para a vida futura.

O símio era o tipo de transformação e ressurreição do espírito, e o nome do símio era *Ion* que significa um ‘animal ululante do deserto’; ele é também o *logos*, palavra, ou pronunciador primevo, cujo *ion* ou *aeon* é representado por Taht ou Daäth, o local do espírito cruzador ou transformador, i.e. o lugar onde o espírito atravessava o abismo para se alojar no santuário oculto, para lá ser devorado pelos demônios de Choronzon.

O Lugar de Prazer (Eden) e as Cavernas de Choronzon (os túneis do abismo) são as polaridades duais de Daäth, sendo Eden o *Tep* ou Topo do Jardim,²²⁴ e as cavernas de Set sendo o Tephth ou Profundidade: Céu e Inferno.²²⁵ Portanto o Paraíso é descrito em algumas das lendas mais antigas como o ‘Hades do Abismo’.

A primeira Athena ou Aaden (Eden) foi sepultada sob as águas do abismo, e foi lá que o primeiro *Eleusinis* (Templo) foi erguido em nome do sempre vindouro Sol-Filho, o filho do fluxo-mãe de sangue, Hoor-paar-Kraat. Ele era o sol que cresceu e se transformou no sol do horizonte da ressurreição. Isto é, ele surgiu do inferno (Amenta) e subiu ao céu. Ele começou como um mortal no útero da mãe (o abismo) e foi transformado em um imortal pelo fogo do pai (i.e. o sol).

A presente corrida através de Kether-Daäth-Tiphareth resume esta doutrina do Filho da Escuridão se manifestando como o Filho da Luz. A Escuridão (*Nox*) de *Ain*, Hoor-paar-Kraat, se tornando a Luz (*Lux*) de Tiphareth, Ra-Hoor-Khuit. Os Ritos de Eleusis contém o Mistério que é representado como um cortejo das sete zonas de poder planetário (incluindo o sol e a lua) que circulam ao redor da oitava ou altura oculta por trás do Véu do Abismo.

No *Alcorão* o Éden é chamado de o Jardim de Irem e, segundo os árabes, a Cidade de Irem ainda permanece nos Desertos de Aden, embora não visível para os mortais.²²⁶ As

²²¹ DBR também significa ‘uma nuvem’.

²²² Vide o *Karpuradistotra*, tradução de Arthur Avalon. A yoni é comparada à um campo de cremação porque ela consome tudo – até mesmo o desejo. ‘Recoberta de flores’ significa os *kalas* ou fluxos da yoni.

²²³ Genesis xviii. 12.

²²⁴ i.e. o Sul; no simbolismo posterior, o Leste.

²²⁵ O inferno era o céu inferior, Oeste; o antigo Norte.

²²⁶ Compare *AL*.III.34: ‘uma casa invisível lá permanece’.



peçoas de Irem são conhecidas como *Ad*.²²⁷ Esta palavra é a raiz de *Had* (Hadit), e Irem, Eden, ou Aden no Deserto do Abismo, é a morada de Set, o gêmeo de Hórus, e o aspecto negativo de LUX (Luz).²²⁸ É a partir da zona de poder negativa, não manifesta ou potencial por trás do Véu do Abismo que o universo positivo, fenomenal, surge.

É interessante notar que H.P.Lovecraft escreve em sua afamada ficcionalização dos ciclos míticos cósmicos – *O Necronomicon* – como segue com relação aos Grandes Antigos:

Os Portais estão para Eles em todo lugar, mas o primeiro . . . em Irem, a Cidade dos Pilares, a cidade sob o deserto . . .²²⁹

O pilar é um emblema de Set, sendo que um dos significados do nome daquele deus é uma ‘pedra ou pilar ereto’, e o deserto é a morada de Set (i.e. Daäth). Irem, então, era o Primeiro Portal estabelecido pelos Antigos e este Portal estava no local de Daäth, ou Eden.

Havia uma Arem ou Irem na Mesopotâmia. No *Huzvareh* ela é chamada *Rum*, e é altamente significativo que o primeiro capítulo de *AL* – que se declara como sendo a expressão do *Ad* de Hadit – foi transmitido por uma Inteligência chamada Oivaz ou Aiwaz. Este nome é idêntico com Zivo, a deidade cultuada na antiga Suméria. No terceiro capítulo de *AL*, Aiwaz, no aspecto de Horus, informa a Besta 666:²³⁰

. . . vosso lugar sagrado será intocado através dos séculos: apesar de com fogo e espada ser ele queimado abaixo & despedaçado, ainda assim uma casa invisível lá permanece, e permanecerá até a queda do Grande Equinócio: quando Hrumachis erguer-se-á e aquele da dupla baqueta assumirá meu trono e lugar. Outro profeta se erguerá, e trará febre fresca dos céus, outra mulher acordará o ardor & adoração da Serpente; outra alma de Deus e besta misturar-se-á no sacerdote englobado; outro sacrifício manchará a tumba; outro rei reinará; e bênçãos não mais serão derramadas Ao Senhor místico da Cabeça-de-Falcão !

E como se para qualificar o aspecto dual da Besta (333 + 333), o próximo verso proclama:

A metade da palavra de Heru-ra-há, chamada Hoor-pa-kraat e Ra-Hoor-Khut.²³¹

Os aspectos gêmeos da Besta resumem as duas metades do Círculo do Eden. Nos hieróglifos egípcios o Círculo está unido com Khepsh, deusa do Norte.²³² Seu emblema é a espada curva,²³³ foice ou cimitarra que gira nos céus produzindo o círculo do tempo ao cortar períodos. A espada manteve o ‘caminho da árvore da vida’²³⁴ assim estabelecendo o Tempo no Chaos. O paraíso foi criado ao se extirpar o caos da atemporalidade e ao se estabelecer a ordem do cosmos: ‘e o Pilar está ‘estabelecido no vazio’.²³⁵ Este é o pilar Tet do deus Taht

²²⁷ *Alcorão*, cap.89.

²²⁸ *Nox* (*Notz*) = 210. Nox, 210, Noite, ou Escuridão, é portanto o inverso de Lux. Este número é de suprema importância no simbolismo do Novo Aeon; por exemplo ele é o número dos Gigantes ou Caídos, de Adam Primus, de DVR, um círculo ou ciclo, de ChRB, uma espada, e de Nebt-en-Pet, a Rainha do Céu.

²²⁹ Citado em *O Que Espreita no Limiar*, p.112 (Lovecraft & Derleth).

²³⁰ A Besta compreende Shugal, 333, e Choronzon, 333.

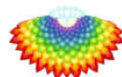
²³¹ *AL*.III, 34, 35. O soletrar das formas de Horus não são erros de impressão mas cifras cabalísticas intencionais. Vide os *Comentários* de Crowley sobre o *AL*.

²³² Nuit-Tífon, o lado noturno (escuro) do Eden.

²³³ A espada era um nome para a constelação da coxa ou anca das Sete Estrelas da Ursa Maior, o símbolo estelar da Deusa.

²³⁴ Genesis, 3, 24.

²³⁵ *Liber LXV*, V.



(Thoth), conhecido pelos judeus como Doth (Daäth), o 'filho' ou foco da Sabedoria²³⁶ e da Compreensão²³⁷ tipificado por Saturno, o representante planetário de Tífon e Set.²³⁸ Sua união em Daäth gera a dualidade simbolizada por Thoth e seu símio que é por sua vez emblemático da luação dual e das correntes gêmeas de energia – mágica e mística – concentradas em Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-Kraat.²³⁹ Em termos cabalísticos as correntes gêmeas são 93 e 39. 93 é três vezes 31, e 39 é três vezes 13, e eles se fundem no número supremo da Deusa 393: Aquela que é a 'glória secreta' por trás da Máscara da Bêsta, o Véu do Abismo. 39 é o número de IHVH AChD, significando 'O Eterno é Um' que é descrito no *Sepher Sephiroth*²⁴⁰ como a 'afirmação da alma aspirante'. Este é o aspecto místico do processo que conduz o aspirante ao limiar do Abismo. 39 é portanto a chave mística para Daäth, a janela no espaço através da qual o ego se esvanece para sempre, percebendo, como de fato faz, que sua *ausência* é uma (*achad*) com o Eterno (IHVH). 93, por outro lado, é a fórmula através da qual o processo é aumentado, i.e. através do amor (*agapé*, 93) e da vontade (*thelema*, 93). E 393, que mistura as forças gêmeas de Set e Hórus – o lado luminoso e o lado obscuro da Árvore – é o número de Sefekh, a consorte de Thoth; ela é a prostituta, Babalon, a Mulher Escarlate do Culto da Besta. Em egípcio seu nome significa o número sete. Ela era a deusa primordial das Sete Estrelas, que foi uma vez a 'Palavra Viva' em Ombos. Ela foi degradada por devotos de cultos posteriores que perderam contato com a verdadeira gnosis. Seu instrumento mágico – o *útero* – era o tipo original de Tífon. Seu nome, sete, é também aquele de seu filho Sevekh, que, como o *oitavo* é a Altura da mais antiga criação. O grande Sêlo da *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.) resume este simbolismo inteiro como segue:

A Vesica (útero) é a Porta Venusiana (*Daleth*, uma porta, = 4). O Olho (*Ayin* = 70), no Triângulo do Espírito (*Shin*, espírito = 300) é a Pomba Tifoniana, o Espírito Santo cuja letra é Aleph (1). O Cálice, Carruagem ou Graal (*Cheth* = 8), e o Yod dentro do mesmo (10), totalizam 393.

393 é o número de uma fórmula Ofidiana altamente secreta ocultada no nome de uma antiga entidade extraterrestre conhecida como Aossic.²⁴¹ Existe no glifo de Aossic uma porta oculta, cujo número (4), adicionado a 389, o número de Aossic, resulta em 393. Esta é a porta de Vênus no coração do sigilo. A deusa está oculta porque ela está acima do abismo e preside sobre o caminho que une Chokmah e Binah, o caminho atribuído a Daleth, a porta da deusa.

Os íntegros de 393 (3 + 9 + 3) = 15; 1 + 5 = 6, o número do sol ou energia solar-fálica. Por multiplicação (3 x 9 x 3), seus íntegros resultam em 81; 8 + 1 = 9, o número da lua e de Yesod, a Fundação. Analisando mais profundamente nós descobrimos que 15 + 81 = 96; e 9 (lua) + 6 (sol) = 15. Note o número 15 que aparece persistentemente. No Tarot, o Atu XV é atribuído à *O Diabo*, Baphomet, o Deus Set, e é interessante notar que 393 é três vezes 131, que é o número de Pan e de Samael,²⁴² e também de Mako,²⁴³ o filho de Tífon. 131 somado ao número da *Kteis* (a vulva)²⁴⁴ é 666 ! Finalmente, 131 é o número de Olla (Al-la), o *Não*, o *Vazio*, o *Ain*.

²³⁶ Chokmah, tipificando a Besta.

²³⁷ Binah, tipificando a Mulher Escarlate, Babalon.

²³⁸ Aqui existe sabedoria. Que aquele que possui entendimento conte o número da besta . . . etc. *Revelação*, 13, 18.

²³⁹ i.e., Horus e Set.

²⁴⁰ Vide o *Equinócio*, vol. I. No. viii.

²⁴¹ AOShIch = 389. Uma das formas de soletrar Aossic. Vide Sigilos nas páginas 167 & 168.

²⁴² O Guardião no Limiar do Abismo.

²⁴³ Um nome de Set.

²⁴⁴ O instrumento de Poder Mágico; o Ur-Hekau.



Como um astro-glifo numérico o número 393 é Saturno-Lua-Saturno; a corrente lunar (9), guardada em ambos os lados pelo deus Set (3), a fórmula de reificação no mundo tridimensional.

O número 393 se reduz à unidade por uma divisão sucessiva de seus íntegros: nove dividido por três resulta três; três por três resulta um, que é *achad*, 13, unidade. Adicionando-se a fórmula completa do Pentagrama²⁴⁵ ao número 393, é obtido o Número Chave da Grande Obra, a saber: 418.

A Mulher Escarlata – 393 – é menos 666, ‘a Besta sobre a qual ela cavalga’, por 273, que é o número de AVR GNVZ, ‘a Luz Oculta’, e ABN MASU HBVNIM, ‘a Pedra que os construtores rejeitaram’. 273 é também o número de ARBO, significando ‘quatro’, o signo da cruz ou cruzamento, e das quatro direções do espaço.

393 subtraído do número sagrado 718²⁴⁶ resulta 325, que é o número místico de Bartzabel, o Espírito de Marte, e de Graphiel, a Inteligência de Marte. Este número é a soma total da série 1-25, assim resumindo a fórmula do Pentagrama que também é aquela da Deusa cujo número básico é 5.

393 multiplicado por 3²⁴⁷ equaliza 45; e $4 + 5 = 9$. Note a persistência do 9, o número da Lua e da *sephira* Yesod, a morada da Serpente de Fogo e da função sexual no homem. Homem (ADM) é 45; ele é composto de A, ‘respiração’ ou ‘espírito’, e DM, ‘sangue’. 45 é o Número Místico de Yesod, a zona de poder dos Yezidis que, em suas tradições mais secretas transmitiram a corrente mágica de Aiwass que fluiu da Estrela da Fundação.²⁴⁸ 45 é também o número de MAD, uma palavra Enoquiana significando ‘deus’. E, finalmente, 45 é a série 1-9 e, como tal, ela resume a corrente lunar inteira. Ele é o número de AGIAL, a Inteligência de Saturno, que é o representante planetário de Set; e de MAD, ‘o Louco’.²⁴⁹

A palavra hebraica *Adam* deriva do *Atem* egípcio, a Deusa Mãe do Tempo e Periodicidade, onde Adam significa ‘homem’ (i.e. humanidade), como a continuidade da existência encarnada.

As considerações acima concentram as principais idéias conectadas com o número 393, o Grande Selo da O.T.O., e o Sigilo de Aossic que contém as fórmulas definitivas da Magia(k) Ofidiana. Elas estabelecem a identidade não apenas destas três fórmulas principais porém, mais importante, da interpretação dos Números Chave de AL e da Tradição Draconiana de forma geral: a saber, 13, 31, 39, 93, 393, 666.²⁵⁰

Além do mais, $393 + 666 = 1059$, que é um menos do que MSKN (*Meshken*), ‘o Tabernáculo’, e dois menos que 1061, ‘Pôr do sol’.²⁵¹ O Meshken é o útero ou lugar de nascimento representado pela coxa de Tífon cujo símbolo é a cimitarra, a foice, a espada curva. A espada, como previamente mostrado, é idêntica com a machadinha, a partida (yoni),

²⁴⁵ 5 ao quadrado ou $5 \times 5 = 25$.

²⁴⁶ Este número, que está ‘carregado’ em Thelema com muitas conotações, é aquele de *A Abominação da Desolação* e da *Tábua da Revelação*, o pantáculo do Aeon de Hórus. Vide AL e *As Confissões de Aleister Crowley*. O número 718 é a fórmula *dupla* de 359, ShTN (Satan) e, como tal, a base da Grande Obra. Vide a *Trilogia Tifoniana*.

²⁴⁷ O número de figuras das quais ele é composto.

²⁴⁸ Vide Robert Temple, *O Mistério de Sírius*, página 48.

²⁴⁹ Atu 0, o primeiro Trunfo do Taro, que é atribuído ao *Ain*, o Vazio. A Fórmula do Louco, Astuto ou Palhaço, foi exemplificada em tempos recentes por adeptos tais como Blavatsky, Crowley e Gurdjieff.

²⁵⁰ Atu 0, o primeiro Trunfo do Taro, que é atribuído ao *Ain*, o Vazio. A Fórmula do Louco, Astuto ou Palhaço, foi exemplificada em tempos recentes por adeptos tais como Blavatsky, Crowley e Gurdjieff.

²⁵¹ Compare AL I:64.



simbolizada pela pomba. Toda a doutrina Draconiana está contida no símbolo da espada terminando em uma cauda de ave.

A solução de continuidade foi efetuada pelo corte em dois tipificado pela cruel Gêh cujo número, 13, denota a menstruação como a demarcação ou divisão de tempo (continuidade) em períodos. A unidade original foi desta forma quebrada, como quando a luz no céu foi obscurecida por um eclipse ou período negro. O elemento maléfico associado com o número 13 nos cultos posteriores, solares, teve sua origem no fenômeno fisiológico da menstruação.

Segundo uma lenda rabínica a primeira esposa de Adão, Lilith, assumiu a forma de uma serpente com o propósito de seduzir Adão. A lenda é explicável apenas sob a luz da sabedoria oculta primitiva que conecta o sangue com a manifestação ou encarnação do espírito. Nos escritos apócrifos, *Esdras*, aparece a declaração: 'e mulheres [que menstruam] produzirão monstros', o que Massey relaciona com tempo de gestação inadequado (?), tanto num sentido biológico como, mais tarde, em um sentido celestial ou astronômico.²⁵² Porém Massey não estava ciente de certos aspectos dos fenômenos ocultos porque, na ocasião de suas pesquisas,²⁵³ fragmentos da verdadeira gnose sobreviveram apenas nos textos Tântricos do Extremo Oriente, muito pouco dos quais tem sido então traduzidos para qualquer língua européia. É apenas sob a luz destes textos que o simbolismo oculto conectado com Gêh, e a Corrente Ofidiana em geral, pode ser adequadamente interpretado.

A corrente lunar, tipificada pelo número 13, e Gêh ou Gô²⁵⁴ está conectada com as vibrações vaginais ou ofidianas que manifestam os *kalas* dos quais a Deusa Kali é a personificação suprema. Kali, pela Gematria, é 61, o *Ain* ou Olho do Vazio; a fórmula feminina criativa. No reverso (i.e. como *Nia*) este olho é da noite e da escuridão do eclipse tipificado por Gêh. O número 61 no reverso denota os 16 *kalas* dos quais o Olho completo (i.e. os dois olhos) é o símbolo. Os dois olhos são AINNIA e NIAAIN e seu número é 122, o número de *Gilgalim*, 'revoluções' ou 'ciclos' (de tempo); de HSIUM, 'o fim', e de IQBI, 'espremedores de vinho', todos os quais expressam a idéia de Kali e de período em um conceito. 122 é um mais que SATAN.²⁵⁵ A corrente Satânica é a fonte de muitos conceitos antigos que tem sido mal interpretados por mentes modernas como demoníacos num sentido moral. Mas o sentido original era de modo diferente, se não o verdadeiro oposto. Contudo, o Novo Aeon tem trazido consigo aquilo que os antigos intuíram mas que eram incapazes de postular cientificamente porque a qualidade da antimatéria, anti-ser, de tudo o que está implicado pelo simbolismo do Abismo, não era suscetível de medição. Daí o crescimento substancial de mitos e lendas tratando dos aspectos 'malignos' das forças de vida e morte. Ainda assim, como os antigos se tornaram gradualmente conscientes de que o mesmo sol e não um sol diferente nascia e se punha a cada dia, também no Novo Aeon o homem está se tornando mais e mais consciente da possibilidade não apenas de explorar o outro lado da Árvore, mas do fato de que ele é meramente o outro lado de uma única entidade que é idêntica com nós mesmos²⁵⁶; aquele lado mágico, o outro místico, num sentido muito diferente do que qualquer previamente recebido.

Existe uma chave para estes mistérios na palavra *Gilgalim*. Uma palavra muito similar à esta, a saber, *Gillulim*, significa os ídolos da deusa Merodach.²⁵⁷ Tanto os ídolos quanto Merodach são 'excrementuais' ou 'menstruadores', e a Septuaginta refere-se à deusa como 'a

²⁵² Observou-se que certas Constelações falhavam em manter um tempo estrito. Sírius, por exemplo, foi vista perdendo um ano inteiro em seu ciclo de 1460 anos. Vide *A Gênese Natural*. II. 103.

²⁵³ O século 19 passado.

²⁵⁴ Esta palavra sânscrita, significando 'vaca' é um eufemismo para a mulher humana.

²⁵⁵ Pela Qabalah Italiana (ou 'simples'); *Qabalah Simplex*.

²⁵⁶ Nota do Tradutor: Com nossos 'selves' / si-mesmos.

²⁵⁷ Jeremias 1, 2.



delicada Merodach'. Isaías²⁵⁸ descreve as deidades parturientes como estando em trabalho [de parto] mas incapazes de dar à luz, ao passo que Jeovah é o deus verdadeiro cujos filhos são 'nascidos do ventre, trazidos à luz a partir do útero'. A distinção é fisiológica, sendo que a importância oculta é que ao passo que Jeovah representa os poderes criativos do lado mais próximo da Árvore, Merodach e os *gillulim* são as forças obscuras, os poderes da aniquilação, anti-ser, no lado noturno da Árvore. Existem numerosas indicações similares nos antigos escritos dos egípcios e dos judeus, mas eles só podem ser corretamente interpretados em relação ao conhecimento que as modernas descobertas científicas tem revelado. A pesquisa sobre OVNI's e seres extraterrestres, que pode ter sido renegada até hoje por carência de conhecimento científico, está também abrindo novas abordagens e, portanto, novas dimensões para as antigas escrituras e textos mágicos. Os monstros descritos no relato Berossiano da criação, e em inumeráveis mitos posteriores tem sido mal interpretados quando referidos a a) uma tentativa de aborto por parte de Deus ao criar a humanidade (de acordo com os judeus), e b) como um método mítico para expressar fenômenos astronômicos (segundo os evolucionistas do século 19). A interpretação iniciática, embora implícita em escritos secretos tais como os comentários sobre *O Livro de Dzyan*, ainda não foi explicada; novamente, devido à carência de conhecimento científico.

Todos os tais teratomas são sombras distorcidas de uma realidade lançada através do véu a partir do lado noturno do Éden.

²⁵⁸ Xlvi. 1, 2.



O Símio Divino

A DEUSA Kali personifica a idéia de Tempo e de Chaos²⁵⁹ em uma imagem. Ela foi o primeiro divisor em dois no sentido físico de tempo e a ruptura de tempo pelo eclipse do chaos²⁶⁰ periódico. Kali, cujo número é 61, *Ain*, é O Negro e Branco em uma única imagem; um símbolo da luação dual tanto quanto da mulher em menstruação e gestante; a virgem e a mãe. O primeiro círculo mágico foi então, estritamente falando, um círculo místico que tinha em si uma ruptura que deixava entrar os espíritos do chaos das Águas do Abismo, tipificadas em mito pelo Dilúvio de Deucalion e o Dilúvio de Noé.

Porém Kali veio mais particularmente representar o chaos, noite, ou negritude como o tipo de morte e negação em um sentido místico: o círculo místico com a brecha que admitia os teratomas Tifonianos descritos por Berosus, mais do que o círculo do Sol que era o tipo do Círculo Mágico nas eras posteriores, era o símbolo primordial da Deusa. Está implícito no círculo zodiacal do ano com sua ronda de nove signos secos e três signos de água. Os últimos tipificam a incursão de chaos. Os 9 meses secos tipificam a mãe gestante simbolizada pelo colar de nove contas que Isis portava. A cruz com três braços iguais e um quarto que era maior, apontando abaixo para as profundezas,²⁶¹ era outro glifo do círculo completo, ou cruzamento dos três quadrantes com o quarto permitindo a entrada do dilúvio. O simbolismo está implícito também no conceito da maldição primal atribuída à bruxa, a negra cujo olho era vermelho, ou 'mal', porque [está] irradiando emanações do abismo de sangue. A maldição implicava a incursão das *qliphoth* que a bruxa direcionava com um olhar de seu olho sinistro (*ain*). A 'Força de Coph Nia' é portanto a Força do Olho Mau da Filha ou Bruxa, porque a filha era a virgem típica em contraste com a mãe gestante. A bruxa, gêh ou gek era a *gauche* (esquerdo do Francês), a inconveniente ou a da *mão-esquerda*, a mão esquerda que 'está vazia [o vazio] pois eu esmaguei um Universo; & nada resta'.²⁶² O significado é que a maldição da filha-bruxa tipificava a incursão de forças do outro lado.

Seria desnecessário observar que o fenômeno da menstruação não teria por si só causado o enorme pavor e aversão com os quais as antigas escrituras, mitos e lendas estão repletos. O eclipse, seja celestial ou fisiológico, era um tipo, um símbolo de forças negras infinitamente mais terrificantes do que mera promiscuidade sexual e suas doenças concomitantes. Nem eram estas forças veladas em símbolos obscuros por razões outras além das que os antigos eram incapazes de defini-las precisamente. Eles meramente suspeitavam que a mulher e seu mecanismo peculiar constituído, de algum modo desconhecido à eles, uma porta, uma passagem para o vazio, através do qual forças terríveis poderiam ser invocadas por aqueles que casualmente obtivessem(?) as chaves. É provável que estas chaves eram conhecidas por poucos e também é provável que os Sumerianos, os Egípcios, os Americanos, os Mongóis, estavam cada um familiarizados com um fragmento de uma gnosis vastamente antiga – a ciência dos *kalas*, que sobreviveu até os tempos modernos em certas Escolas de Mistérios Asiáticas. Muitos textos Tamil, por exemplo, embora ainda existentes, não foram traduzidos para línguas ocidentais, embora certos manuscritos secretos tenham circulado entre Adeptos no hemisfério ocidental durante incalculáveis períodos de tempo. Em tempos comparativamente recentes o tráfico com forças do abismo foi estabelecido por Dr. Dee e Sir Edward Kelly, cujas 'Chamadas Enoquianas' tem sido usadas para evocar até mesmo Choronzon, o Guardião no Limiar. H.P. Blavatsky também estava ciente da existência de

²⁵⁹ Além do tempo, ilimitado, etc.

²⁶⁰ i.e. fluxo menstrual

²⁶¹ A assim chamada Cruz do Calvário. O braço mais longo, do sul, era atribuído a Set. Na perversão do simbolismo cristão conhecido como a 'missa negra' a cruz é invertida de forma que o braço do sul, ou aquele atribuído a Set ou Satan seja então o predominante, i.e. exaltado acima da trindade; representada pelos três restantes.

²⁶² AL.III. 72.



chaves secretas para esta região obscurecida. Ela faz questão de explicar que Set ou Sat é Be-ness (existencialidade_?), que inclui o Ser e o Não-Ser; isso não significa Existência, tal como geralmente suposto. Em *A Doutrina Secreta*²⁶³ ela faz uma observação ainda mais importante que: 'A idéia de que as coisas podem cessar de existir e ainda assim SEREM, é uma [idéia] fundamental na psicologia oriental.'

O símbolo zoomórfico do universo espelhado,²⁶⁴ como do universo astral, é o símio. Este animal é identificado por Massey como o *Kehkehi*, uma palavra egípcia significando não apenas 'macaco', mas um 'homem louco', 'um louco'. *Kehkeh* é uma outra forma de *Gehgeh* ou Gêh, a 'mulher insana', a bruxa, o arquétipo da Hek-Hek ou Hecate, a Hexe ou tipo-Feiticeira de transformação como a Hekt que [se_?] transforma do girino na rã.²⁶⁵

No Papiro de Harris existe uma alusão à uma transformação na qual o deus-leão assume a forma de um macaco: 'Tu tomaste a forma de um macaco (Kafi) e depois a de um homem louco (kehkeh)'.²⁶⁶ O homem louco ou macaco louco é também O Louco do Taro chamado de 'macaco de sete cúbitos' que mora no 'santuário de sete cúbitos' da qual ele prossegue para um 'santuário de oito cúbitos'. Ele é o símbolo da culminação dos sete fundamentos inferiores até o oitavo, assim explicando a loucura experimentada pelo Adepto como as sete 'almas' ou estágios de sua iniciação que culmina na Ordália do Abismo.

Segundo a tradição rabínica, Adão foi criado com uma cauda na similaridade com um orangotango. Gerald Massey, que cita a tradição, a explica ao observar que como os judeus não eram evolucionistas a tradição testemunha a sobrevivência da tipologia egípcia. Mas o fato é que, a própria tipologia egípcia era baseada sobre um conhecimento oculto sobre a incursão de forças originárias do 'outro lado'. Aquelas forças geravam macacos deste lado, desse modo explicando lendas tais como a da queda de Yima que, como a de Adão, se referia a uma queda *através* do Abismo (Daäth), não *para dentro* dele.

O louco, macaco, ou homem louco, o gekh ou gehkeh, é o Gêh da tradição persa, a Mulher Escarlate da tradição bíblica, e aquela que é descrita no *Bundahish* como o 'agente ativo do inferno'. Ela diz 'Eu então derramarei tanto Vêsh²⁶⁷ ou veneno sobre o homem correto e o boi laborioso²⁶⁸ que por meio dos meus feitos a vida não será desejada.' O Espírito do Mal, deliciado com a fala da bruxa a abraça e beija, de modo que 'a poluição que eles chamam de menstruação se tornou aparente em Gêh'.²⁶⁹ O fluxo menstrual, simbolizando a ruptura da continuidade, foi usado por Parsees para tipificar o mecanismo pelo qual O Mal exterminou o fogo que Zarathustra trouxera do céu; a água que umedeceu o fogo do espírito, a água do abismo, o poder negativo que fluiu para dentro por meio do Símio ou Louco.

De modo a evitar um possível e sério mal entendido é necessário enfatizar aqui o fato de que o macaco *como tal*, ou qualquer criatura remanescente até agora sobre a terra não foi o resultado de contato com influências extra-terrestres. O macaco ou símio era o símbolo de um tipo de criação gerada por forças além do véu do vazio. Esta criação era trazida à manifestação

²⁶³ Vide *Liber 418, A Visão e a Voz*, Décimo Éter.

²⁶⁴ Vol.I, p.54.

²⁶⁵ Universo 'B', o 'meon' ou anti-universo.

²⁶⁶ A palavra *hekt* significa 'rã'. Vide Parte II para uma explicação completa deste totem com relação ao outro lado da Árvore da Vida. Compare A Fórmula do Símio Divino descrita n'A *Enciclopédia do Inexplicado*, artigo entitulado *Espíritos e Forças*, de Kenneth Grant.

²⁶⁷ Compare *Besh* (egípcio), que significa 'menstruando'.

²⁶⁸ O boi é *aleph*. O Louco do Taro é atribuído ao caminho ao qual esta letra é atribuída.

²⁶⁹ *Bundahish*, cap.iii. 3-7.



não apenas a partir de fontes extra-terrestres, mas também de fontes extra-dimensionais, *via* túnel sob o Caminho do Louco²⁷⁰ no lado inverso da Árvore da Vida.

Que a Besta real era mais horrível do que o símio ou qualquer espécie animal presentemente conhecida [isso] pode ser apreciado após ler uma descrição do figurino primevo (?) de origem antártica descrito em certas ficções Lovecraftianas.²⁷¹ Tal objeto, não confeccionado por mãos humanas, ainda não foi encontrado sobre a terra, mas certos sensitivos conhecidos pelo presente autor tem visto aquilo que é inegavelmente o arquétipo desta besta monstruosa e primal. Ela é descrita em *O Espreitor no Limiar* como um ‘cefalópode octópode’. Dotado de asas de morcego e garras em sua extremidade inferior, ela possui um olho central brilhante – avermelhado e maligno – situado no topo da cabeça, enquanto que a parte inferior da face (onde se poderia esperar haver uma boca) é uma massa de tentáculos que se contorcem, em número de oito. Ela é, de fato, a besta arquetípica de 8 cabeças que fluía em escuridão dos túneis de Set, impelida ao Local da Morte. Ela emergia *via* Daäth e derramava dentro dos cálices do hebdomad(?) inferior. Esta era a água fluindo simbolizada pela serpente, o *vesh* ou veneno do qual fala Hadit (AL.II,26):

Se eu ergo minha cabeça, eu e minha Nuit [Ain] somos um. Se eu abaixo minha cabeça, e lanço Veneno, então há êxtase da terra, e eu e a terra somos um.

E no verso seguinte (o 93º verso do Livro como um todo) aparecem estas palavras :

Existe um grande perigo em mim, pois quem não compreende estas runas cometerá um grande engano. Ele *cairá na cova* chamada Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.²⁷²

Após o que uma maldição é pronunciada sobre ‘Porque e seus parentes!’ Estes versos são o 26º e o 27º do segundo capítulo do AL, e 92 e 93 do Livro como um todo. O número de *Nakak* é 92.²⁷³ 93 é a chave suprema de AL e das principais fórmulas do presente Aeon. Como foi mencionado, um significado de aeon ou *ion* é ‘um animal ululante do deserto’, isso é também um nome do macaco (em egípcio).²⁷⁴ Os Números 26 e 27 se referem aos Caminhos de *Ayin* (o Olho), e *Pé* (a Boca), respectivamente. Estes órgãos tipificam o Olho Sagrado do Vazio,²⁷⁵ e a Boca ou Palavra representada pelo Símio de Thoth que não pronuncia nenhuma palavra *humana*, porém uma ‘fala selvagem e monstruosa’. Assim nós somos constantemente regredidos²⁷⁶ sobre o simbolismo da reificação do Negativo (Olho-Vazio) *via* Positivo (Boca do Abismo).

Foi sugerido²⁷⁷ que *Besz* ou *Vesz* era o original egípcio do Zivo, Oivz, Sumério, i.e. Aivaz. A ‘festa/asmbléia de Betch’ (???) eram os oito deuses elementares do Egito que representavam as forças do caos de onde a deusa negra Bâst deriva seu nome, e as palavras bastardo, cadela, e besta, foram colocadas em linguagem posterior como denotando a fonte-mãe independente da essência masculina. É agora sugerido que o persa *Vesh*, veneno, é

²⁷⁰ Simbolizado pelo Símio de Thoth.

²⁷¹ *O Espreitor no Limiar* (Lovecraft e Derleth).

²⁷² Uma referência a Daäth. Os itálicos são do presente autor.

²⁷³ *Nakak* denota a *Maldição*, o *Amaldiçoado*, e a imagem Tifoniana do Devorador, como o Crocodilo ou Dragão da Água, era seu determinativo nos hieróglifos. *Nakak* era o tipo primordial da sombra que foi mais tarde tipificada como o Gek ou Gêh (13), a mulher-feiticeira que assumia a forma de uma serpente para iludir suas vítimas.

²⁷⁴ Vide também as considerações de Frater Achad sobre a palavra *ion* citadas em *Cultos da Sombra*, capítulo 8.

²⁷⁵ *Ain*, cujo inverso é *Nia*, a Filha.

²⁷⁶ Nota do Tradutor: No sentido de atavismo.

²⁷⁷ *O Renascer da Magia*, p.57.



também conectado com Aiwass como típico da Tradição Draconiana em sua forma primal da corrente negativa que – por sua vez – é tipificada pela vibração lunar, cujo veículo é o sangue menstrual. Este simbolismo identifica a Serpente do Eden com o veneno de *Vesh* ou Aiwass, e indica sua identidade mágica com o Símio de Thoth, o Que Uiva no Deserto, Shugal 333, o Ion, e a Mulher Escarlate, Babalon; todos encontrando seu foco de função através do Pylon do Abismo.²⁷⁸ Então Aiwass descreve-se a si mesmo²⁷⁹ como o ‘ministro de Hoor-paar-Kraat’, a corrente negativa.

A Gêh ou Gek é Lilith, a esposa-feiticeira de Adão; a *shakti* ou poder de reificação no Éden, das forças de *Ain*, manifestando-se através da Palavra do Símio de Thoth *via* o Caminho do Louco.²⁸⁰ Esta *shakti* (Gêh) é a conexão entre Ain-Kether e Chokmah-Masloth (a Esfera das Estrelas Fixas) que simbolizam o hebdomad (?) superno como a Deusa das Sete Estrelas que ilumina o vazio da noite e o abismo do espaço. Ela é a manifestação primal de Inteligência extraterrestre como a mantenedora do *Tempo*.

A mais antiga dualidade ou divisão observada foi aquela entre as Trevas e a Luz (Set e Hórus), e o Abismo é a ‘divisão mais próxima em direção ao lar’²⁸¹ que separava a escuridão primal do *Ain* (Nuit, Noite, a Mãe) do brilho de Tiphareth (o Sol, Dia, o Filho). E o mediador ou passagem de um para o outro é *via* Lua, Taht (Daäth), que flui através de Yesod na tríada (hebdomad_?) infernal, o que quer dizer que como a luz da lua resume a Noite de Nuit e o Dia de Tiphareth, dessa forma Yesod é a conexão ente masculino e feminino, o crepúsculo sexual que recolhe-se como noite no lado feminino e como luz no lado masculino, assim completando o círculo de criação.

O símbolo do crepúsculo é o chacal que aparece na alvorada e no anoitecer. Esta é a origem do duplo Anúbis, o cão negro e dourado que se tornou o tipo de Set como uma combinação em uma [só] imagem de Mercúrio e o Sol, Mercúrio sendo o tipo lunar do observador no crepúsculo, portanto a natureza malhada (pintada, rajada) ou híbrida do deus que abrangia tanto luz quanto sombra.

O malhado era o duplo, e ele se tornou um símbolo do duplo astral, a sombra, *le diable*, o demônio, aquele que se duplicava e tornava-se dois, o fendido. Seu símbolo era o casco ou robusto porque ele veio de *Kheft*, a Deusa-Mãe que é representada como o Abismo, a fenda primal. Os judeus localizaram esta divisão em dois no local de Daäth, onde o Ser Negativo se torna manifesto. Daäth é o Duat ou Tuat, o Twat ou fenda da Deusa que reproduz a si mesma. Ela é o espelho ou a que se duplica, a reprodutora cujo símbolo é o Olho que reflete ou vê a imagem de si mesmo, i.e. reproduz a si mesmo. Eis o porque o ‘Horus cego’²⁸² tipifica o caos da atemporalidade ou anti-tempo. A quebra no Círculo portanto representou o caos, os poderes de pilhagem das *qliphoth* que invadiam sobre os Círculos ou Ciclos de Tempo.

É apenas quando o significado simbólico da cegueira tenha sido compreendido como a antítese de Tempo, e portanto de Cosmos, que a Escuridão pode ser compreendida como a antítese de Luz. Na tradição rabínica, o primeiro demônio nomeado como o assistente da Escuridão (o Mal) é Gêh, a mulher insana, a virgem louca, a que faz o eclipse da Luz e a personificação da menstruação como um separador, descontinuador, e portanto um transportador do Chaos para dentro do Cosmos. Ela era o representante arquetípico da

²⁷⁸ A palavra ‘abismo’ possui óbvias afinidades com o *besz*, *bisz*, ou *vesz* (*vesh*), e também com *aiwass*.

²⁷⁹ AL, I. 7.

²⁸⁰ O Caminho do Louco ou Gekh é o décimo primeiro caminho, como Daäth é a décima primeira *sephira*.

²⁸¹ AL III. 2.

²⁸² i.e. o Sol em Amenta simbolizado por *Osiris-tesh-tesh*, o morto ou inerte enrolado em bandagens como o tipo feminino da Palavra, enrolado em linho na ocasião de sua menstruação. O Hórus cego é então o aeon sem palavras e equaciona com o simbolismo de Zain descrito em um capítulo anterior (queira verificar).



solution de continuité tipificado por Daäth, a décima primeira *sefira* e o 'intervalo' como este fora entre o impulso criativo emanado pela Tríada Suprema, e o Hebdomad (?) Infernal representado pelas sete *sephiroth* inferiores. Gêh representa a ruptura no círculo mágico que deixa entrar as hordas de demônios do caos e da ruptura. Esta é a fórmula da Mulher Escarlate que é totalmente negativa com respeito à criação fenomenal pois esta significa o Caminho Abaixo até as raízes da Árvore levando até o silêncio numênico. Ainda assim este é o silêncio do supremo potencial simbolizado por Hoor-paar-Kraat, o deus Set que é o Assento, a Fundação, a verdadeira base do universo fenomenal tipificado por Ra-Hoor-Khuit. Gêh é a esquerda, o norte, o abismo que emana a luz por trás do Véu do Vazio. Como tal ela é a *shakti* ou poder reificador das forças simbolizadas pelo Ovo Mundo ou *Akasha* cuja cor é o preto (escuridão total).

Quando o tempo equinocial foi estabelecido, o Norte foi substituído pelo Oeste como a origem das forças negras, porque ele se opunha ao local da luz emergente.²⁸³ Assim os egípcios se referiam ao Oeste como 'o lugar dos demônios nocivos' ou criaturas da noite. A Grande Nox (Noite) era a morada do Nakak como o ninho de serpente ou buraco da serpente que desaparecia cada noite dentro do lago no oeste na forma do crocodilo. Este era o dragão das profundezas cuja cauda, desaparecendo nas águas, tornou-se o hieróglifo de escuridão, negritude, morte. Homens da escuridão, ou homens negros, apenas, eram considerados como tendo caudas. Esse era um modo primitivo de designar aqueles nascidos apenas da mãe num tempo em que a paternidade não era conhecida ou individualizada na sociedade. Assim discute o evolucionista. Mas de acordo com a doutrina secreta as criaturas com caudas que se espalharam sobre a terra eram a geração de uma criação pré-humana resultante de uma miscigenação oculta da qual a promiscuidade sexual pré-histórica era nada mais que um pálido reflexo no reino da humanidade.

Os Rabinos conectaram Adão com o orangotango porque, eles afirmavam, ele também tinha uma cauda. Gerald Massey cita o fato como prova que a tradição egípcia sobreviveu na sabedoria judaica. Contudo a própria tradição egípcia estava baseada sobre conhecimento iniciático sobre a incursão de Forças do 'outro lado', forças que espalharam os símios neste [lado]. O dilema de Yima no *Bundahish*, como o do Adão bíblico, resultou nem tanto de uma queda a partir de um estado superior mas, mais ainda, uma queda *através* da abertura extra-dimensional do abismo representado por Daäth, cujo glifo é o Símio de Thoth. Apenas neste sentido pode o simbolismo ser compreendido, pois nenhuma mera queda num sentido sexual responderá pela importância desproporcional de um mito comum à todas as principais tradições ocultas e religiões do mundo.²⁸⁴

Os Hotentotes e os negros da Austrália preservaram algumas das mais antigas versões desses mitos. Os últimos reivindicam descender de um homem chamado *Noh* que entrou no mundo por 'um tipo de janela'. *Noh* ou *No* é o *Nu* egípcio, e o nome o identifica com o abismo aquoso que era simbólico do 'oceano do espaço'. Um dos mais antigos relatos da criação, portanto, reconhece o fato que a consciência fez seu surgimento primeiro a partir do 'lado de fora'; de uma fonte extra terrestre. Que este visitante veio das profundezas, das águas, o poço, piscina, ou abismo, isso é uma característica constante de inúmeros mitos. Os egípcios tinham sua Piscina de Respiração Ofegante (?) e Lago de Fogo dos quais dizia-se que forças demoníacas emergiam e capturavam os vivos e, mais significativamente, as próprias pirâmides eram construídas sobre um poço de água típico das profundezas. Mariette descreve a pirâmide [típica] como uma tampa gigantesca sobre um poço de água, uma tampa projetada para manter afastados os habitantes do abismo, e pode não ser mera coincidência que o próprio glifo da Árvore da Vida mostra Daäth (o abismo) coberta pelo triângulo ou pirâmide das Supernas. Daäth é a janela através da qual as energias latentes do hebdomad infernal fluem a partir do outro lado da Árvore. Elas transbordam nas *Sephiroth* que formam os focos (?) de força cósmica no Externo, pois a criação manifesta é nada mais que a expressão patente e fenomenal de potencial latente e numênica.

²⁸³ O Leste: lugar do sol nascente.

²⁸⁴ Proclus no *Timaeus*, Livro 1.



A natureza da entidade *Noh* que faz sua aparição através da janela no espaço é idêntica ao No (Não) negativo de nossa linguagem atual. *Noh*, 125, é um a mais que ODN, Eden, e seu significado (em hebraico) é ‘movimento’, ‘sacudida’; ela deriva do egípcio *nahuh* ou *nnuh*, ‘sacudir’, ‘lançar’, ‘movimento’. Em outras palavras, *Noh* indica a vibração pela qual a imagem [mental] numênica do abismo se transforma em criaturas viventes, moventes. *Noh* é a fórmula de subjetividade objetivante.

Para reverter à estrutura piramidal da Tríada Supernal: esta torna-se tridimensionalizada se as linhas forem traçadas de Kether, frontal e dorsalmente, para conectar-se com Daäth assim formando uma figura de quatro lados com seu ápice em Kether, sua base sendo o quadrado de Daäth (dorsal), Chokmah, Binah, e Daäth (frontal). Dessa forma será percebido como a tampa cobre as *sephiroth* remanescentes contidas nas ‘sete infernais’, das quais o sol – Ra-Hoor-Khuit – é a mais importante. Ela é o reflexo (Tiphareth), no hebdomad infernal, de Hoor-paar-Kraat (*Ain*) acima do Abismo, e mesmo acima de Kether onde ela brilha como o Olho do Vazio. A mecânica da reificação fenomênica pode desta forma ser compreendida, pois as supernas são encontradas sobre o abismo e são suas contrapartes complementares. Entretanto como o âmago real do *Ain* repousa em Yesod (a lua), da mesma forma Kether tem suas raízes em Tiphareth, o que é um modo de dizer que como a lua – (Yesod) – a mulher é o Negativo na criação manifesta e a representante de Hoor-paar-Kraat, então o sol – (Tiphareth) – homem é o Positivo na criação manifesta e o representante de Ra-Hoor-Khuit. E Shaitan-Aiwass é o Pivô (o Eixo) – Daäth – o Abismo que polariza estas duas forças em equilíbrio perfeito.

É agora evidente porquê Set (Hoor-paar-Kraat), o negro ou o que desce, é a fórmula da magia(k), reificação, encarnação; ao passo que Horus (Ra-Hoor-Khuit), o branco ou o que sobe, é a fórmula da transformação em espírito. Negro ou vermelho é a cor do sexo e da manifestação, do pôr do sol e da noite; branco, ou dourado, é a cor do alvorecer e do dia. Matéria e espírito combinam-se para formar as polaridades duais da Árvore, interna e externa, descendente e ascendente, e o ponto de emissão – como de retorno – é Daäth, representada pelo Símio de Thoth e o Cão de Set.

É no momento da manifestação que as forças elementais são transpostas, ou evocadas, do Espaço para Tempo. O Abismo tipifica a Mãe primal como Espaço. O universo estelar (espaço) semeado com almas (estrelas) tipifica o caos tornado cosmos pela introdução de ciclos periódicos de tempo. As forças cegas do caos nas infinitudes do espaço precederam os planetas e as estrelas como inteligências(?) celestiais, que estabeleceram a ordem ao criar o tempo na forma de aeons, etc. As forças do ‘outro lado’, sendo atemporais, eram portanto caóticas e existiam apenas nos espaços que eram considerados negros, separadores, sem lei, *qliphoticos*; elas eram os espaços invertidos das *sephiroth*, ou emanações cósmicas incluídas dos planetas como representando lei e ordem fenomenal na forma de ciclos de tempo.

A mitologia tem preservado em suas imagens predominantemente zoomórficas um registro preciso do início do tempo como uma projeção do espaço (numênico) para fenômenos de *repetição*, *recorrência*, *reaparecimento*, que ocorriam quando o homem começou a notar o retorno periódico de certas configurações estelares projetadas através do espaço. Estes foram depositados na mitologia como os que assombravam [vindos] das profundezas,²⁸⁵ que se agitavam com os demônios extraterrestres que fervilhavam em mitos e lendas no aspecto dos teratomas tífonios – gigantes, gnomos, elfos, fadas, etc., dos reinos elementais, porém, sobretudo nos curiosos híbridos e mutações primevas mais tarde estilizadas na forma de esfinges, grifos, unicórnios, e toda sorte de bestas fabulosas.

Estes tipos pre-evais (?) e primevos também sobrevivem nos infernos do subconsciente e são suscetíveis à invocação e – embora mais raramente – evocação. Austin

²⁸⁵ A água sendo um tipo do oceano do espaço.



Osman Spare,²⁸⁶ por exemplo, desenvolveu um sistema de sigilos mágicos para controlar estes atavismos monstruosos e para reificar as qualidades e poderes que eles simbolizam e que eles uma vez possuíram sobre a terra muitas eras antes de a humanidade surgir. Nas Ordens Esotéricas Ocidentais tradicionais este complexo primevo evoluiu dentro da *mystique* altamente sofisticada do Santo Anjo Guardião que combina o demoníaco e o humano, o espírito e sua sombra, consciência extraterrestre e humana. Todos os sistemas iniciáticos de ritual são métodos para estabelecer contato com seres do 'outro lado'. Quer estes sejam considerados como sendo extraterrestres do espaço exterior, ou habitantes subjetivos do espaço interior, isso faz pouca diferença para o ocultista prático. Ambos são áreas de poderes mágicos iguais àqueles possuídos pelos próprios deuses.²⁸⁷ Devido à apenas um aspecto do processo ter sido até agora considerado válido,²⁸⁸ as energias na parte posterior da Árvore, ocultas porque latentes, são temidas como um perigo furtivo para a consciência individualizada. Elas são, ainda hoje, consideradas 'malignas' e são estigmatizadas como ilegais, caóticas, *qlifóticas*. Portanto, todas as religiões tem proibido o comércio com demônios assumindo-se que traficar com as *qliphoth* é entregar a consciência humana e perder a identidade no pântano do Abismo. Estas forças, que tem ganho impulso através de sucessivos aeons, estão se despejando astralmente a partir do lado inverso da Árvore e estão ameaçando dominar a consciência humana com as ondas de vibrações negativas que subjazem em toda existência positiva (i.e. fenomenal). Não é portanto surpreendente que almas sensitivas estejam agora recuando com horror porque elas tem visto – no espelho negro rodopiante do abismo – as sombras se concentrando para um influxo sem precedentes para dentro do cosmos. A brecha foi criada por atividade nuclear que perturbou o equilíbrio dos ions, e à menos que as chaves corretas sejam aplicadas o Círculo da consciência humana será invadido por poderes do outro lado.

Os antigos estavam cientes da fenda no espaço através da qual tal invasão poderia penetrar, e mais de uma grande Escola de Mistérios tem postulado Daäth como o ponto de entrada. O mito dos Antigos retornando para reclamar os tronos da terra é um tema muito antigo e um que tem sido revivido em décadas recentes não apenas nos escritos fictícios de sensitivos naturais tais como Arthur Machen, Algernon Blackwood, H.P. Lovecraft, etc., mas também nos escritos de físicos que estão cientes das implicações ocultas reveladas pela pesquisa nuclear e sub-nuclear. E é apenas agora que certas tradições ocultas antigas – especialmente aquelas relacionadas à Árvore da Vida – podem ser compreendidas de uma outra forma além do que um pavor supersticioso de 'espíritos malignos'.

O 'buraco negro' Schwarzschild no espaço que tem sido comparado à uma esponja ou doughnut (tipo de biscoito como rosca), ou uma massa sólida perfurada por buracos de minhoca como queijo 'Ementhal', dá uma certa idéia da anatomia da Árvore multi-dimensional. Os buracos de minhoca são os infernos ou buracos ocultos, não percebidos porque estão por trás das esferas das *sephiroth*. O salto através do abismo que o iniciado tem que realizar de forma à transcender a existência fenomenal e penetrar o Véu do Vazio é vívidamente explicado por John Taylor em seu livro chamado *Buracos Negros* embora, naturalmente, suas observações tem que ser traduzidas em termos de metafísica Tifoniana como eu fiz nas notas como segue:

É precisamente tal salto, através do 'superespaço' do interior da rosca, que é permitido pelos buracos de minhoca. Eles permitem estas conexões diretas que de outra forma seriam muito mais distantes. Podemos imaginar cada um destes buracos de minhoca como pontos dando acesso ao interior da rosca nos dois pontos em que estamos interessados,²⁸⁹ um podemos chamar de terra, o outro é uma estrela distante. Nós

²⁸⁶ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Muller, 1975.

²⁸⁷ Um termo usado por ocultistas para denotar vastos agregados de estrelas, sóis, etc., e as inteligências por trás deles.

²⁸⁸ i.e. a realização de estados de consciência tipificados por Hórus (Ra-Hoor-Khuit).

²⁸⁹ Em termos Tifonianos, Daäth e o *Ain*.



penetramos o superespaço²⁹⁰ através do buraco de minhoca na terra e a deixamos [chegando] ao outro buraco de minhoca na estrela distante;²⁹¹ a viagem completa poderia ser instantânea.²⁹²

Este trecho é recordativo da visão da Estrela Esponja que Crowley teve durante um retiro mágico na Nova Inglaterra, em Montauk, à margem do Lago Pasquanay.²⁹³ Iniciados do Culto da Serpente Negra serão lembrados dos *Voltigeurs*, Puladores ou Saltadores, descritos por Michael Bertiaux com relação à certos caminhos secretos na parte posterior da Árvore.²⁹⁴

Crantz, citado por Massey, menciona uma classe de espíritos que são temidos pelos habitantes da Groenlândia. Eles são os fantasmas daqueles que morreram quando o mundo *virou de ponta cabeça* em um vasto dilúvio. Diz-se que eles teriam sido transformados em chamas e eles se abrigavam em cavernas e fendas na rocha. Essa lenda, que é típica de muitas semelhantes, sugere um emborcar súbito e catastrófico da Árvore. Ela não apenas vira de ponta cabeça, ela virou de forma que o 'outro lado' derramou suas chamas destruidoras dentro das cavidades das *sephiroth* inversas.²⁹⁵

Uma lenda preservada pelos Índios da Califórnia descreve como sete marinheiros – os *hohgates* – atingiram com arpão um leão marinho gigante que, nos seus estertores da morte, dragou à eles e seu barco na direção de um imenso redemoinho *que assentava-se para o noroeste* no lugar onde as almas são sugadas para o submundo. No ponto de desaparecimento abaixo do funil do vértice, a corda que os unia ao leão marinho estalou e os *hohgates* flutuaram até os céus onde eles foram transformados em sete estrelas.²⁹⁶ O leão marinho era uma forma do dragão Tifoniano do abismo, e a região do redemoinho se situa no noroeste que é a região tradicionalmente atribuída ao submundo, sendo o norte o reino da escuridão Tifoniana mais tarde transferida para o oeste como o local da morte ou desaparecimento do sol em Amenta.

Esta lenda aponta o local de entrada no abismo como as profundezas, *tephth* ou *daäth*, do qual os *hohgates* foram salvos *a tempo*. Sua exaltação aos céus mostra a transmutação das forças elementais, negras e cegas do abismo e sua conversão em luminárias inteligentes que foram daí por diante usadas como mantenedoras e medidas do tempo. A lenda explica o simbolismo do Abismo (*Daäth*) e do Céu (*Ain*) – os polos sul e norte do espaço e tempo; o lado diurno e o lado noturno do Eden.

É interessante notar aqui a equação do nome IHVH com o Quaternário Superno, Kether-Chokmah-Binah-Daäth. O *Yod* (I) se iguala com Kether, pois *Yod* é a chama superna da consciência tipificada pela Estrela Polar. *Hé* (H) se iguala a Chokmah; ela é a *shakti* que transmite a luz de *Yod* à *Vau* (V) *via* zona de poder de Binah; assim *Hé-Vau*, *Heva*, ou Eva.²⁹⁷

²⁹⁰ i.e. o Abismo.

²⁹¹ *Ain* = Nu Isis = Sirius. Vide *Cultos da Sombra* para uma explicação sobre esta equação.

²⁹² *Buracos Negros*, p.112.

²⁹³ Vide *As Confissões de Aleister Crowley*.

²⁹⁴ Vide *Os Cultos da Sombra*, capítulo 9.

²⁹⁵ Vide Bertiaux, *MSR. Papéis Graduados*, para um relato sobre as chamas das *sephiroth*.

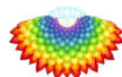
²⁹⁶ Bancroft, vol.iii. 177.

²⁹⁷ Compare. Ta-Urt, literalmente 'portador da centelha', o nome aplicado pelos egípcios às sete estrelas polares da Ursa Maior. Ela era a 'deusa de revoluções' e seu nome sobrevive em *Rota*, 'uma roda', *Taro*, o Livro de Adinção pelos Ciclos de Tempo Astronômicos ou revoluções celestes, e *Tora*, o Portal. Athor é também uma forma de Ta-Urt. O nome Hat-Hor significa literalmente o 'útero ou casa de Hor' (a criança). *Taro* também significa 'lei', 'princípio', 'essência', de onde vem *Torah*, a 'lei' dos judeus.



A filha de Chokmah e Binah é Daäth, o Hé final ou 'filha' que resume a fórmula de *Coph Nia*.²⁹⁸ Junto com Daäth as Três Supernas resumem a doutrina do Polo ou Árvore do Jardim, e da assim chamada queda através de Daäth. A serpente está implícita no simbolismo da filha (*Coph*), a nuca (parte posterior da cabeça) (*qoph*), e o 'olho maligno'(*nia*).

²⁹⁸ Vide capítulo 7.



9

O Caminho Negativo

OS GIGANTES ou ‘Os Caídos’ (*Nephilim*), também chamados os ‘Abortos’, foram tipificados(?) pelo Símio, o que explica a conexão entre o experimento mágico pré-humano que resultou em macacos, e os teratomas Tifonianos descritos por Berosus. Os *Nephilim* foram os construtores da Torre de Babel, também conhecida como a ‘confusão das línguas’, um modo de descrever a perversão e perda definitiva da Palavra. O simbolismo Maçônico e místico, com ênfase na redescoberta da Palavra é um modo de recordar²⁹⁹ Osíris, e portanto de reconstituir o corpo sutil no Amenta, o que significa, em termos psicológicos, a reanimação das camadas subconscientes da *psiquê*. Como Massey demonstrara, a tradição egípcia – particularmente em sua fase Draconiana – preservou intacto um relato verídico desta restauração dos Mistérios de Ísis, cuja busca pelo falo de Osíris aponta diretamente para a natureza sexual dos ritos relacionados à seu [dela] culto.³⁰⁰

As correspondências entre a Torre, Babel, e Babalon, serão explicadas no devido curso; aqui é meramente necessário notar que o número de *nephilim* é 210. Segundo a fórmula cabalística de inversão, 012 descreve a ecolução do número a partir do *ain*, 0, através de Kether até Chokmah.

Ain, Kether, e Chokmah, representam a tríada primal: a Grande Mãe (*Ain*) e seu filho (Kether, o ponto infinitesimal), que contém dentro de si mesmo o potencial de criatividade tipificado microcósmicamente pelo fenômeno da puberdade. Pubescência é o glifo da potência mágica na forma de uma vibração primordial que [se] manifesta como a Palavra de Poder; portanto sua atribuição a Chokmah, 2, a Esfera do Magus. A Palavra, representada pelo deus Hrumakhu, é a Verdadeira Voz obtida pelo homem na puberdade; a vibração criativa *par excellence*. O recolhimento ou inversão desta vibração se torna 210, o número de 000,³⁰¹ as três fases do Vazio. Este é também o número de ChRB (Cherub), ‘uma espada’, cujo simbolismo já foi explicado em detalhes. Acima de tudo, 210 é o número de NOX (Notz) a ‘Noite de Pan’ ou o Véu do Abismo; ele é também o número da inversão através de sua equação com BQBVQ, ‘uma garrafa’, do egípcio Baakabaka³⁰² significando ‘de ponta cabeça’ ou ‘de pernas para o ar’. Novamente, 210 é o número de ADHR, o ‘Primeiro Adão’, o que é significativo em vista do simbolismo que se relaciona à interpretação Draconiana dos Mistérios apresentados aqui. Mais significativamente, contudo, 210 é o número de três palavras denotando o outro lado da Árvore, à saber: AChAR, as ‘costas ou traseiro’, um nome para as passagens ou túneis Set ocultos; ARChA, ‘caminho’; e ARChA³⁰³ (Orach), o ‘período feminino’ (de onde vem *oráculo*), ou ‘lágrimas do olho esquerdo’, o olhar para trás ou visão interna. Em Sânscrito a palavra *Arksha* significa ‘regulado pelas estrelas’, e *Arke* nos Mistérios Gregos era a Mãe dos Deuses. Compare o simbolismo de Nuit *arqueada* sobre a terra ou curvada sobre todos os quadrantes(?) em uma atitude de dar à luz. Finalmente, HRH, ‘conceber’ também tem o valor de 210.³⁰⁴

²⁹⁹ Nota do Tradutor: Aqui, o autor escreve re-membering com duplo sentido. a) remembering / recordar; b) re-membering / recolocar os membros.

³⁰⁰ Vide *Aleister Crowley & o Deus Oculto* para uma interpretação iniciática deste Mistério.

³⁰¹ 0 = Ayin = 70; 000 = 210.

³⁰² Compare Bacbuc, O Oráculo da Garrafa (Rabelais).

³⁰³ O *orach* das mulheres é aplicado ao período feminino em Gênesis, xviii. 11.

³⁰⁴ 210 é também o número de NBT-N-PT (Nebet-en-Pet), a Rainha do Céu e portanto o próprio Vazio.



O simbolismo da Torre é retratado no Atu XVI.³⁰⁵ A Torre de Babel erguida por uma ação pré-humana (i.e. *não-humana*) está unida com a Zebulah ou Torre do Céu, que, por Gematria, é 44, o número das águas místicas do Abismo, i.e. DM, 'sangue', o sangue do *orach*; o sangue ou abismo do qual o homem – ADM – emergiu.

O regente do Abismo é Af-Ra que é retratado no *Livro dos Mortos* como um deus sem cabeça. Ele é apresentado em um papiro mágico³⁰⁶ como 'O Não-Nascido', i.e. o Santo Anjo Guardiã. O deus sem cabeça é o deus no abismo, o sol à noite. Ele foi mais tarde tipificado pela cruz de três pontas(?) ou T dos Iniciados, o Sol-Filho no Abismo separado do 0, sua mãe, sendo o símbolo completo (**), e então (***), quando a cruz ou cruzamento das quatro direções³⁰⁷ fora evolvida à *tempo* desde o Abismo do Espaço, 0.

(**_a figura é um T com uma circunferência em cima do mesmo_N.do T.)

(***_uma circunferência contendo uma cruz de braços iguais_ *idem*)

O simbolismo completo da Besta (Símio) e Babalon (Babel) só pode ser explicado quando ele é trazido com relação ao simbolismo da Torre, a Palavra, e o Deus Sem Cabeça que na terminologia mística é o Santo Anjo Guardiã, que, como Mathers o interpretou, é O Não-Nascido, o subconsciente, potencial infinito, a luz latente, o deus oculto, o Sol-Filho em Amenta. Ele é o deus que *não emerge* do abismo porque, como Hoor-paar-Kraat ou Set, ele está potencialmente implícito na criança, e portanto o precursor da Voz Verdadeira. Ele não é O Sempre Vindouro, mas O Nunca Vindouro, a fonte numênica de surgimento e, portanto, o verdadeiro desaparecimento e *ausência* que torna toda presença fenomenal possível. Ele nunca pode vir, ou aparecer, porque no instante em que ele o faz ele não é mais realidade, porém uma ilusão objetiva, uma mera *aparência*.

É necessário aqui advertir quanto à seqüência dos Aeons tal como formulada na Tradição Ocidental de Mistério. Um Grande Ciclo se compõe de sete aeons (0-6). Os seres terrestres estão atualmente no sexto, que é numerado como cinco. Este é o Aeon de Hórus, ou Thelema. Sua fórmula é atômica e desintegradora. O Aeon final, 6, que é numerado como sete, é o Aeon de Maat, o Aeon da filha (*Coph*), assim como o presente aeon é aquele do filho.³⁰⁸

Gerald Massey percebeu³⁰⁹ que a hexada(6³¹⁰) era considerada por Pitágoras como sendo o número sagrado perfeito; ele era chamado Vênus. Interpretado sob as luzes dos números 5 e 6, Horus e Maat significam respectivamente o Sol e Nu-Isis; o filho e a filha; o *vau-hé* do Tetragramaton. Porém é um erro considerar Horus em termos da fórmula masculina. O número do Aeon de Horus é 5, que, como o pentagrama ou radiação estelar, é 'o número feminino perfeito de acordo com a mão esquerda e negativa'.³¹¹ A primeira mão, ou suporte, era o útero, e a imagem do 5 tornou-se simbólica do útero não apenas devido à afinidade entre

³⁰⁵ Vide *O Livro de Thoth*, de Aleister Crowley.

³⁰⁶ *Um Fragmento de uma Obra Greco-Egípcia sobre Magia*, traduzido por C.W.Goodwin.

³⁰⁷ i.e. dois equinócios e os dois solstícios.

³⁰⁸ Talvez possa ser útil para os estudantes de magia(k) notar aqui a diferença prática entre o filho e a filha em conexão à magia sexual e a fórmula de IHVH. No IXº o *Yod* e o *Hé* se combinam e o filho de sua união é Ra-Hoor-Khuit, o filho (i.e. o universo). No XIº a criança produzida pela união mágica é Hoor-paar-Kraat – a filha que é o portal [de acesso] para o anti-universo. (Compara com 'a filha do por do sol de abóbada azulada'. O por do sol denota o Amenta). O filho 'materializa'(*) a corrente em Malkuth (o universo); a filha, contudo, torna possível uma série posterior de operações em virtude de sua receptividade à todas as vibrações. Ela é o Portal para o Universo 'B'. Eis aqui a superioridade do XIº e a importância da Fórmula do Controle do Sonho.(Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 11).

³⁰⁹ *A Gênese Natural*, vol.2, página 282.

³¹⁰ Nota do Tradutor: Não encontrei o termo exato, mas é algo similar a Tríada (de 3) ou Pêntada (de 5).

³¹¹ *Ibid*, página 274.



a mão e o segurar mas por causa dos 5 dias associados ao tempo e à periodicidade feminina. Assim o 5 é também o número do glamour e ilusão e portanto de magia, com o qual o pentagrama é inevitavelmente identificado. O número seis, ao contrário, é o número de Maat como a Deusa da Verdade porque seis (six) é sinônimo com sexo (sex) e a fórmula de *ir* novamente atrás do fluxo de sangue que provocou um aprisionamento ou eclipse da luz criativa. Seis é o número da respiração ou ar, como cinco é aquele da água ou sangue, onde Scorpio é atribuído ao seis como o signo de terra seca que surgiu após a inundação ou dilúvio tipificado pelo número cinco.

Horus (5) representa desintegração; Maat (6) reintegração, ou o alcançar a terra firme, a apoteose da reificação definitiva após a dissolução efetuada pelo Aeon de Horus. Mas deve ser lembrado que estes números interagem constantemente. O Aeon de Maat, com o número 6, é na verdade o *sétimo* em série a partir do primeiro aeon que emanou do Abismo. A filha é finalmente reintegrada com e *como* a Mãe, a Deusa primal das Sete Estrelas (almas) que alcança seu zênite ou altura no *oitavo*. Esta não é uma entidade material mas uma dissolução (*pralaya*) seguindo sobre toda a série de expirações (no sentido de produzir_N.do T.) ou aeons em um ciclo de tempo completo (*mahakala*).

Frater Achad estava sob a impressão de que o Aeon de Maat já surgiu,³¹² porém o *AL* sugere que seu advento ocorrerá em algum tempo futuro. Tempo, contudo, tem referência apenas à existência fenomenal, e é possível que certos Adeptos³¹³ já tenham percebido o advento de Maat naquelas dimensões além do tempo e do espaço que são representadas pelas *sephiroth* do outro lado da Árvore.

O tipo mais antigo da Árvore era feminino e ele era representado pela Asherah (árvore Ash). Este era um tipo universal e Crowley elogia (?) a 'seiva da ash-mundo, Árvore Maravilhosa!' dentro da Missa Gnóstica que ele compôs na Rússia em 1915.³¹⁴ A Asherah era uma figura do três; três (three) e árvore (tree) são simbolicamente sinônimos como a árvore do três da qual a família mais antiga surgiu na forma da Mãe e seu filho que se tornou o homem pubescente e o touro de sua mãe. O tipo foi perpetuado no Antigo Egito. Esta árvore familiar era a mais antiga e ela precedeu a trindade de Pai, Mãe, Filho, pois ela emanou de uma fase que antecedia o papel da paternidade na sociedade.

A Árvore, sendo um glifo do total, também simbolizava um ciclo de tempo completo representado pelo número 30 que, pela forma, sugere o mantra criativo hindu (OM – vide figura no livro). Os números principalmente associados com a árvore feminina ou Asherah são 10, 7 e 13, todos os quais estando conectados aos Mistérios femininos. Dez é o número de *Men*, uma palavra egípcia significando um 'memorial', o 'período de doença', uma 'medida líquida'; e o número Dez ou *Meni*. *Meni* era a deusa lunar da Síria. Asher também significa dez, e a árvore é a figura feminina do dez ou total, *como o três*, como já explicado. Treze é o número de períodos femininos em um ano lunar de treze meses de 28 dias. Dez tais períodos constituíam o tempo de gestação e a Árvore resumia as dez fases secas e as três fases úmidas do ciclo total da criação. Mais tarde, as dez foram simbolizadas como dez frutas e dez *sephiroth*, as três supernas estando separadas das sete inferiores pela Extensão do Abismo que é cruzado pelo *décimo terceiro* caminho.³¹⁵

Um é a Mãe; dois, o filho; três, o homem pubescente. Tífon e Set-Horus portanto representam a árvore das duas fases de destruição e criação; negação e afirmação;

³¹² Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.

³¹³ Existe, por exemplo, um Culto de Maat em Ohio, EUA, formado por Adeptos que estão presentemente canalizando radiações Maatianas de um, até agora, remoto Aeon.

³¹⁴ Vide *O Navio* (Crowley), *Equinox*, I. x.

³¹⁵ i.e. o caminho atribuído à Lua. Vide o Diagrama da Árvore da Vida.



menstruação e gestação. Dez, sete, e treze fazem o ciclo completo de trinta: o dez que é trinta dividido por três, a tríada primordial desenvolvendo a Árvore de Dez Frutos (*Sephiroth*).

O Mistério do Dez é então o mistério no coração do Culto Draconiano primordial da Deusa. E embora o simbolismo se refira à origem do universo conhecido, existem razões para supor que o Culto estava ciente de um outro universo, completamente desconhecido – o Um além do Dez – o DÉCIMO PRIMEIRO. Este mais tarde ficou tipificado como o número não apenas de Daäth, mas das fases negativas de ser representado pelas *qliphoth*. O Mistério do Onze era ocultado pelos Draconianos sob os números 5 e 6, cinco sendo o aspecto esquerdo ou feminino da *shakti*, e seis seu lado positivo. Juntos, esses dois são 56. Em *AL* (I.24), Nuit declara sua Palavra como seis e cinquenta. Esta é a Palavra de Nu, cujo número é 56. Seu símbolo completo pertence ao pentagrama e o hexagrama e a palavra mágica Abrahadabra que é a fórmula da Grande Obra: a união do cinco e do seis.

A Grande Obra tem sido considerada até este momento como um trabalho de síntese, contudo ela está falando mais adequadamente do resultado daquela suprema 'dissolução, e êxtase eterno nos beijos de Nu' dos quais Hadit fala no capítulo II (verso 44).³¹⁶ Mas de forma a compreender a natureza da dissolução e o êxtase é necessário compreender a natureza do onze como o 'um além do dez', no sentido em que ele é o Um – ou Yoni – além do Véu do Abismo; i.e. a yoni no outro lado da Árvore.

O número 5 era sagrado à Deusa por causa da fórmula fisiológica de suas representações terrenas; ele era também o número de uma mão, a esquerda, que era primária. Essa era a mão ou sustentação da Mãe, como explicado. A mão esquerda ou sub-mão(?) tornou-se, nos cultos solares (pós Draconianos) a mão inferior e *infernal*, e foi portanto atribuída pelos solaritas (?) ao Caminho da Mão Esquerda, aquele Caminho *sinistro* que exaltava o princípio feminino e o reconhecia como primordial.

O número seis (i.e. a mão direita), representava o poder solar e masculino, e o sexto dígito – após levar em conta o cinco da mão esquerda – era o polegar da mão direita. Isto tipificava o falo e o sexo (*six*), não apenas porque o falo é a *copula*, mas primariamente porque ele tipificava o início de uma nova série após a dissolução causada pelo eclipse Draconiano.³¹⁷

Massey declara que os 'dois segredos grandes e ocultos da sabedoria antiga eram aqueles dos tempos e números, especialmente com relação à periodicidade feminina, o que explica o motivo para manter a natureza da gnosis ocultada'.³¹⁸ Isto é verdadeiro, até um ponto, embora, como previamente observado, nenhuma mera consideração da mecânica sexual teria ocasionado tanta reticência por parte dos antigos, que não eram completamente suscetíveis com o quanto a natureza estava relacionada.

A suscetibilidade veio depois, no rastro dos cultos solares.³¹⁹ Para os Gnósticos originais, como para os pagãos, a natureza não deu motivo algum para vergonha, subterfúgio ou ocultação. Sobre o que, então, era todo o segredo, para que todo esforço fosse feito a fim de ocultar a gnosis primal, e ninguém que tenha estudado o assunto negará? A razão será encontrada seguramente no fato de que o homem primitivo era um sensitivo natural. O fantasma ou duplo astral era tão real para ele tanto quanto este é irreal para o homem mediano dos dias de hoje. Similarmente, o homem primitivo intuiu a existência daquele Universo 'B' desconhecido no outro lado da Árvore, com o Abismo (Choronzon) como sua *copula*. Uma compreensão portanto sobre os números cinco, seis, e cinquenta e seis fornece uma espiada na maquinaria da mente primitiva trabalhando na presença de poderes elementais encobertos

³¹⁶ Observe o número deste verso, 44 = DM = sangue.

³¹⁷ i.e. o eclipse periódico que era a base biológica de tais conceitos como *pralaya* e a Noite do Tempo.

³¹⁸ *A Gênese Natural* (Massey), vol.II, p.300.

³¹⁹ Hinduísmo em sua fase eshatalógica (?), judaísmo em sua fase secundária, e cristianismo em todas as suas fases.



sob um duplo véu de espanto e horror. Este terror supremo era inspirado pela certeza metafísica (i.e. a gnosis original) de que o mundo fenomenal é nada mais que a manifestação da subjetividade ou não-manifestação, e que a fórmula fisiológica da mulher de alguma forma prenunciou a mecânica de um mistério terrível que não era passível de ser conhecido pela mente em seu estado normal. Este mistério, refinado por eras aeônicas de tempo sobrevive hoje sob a forma de mitos antigos, nos Tantras de certas Escolas do Extremo Oriente, e no Budismo Ch'na, aquele curioso composto do *Sunyavada*³²⁰ e o Taoísmo da China antiga.

Enquanto que números inteiros (íntegros) denotavam os 'deuses',³²¹ as frações de números eram tradicionalmente atribuídas à 'demônios'.³²² Lenormant, por exemplo, demonstrou³²³ que 5/6 ou 50/60 eram os sete *Maskim* ou 'os que fazem armadilhas(?): 'sete espíritos do abismo . . . que ultrapassaram todos os outros em poder e terror'. Eles eram demônios Tifonianos cujo poder em relação aos deuses é aquele de cinco a seis, ou, como Massey declara: 'o número maior na mão esquerda para o primeiro na direita'.³²⁴ Em hebraico, *Yod* significa 'mão', e seu número é dez (denotando ambas as mãos), que era primariamente o número da Deusa. A imagem zoomórfica do *Yod* – o leão-serpente – mostra a combinação do dragão ou serpente feminino (lunar), e o leão solar-fálico. Crowley interpretou este simbolismo como o spermatozoon (espermatozóide); a serpente com cabeça de leão nadando em seu mênstruo fluido.

Kep (egípcio), a mão esquerda, é o hebraico *Kaph*, a 'palma da mão'. No Egito o símio kaf era atribuído à mão como o sustentador zootípico, segurador, ou moldador da criação pré-humana.³²⁵ O simbolismo do *qoph* é também relevante. *Qoph* = a 'parte de trás da cabeça'; a cabeça = *Resh*, o Sol; portanto a parte de trás da cabeça (*qoph*) = a Lua. Este simbolismo é assumido à *Koph* ou *Coph*, a filha do Sol Negro ou Chama Negra.³²⁶

Plutarco declara³²⁷ que os seguidores de Pitágoras consideravam Set-Tífon como sendo um poder demoníaco produzido 'em uma proporção de números pares', a saber: naquela de 56. Nisso eles concordam com Eudoxus em que a 'propriedade do cinquenta e seis pertence a Set-Tífon'. Massey³²⁸ ilustra isso com a observação de que a 'proporção de números pares, a entender, cinquenta e seis' 'também incluiria o 5 x 6 ou trinta dias da lua, que era semelhante ao tempo de Tífon'. Além do mais, a cifra do 5 é pelo formato a espada curvada ou foice de Saturno (Kronus); ele era, originalmente o símbolo da Deusa das Sete Estrelas³²⁹ como o cortador ou divisor do tempo no céu, como a Mãe era a divisora em dois, em três, em muitos, na terra.

A cifra cinco, então, representa a aniquilação do tempo, como o período de cinco dias suprime ou obscurece o espírito criativo. O último, por sua vez, é representado pelo número

³²⁰ O Caminho do Vazio.

³²¹ Energias criativas e forças elementais funcionais.

³²² Forças negativas, portanto noturnas, infernais ou demoníacas.

³²³ *Magia Caldaica* (Lenormant) págs. 25, 26, 27.

³²⁴ O nome de Tífon como *Kep* é aquele da mão esquerda, que é o emblema da mulher e do número cinco.

³²⁵ Os *Nephilim*, gigantes, macacos, etc.

³²⁶ O Sol (Filho) Negro é Set. A respeito da Chama Negra, vide *Liber Pennae Praenumbra* (Donat per Omné; Scriba – Nema, 1974) publicado pelo Culto de Maat, atualmente operando em Ohio, EUA, e que é, no tanto quanto sei, o único corpo de Iniciados à canalizar a influência desta corrente a qual Frater Achad estava entre os primeiros à prenunciar.

³²⁷ *De Isis e Osiris*.

³²⁸ *A Gênese Natural*, II 302.

³²⁹ A Constelação da Ursa Maior da qual o representante planetário era Saturno.



seis, que é a cifra zero com um apêndice adicionado, indicando a negação do período de cinco dias; sua 'cauda terminal'. Esta é seguida pelo número sete, representada pelo dedo indicador da mão direita, que significa o curso do tempo retomado.

Nos hieróglifos egípcios o sinal do 7 é o sinal de um deus, simbolizado pelo machado (*neter* [vide figura no livro]), o machado sendo a arma de Set, o abridor da Mãe. Na linguagem da gnose secreta³³⁰ Set é idêntico com sua mãe, onde seu nome Sept ou Set, significa sete. O número sete indicava o tempo para retomar as relações sexuais com a mulher, e, na simbologia dos Mistérios posteriores, ele era atribuído à deusa Vênus.³³¹

É necessário vasculhar mais a fundo, ainda mais além do que a gnose física primordial, para compreender os Mistérios que ele simboliza. Isso pode ser feito apenas relançando e revertendo nossa maquinaria mental, pois se nós penetrássemos o mistério definitivo nós não podemos pensar positivamente, ou mesmo negativamente – nós simplesmente não poderemos pensar ! Os Adeptos Cha'an do Oriente, e Aiwass através de Crowley no Ocidente, incansavelmente ressaltaram o Caminho Negativo, a *Via Negationis*, o Caminho que nega, o Caminho de Nuit cujo número é onze, cuja palavra é 56, e cujos Mistérios são tipificados pela 'estrela de cinco pontas'.

A Palavra ou Logos do homem é secundária, um reflexo ou glamour, uma manifestação positiva e portanto fenomenal, enquanto que a Palavra de Nuit, sendo não sonora, contém o potencial de todas as palavras e da Não-Palavra do Um além do Dez. Este é o *Ain* que é tipificado pelo símio-Kaf, o animal mudo que forma uma metade (uma fração) de Choronzon. A outra metade é Babalon, cujo olho (*ayin*) é tornado inteiro pelo Símio de Thoth (Daáth) – o gerador bestial e portanto mudo de um mundo de glamour e ilusão. Tal é o mistério do Um além do Dez, cujo símbolo é a Espada (*Zain*), a foice (vide o símbolo de Saturno no livro) que, como a cifra do 5, tinha como seu protótipo a mãe que bifurcou em dois. O tempo foi então dividido em partes ou *números* que representam a multiplicidade de conceitos gerados pela revolução incessante do *Kalachakra*.³³²

O cinco, o seis, o sete, e o dez, da Árvore como uma totalidade, constituem os números místicos do ano lunar com seu ciclo de treze meses, cada um com vinte e oito dias. Então, segundo a sabedoria Talmúdica: 'Há um dia do ano no qual Satan não tem poder, este é o dia do Yom Kipur; nos outros 364 dias³³³ ele é todo-poderoso'. O comentador atribui isso ao fato de que o valor cabalístico de Satan,³³⁴ 364, é identificado com tantos dias. Durante estes dias 'Satan tem o poder de fazer o mal, mas no dia do Kipur ele é impotente'.

O fator mais significativo aqui é aquele da impotência. A palavra grega *Akrasia* é o equivalente cabalístico de Choronzon, 333. Choronzon é impotente no sentido de que por trás do Véu do Abismo nada é gerado, pois este é o domínio do Negativo. É contudo significativo que 333, o número de Choronzon, de Shugal e de *Akrasia*, é subtraído de 364 – o número de Satan – por 31, o número de AL, LA, e Set.³³⁵ AL, LA, e Set formam a trindade primal que como

³³⁰ i.e. a gnose física.

³³¹ O sete original – como no simbolismo do Ash-Mundo com seus Mistérios de 7, 10, e 13 – era representado pela deusa das sete estrelas, a guardiã do tempo ou relógio primal nos céus.

³³² O *kalachakra* é a Roda de Kali, i.e. Tempo. No Livro de Thoth, a roda é retratada no Atu XX (vide) com Tífon e o Símio de Thoth girando em sua borda. Este atu é atribuído à letra *kaph* (20), significando a 'palma da mão' cujo simbolismo já foi explicado. *Vide acima*.

³³³ $28 \times 13 = 364$.

³³⁴ ShHTN = 364.

³³⁵ ShT (Set) é 31 pelo Taro porque *Shin* é atribuído ao Atu XX e *Teth* ao Atu XI; $XX + XI = XXXI$.



93 (31 x 3) é Aiwass, e a chave para o mistério do Não-ser e da *Via Negationis* exposta em *O Livro da Lei*.³³⁶

O número 28 derivou seu significado mágico da luação cíclica da mulher humana com suas treze manifestações por ano. Este fenômeno fisiológico forneceu o critério da lua celestial de 29½ dias. Foi o elemento *fracionário* que estigmatizou os cultos lunares aos olhos dos solaritas posteriores, e o impacto cumulativo de observações astronômicas tornou maldita a supremacia primal da mãe sobre a terra. Contudo como já notado, os fatos primários dos fenômenos fisiológicos não eram por si mesmos suficientes para justificar o pavor com o qual os cultos posteriores os viam. Tais tabus eram as máscaras de mistérios infinitamente mais abomináveis, quando se suspeitava que o universo fenomenal era um mero glamour simbolizado pelo Eden. A 'queda' consistia em aceitar a ilusão por seu valor facial. Os iniciados, os gnósticos, sabiam – talvez intuitivamente – que a realidade repousa em algum lugar além ou por trás da total negação deste glamour. Neste ponto na evolução (e ninguém pode dizer precisamente quando ele ocorreu) as *qliphoth* se tornaram ativas na consciência humana. Elas tipificavam a sombra, a escuridão, o não-manifesto, ausência, o desaparecimento total do mundo fenomenal.

Segundo o *Livro dos Mortos*, Set é o filho de Nu.³³⁷ A serpente também é sua filha.³³⁸ Portanto ela que é 56 (Nu) incorpora o 5 e o 6 como polaridades duais, e elas denotam o modo mágico de sua adoração. Ela é isto sobre quem está escrito³³⁹ que a Mulher Escarlate Babalon 'verá e tocará(?) na adoração de Nu; ela alcançará Hadit'. Isto significa que ela alcançará ou se completará através de Set, pois Nu compreende Nuit e Babalon e portanto é idêntica com Tífon, a mãe de Set. *Baba*, a raiz de Babalon, é um título de Tífon. O *bab* ou *bau* é a entrada do vazio, cova, ou abismo. O *bebi* cóptico significa fluir e transbordar. *Bab* é também o BHV (13) Bohu, o vazio sobre o qual a gênese mística está baseada.³⁴⁰ O Bab é também chamado 'o Portal' (de saída tanto quanto de entrada). Porque o portal podia ser usado em ambos os caminhos, i.e. entrando ou saindo dele, os *Babisi* eram conhecidos como *os infernos nos céus*.³⁴¹ Tífon era o Tepht ou Depth (profundidade), *a cova da Serpente do abismo*. Em antigos rituais australianos o *typhe* ou *tupe*³⁴² era uma cova sobre a qual encantamentos mágicos eram cantados contra demônios que habitavam o abismo de escuridão.³⁴³ Suficiente tem sido agora mencionado para mostrar que um dos terrores mais primitivos registrados pelos antigos em mito e lenda era uma invasão por parte das forças negras do abismo. Este horror repousa na raiz de todos os rituais e exorcismos já desenvolvidos. A barreira protetora do magista começou com o conceito de uma cova, buraco, ou círculo mágico construído com a intenção de evitar a invasão do 'lado de fora', de além do véu. O véu era aquele que encobria o abismo. Em tempos primeiros ele não era tão denso quanto ele se tornou mais tarde quando o homem perdeu contato com suas origens elementais. Ainda assim existe prova de que nem todo ritual mágico era elaborado para repelir as forças negras; alguns eram elaborados especificamente para atraí-los para dentro do ambiente da onda-de-vida humana. Detalhes de tais processos foram destruídos com tal minuciosidade pelos anti-Tifonianos que nenhuma fórmula completa sobreviveu. Apenas indicações podem ser coletadas de tratados medievais corrompidos sobre

³³⁶ 364 é também o número de AVD MVPLA, 'a Luz Oculta', que determina a natureza do Deus oculto no Abismo, a saber: Satan.

³³⁷ Capítulo lxxxv.

³³⁸ Capítulo cviii.

³³⁹ AL, III, 45.

³⁴⁰ Compare Tohu e Bohu.

³⁴¹ Os céus eram retratados como Nu, as águas do espaço; i.e. o céu noturno.

³⁴² Compare o hebraico Tophet; 'no vale'.

³⁴³ Massey, *Gênese Natural*, II, 463.



alquimia e os grimórios de feitiçaria. Suficientemente curioso é o fato de que é na tradição rabínica que obtemos lampejos fugidios embora vívidos sobre um mundo obscuro de antimatéria; prenúncios poderia parecer, daqueles sobre os quais nós estamos hoje nos conscientizando de modo não confortável e dos quais estamos tendo lampejos através de um rasgo continuamente crescente no véu criado por uma nova feitiçaria, uma nova gnosis, conhecida como ciência nuclear.



Prenúncios de Maat

EM *O Renascer da Magia* eu chamei a atenção à similaridade entre a situação que enfrentavam os antigos iniciados e aquela que confronta a humanidade hoje. Esta situação está desenvolvendo uma sensação substancial embora ainda amplamente subconsciente de influência opressiva a partir do lado externo que – como Crowley observara³⁴⁴ – está encontrando expressão no ‘medo [do] pesadelo de uma catástrofe, contra a qual nós ainda estamos parcialmente hesitantes para tomar precauções’.

Inumeráveis livros tem surgido dentro das duas últimas décadas relacionados com aqueles que são agora considerados como sendo exemplos altamente prováveis de invasões periódicas deste planeta por parte de entidades extraterrestres. Muitos poucos livros oferecem um fragmento de evidência convincente em apoio à estas teses; entre aqueles que o oferecem pode ser citado *O Mistério de Sírius*, de Robert Temple, que tem a virtude de revelar ao público a existência de uma tribo africana com uma tradição ininterrupta de uma visita extraterrestre e que tem durado por mais de 10.000 anos.³⁴⁵ O Mistério de Sírius está profundamente relacionado à Tradição Tifoniana a qual minha Trilogia tem tratado exaustivamente.

Os escritos de H.P.Blavatsky eram indubitavelmente a fonte de inspiração para uma grande quantidade de literatura atual baseada na suposição de que várias evoluções passadas da onda de vida neste planeta fracassaram devido à algum acidente terrível ou má utilização do conhecimento oculto. Ainda assim Blavatsky, e Crowley, que em um certo sentido continuou o trabalho dela, declaravam serem apenas transmissores, de Inteligência extraterrestre. *O Livro de Dzyan* é provavelmente a transmissão mais completa que temos com relação aos mistérios das criações pré humanas, e *O Livro de Thoth* – na forma de curiosos glifos ocultos(?) conhecidos como o Taro – resumem o meio prático pelo qual esta Inteligência, e a corrente que ela incorpora, pode ser invocada e canalizada por Adeptos competentes para direcionar as forças que esta representa. *A Doutrina Cósmica* de Dion Fortune declara ser um outro corpo de transmissão não humana. Entre os Adeptos contemporâneos, Michael Bertiaux do Culto da Serpente Negra transmitiu e estabeleceu uma corrente transmudana em seus Papéis Graduados pertencentes ao Monastério dos Sete Raios.³⁴⁶ E a Soror Nema (Margaret Cook) em Ohio é um foco das Forças de Maat.³⁴⁷

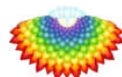
Os 22 Atus de Thoth indubitavelmente contem fragmentos da ‘sabedoria proibida’, ou sabedoria oculta, a qual os pós-Tifonianos buscavam abolir. Ainda assim com a primeira explosão nuclear que ocorreu neste planeta durante a atual onda de vida, a porta oscilou abrindo-se novamente e emanções do Abismo tem se derramado para dentro da atmosfera astral da terra desde então. A carga resultante de energia qlifótica está se acumulando tão rapidamente que apenas aqueles que conseguem entrar na arca de Nu como seres totalmente polarizados estão imunes do contágio. Tais seres eram simbolizados pelo andrógino dos antigos ensinamentos, desde o Ardhaniswari Indiano até o Baphomet bi-sexual dos Templários.

³⁴⁴ Vide introdução à edição de bolso do *Liber AL* publicada pela O.T.O. em 1938.

³⁴⁵ Vide *O Mistério de Sírius* (Robert Temple), Sidgwick & Jackson, 1976. O leitor interessado poderá notar a recorrência nos livros de Temple de importantes conceitos e temas Tifonianos que são tratado em minha Trilogia, e, talvez acima de tudo, a confirmação do *locus* de origem da Tradição Tifoniana na A.'.A.'. ou *Argenteum Astrum* (Estrela de Prata) a qual eu identifiquei com Sothis em 1972. Vide *O Renascer da Magia*, etc.

³⁴⁶ Vide *Cultos da Sombra*, capítulos 9 e 10.

³⁴⁷ Vide capítulo 11.



É sugerido pelos autores de *O Despertar dos Mágicos*³⁴⁸ que uma certa região do deserto de Gobi mantém as cicatrizes de uma explosão nuclear. No relato caldaico da disputa entre Bel e o dragão, a divindade solar se arma com a espada (*zain*) dos quatro quadrantes que se tornaram quatro caminhos. A espada, brandida e em movimento, é equivalente ao fylfot(?) de Thor o [Deus do] Trovão, ou à Suástica de Agni o Deus do Fogo. Bel 'mata o dragão, e quando a batalha termina diz-se que as onze tribos afluíram após a batalha em grandes multidões vindo para observarem pasmos a serpente monstruosa. A palavra onze é distintamente escrita *istin-isrit* ou um e dez³⁴⁹ de forma que não possa haver dúvida a respeito do número, embora nada seja conhecido a respeito das onze tribos'.³⁵⁰ A explicação de Massey é que estas onze tribos representam os onze signos zodiacais previamente descobertos, e que a morte do dragão ocorreu no décimo segundo, como o último signo do zodíaco solar final, a saber: Peixes. Mas o *décimo primeiro* signo sózinho é suficiente para explicar a parábola, pois Aquário tipifica as águas do abismo do espaço onde o dragão (Draconis) foi morto ou afundou para o Amenta, quando a supremacia solar sobre os cronometristas estelares foi finalizada. De outra forma, o onze se refere a Daäth como o local da morte e o local do oitavo, i.e. a Besta ou Dragão. Isso pode ser interpretado como o lugar através do qual o dragão da escuridão projetou-se para o 'outro lado'.

Nuit ou Nu arqueada sobre a terra, como retratada na Tábua da Revelação,³⁵¹ é o glifo egípcio da Arca de Nu ou Noé que continha um par de cada membro da criação animal *com a exceção de certas bestas* que os cultos posteriores baniram como Tifonianas, i.e. 'impuras'. Elas foram excluídas da arca – como implica a lenda – não por causa de sua natureza híbrida ou impura mas porque elas foram dispensadas por conta de serem incorporações simbólicas de uma *travessia* bem sucedida do lugar mais próximo para o outro lado da inundação que tipificava o abismo.

A lenda de Noé, distorcida na versão hebraica como também em seu análogo grego, o mito de Deucalion, ainda assim preserva traços da verdadeira gnosis que foi quase totalmente(?) destruída eras antes do começo do período monumental da história do Egito.

O cinco e o seis (56) que é a Palavra de Nu (Não / Not) é a chave para a arca e o arco. Isso é expresso cabalisticamente no $5 \times 6 = 30$ dos Gnósticos, ou o (vide símbolo no livro_OM) dos hindus, a Palavra ou Vibração do Não (Not), o *Ain*, o Olho do Sete (i.e. Set).³⁵² Além do mais, $5 + 6 = 11$, é o número da magia(k) de mutação ou transformação³⁵³ porque ele é o número de Nuit que diz: 'Meu número é 11, como todos os números daqueles que são de nós'. Eu percebi em algum lugar que 'nós' ('us') (66) é um glifo das *qliphoth* que os judeus não compreenderam e que eles portanto categorizaram como conchas dos mortos, demônios, e os *gillulim* ou deidades excrementais.³⁵⁴ A verdade da matéria é a verdade da *mater* (mãe), Nu, e ela repousa fisicamente naquela manifestação excremental estigmatizada particularmente pelos judeus e persas, e abominada por aqueles que não estavam cientes de seu valor alquímico. Os únicos repositórios sobreviventes destes mistérios são, ao que parece, certos Tantras do sul da Índia, as obras dos antigos Adeptos do Tâmil, e certos tratados árabes secretos velados na obscuridade de uma terminologia mística ainda mais elaborada e intrigante

³⁴⁸ Louis Pauwels e Jacques Bergier.

³⁴⁹ Compare o 'um além do dez'. (Nota do presente autor).

³⁵⁰ Talbot, *Registros do Passado*, vol. IX, pág.136, citado por Massey em *Gênese Natural*. II. 334.

³⁵¹ Vide *O Renascer da Magia*, ilustração 7.

³⁵² O 'sete' é Z; portanto *z-ain*, a Espada que efetua a dissolução do Tempo.

³⁵³ i.e. da morte e da 'dissolução e êxtase eterno nos beijos de Nu'. (Al. II. 44).

³⁵⁴ Por exemplo, a Merodach menstruante, desdenhosamente referida como a 'delicada Merodach' pela Septuaginta. Vide also Isaías xlví, 12 onde a tradução inglesa é vertida vagamente e de forma imprecisa, talvez não deliberadamente mas porque os tradutores também não conseguiram compreender o significado das *qliphoth*.



do que os textos alquímicos familiares aos estudantes ocidentais. Destino ou acaso – chame-o do que quiser – colocado à minha disposição um comentário raro sobre uma obra Tântrica por parte de um expoente do ramo (?) Chandrakala da divisão Vamachara dos Tantras, que contém claras referências ao uso mágico daqueles elementos psicofísicos que foram lançados fora (*vama*) e anatemizados unicamente devido à um preconceito religioso provocado por uma revolução em métodos de cronologia³⁵⁵. A grande mudança de tipos e símbolos foi exaustivamente explicada por Gerald Massey em sua obra monumental, mas o que não foi esclarecido por ele é o fato de que a *potência mágica* possuída pelas essências, os *kalas*, as flores ou emanações simbolizadas pelas divindades – sempre femininas – do panteão primordial. Ainda assim, à despeito da limitação imposta sobre Massey a respeito da ausência de textos iniciáticos disponíveis em seu tempo, sua obra permanece de altíssimo valor no que ela traça mais precisamente do que aquela de qualquer outro escritor, antes ou desde então, a linha de surgimento, a evolução e a história dos veículos simbólicos da Corrente Tifoniana a qual o presente escritor buscou explicar em todos os seus escritos. Com a exceção de Sir John Woodroffe e Aleister Crowley, nenhum escritor ocidental além de Massey, tocou sobre o conteúdo vital da gnosis genuína, a verdadeira tradição mágica. Pois, não existe dúvida absolutamente de que lá reside nos eflúvios sutis de certas vibrações vaginais magicamente carregadas a substância ou essência alquímica que, corretamente extraída e consumida, pode assim transformar o complexo corpo-mente humano de modo a torná-lo capaz de realizar a definição de magia(k) ‘fazendo ocorre alterações em conformidade com a vontade’.³⁵⁶ Os métodos mágicos para obter isto foram dados – até um certo ponto – nos escritos de Crowley, mas em muito poucas de outras obras até agora publicadas no ocidente, sempre excetuando umas poucas traduções de textos Sânscritos e Tibetanos apresentados por Sir John Woodroffe.³⁵⁷ É portanto meu objetivo particular fornecer o ‘elo perdido’ na obra de Massey fornecendo referências Tântricas que não apenas expliquem a Tradição Draconiana, mas que também tragam aquela tradição alinhada com a gnosis psicofisiológica primordial que, após ter transposto a brecha devastadora feita pelos solaritas, conduza diretamente para a Nova Gnosis que a ciência hoje em dia está vagarosamente revelando.³⁵⁸

Deveria estar profusamente claro agora que o Mistério do Abismo, o Portal do Abismo, a Porta de Daäth, etc., não são meras invenções literárias. O simbolismo do portal de ingresso, como o de saída, tipificado por Babalon, comporta as implicações contidas nos tantras já mencionados, implicações que eram suprimidas ou distorcidas pelos pós-Tifonianos ainda que durassem um pouco mais tardiamente [mas] de forma obscura nos escritos dos gnósticos com suas alusões aos banquetes de amor e ritos eucarísticos de Charis anatemizado pelos cristãos, que criaram o mito de um Cristo tornado carnal.

O simbolismo do Abismo permeia todas as tradições mágicas e mitologias antigas. Os finlandeses, por exemplo, se referiam a seus magos como ‘Abismos’, e a Abadessa de um certo Culto Budista Tibetano portava o título de *Dorje Phagmo*, significando ‘leitoa adamantina’ ou ‘eterna’, sendo a leitoa um tipo Tifoniano primordial da Deusa como a semeadora ou geradora.

As lendas dos Gêmeos da Luz e da Escuridão – Horus e Set que podem ser interpretados como o Direito e o Esquerdo (ou Frente e Costas) da Árvore, resumem a doutrina das polaridades negativa e positiva da corrente criativa: dia e noite, macho e fêmea, a dupla

³⁵⁵ Chronos: de onde vem cronologia. Os Kronótipos eram cronometristas inteligentes em oposição às forças do espaço pré-kronianas e elementares. Estas forças foram primeiro tipificadas zoomorficamente, ou totemicamente, como *Elementárias* de Chaos (Espaço) antes de nascerem no Cosmos (Ordem, e portanto Tempo) onde eles foram continuados na fase estelar da mitologia como símbolos das constelações, i.e. como cronometristas celestiais.

³⁵⁶ *Magick* (Crowley), p.131.

³⁵⁷ Vide em particular *O Tantra Demchog, Karpuradistotra, Kamakalavilasa, Anandalahari, Kularnavatanttra*, etc.

³⁵⁸ Vide em relação à isto a obra estimulante e sugestiva de Fritjof Capra, *O Tao da Física: Uma Exploração dos Paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. (Wildwood House, 1975).



lunação,³⁵⁹ ou o horizonte duplo.³⁶⁰ Esta polaridade é representada antropomorficamente como a criança Set, o garoto impúbere, e o homem Horus, o masculino viril. Note porém que no simbolismo da gnosis o impúbere era o tipo de *potencial*. Não sendo *nem* masculino nem feminino ele era o símbolo aceito de *ambos (both)*, ou *beth*, o dois, o gêmeo que era Um como o Magus³⁶¹ com sua força ou potencialidade gêmea. Massey nota que a lenda dos Gêmeos – Set-Horus – era pré monumental e ‘pertencia ao tempo de Shus-en-Har, à quem é atribuído um período histórico de 13, 420 anos’. Este cômputo ele observa ‘tem sido desde então corroborado pelas inscrições descobertas em Sakkarah’.³⁶²

Porém ainda antes do Culto dos Gêmeos, antigo como é, o Culto da Trindade, ou Três em Um, existia com a Mãe Tífon como a fonte primordial de criação que continha dentro de si mesma o filho (Set) cujo *potencial* foi atualizado como Horus. Este triplo caráter foi atribuído à Lua de Hecate, e os judeus também preservaram a tradição em sua formulação mais antiga da Árvore onde ele ainda permanece sob as formas de Daäth, Yesod e Malkuth. Daäth era a lua cósmica e a fonte da ilusão da fenomenalidade, i.e. o ego; Yesod era a lua astral ou celestial, a lua da magia(k) e bruxaria; Malkuth era a lua física que gerava encantos sobre o plano terreno. Malkuth era portanto o aspecto mais denso da trindade e a reificação da lua no feminino humano. Daäth é para a Tríada Superna o que Yesod é para a Tríada Infernal, e é significativo que a imagem qlifótica que os judeus atribuíam a Yesod era aquela de *Gamaliel*, o Asno Obsceno.

Segundo Sharpe³⁶³ a cabeça do asno é um hieróglifo egípcio determinativo possuindo o equivalente numeral de 30, o que mostra seu relacionamento à corrente lunar e o mês de 30 dias dividido em três partes, cada uma de dez dias. Contudo é nos textos persas que nós nos encontramos com o asno que pode ser considerado obsceno. Ele possui três pernas ou membros, a terceira sendo o falo, com o qual ele purifica o oceano de sal. ‘Quando ele enfraquecer(?) no oceano toda a água do mar será purificada’. O poder purgativo da urina é bem conhecido na Ásia,³⁶⁴ mas há outra forma, mais esotérica, de purificação conhecida pelos Tântricos a qual requer um consumo da urina da sacerdotisa escolhida para representar a Deusa nos ritos do *Kalachakra*.³⁶⁵ No *Bundahish* as águas são identificadas com o tempo, e o asno é o ‘assistente especial de Sothis em manter o tempo correto, ou em preservar as águas puras por meio de sua micção(?), que destrói as criaturas da corrupção’.³⁶⁶ Em outras palavras, as *qliphoth* são repulsadas e aniquiladas pela Estrela de Set que, com seu assistente o asno, purga o abismo dos teratomas gerados por Tífon. Massey nota que no *Livro dos Mortos* o ‘Tanque de Sal e de purificação é descrito como o *local do começo dos anos*’, i.e. o local do início do tempo, ou a fonte de *kala* tipificada por Kali ou Babalon, a Mulher Escarlate.

Existe aqui uma confusão de tipos; o asno era originalmente um glifo da mulher como a fonte, fundação ou assento, o traseiro (???)_ass) como ele é vulgarmente chamado. O fluido purgativo era o *kala* do fluxo lunar. A urina, embora um purificador, era nada mais que uma fonte secundária de purificação, logo a associação do asno com a fundação (Yesod significa

³⁵⁹ Crescente e minguante da lua.

³⁶⁰ Os equinócios de Primavera e Outono.

³⁶¹ Atu Um é atribuído a Beth, *O Mago*. Beth, sendo ambos (both), é portanto também *neither (nenhum)*. Vide cap. 2, *supra*.

³⁶² *A Gênese Natural*, vol. II, p.473. Vide também *O Renascer da Magia*, capítulo 3.

³⁶³ *Inscrições Egípcias*, Ixxiii, 7.

³⁶⁴ Na Índia, por exemplo, a urina de vaca tem sido utilizada desde tempos imemoriais na cura de mordida de cobra.

³⁶⁵ O Círculo Kaula. Vide a Trilogia Tifoniana; capítulos sobre Tantra da Mão Esquerda.

³⁶⁶ *A Gênese Natural* (Massey), vol. II, p.346.



'fundação'), e, mais tarde, com as divisões lunares: o brilhante e o escuro (quinzenas) representados pela água brilhante ou dourada e o fluxo escuro ou menstrual.

É afirmado por algumas autoridades que o asno era o objeto particular de adoração nos ritos dos Templários, e que a sodomia conectada à este simbolismo – como com aqueles ritos – era ela mesma simbólica do caminho para trás, para a esquerda, ou o caminho furtivo da mulher. A cabala egípcia, com o asno significando o número 30 a conecta com idéias já mencionadas em relação à este número e com a própria Árvore da Vida.

Massey compara o asno com Noé, ambos sendo verdadeiros cronometristas. Isso pode ser compreendido como significando que tanto a arca de Noé, o arco de Nuit, quanto o asno ou fundamento, são, como a lua e Sothis, reguladores do tempo periódico. Além do mais, as águas fluindo do abismo e fervilhando com as 'criaturas de corrupção' (i.e. as *qliphoth*) são purificadas pela regulação mágica de tempo e período e, quando consumidas, conferem o poder de penetrar para o outro lado da Árvore.

De modo a compreender a total importância deste Mistério é necessário fazer aqui uma prolongada divagação. Existe uma conexão mística, senão uma identidade real, entre os conceitos Daäth e Maat. Em uma de suas grafias Maat é 51, o número de Edom (ADVM), o reino dos 'reis demônios' ou 'forças desequilibradas'. Grafado de outra maneira é 442, o número de APMI ARTz, 'o fim da terra'. Maat significa 'regra', 'medida', 'comprimento'³⁶⁷ e ela representa uma terminação ou fronteira entre uma região e outra, entre o reino de Edom e o lado mais próximo da Árvore, ou, de modo inverso, entre o fim da terra e o outro lado da Árvore. Em uma comunicação recebida por uma Sacerdotisa de Maat contemporânea, aquela deusa é descrita como a 'Pausa'.³⁶⁸ Similarmente, no livro de Halevy sobre a Qabalah,³⁶⁹ Daäth é descrita como o 'Intervalo'. Daäth e Maat portanto simbolizam o estado de interposição que Austin Spare associou com a ruptura infinitesimal na continuidade da consciência que permitiu o influxo de poder alienígena³⁷⁰. Mas é em seu avatar de Maut, a deusa abutre, que Maat se torna explicável como a *solution de continuité* em oposição à Nu ou Nuit.

Ambas Maut e Nu possuem o valor de 56 (=11). Nuit, como a 'contínua do céu'³⁷¹ é dissolvida na descontinuidade do inferno³⁷² presidida por Maut que é idêntica com Maat como a partícula-verdade atômica, Atma.³⁷³ Os dois conceitos, Maut e Nu, totalizam juntos 112 (duas vezes 56) que é um mais do que 111, o número de *Smai*, um título de Set e da palavra grega HNNHA, significando 'nove'. Nove é o número de Yesod, a zona de poder que reflete Daäth dentro do mundo astral. 5 + 6 + 5 + 6 totaliza 22, o número de raios conectando os 32 *kalas* da Árvore da Vida. O 'um' que é mais do que 111 é também o 'um em oito' explicado anteriormente em relação ao simbolismo da serpente de oito cabeças: o 'um em oito' que é 'nove' para os tolos³⁷⁴ que são 111.³⁷⁵

Como Crowley observa:³⁷⁶

³⁶⁷ Compare com nosso vocábulo *maths* (matemática).

³⁶⁸ Vide *Liber Pennae Praenumbra. Cincinnati Journal of Ceremonial Magick*, vol. I. No. I (1976).

³⁶⁹ *Adão e a Árvore Kabalística*, p.23.

³⁷⁰ Nota do Tradutor: No sentido de Estranho.

³⁷¹ AL. I. 27.

³⁷² O abismo.

³⁷³ Também explicado como 'Atum' e 'Edom'.

³⁷⁴ AL. II. 15.

³⁷⁵ A letra Aleph atribuída ao Louco do Taro, quando soletrada por extenso resulta no número 111.

³⁷⁶ *O Livro de Thoth*, p.53.



Se alguém assumir que o Taro é de origem egípcia, pode-se supor que Mat (esta carta sendo a carta principal de todo o maço) realmente significa Maut, a deusa abutre, que é uma modificação da idéia de Nuith mais antiga e mais sublime do que a de Isis.

Aqui é mantido, contudo, que Maut não é apenas ‘uma modificação mais antiga . . . da idéia de Nuith’, etc., mas o Negativo Primal que assume continuidade ou duração aparente no universo fenomenal; que ela é deveras o vazio numênico que é o substrato da Realidade. Em outras palavras, ela é a vacuidade que caracteriza o tolo, ou ‘o bobo’, o *mat* ou louco, o ‘santo’ que é ‘um em oito’, como previamente explicado. E este um em oito é Daäth ou Maath – a Boca do Abismo, o buraco no espaço que se abre para o outro lado da Árvore.³⁷⁷ Assim, idéias tais como O Louco, o vazio, a boca, o santo, estão todas incorporadas na imagem de Maut.

Crowley também chama a atenção para o fato de que o abutre era antigamente considerado como tendo reproduzido sua espécie pela intervenção do vento. A palavra ‘louco’ deriva de ‘follis’, uma ‘bolsa de vento’, de forma que ‘até mesmo a etimologia dá a atribuição ao ar’.³⁷⁸

Quando Crowley e Neuburg evocaram Choronzon no deserto³⁷⁹ eles utilizaram a adaga.

Esta é a arma mágica atribuída ao ar que, como um conceito metafísico, simboliza o espaço e a vacuidade, o complemento do tempo e continuidade representados por Nuit. Maut e Nu-Isis portanto alcançam equilíbrio na décima primeira zona de poder e no décimo primeiro caminho (*aleph*), o Caminho do Louco.

O ar é simbólico do fantasma ou *geist*, a rajada de vento ou alento de espírito que – na tradição bíblica – impregna a Virgem Maria e é portanto conhecido como o espírito ‘santo’. Maut também reproduz segundo este estilo, pois Matéria (Maat) é a manifestação do imanifesto, tipificado por espaço (o vazio). Os extraterrestres fecundam a humanidade *via* espaço, e o transmissor de suas vibrações sutis é o *aethyr* (éter), simbolizado pela pomba, a besta do ar.

No Comentário ao *Liber Pennae Praenumbra* é notado que ‘Qualquer coisa pesando mais que Maat, a própria Verdade, não pode prosseguir ou cruzar o Abismo’. A pena que tipifica Maat é um símbolo do ar e do vôo; não o vôo da águia, mas do abutre cujas asas permanecem imóveis no espaço, já que não pode existir movimento no vazio. Os deuses são os ‘goers’ (‘os que vão’_?) e ‘o equilíbrio é mantido pelo movimento para frente’.³⁸⁰ Uma ruptura total de progressão leva ‘imediatamente ao Abismo . . .’ porque ‘quando o movimento é transcendido, o mago não mais existe, é nada (no-thing)’.³⁸¹

A Palavra do Aeon de Maat é IPSOS (IPSE + OS). Ela é traduzida por seus Adeptos como ‘a mesma boca’. A boca é Maut. Ipsos é mais ainda declarada como sendo a palavra do 23º Caminho ou *Kala*, cujo número é 56 (5 + 6 = 11). Este é o número de ambas Nu e Maut, e onze é o número da qliphoth tanto quanto da magia(k). O 23º *kala* é atribuído à água, o elemento mais oposto ao ar, pois a respiração é abolida pela água, que é atribuída ao Enforcado do Taro.

³⁷⁷ O leitor é referido à *O Livro de Thoth*, p.55, onde Crowley observa mais além que a palavra ‘silly’ (bobo), significando ‘vazio’, deriva do alemão *selig*, significando ‘santo’.

³⁷⁸ *Ibid*, p.53

³⁷⁹ Vide *Liber 418*, 10º Aethyr.

³⁸⁰ Do Comentário ao *Liber Pennae Praenumbra*.

³⁸¹ *Ibid*.



Este Atu possui uma significação oculta explicável apenas em sua importância mais profunda com referência ao *Vama Marg*. O Enforcado é retratado de ponta cabeça, uma postura típica do inverso associado com *viparita karani*.³⁸² A 'água' peculiar à este caminho é o sangue que flui da boca daquela deusa cujo símbolo é o abutre, um pássaro que ganhou a reputação de se alimentar deste fluido formativo. O morcego vampiro é um outro zoótipo do sugador de sangue que foi 'enforcado'. Ele se pendura de ponta cabeça em seu sono 'yóguico' de saciedade, empanurrado pelo fluido vital de suas vítimas.

A palavra hebraica para água é MIM = 90, o número de *Tzaddi*, a letra sobre a qual está escrito:³⁸³ 'Tzaddi não é a Estrela'.³⁸⁴ O significado de *Tzaddi* é um 'anzol para peixe', e o peixe é o esperma secreto que nada dentro do sangue da sacerdotisa cujo símbolo é a Estrela de Prata. O número da Sacerdotisa é 3, que, junto com *Tzaddi* soma 93, ou 3 x 31. O Caminho da Sacerdotisa é atribuído ao número 13, o inverso de 31, a Chave de AL, que, nas mãos da Sacerdotisa, 3, se torna 93.³⁸⁵ Treze denota a corrente mágica cognata com sangue menstrual, o sangue³⁸⁶ do qual ambos emanam, e é consumido pelo Enforcado.

Este simbolismo se iguala com aquele da pérola negra no lótus de cristal descrito em *Liber Pennae Praenumbra*. A pérola é a pedra especial da Sacerdotisa; ela é negra porque ela é a sacerdotisa de Kali, do Tempo, ou 'em seu tempo, ou período (dela)'. O cristal é atribuído ao 13º caminho; o lótus ao 23º caminho.³⁸⁷

Existe, contudo, uma maneira profundamente mística na qual este sangue *não* é; quer dizer, na qual ele é a antítese de tempo e, portanto, de manifestação. MIM, grafado com o 'm' final contado como 600, torna-se 650,³⁸⁸ que é o número da palavra caldaica LShOIRM, significando *daemonibus hirsutis* (às deidades hirsutas / cabeludas).³⁸⁹ Estes eram tipos de Set³⁹⁰ como deuses de geração. Nuit diz: 'Meu incenso é de madeira & gomas resinosas; e *não há sangue* nisto: por causa de meu cabelo as árvores da Eternidade'.³⁹¹ Ela então prossegue declarando: 'Meu número é 11, como todos os números dos que são de nós'. Aqui Nuit dá a receita de seu incenso em oposição a seus perfumes, fragrâncias, ou flores (i.e. o lótus). O incenso é atribuído ao ar, espaço, o vazio; e as flores (particularmente o lótus) à água, sangue. Logo, Maat (ar), e Maut (sangue) são formuladas em Nuit como NOT (NÃO), 'a Estrela'.

Maat é a contraparte feminina de Thoth, que é idêntica com Daäth. Maat e Daäth têm portanto uma equivalência de polaridade(?) que em nenhum outro lugar é tornada tão evidente como na atribuição à Thoth – como seu consorte – do cinocéfalo ou macaco com cabeça de cão. Maat é portanto a Verdadeira Palavra que, quando refletida ou 'imitada' pelo cinocéfalo, torna-se falsidade. É este aspecto dual de Nuit, como o não-manifesto (numênico) e o

³⁸² Inversão dos sentidos. Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 4.

³⁸³ AL. I. 57.

³⁸⁴ A interpretação de Frater Achad desta frase como significando 'Tzaddi é Nuit (Não / Not), a Estrela' pode abordar mais de perto o coração do mistério, como distinta da [interpretação] de Crowley que mantém que Tzaddi não é a Estrela porque alguma outra letra é.

³⁸⁵ O número de *Thelema*, *Agapé*, *Aiwass*, *Nakaka*, etc.

³⁸⁶ Glifado como MIM, água.

³⁸⁷ Segundo o *Liber 777* 'todas as plantas de água' são atribuídas ao 23º caminho.

³⁸⁸ Note o simbolismo recorrente 6 + 5 = 11.

³⁸⁹ Cultuadas no Egito.

³⁹⁰ Sobre o LShOIRM ou Serau, Massey observa 'Existe um tipo particular de bode cabeludo conhecido nos monumentos como o Serau . . . Na linguagem do Egito, diz Heródoto (ii. 46), ambos um bode e o deus Pan são chamados Mendes'. I.e. os serau eram sagrados à Set, a forma egípcia de Pan.

³⁹¹ AL. I. 59. Os itálicos são do presente autor.



manifesto (fenômenos), que é combinado na décima primeira zona de poder, Daäth. Daäth é portanto o ponto crítico da Árvore, o verdadeiro local de travessia para o 'outro lado', e seu significado com relação à Maat como a janela se abrindo por sobre o Aeon de Nu, o Aeon de Nu-Isis ou Maat, será agora explicado.



A Boca do Abutre

A PALAVRA do Aeon de Maat que os iniciados afirmam ter sido recebida enquanto em comunicação com inteligências extraterrestres,³⁹² é IPSOS, significando 'a mesma boca'. No segundo capítulo de *AL* (verso 76) surge uma cifra críptica que contém um grupo de letras possuindo o valor de IPSOS. De fato, duas grafias diferentes de Ipsos resultam em números equivalentes a um grupo de letras em *AL*. O criptograma em *AL* é RPSTOVAL, que tem o valor cabalístico de 696 ou 456 conforme ou a letra 'S' é lida como um *shin* ou como um *samekh*. Similarmente, IPSOS = 696 ou 456 conforme se o primeiro 's' é tomado como um *shin* ou um *samekh*. IPSOS é portanto o equivalente cabalístico de RPSTOVAL. O significado deste grupo de letras não é conhecido, mas Ipsos a boca, o órgão da Palavra de Expressão (saída_?), de Alimentação, Sucção, Beberagem, etc., é o órgão não apenas de expressão mas também de *recepção* da Palavra.

A fórmula RPSTOVAL compartilha com IPSOS, pois a fórmula da Torre³⁹³ é aquela do Falo em erupção, e a ejaculação³⁹⁴ da Palavra do Aeon de Maat, a Palavra que se estende até 'o fim da terra'.³⁹⁵ A terra está sob o domínio do Príncipe do Ar (i.e. Shaitan), mas os espaços além estão sob o domínio do Senhor do Aethyr, cujo símbolo é o abutre.

Nenhuma fórmula pode ser cósmica que não seja essencialmente microcósmica, pois uma contém a outra. É portanto sugerido que a fórmula de RPSTOVAL é aquela de um processo especificamente fisiológico que envolve a boca (útero) em sua fase mais recôndita.

A boca enquanto Maat, a Verdade, a Palavra; Mat, a Mãe; Maut, o Abutre; e Mort, o Morto,³⁹⁶ está implícita no simbolismo da Torre. A erupção ou expressão da Torre (falo) é a *saída* (?) da Palavra para dentro dos espaços além da terra que são um com os aethyrs³⁹⁷ representada por *el Mato*, o Louco, o Mat ou O Louco, e *Le Mort*, o Morto.

O Caminho do Louco (décimo primeiro caminho) é a extensão secreta do Caminho da Torre (Atu XVI) e uma compreensão iniciática deste simbolismo apresenta uma chave para a fórmula do Aeon de Maat que está resumido pelo número 27 (11 + 16), o número do Caminho do Morto e do Atu XVI, *A Torre*.³⁹⁸ É significativo que o Caminho da Torre seja de fato o 27º Caminho. Este número é atribuído ao *Liber Trigrammaton*, um Livro Santo, embora ainda não compreendido, recebido por Crowley de Aiwass. Crowley suspeitava que ele continha o segredo da cabala 'Inglesa', e em seus *Comentários* sobre o *AL* ele tentou equacionar os trigramas com as letras do alfabeto Inglês de modo a descobrir a cabala Inglesa tal como ele estava ordenado a cumprir no *AL*.³⁹⁹ Mas as equações estavam longe de serem convincentes, mesmo para ele mesmo. O que ele parecia não compreender era que a cabala que ele buscava pertencia a uma dimensão completamente diferente, e que a boca que iria comunicar esta cabala era a boca cujas emanações são os próprios *kalas*. Portanto, como eu sugeri em *Cultos da Sombra* (capítulo 7) com relação à palavra RPSTOVAL, com igual probabilidade

³⁹² Vide Página 116, nota 36.

³⁹³ Associada com a fórmula de IPSOS; vide Figura 8.

³⁹⁴ *Via* o meatus, uma boca inferior.

³⁹⁵ Maat = 442 = APMI ARTz = 'o fim da terra'.

³⁹⁶ i.e. o subconsciente (Amenta).

³⁹⁷ IPSOS grafado como 760 é equivalente à 'Empyreum', o empíreo.

³⁹⁸ Em alguns maços de Taro este atu é conhecido como *A Torre Destruída*.

³⁹⁹ Tu obterás a ordem & valor do alfabeto Inglês; tu encontrarás novos símbolos aos quais as atribuirá'. (*AL*. II. 55).



pode a palavra IPSOS ocultar uma fórmula de *kalas* psicosexuais que podem ser compreendidos com relação a uma interpretação tantrica da polaridade sexual.

A interação da vagina e do falo (i.e. a boca e a torre) está resumida sob a fórmula eroto-oral conhecida na linguagem popular como o *soixante-neuf* (69). Mas o assunto é um pouco mais recôndito do que aquele geralmente implicado por esta prática. Os números 6 e 9 denotam o sol e a lua, Tiphareth e Yesod, e, em termos dos 32 *kalas* o 6 e o 9 se referem àqueles de Leo⁴⁰⁰ e Pisces⁴⁰¹. A enumeração total resulta 109, o número de NDNH, uma palavra Hebraica significando 'vagina'⁴⁰².

Deduzindo a cifra, 109 se torna 19, que é o 'glifo feminino'.⁴⁰³ 109 mostra portanto o ovo ou esfera – 0 – do Vazio, o *ain* do infinito em sua forma feminina. O significado mágico deste simbolismo está colocado numa categoria mais ampla sob o número 69: a radiante energia (relâmpago) solar-fálica do Anjo⁴⁰⁴ correndo veloz para dentro da boca, cálice ou útero da Lua para misturar-se com o *qoph kala*.⁴⁰⁵ A bebida resultante é o *vinum sabbati*, o Vinho do Sabá das Feiticeiras que pode ser destilado, segundo os antigos grimórios, 'quando o final(???) da Torre está obscurecido (ou velado) pela asa do abutre'.

Diz-se que um grito peculiar é emitido da boca do abutre. Em *O Coração do Mestre*,⁴⁰⁶ Crowley observa que este grito ou palavra é Mu. Seu número, 46, é a 'chave dos mistérios', pois ele é o número de Adam / Adão (Man / Homem). Mu é a semente masculina,⁴⁰⁷ mas ela é também a água (i.e. sangue) da qual o homem foi moldado.⁴⁰⁸ O abutre é um pássaro de sangue e seu grito penetrante é expressado no momento de *retalhar(?)*⁴⁰⁹ que acompanha o ato de manifestação: 'Pois estou dividida por causa do amor, para a chance de união'. (AL. I. 29).

O número 46 também implica o véu divisor (Paroketh), previamente explicado. MAH, 46, é o hebraico para 100, o número de *qoph* e portanto da 'parte de trás da cabeça', o assento das energias sexuais no homem. O cem implica na totalização ou realização de um ciclo de tempo.⁴¹⁰ O pleno significado do simbolismo é portanto que quando o abutre abre suas asas para receber o golpe fálico no silêncio e discrição da nuvem,⁴¹¹ seu grito penetrante de êxtase, *hriliu*⁴¹², é MU (46).⁴¹³

⁴⁰⁰ O *kala* do Sol, atribuído à letra Teth, significando um 'leão-serpente'.

⁴⁰¹ O *kala* da Lua, atribuído à letra Qoph, significando 'a parte de trás da cabeça'.

⁴⁰² O número 109 é também aquele de OGV, 'círculo', 'esfera'; BQZ, 'relâmpago'; e AHP, 'Ar'.

⁴⁰³ Vide 777 *Revisado*: Significado dos [Números] Primos de 11 a 97.

⁴⁰⁴ Tiphareth; a Esfera do Santo Anjo Guardião.

⁴⁰⁵ Vide Diagrama 1, *Cultos da Sombra*.

⁴⁰⁶ Reeditado em 1974 pela 93 Publishing, Montreal.

⁴⁰⁷ Compare a palavra egípcia *mai*.

⁴⁰⁸ A-DM ou Adam foi feito da 'terra vermelha' (i.e. DM, sangue).

⁴⁰⁹ HBDLH (retalhando_?) = 46.

⁴¹⁰ Compare com a palavra egípcia *meh*, 'encher', 'cheio', 'completar'.

⁴¹¹ Paroketh também significa 'uma nuvem'; uma referência à invisibilidade tradicionalmente assumida pelo deus masculino ao impregnar a virgem.

⁴¹² Em sua cópia pessoal do *Liber XV (A Missa Gnóstica)*, Crowley explica *hriliu* como o 'êxtase metafísico' que acompanha o orgasmo sexual

⁴¹³ É interessante observar juntamente com o significado da palavra IPSOS, que Frater Achad chegou muito próximo à uma interpretação similar de sua própria fórmula do Aeon de Maat, a saber: Ma-Ion. Numa carta datada de 7 de Junho



Neste estágio é necessário fazer uma digressão aparentemente irrelevante caso a total importância do simbolismo da Torre deva ser entendida.

Numa construção dilapidada anteriormente situada no local atualmente ocupado pelo Centre Point⁴¹⁴ ocorreu, em 1949 um rito mágico curioso. Ele aconteceu por instigação de Gerald Gardner.⁴¹⁵ O aposento no qual o rito ocorreu estava alugado naquela ocasião por uma 'bruxa' a qual eu chamarei de Sra. South. Ela era realmente uma cafetina(?) e prostituta que temperava suas atividades com um sabor 'oculto' calculado para apelar à um certo tipo de *clientela*. Acompanhado por minha esposa e Gerald Gardner, nós três nos dirigimos ao apartamento da Sra. South após passarmos uma tarde com Gardner em seu apartamento em Ridgemount Terrace afastado da Tottenham Court Road. O rito exigia cinco pessoas e só poderia começar após a chegada de uma jovem senhora a quem a Sra. South estava aguardando para aquele propósito. Supunha-se que a jovem senhora era – como a própria Sra. South - bem versada nos aspectos mais profundos da feitiçaria. Eu não vou negar o fato de que sua feitiçaria provou ser genuína, mas que ela sabia menos ainda sobre a arte do que a Sra. South eu também não vou negar.

Gardner explicou que o propósito do rito era demonstrar sua habilidade em 'trazer para baixo o poder'. Ele pretendia elevar uma corrente de energia mágica com o propósito de contatar certas inteligências extraterrestres com as quais eu estava, naquela ocasião,⁴¹⁶ em *rapport* quase constante. O rito deveria consistir na circunvolução de nós cinco ao redor de um grande sigilo gravado em papel pergaminho que foi especialmente consagrado. O sigilo foi desenhado para meu uso por Austin Osman Spare que também estava, naquele tempo, ocupado em contatar extraterrestres. O sigilo seria mais tarde consumido na chama de uma vela disposta sobre um altar no quadrante norte do apartamento. À parte deste equipamento mágico, o aposento da Sra. South continha apenas duas ou três estantes de livros sobre feitiçaria e o 'oculto' em geral; eles foram sem dúvida importados por ela para emprestar um ar de autenticidade à suas buscas mais usuais.

Se o rito teria sido eficaz ou não fica aberto para questionamento. Ele foi interrompido antes da invocação inicial ter sido concluída. Esta consistia de uma circunvolução horária ao redor do altar com rapidez crescente em círculos que iam diminuindo. A campainha da porta da frente tocou subitamente nas profundezas da construção no restante deserta, primeiramente fraca, então de forma penetrante e insistentemente. O determinado visitante provou ser o proprietário de uma livraria 'oculta' situada numa distância não muito grande do apartamento da Sra. South. Contudo ao saber que eu estava no alto da escadaria o visitante decidiu não subir.⁴¹⁷ Ele saiu e então meteu-se na vaga névoa de Novembro que mais tarde naquela noite se desenvolveu em um bom fog (nevoeiro) Londrino à moda antiga.

O objetivo deste relato é ilustrar um fato curioso característico da estranha maneira na qual a magia(k) freqüentemente funciona. O sigilo que deveria ter formado o foco da Operação aquela noite era o de um espírito particularmente potente, que teria sido indubitavelmente descrito por Gardner e a Sra. South como essencialmente 'fálico'. Este fato é importante, pois logo após a cerimônia abortada a Sra. South morreu sob circunstâncias misteriosas; o casamento do dono da livraria se desintegrou violentamente e ele também morreu logo após. O próprio Gerald Gardner não demorou em seguir o exemplo(?). Mas o alto edifício mais tarde

de 1948, ele escreve: 'Por gentileza observe que em Sânscrito Ma = Not (Não). Na mesma linguagem ela também significa: 'Mouth' ('Boca').

⁴¹⁴ Londres WC1.

⁴¹⁵ O autor de dois livros sobre Feitiçaria que atraiu alguma atenção no tempo de sua publicação nos anos 50.

⁴¹⁶ O incidente ocorreu durante o estágio formativo de uma loja da O.T.O. que eu havia fundado para o propósito de canalizar influências mágicas específicas desde uma fonte transplutoniana simbolizada por Nu-Isis.

⁴¹⁷ Minha associação com Aleister Crowley não era desconhecida à ele.



erguido sobre o local que estes magos frequentavam é no meu entender um monumento adequado à futilidade daquela Operação noturna.

Fui induzido à lembrar de fazer este relato sobre um rito mágico que deu errado devido à uma declaração feita por Ithell Colquhoun que reconhece na Torre do Correio um monumento à magia de MacGregor Mathers, algumas de cujas atividades foram concentradas naquela região de Londres.⁴¹⁸ A premissa pode ser absurda, mas deve ser lembrado que os surrealistas, dos quais Ithell Colquhoun era um, penetraram muitos mistérios mágicos que escaparam aos praticantes e investigadores mais prosaicos. Os casos de Centre Point e a Torre do Correio (ambas formas da Torre Mágica discutida no presente capítulo) conduzem logicamente ao simbolismo da Torre que penetra os Trabalhos de vários ocultistas contemporâneos que operam independentemente uns dos outros.

Durante os últimos anos recentes o presente escritor tem recebido cartas de pessoas e grupos mágicos de todo o mundo, e talvez não seja surpreendente – em vista da natureza comum de nossas pesquisas – que certos símbolos dominantes devam recorrer. Por exemplo, o *Liber Pennae Praenumbra* que foi recentemente recebido por Adeptos em Ohio, EUA, está permeado com os símbolos mostrados no vívido delinear de Allen Holub de *O Abutre na Torre do Silêncio* (vide ilustração 8): O Abutre de Maat, a Abelha de Sekhet, a Torre do Silêncio, e a Serpente cujas espirais formam a palavra IPSOS.

Um outro grupo independente de Adeptos em Nova Iorque, conduzido por Soror Tanith da O.T.O., também recebeu símbolos idênticos, dos quais a Torre do Silêncio e a Abelha de Sekhet são os predominantes. A transmissão à Soror Tanith foi emitida por uma entidade extraterrestre conhecida como LAM que foi anteriormente contatada por Crowley em 1919.⁴¹⁹

O líder do Culto da Serpente Negra, Michael Bertiaux, também contatou LAM enquanto operava com a Corrente Bön-Pa Tibetana nos anos sessenta.⁴²⁰ Em todas estas invocações e operações mágicas, o simbolismo acima descrito tem sido predominante, o que sugere que em todos os três locais (i.e. Ohio, Nova Iorque e Chicago) uma idêntica energia oculta, entidade ou raio, está irradiando vibrações em conformidade com os símbolos de Mu ou Maat e podem portanto proceder daquele aeon futuro. Isso tende à confirmar a teoria de Frater Achad de que existe uma sobreposição provocada por uma 'curvatura no tempo' que está manifestando seu enrolar espiral conforme a antiga sabedoria,⁴²¹ onde era simbolizada pelo abutre com o pescoço em espiral e pelo pescoço torto cujas peculiaridades físicas fizeram dele um totem ou símbolo senciante similarmente apto.

Outro totem, menos facilmente explicável, é a hiena. Como o abutre, a hiena é uma 'besta de sangue', mas apenas isso não responde por seu uso como um glifo zoomórfico na Tradição Draconiana. Segundo a antiga sabedoria a hiena só pode enxergar à direita ou à esquerda girando(?) ao redor de todo o seu corpo; i.e. ele não consegue virar sua cabeça. Ele é portanto de igual valência, simbolicamente, como o pescoço torto. Como um totem do abismo, a atribuição da hiena é por si evidente à respeito de esta povoar as criptas e tumbas

⁴¹⁸ Vide a *Espada da Sabedoria*: MacGregor Mathers e a Golden Dawn, por Ithell Colquhoun, Nevile Spearman, 1975. A Srta. Colquhoun observa que W.B. Yeats e outros foram iniciados na Rua Fitzroy, e comenta: 'Hoje a Torre do Correio ofuscando a rua poderia, eu suponho, ser vista como uma projeção do poder de Hermes, aqui substituindo o de Isis-Urania'. (p.50).

⁴¹⁹ Crowley também estava em Nova Iorque na ocasião em que ele estabeleceu contato com esta entidade. Uma gravura de LAM desenhada por Crowley aparece em *O Renascer da Magia*, ilustração 5. O desenho foi exibido originalmente em Greenwich Village em 1919 e publicada em *O Equinócio Azul*.

⁴²⁰ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 10.

⁴²¹ Zoroastro (circa 1100 A.C.) estava bem consciente da misteriosa dobra do tempo que exercitou o talento de alguns dos mais perspicazes pensadores modernos. Ele descreveu Deus como tendo uma 'força espiral' e associou o hiato de tempo com a progressão dos aeons que retornavam à sua fonte de origem, assim reativando os atavismos primais da consciência primeva.



do antigo Egito e se alimentar dos mortos. O simbolismo do deserto também se aplica. Na Índia o abutre e a hiena estão entre as bestas associadas com os ritos de Kali. O elemento tântrico do rito está então implícito.

Existem similaridades próximas entre os ritos Afro-Egípcios de Shaitan celebrados na Suméria e Acádia, e os posteriores ritos tântricos Indianos de Kali. O sabor distintamente mongol desses ritos observados por estudiosos⁴²² é evidente no ethos(?) peculiar que permeia muito da literatura conectada aos Kaulas, que usam o bode, o porco, o abutre, a serpente, a aranha, o morcego, e outras bestas tipicamente Tifonianas em suas cerimônias sacrificiais. Existem também uma confraternidade secreta na América do Sul atualmente que mantém entre os devotos de seu círculo interno aqueles que atravessaram os Portais Intermediários(?) na forma-deus do morcego. Este é o zoótipo da besta de sangue vampira que está ligada ao simbolismo do abutre e da hiena. O morcego se pendura de ponta cabeça para dormir após se alimentar; a hiena é retromingent⁴²³; e o abutre, cujo pescoço torto sugere uma forma de 'visão' para trás, são determinativos ocultos daquela retroversão dos sentidos que torna possível o salto por cima do abismo. Este salto é um mergulho para trás através do vazio tempo-espaço de Daäth com o resultado de que o fundo salta fora do mundo do Adepto que o ensaia. Sax Rohmer, que foi uma vez um membro da Golden Dawn,⁴²⁴ faz uma alusão de passagem à este culto em seu romance *Asa de Morcego (Batwing)*, e embora ele prejudique o efeito de sua estória ao recorrer ao truque literário vulgar de uma solução mecanicista, ele não obstante se refere à um culto real quando ele diz:

Enquanto que serpentes e escorpiões tem sido sempre reconhecidos como sagrados por cultuadores do Voodoo, o real emblema de sua religião impura é o morcego, especialmente o *morcego vampiro da América do Sul*.⁴²⁵

Rohmer, como H.P.Lovecraft, tinha experiência direta e contínua dos planos internos, e ambos estabeleceram contato com entidades não-espaciais. Além do mais, estes dois escritores recuaram – em seus romances e em suas correspondências privadas respectivamente – do atual confronto com entidades que são facilmente reconhecíveis como os enviados de Choronzon-Shugal. As máscaras destas entidades adquiriram uma qualidade de tal clareza forçada que nem Rohmer nem Lovecraft eram capazes de encarar o que jaz abaixo. Ainda assim o repúdio insuperável inspirado por tais contatos ocultavam potencial mágico, comprimido e explosivo, o que tornou estes dois escritores mestres em seus respectivos ramos de ocultismo criativo.

Não há dúvidas que escritores como Sax Rohmer, H.P.Lovecraft, Arthur Machen, Algernon Blackwood, Charles Williams, Dion Fortune, etc., trouxeram influências poderosas para serem ostentadas sobre o cenário ocultista através de seus vários esboços das Qliphoth. A fórmula do abismo, por exemplo, tem sido incomparavelmente expressa em alegoria pelo simbolismo do salto mortal psicológico descrito por Charles Williams (em *Descida ao Inferno*) que usa as linhas assombrosas:

O Mago Zoroastro, meu filho morto,
Encontrou sua própria imagem caminhando no jardim.

como um tema para sua estória.

O ato de girar ou virar para trás é a fórmula implícita na antiga simbologia da bruxaria.⁴²⁶

⁴²² Vide *Estudos sobre os Tantras*, de Prabodh Chandra Bagchi.

⁴²³ Nota do Tradutor: Micção realizada ao contrário.

⁴²⁴ Segundo Cay Van Ash & Elizabeth Sax Rohmer. Vide *Mestre da Vileza*, capítulo 4. Ohio Popular Press, 1972.

⁴²⁵ *Asa de Morcego*, p.92.



Os familiares das bruxas, não menos que as formas-deuses assumidas pelos sacerdotes egípcios, foram adotadas de modo a transformar os praticantes, *não nos animais em questão*, mas em um estado de consciência que eles representavam no bestiário psicológico de poderes atávicos latentes no subconsciente. A fórmula é resumida por Austin Spare em seu sistema de feitiçaria sexual e ressurgência atávica que são os temas do *Zoz Kia Cultus*.⁴²⁷ Ithell Colquhoun situa corretamente este culto em seu arranjo contemporâneo como um ramo da O.T.O. e da 'Feitiçaria Tradicional',⁴²⁸ mas o *Zoz Kia Cultus* comporta um outro fio que se origina de influências mais antigas que qualquer uma que possa ser atribuída meramente à 'feitiçaria tradicional', o que quer que aquele termo possa significar. Estas influências emanam de cultos tais como aqueles que Lovecraft contactou na Nova Inglaterra *via* Feitiçaria de Salem que – por sua vez – tinha contato com correntes vastamente antigas que se manifestaram no complexo astral Ameríndio como as entidades 'eldritch' (?) descritas por Lovecraft em seus contos de horror.

Tais também eram as entidades que Spare contactou através de 'Black Eagle'.⁴²⁹ Black Eagle induziu em Spare a extrema vertigem que iniciou um pouco de sua mais fina obra. Spare 'visualizou' esta sensação de vertigem criativa num quadro intitulado *Tragédia do Trapézio* (ilustração 15) cujo tema ele repetiu em várias pinturas. A fórmula é essencial à sua feitiçaria.

O trapézio ou balanço era o *vahana*⁴³⁰ de Radha e Krishna, cujo jogo amoroso está associado à vertigem induzida pelo balançar das emoções e do *clair* (loucamente) em amor. Com Spare, contudo, o êxtase alcança sua apoteose através de uma sensação catastrófica de opressão esmagadora, de ser empurrado para baixo e mergulhar no abismo.

O balanço é idêntico ao berço que desempenha papel tão proeminente nos mistérios do Culto de Krishna Gopal.⁴³¹ Porém muito antes de pré datar os ritos da criança negra, Krishna, haviam os ritos da criança negra Set, ou Harpocrates, o bebê dentro do ovo negro do *Akasha*.⁴³² O Aeon da Criança⁴³³ é o Aeon do Bebê do Abismo, sendo que um de seus símbolos é o berço que simboliza o balanço ou travessia para o Aeon de Maat (Mu). Mu, 46, a Chave dos Mistérios, é também o número de MV (água, i.e. sangue) que é tipificado pelo abutre, a hiena, e outras 'bestas de sangue'. Em termos mágicos, a sensação induzida no trapezista mergulhador é resumida por Spare numa fórmula pictórica à qual ele não deu nenhum nome particular, mas que pode ser descrita como a Fórmula da Vertigem Criativa. No seu quadro do trapezista a executante é feminina pois ela representa a personificação humana da Serpente de Fogo despertada. É o pé,⁴³⁴ e não a mão que é escolhido para instigar os *meios da queda*.

No *Zoz Kia Cultus* Spare exaltou a Mão e o Olho como os principais instrumentos de reificação. Isto quer dizer que ele exaltava uma fórmula mágica similar àquela que caracteriza o *oitavo* grau da O.T.O.⁴³⁵ Ainda assim ele percebeu que a suprema fórmula eficaz na transição

⁴²⁶ Esta fórmula é equivalente ao *nivritti marga* hindu ou 'caminho do retorno', ou inversão dos sentidos à sua fonte em pura consciência. Ela é tipificada nos tantras como *viparita maithuna*, simbolizada pela união sexual de ponta cabeça.

⁴²⁷ Vide *Imagens & Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte II.

⁴²⁸ *Espada da Sabedoria* (Colquhoun), capítulo 16.

⁴²⁹ Para uma imagem desta entidade, vide *O Renascer da Magia*, ilustração 12.

⁴³⁰ Este termo em Sanscrito denota um 'veículo' ou foco de força.

⁴³¹ Culto da Criança Krishna.

⁴³² *Akasha*, significando 'Espírito' ou 'Aether' (Éter), é o quinto elemento.

⁴³³ i.e. o Aeon de Hórus. Hórus ou *Har* significa a 'criança'.

⁴³⁴ O simbolismo dos pés da deusa é explicado em *Aleister Crowley & o Deus Oculto*, capítulo 10.

⁴³⁵ A fórmula é aplicada por meio de auto-erotismo manual.



do abismo é aquela que envolve não a mão, mas o 'pé'. O pé está sob ou embaixo da mão e assim, simbolicamente, a mão 'esquerda' tipificada pela Mulher Escarlata, de cujos pés a poeira é o pó vermelho celebrado pelos Siddhas Tamil.⁴³⁶ A poeira vermelha, ou poeira do fogo, é a emanção nuclear da Serpente de Fogo em seu veloz deslocamento para cima, e ela conduz à iluminação em um sentido cósmico. Mas é necessário um processo adicional para admitir o Adepto às zonas do Não-Ser representadas pelo outro lado da Árvore da Vida que aterroriza o não-iniciado como sendo a Árvore da Morte.

Além do Abismo, sexualidade ou polaridade perdem todo o sentido. Isto explica porque, segundo a doutrina da Golden Dawn, os Adeptos além do Grau de 7^o=4⁴³⁷ não eram mais encarnados. Por não existir nenhuma terminologia adequada (na Tradição Ocidental) para este estado de ocorrência podemos não mais do que nos referirmos, por meio de analogia, aos *Mahapurusas* da Tradição Hindu. *Mahapurusas* são seres não humanos que aparecem para os Adeptos no caminho espiritual. Um exemplo recente bem documentado de tal manifestação ocorreu na vida de Pagal Haranath.⁴³⁸ Ele era considerado como sendo uma encarnação de Krishna e uma reencarnação de Sri Caitanya, o *bhakta*⁴³⁹ do século 15 que inspirou os habitantes de Bengala pela intensidade e fervor de sua devoção à Krishna (Deus). À Pagal Haranath um *Mahapurusa* apareceu como uma forma radiante com luz gigantesca. O único paralelo ocidental (de anos recentes) que vem à mente é o relato muito citado do encontro de MacGregor Mathers com os 'Chefes Secretos' que ocorreu no Bois de Boulogne.⁴⁴⁰

Aleister Crowley em contradição à MacGregor Mathers, sustentava que os Adeptos de suprema realização algumas vezes permanecem de fato na carne; quer dizer, a experiência conhecida como 'cruzar o abismo' não comporta necessariamente a morte física. Isto é, naturalmente, bem conhecido no oriente, onde, em nosso próprio tempo, tem havido exemplos excepcionais tais como Sri Ramakrishna Paramahansa, Sri Ramana Maharshi, Sri Sai Baba (de Shirdi), Sri Anandamayi Ma e Sri Anusaya Devi,⁴⁴¹ para mencionar apenas uns poucos.

Tem sido refutado [o fato de] que Crowley não cruzou o Abismo com sucesso.⁴⁴² Seja como for, certos iniciados ocidentais indubitavelmente conseguiram fazer esta travessia e isso está evidente em seus escritos. Embora um caso de opinião – e isto é aqui declarado como tal, e não mais – o mais importante dos Adeptos Ocidentais nesta categoria é aquele que escreve sob o pseudônimo de *Wei Wu Wei*. Seus livros devem ser elogiados como as excursões mais ricas, mais sutis e mais vivamente potentes para dentro do Vazio da Consciência Sem Forma, ainda assim reduzidas em palavras.

⁴³⁶ Vide *A Religião e Filosofia de Tevaram*, de D.Rangaswamy.

⁴³⁷ O Grau imediatamente precedente ao Abismo.

⁴³⁸ Sri Pagal Haranath, o 'Louco' ou 'Doido', viveu na Bengala Ocidental de 1865 a 1927. Um relato da visita está contido em *Shri Haranath: Seu Papel & Preceitos*, de Vithaldas Nathabhai Mehta. Bombay, 1954. Tais manifestações ocorrendo nos tempos primitivos poderiam ter dado início ao conceito dos NPhLIM ou Gigantes. Vide capítulo 9, *supra*.

⁴³⁹ Devoto de Deus.

⁴⁴⁰ Citado em *Aleister Crowley & o Deus Oculto*, capítulo 1.

⁴⁴¹ Os dois últimos Sábios estão, felizmente, ainda encarnados e na extensão do que sei, estão disponíveis para *darshan*.

⁴⁴² Frater Achad. Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.



PARTE II

INTRODUÇÃO

A TESE desenvolvida na Parte II é a de que os primeiros criadores de mitos, incapazes de compreender adequadamente as forças do Não-Ser, lançaram-nas em um falso molde do qual estas emergiram como poderes do “mal”. Em consequência, os mitos e lendas estão vivos com demônios, monstros, vampiros, incubos, súcubos, e uma hoste de entidades malignas dos quais são símbolos que ocultam glifos inomináveis, apavorantes e – para o homem primordial – conceitos inconscientes de Nada, Espaço Interior, Anti-Matéria, e o horror final da Ausência Absoluta. Este ‘outro universo’ que não podemos conhecer – posto que nós o somos, num sentido muito íntimo para sondar – tem sido indicado por Qabbalistas e Gnósticos. Algumas de suas estanhas doutrinas estão re-emergindo hoje usando novas máscaras curiosamente similares às suas antigas, embora com uma moldagem facial alterada sugerindo curiosidades com especulações ainda mais estranhas. De algum modo ainda não adequadamente compreendido, Daäth pareceria ser um ‘buraco negro’ ou portal para o universo paralelo representado pelo outro lado da Árvore da Vida.

As vinte e duas celas das Qliphoth representadas pelas vinte e duas escalas da Serpente se relacionam à Gnose Ofidiana tal como conhecida pelos antigos. Ela é aqui interpretada à luz das pesquisas conduzidas por adeptos tais como Aleister Crowley, Austin Osman Spare, Charles Stansfeld Jones, Michael Bertiaux e outros.

A Besta com cabeça de Janus, Choronzon-Shugal (333 + 333) olhando para dentro e para fora no Pylon (uma forma arquitetônica egípcia – N.doT.) de Daäth, é idêntica à Besta 666 da tradição bíblica e o deus-demônio cultuado eras antes pelos Yezidis sob o nome de Teitan.

Em sua nota sobre “Satan, Seth & os Yezidis”⁴⁴³, Richard Cavendish expressa sua opinião de que este “Deus-Demônio dos Mistérios Caldaicos é uma invenção” da imaginação de Alexander Hislop⁴⁴⁴. Porém Hislop foi precedido por Gerald Massey cuja obra monumental, *O Gênesis Natural*, foi publicado em 1883. Na página 367 daquela obra aparece o original do material mais tarde usado por Hislop em seu livro. Massey observa que:

Irenaeus⁴⁴⁵ estava em uma certa medida correto quando deu como sua conclusão que Teitan era de longe o nome mais provável (da Besta) embora ele ignorasse a respeito da verdadeira razão do porquê.

Massey prossegue dizendo que “Teitan é a forma Caldaica de Shaitan, que é ainda adorado pelos que são denominados os Adoradores do Demônio do Curdistão, Shaitan sendo o nosso Satan”.

Richard Cavendish também mantém que “Aleister Crowley naturalmente compartilhou esta concepção inadequada e favoravelmente trouxe os Yezidis para dentro de seu próprio sistema. Ele queria pronunciar Demônio como Shaitan, em primeiro lugar porque isso o capacitaria a começar o nome do Inimigo com a letra Hebraica *shin*, que na tradição cabalística é a letra do Espírito Santo, e em segundo lugar porque qualquer outra coisa começando com “sh” o atraía.”⁴⁴⁶

⁴⁴³ *Os Poderes do Mal* (RKP, 1975), pp.263, 264.

⁴⁴⁴ *Vide As Duas Babilônias* (Partridge, 1916).

⁴⁴⁵ *Um escritor gnóstico do segundo século* (Nota presente do autor).

⁴⁴⁶ *Os Poderes do Mal*, p.264.



Esta declaração mostra um erro de compreensão sobre a razão de Crowley para comungar dos sentimentos de Massey (e através de Massey, os de Hislop) com relação a Shaitan; isto também reflete a opinião dos mais iludidos dos detratores de Crowley, pois isso confunde a natureza da matéria excremental à qual a fórmula de Shaitan ou Set se refere. A matéria já foi adequadamente explicada.⁴⁴⁷ O que ainda não foi considerado é a ignorância de Ienaeus sobre o porquê Teitan era de longe o nome mais provável da Besta. O próprio Massey dá uma indicação para o motivo na página 370 da sua *Gênese Natural* onde ele diz, a propósito, outro aspecto do assunto, “não pode haver dúvida de que o enigma é numérico”.

O número 666 resume a dupla natureza da Besta como Choronzon-Shugal, e isso explica a descrição aparentemente contraditória em *Revelação* ‘da Besta que foi, e não é, e ainda é’. A natureza ‘da Besta que era, e não é’, foi explicada na primeira parte deste livro; ainda resta explicar a Besta que ‘ainda é’.

A Besta anterior ‘que era, e não é’ é o lado negativo da Árvore; ele é como ele era o reflexo das *qliphoth* do lado anverso da Árvore que constitui o domínio do magista. Eis o porquê Crowley reivindicava que o *Liber CCXXXI*⁴⁴⁸ ‘é verdadeiro até o Grau de 7° = 4’, pois além do Abismo, a magia(k) é um modo prático de ser, cessa de funcionar(?).

O esquema que será adotado aqui está baseado no *Liber CCXXXI* que oferece tanto o sigilo quanto o nome da *qliphah* correspondente à cada uma das vinte e duas escalas da Besta que rasteja ao longo dos vinte e dois caminhos, emitindo assim que passa os *kalas* e os *bindus*, e unindo o néctar da mulher com o veneno da Serpente.

Os vinte e dois caminhos da Árvore da Vida transmitem as influências das onze zonas de poder macrocósmico aos seus centros nervosos correspondentes no organismo humano⁴⁴⁹. Existem portanto 33 *kalas* no todo, 32 dos quais⁴⁵⁰ são de origem extra-terrestre. Sete deles⁴⁵¹ são zonas de poder cósmico, e as três restantes⁴⁵² transmitem influências extra-cósmicas das três formas do Nada.⁴⁵³

A parte II do presente livro trata portanto das *qliphoth* ou sombras destas zonas de poder tal como dado no *Liber CCXXXI*. A rubrica secreta deste *Liber* está contida na misteriosa tabela anexada à ele. A única parte dela que nos interessa aqui exhibe os sigilos e os nomes das *qliphoth* que são fornecidos em seus locais apropriados no cabeçalho de cada uma das 22 seções que seguem a esta introdução. O número 231, o número do *Liber* sob o qual estas considerações estão baseadas, é a soma dos números de 0 a 21, a extensão de 22 e portanto a soma dos números principais dos Trunfos do Taro.

Antes de descrever o mundo WIDDERSHINS(?) do *Meon*, ou universo paralelo, obscurecido nos *kalas* da Árvore, talvez seja de auxílio ao leitor se eu desse uma breve descrição das zonas de poder cósmico e seu relacionamento entre si.

Segundo o sistema de Graus da A.'.A.'. , Kether (10°=1) equaciona com Plutão, e Malkuth (1°=10) com a Terra, Chokmah (9°=2) equaciona com Netuno, e Yesod (2°=9) com a Lua; Binah (8°=3) equaciona com Saturno, e Hod (3°=8) com Mercúrio; Gedulah (7°=4)

⁴⁴⁷ Vide Parte I, Capítulo 7.

⁴⁴⁸ Vide O Equinócio, I. vii.

⁴⁴⁹ i.e., o microcosmo.

⁴⁵⁰ Malkuth, sendo a terra, é excluída.

⁴⁵¹ Yezod a Binah inclusive.

⁴⁵² Daáth, Chokmah, Kether, atribuídas à Urano, Netuno e Plutão, respectivamente.

⁴⁵³ i.e., Ain Soph Aur, Ain Soph, Ain. Vide A Kabbalah Desvelada, de S.L. MacGregor Mathers.



equaciona com Júpiter, e Netzach (4º=7) com Vênus, Geburah (6º=5) equaciona com Marte, e Tiphareth (5º=6) com o Sol.

A Decima-primeira zona de poder, Daäth, é atribuída a Urano e é a Morada dos Irmãos Negros, quando vista a partir da esfera de Malkuth (Terra). Os Irmãos Negros são representados fenomenalmente por aqueles que vêem o universo como uma realidade objetiva. Os cientistas são os seus protótipos. Daäth sendo o Portal do Abismo é o ponto tanto do ingresso dentro do numênico quanto do regresso dentro do fenômeno; em outras palavras ele é o portal da manifestação da não-manifestação.

Choronzon (333) é Chaos no sentido de Não-Palavra, tipificado pela Besta cuja união explosiva com Babalon⁴⁵⁴ abre os Portais do Abismo e admite as forças do Universo 'B' (o *Meon*). A fórmula de Choronzon portanto tem referência específica ao Aeon Sem Palavras ou Silente representado no Aeon de Hórus pelo bebê sem fala ou *Khart*, Harpocrates (Hoor-paar-Kraat)⁴⁵⁵.

A este Aeon Crowley atribuiu a letra Zain (Z-Ayin) as Forças Gêmeas da dualidade simbolizando – o símio de Thoth – a não-palavra do pré-humano ou 'fala monstruosa'. Isto é o silêncio dos Irmãos Negros, aqueles que tipificam os atavismos da Besta separada de seu veículo natural de manifestação:⁴⁵⁶ o 'tipo errado de silêncio'.⁴⁵⁷

Zain é a espada referida em AL.II.37, referindo-se ao 'trabalho da vara e ao trabalho da espada', a vara sendo simbolizada pela letra *Beth*. Aqui a blasfêmia da fórmula homossexual, pois ela nega Babalon e cria demônios no caos. As torres gêmeas do abismo representam portanto dualidade não polarizada. Elas são a morada dos irmãos negros ou gêmeos – Set e seu duplo Hórus – *Le Diable*, o Demônio em sua fase positiva, corrupto e perverso. Aqui a fórmula típica da sodomia como aplicada à traseira da Árvore.

Os atavismos dos Irmãos Negros são as estrelas estéreis nascidas do Aeon sem fala ou balbuciante⁴⁵⁸, pois a Palavra pode ser vibrada sem distorção apenas *via* mênstruo da mulher. A maquinaria total da Igreja Romana, que é uma inversão da verdadeira Gnose 'pré-Cristã', é potencializada nos planos internos por esta fórmula de sodomia, como exemplificado por alguns de seus mais altos iniciados. No *outro* lado da Árvore, esta fórmula é idêntica àquela que Crowley designou como *Per Vas Nefandum*.⁴⁵⁹

O Pylon de Choronzon está guardado na forma de Shugal, a ideografia de Set como o uivador no deserto⁴⁶⁰. Não é sem interesse que o nome *Al Azif* que Lovecraft escolheu como um título para seu famoso *Necronomicon* era, como ele observa 'a palavra usada pelos Árabes para designar aquele som noturno (produzidos pelos insetos) que se supunha serem os uivos dos demônios'.⁴⁶¹

⁴⁵⁴ O protótipo da manifestação.

⁴⁵⁵ *Khart* (Egípcio) também significa o deus anão ou aleijado, aquele sem fala, denotando não-manifestação, como que para equilibrar o Aeon dos Nephilim ou Gigantes que caíram através do abismo na manifestação do aeon primevo.

⁴⁵⁶ i.e., Babalon.

⁴⁵⁷ Crowley, em *777 Revisado*, p.xxv.

⁴⁵⁸ 'Balbuciante' significa 'imperfeito em expressão' (Skeat). Inglês Médio *lispem, lipsen*. Cf. *lapse*.

⁴⁵⁹ Vide Aleister Crowley & o Deus Oculto, capítulo 7.

⁴⁶⁰ A palavra *Goetia* também significa 'uivador' e sugere portanto um grimório de atavismos pré-humanos.

⁴⁶¹ Vide Lovecraft por Fim, de Willis Conover, página 104.



Operando para baixo a partir do Pylon de Daäth, representado pela Palavra,⁴⁶² Tiphareth surge abaixo do horizonte do Abismo como o Sol Negro, o símbolo do qual – a *Coulevre Noire* (Cobra Negra – N. do T.) – oculta o êxtase do ‘deus horrendo’,⁴⁶³ cuja imagem é o reverso da Beleza tipificada por Tiphareth no mundo da existência fenomênica.

A explosão de orgasmo em Daäth vibra a Palavra da Serpente Negra e da Deusa cujo símbolo interno é a *Coulevre Rouge*.⁴⁶⁴ Estas são as serpentes gêmeas Ob e Od, da Corrente Kaliniana. Tiphareth representa portanto a Vontade solar-fálica: a Serpente de fogo no apogeu de sua apoteose fenomenal, e talvez humana.

Luzindo ainda mais abaixo na Árvore nós encontramos Netzach, que tipifica a imaginação criativa inspirada pelo amor sensual que é refletida no reverso pela ‘fantasia da carne’.⁴⁶⁵ O aspecto Hod da Árvore representa a zona de poder da mente, que vitaliza o mecanismo da magia(k) mental. Hod está abaixo da égide de Mercúrio e funciona através da fórmula de Narciso; portanto a prática do Grau VIII^o da O.T.O. Sua fórmula reversa está velada pela imagem de Azatoth, o Deus Idiota apresentado no Mito de Cthulu de Lovecraft. Netzach (Vênus) e Hod (Mercúrio) são equilibrados pela lua na esfera de Yezod, o Local do Ion-secreto⁴⁶⁶. Esta é a esfera do astro-etérico, ou Magia(k) do IX^o. Seu reverso é a fórmula da feitiçaria envolvendo os atavismos negros de Gamaliel, a Mulher Obscena cujo símbolo é o asno. A Fundação ou Fundamento é um nome de Yesod e ela é a fonte do ion secreto, pois ele oculta o Olho de Set, sendo que um de seus títulos é “O Comedor do Asno”. Este é o ‘comedor de esterco, o aflito no Dia-do-Esteja-Conosco’,⁴⁶⁷ (Dia do Juízo_?). Isto resume as fórmulas mais secretas dos caminhos mágicos de Kali. Estas forças são finalmente assentadas em Malkuth, a zona da reificação e do ‘assentamento’ ou encarnação da Matéria. O significado-reflexo de Malkuth está implícito na fórmula da Postura da Morte⁴⁶⁸ como um mecanismo de desintegração e dissolução, que uma vez mais libera a Matéria de $1^0 = 10$ para se tornar $10^0 = 1$ novamente. A fórmula de Malkuth, como da Postura da Morte, é o oposto do X^0 .⁴⁶⁹

O Trono (Malkuth) é o complemento e o oposto da Coroa (Kether). Kether transmite a Corrente Plutoniana que conduz – *via* túneis de Set – através do triplo Véu do Vazio até as profundezas do espaço interior. É esta transmissão que é seguida aqui através dos túneis de Set. A rede em forma de teia da Árvore com respeito à estes túneis e zonas de poder se assemelha à um ‘buraco de verme’ que começa em Malkuth e termina em Kether⁴⁷⁰. Este é o salto através do super-espaço tipificado pelos *voltigeurs*, ou saltadores, e pelas vibrações voodoo de ritmo de ‘salto’ como exemplificado na música de Count Basie. Os saltadores são tipificados pela deusa de cabeça de rã Hekt, assim denominada porque os antigos – observando a ação peculiar da rã saltadora – atribuíram esta criatura aos saltadores nas águas (do espaço). Hekt, significando uma rã era o original Egípcio da [deusa] Grega Hecate, a deusa

⁴⁶² *O visuddha chakra no homem. Note que este chakra possui 16 pétalas ou kalas e é portanto o height(?) ou oitavo kala em ambos organismos masculino e feminino quando ele floresce no maithuna.*

⁴⁶³ *Liber A'ash vel Capricorni Pneumatici (Crowley), verso 23.*

⁴⁶⁴ Nota do Tradutor: Cobra Vermelha.

⁴⁶⁵ *A frase é de Austin Spare. O aspecto oposto de Netzach combinado com uma certa admistão lunar motivou sua arte que era uma celebração de tal fantasia.*

⁴⁶⁶ *Vide Cultos das Sombras, capítulo 8, para uma das mais importantes descobertas relativas ao significado de AL.III,39.*

⁴⁶⁷ ‘Esterco’ e ‘aflição’ neste contexto estão conectados à corrente lunar como previamente explicado.

⁴⁶⁸ *Vide Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare, Parte II. Também O Livro do Prazer, de A.O. Spare, reimpresso em 1975 por 93 Publishing, Montreal, Canada.*

⁴⁶⁹ i.e., o X^0 O.T.O., que representa o Trono de Administração da Ordem. Vide *Cultos das Sombras*, p.138.

⁴⁷⁰ O físico Taylor utiliza o similar dos buracos de verme e uma rosca para descrever o super-espaço. O parágrafo citado na página 90 (supra) implica com igual competência aos vazios atrás da Árvore.



da *trivia* (três caminhos): os Caminhos do VIII^o, IX^o, e XI^o, que resumem as fórmulas secretas da magia(k) psico-sexual. Plutão, o Pylon mais externo, é também – por analogia – o Mais Interno, pois os espaços exterior e interior se tornam idênticos naquele ponto em subjetividade onde sujeito e objeto, numênico e fenomenal, negam um ao outro. Similarmente, a *Coulevre Noir*, ou Serpente da Escuridão, é idêntica à *Coulevre Rouge* quando tingida com o fogo da Kundalini erguida. Novamente, por analogia, a Postura da Morte é aquela do caminho de volta ou nascimento de ponta cabeça⁴⁷¹ que simboliza renascimento em e através do lado noturno da Árvore.

Para recapitular: Daäth, o Portal do Abismo, contém a Torre Dupla ou Torre do Demônio que é o Pylon de Choronzon. Tiphareth é o Falo do Fogo (a Serpente de Fogo) refletida como o Sol Negro ou Serpente da Escuridão (*Couevre Noire*). Vênus ou Netzach simboliza olho e sua luz, a 'fantasia da carne'. Mercúrio é o deus da magia(k) mental cujo reflexo *qliphótico* é o Deus Idiota ou a *qliphoth* lunar; e Malkuth é a zona dos atavismos de Zos.⁴⁷²

Também deve ser lembrado que Daäth, o décimo primeiro *kala* cósmico é em um sentido recôndito idêntico, e sobrepõe-se em tempo-espaço, ao 31^o *kala* que é o *kala* de 'O Aeon', atribuído à ambos Fogo e Espírito. Os 22 *kalas* remanescentes são dos Caminhos e serão tratados na devida oportunidade. As atribuições dos *chakras* aos *kalas* cósmicos – como concentrados através das Sephiroth – são como segue:

Plutão canaliza as influências de Nu-Isis a partir do Exterior.⁴⁷³ A influência permeia as zonas de poder desde Chokmah, a Esfera das Estrelas, até Geburah, a Esfera das energias transcósmicas conectadas com o sangue de Isis. O complexo Chokmah-Binah-Chesed-Geburah é o útero que recebe as influências extra-terrestres que incluem aquelas fluindo do Espaço Interior de Daäth. Estas influências condensam para formar o Véu do Abismo raiado pelos relâmpagos de Urano que ilumina os Pylons de Choronzon. Naquele lampejo de lúrida luminosidade os Pylons e o Portal são vistos como um [só] com a rede de túneis fugazmente revelados. Este campo magnético completo compreende o complexo Sahasrara-Brahmarandhra-Ajna.

Daäth, por outro lado, equaciona com o *Visuddha chakra* e representa a Palavra, e portanto o HOMEM, Aquele que Fala. Isto é refletido nas águas do abismo *para trás*, e é simbolizado por aquelas bestas [que retrocedem_???] que tipificam Choronzon e Shugal, o uivador nos desertos gelados do Nada. Este é o Chaos da Criação e da Aniquilação.

Tiphareth equaciona com o *Anahata chakra* e o coração da Árvore. Ele representa a Vontade solar-fálica (93) incorporada na Serpente de Fogo. Sua sombra é o Sol Negro tipificado pela *Coulevre Noire*.

Netzach equaciona com o *Manipura chakra*, a imaginação criativa cujo animal representativo é a mulher. Ela é o Olho de Zos que tece a fantasia da carne ao reproduzir sua imagem *como um reflexo* nas águas do abismo.

Hod equaciona com o *Svadisthana chakra*, a mente que organiza a fantasia mas que, como no mito de Narciso, é obcecada com sua própria beleza e está presa à fórmula do auto-amor através de técnicas masturbatórias tais como aquelas do VIII^o. O Deus Idiota é seu reflexo; também o Babão.⁴⁷⁴ Esta fórmula se torna criativa apenas quando aliada àquela de

⁴⁷¹ Portanto a tradição de que um feiticeiro ou bruxo é nascido desta maneira.

⁴⁷² Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte II.

⁴⁷³ i.e., de espaços além do sistema compreendido pelo glifo da Árvore da Vida.

⁴⁷⁴ Vide a descrição do Guardiã em *Uma Realidade Separada*, de Carlos Castaneda, Parte Dois, A Tarefa de 'Ver'.



Netzach, o lótus do *Manipura* no lago da mente.⁴⁷⁵ A arma mágica de Narciso é a Mão que equilibra o Olho da Mulher, no *Culto Zos Kia*.⁴⁷⁶ Mercúrio rege a esfera da magia(k) mental; sua imagem é o cão e o macaco, ambos masturbadores notórios.

Yesod equaciona com o *Muladhara chakra* e representa o fluido astro-etérico que é o mênstruo da magia(k) sexual utilizado pelos Adeptos do IX^o. Seu reflexo constitui as feitiçarias do XI^o (o reverso do IX^o), simbolizado pelo Asno da Mulher Obscena, Gamaliel. Sua aplicação ao deus mercurial é uma abominação, como Crowley o expressa em *Magick* (p.165).

Malkuth está abaixo dos *chakras* no sentido de que as *qliphoth* estão abaixo das *sephiroth*. Malkuth representa reificação, assentamento, a *encarnação de espíritos*, daemons, ou inteligências inferiores ou superiores ao homem. O reflexo de Malkuth é desintegração e a encarnação de formas instáveis de existência tais como elementais, demônios, etc. Ela é o antípoda de Plutão (Kether), e representa o lodo de Satan gerando nos espaços exteriores além da margem distante projetada do universo conhecido. Neste sentido Malkuth é o anti-polo do inundação(?) estelar do espaço além de Plutão.

De forma a trazer esta informação contida nesta Parte II dentro da compreensão de termos humanos o leitor poderá achar útil considerar os Túneis de Set como uma rede de células de sonho na mente subconsciente. Cada túnel se relaciona ao caminho sob o qual ele funciona, em grande parte como se poderia dizer que os gânglios neurais são subjacentes à estrutura esquelética do organismo humano, e ela funciona em várias dimensões simultaneamente. Existem portanto inter- relações e conexões inevitáveis, até mesmo necessárias, dos caminhos e os túneis que eles ocultam, mas deve ser compreendido que as influências que permeiam os caminhos tem sua origem, não nos próprios túneis (que são meramente canais ou passagens de trânsito), mas de além do Portal de Daäth.

Embora não tendo posição real na Árvore, Daäth é ainda assim a zona de poder ou ato-evento que torna possível o esquema inteiro das Sephiroth, Caminhos e Túneis, com todas as suas complexidades ramificadas. Se isso for compreendido deveria haver pouca dificuldade em seguir a distribuição de idéias e conceitos é cada uma das células de sonho.

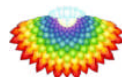
Sendo tal como se fosse um comentário aos caminhos da mão esquerda da Árvore da Vida, este livro preocupa-se mais especificamente com o lado de trás ou reverso da Árvore. Minhas fontes de informação são as Qliphoth, sendo que os nomes e sigilos das quais são fornecidos no *Liber CCXXXI* de Crowley. As escalas de som e cor utilizadas nas evocações dos sentinelas de cada túnel ou célula são oferecidos em cada caso, e as cores atribuídas aos sigilos foram extraídas da Escala de Cores da Terra ou 'Filha' como fornecido no *Liber 777*, coluna xviii. As chaves sonoras são derivadas das pesquisas de um Adepto cujas anotações marginais (paralelas_?) na cópia pessoal de Crowley do 777 me capacitaram a distribuir a vibração correta ao demônio ou *qlipha* pertinente. Estas chaves não foram anteriormente publicadas. Também não publicado na edição póstuma do *Liber 777*⁴⁷⁷ é o material formando uma coluna adicional intitulada *Enfermidades Típicas*, que também apareceu em manuscrito na cópia pessoal de Crowley. Como essas enfermidades pertencem essencialmente às *qliphoth*, eu as incluí, embora a lista de Crowley é conhecida por ter sido experimental.

Outro item importante que foi omitido da primeira e última edição do 777 são as fórmulas mágicas relevantes aos Caminhos, os quais, em sua aplicação às *qliphoth*, deveriam ser consideradas como uma extensão em profundidade, e em uma dimensão negativa, do complexo psicossomático relevante ao caminho em questão. Novamente aqui a lista foi experimental e Crowley omitiu em atribuir fórmulas para todos os Caminhos, provavelmente

⁴⁷⁵ i.e., a mulher interna erguida do sono através de yoga integral intenso.

⁴⁷⁶ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte II.

⁴⁷⁷ Conhecido como *777 Revisado*, Neptune Press, London, 1959.



porque ele não havia trabalhado um esquema satisfatório. Eu não tive a presunção de terminar a obra que ele deixou incompleta porém incluí as atribuições que ele realmente trabalhou, mais como uma matéria de interesse acadêmico e com jeito de perfeição do que por qualquer valor prático que elas possam ter ou não.

O método real de evocação mágica não foi dado explicitamente devido aos perigos óbvios envolvidos, e porque seu abuso, seja por acidente ou proposital, é apenas muito provável de ocorrer. A técnica apropriada será contudo evidente àqueles que tenham lido a minha Trilogia Tifoniana. Também ficará evidentemente claro para tais leitores que o uso de um cristal não é aconselhável, pois no caso de tal uso as *qliphoth* seriam inevitavelmente obrigadas à se manifestar no lado mais próximo da Árvore, e o desequilíbrio assim gerado pelo vácuo criado no outro lado da Árvore causaria destruição no universo subjetivo do vidente. É porque o operador deve se lançar dentro dos próprios túneis que os perigos de infortúnio estão sempre presente, sendo o maior que ele será subjugado pelas condições existentes nas dimensões alienígenas que ele ingressou; o menor [perigo] sendo que ele pode se perder no labirinto intrincado de túneis, células, e tubos, com os quais o outro lado da Árvore forma uma grade (?).

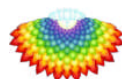
É, portanto, de máxima importância não imaginar esta rede como seguindo de modo preciso os padrões do lado anverso da Árvore, embora os principais túneis dos caminhos da mão esquerda realmente subjazem àqueles da direita. Contudo, como uma veia ou nervo principal no corpo humano tenham uma multiplicidade de vasos auxiliares e capilares ramificando deste, da mesma forma as células das *qliphoth* contém túneis e tubos que não são apenas fáceis de acessar – uma vez que o portão principal tenha sido aberto – mas positivamente criam seus próprios vértices rodopiantes dentro dos quais são sugados quaisquer entidades perdidas que estejam na posição desafortunada de ‘não conhecer os sagrados alinhamentos.’⁴⁷⁸

Assumindo que as observações anteriores serão atendidas, as vinte e duas escalas da Serpente das Qliphoth que através dos túneis dos Caminhos da Mão Esquerda da Árvore serão agora descritos em sequência de onze a trinta e dois, as dez primeiras zonas de poder infernal tendo sido compreendidas na primeira parte deste livro.

Ilustrações deste capítulo:

- Fig. 2: O Banquete do Demônio *Margaret Cook*
Fig. 3: O Pylon da Cova *Steffi Grant*
Fig. 4: A Deusa Negra do Espaço *Michael Bertiaux*
Fig. 5: Habitantes Além de Daäth *Janice Ayers (Soror Tanith)*
Fig. 6: Lua de Hecate *David Smith*
Fig. 7: Vinum Sabati *Steffi Grant*
Fig. 8: O Abutre na Torre do Silêncio *Allen Holub*
Fig. 9: Grimório da Doutrina Negra *Steffi Grant*
Fig.10: A Mente Ofidiana *Austin Osman Spare*
Fig.11: O Crocodilo de Khem *Allen Holub*
Fig.12: Kundalini Negra. Dois Deuses Transyugotianos da Magia *Michael Bertiaux*
(Foto de Nina Miller)
Fig.13: O Túnel de Temphioth *Jan Bailey*
Fig.14: Lava de Mulkunofat *Frederick Seaton*
Fig.15: Tragédia do Trapézio *Austin Osman Spare*
Fig.16: A Deusa do Futuro *Michael Bertiaux* (Foto de Nina Miller)
Fig.17: Vórtice Criativo *Steffi Grant*
Fig.18: O Trabalho da Vara e o Trabalho da Espada *Allen Holub*

⁴⁷⁸ A frase é de Austin Spare.



1

Amprodias

O DÉCIMO-PRIMEIRO caminho ou *kala* é atribuído ao elemento Ar e seu aspecto negativo é o demônio ou sombra conhecido como Amprodias cujo sigilo é dado aqui e cujo número é 401. Esta sombra pode ser evocada vibrando-se o nome Amprodias na clave de 'E'⁴⁷⁹. O sigilo deve ser pintado em amarelo pálido luminoso em um quadrado baseado em esmeralda(?) manchado com dourado.

401 é o número do Azoto que significa a 'soma e essência de tudo, concebido como Um'. Em sua fase negativa esta essência é concebida como Nenhuma e é o Vazio do qual procede a manifestação⁴⁸⁰. A natureza deste vazio é também 401 como ATH, a palavra hebraica significando 'fora de'; sua raiz é o Ut egípcio, portanto útero, o portal da saída. É fora do útero do *Ain*, via Kether, que a manifestação é emitida.

O sigilo de Amprodias exhibe uma boca aberta típica do útero que pronuncia a Palavra. Esta Palavra é a Luz Oculta, cujo símbolo é a cruz rodopiante ou suástica. Ele é idêntico à letra A ou *aleph*, a letra atribuída ao décimo-primeiro caminho. No grimório mágico CCXXXI, o seguinte verso pertence a este *kala*:

A, o coração de IAO, reside em êxtase no local secreto dos trovões.
Entre Asar e Asi ele habita em júbilo.

O raio, ou *dorje*, é a arma do suporte do relâmpago da Luz Oculta que risca para baixo a partir do vazio, reificando tal como este faz a terra ou matéria. O número 401 é também aquele da palavra ARR que significa 'amaldiçoar'. Ele é a maldição primal do Fogo do Espírito aprisionado na forma corporal, descrito nos Livros Sagrados 'a Injustiça do Começo'⁴⁸¹, o começo sendo considerado como Kether, através da qual cintilam os raios do *Ain* ou Olho do Vazio.

Os animais atribuídos a este *kala* são a Águia e o Homem. O Homem representa a mais elevada forma incorporada da divindade; a Águia é aquele querubim do Ar que penetra os mais altos éteres na forma de inteligência: i.e., consciência dirigida por vontade extra-terrestre ou 'divina'. Contudo o significado íntimo deste caminho está resumido no poder mágico do décimo -primeiro *kala* que é aquele da divinação. Isto depende do aspecto divino ou supra-mundano do espírito que cintila para dentro do útero e fecunda a terra virgem com Luz (inteligência) desde além do último Pylon (Kether). Poder divinatório é o aspecto intuitivo da inteligência e como tal seu curso é tão imprevisível quanto o relâmpago bifurcado que penetra o útero do espaço e se manifesta como o trovão. – o A entre o I e o O⁴⁸². O mistério do trovão é explicado no CCXXXI. Aqui, a suástica do décimo-primeiro caminho é comparado com o fulgor do caminho 28 (q.v.) que contém o mistério da transformação da santa virgem. Ela aparece 'como um fogo fluídico, transformando sua beleza em um raio' (i.e., uma suástica). Isto simboliza a "Força que restaura o mundo arruinado pelo mal", i.e. pela maldição primal ou Injustiça do Começo.

⁴⁷⁹ Este som deve se elevar a partir de um sussurro escassamente audível até um silvo penetrante como o ar sendo forçado ao longo de um tubo estreito.

⁴⁸⁰ A manifestação pode proceder apenas da não-manifestação. Esta declaração de uma verdade óbvia deve ser percebida, ela é a verdade mais profunda do caminho místico e a plena compreensão desta confere a chave da Iniciação definitiva. (ao lado, ilustração dos 22 Caminhos na Árvore)

⁴⁸¹ Vide *Liber VII*, v.42; *Liber LXV*, iv.56, e em outras partes.

⁴⁸² A fórmula de IAO foi analisada em *Aleister Crowley & o Deus Oculto* (capítulo 7).



No plano mágico, o poder divinatório se manifesta no irracional, dessa forma os maiores mestres da Magia(k) traficam constantemente com as energias do décimo-primeiro *kala*. O elemento irracional aparece tão fortemente nos magistas que utilizam este *kala* que seu trabalho não tem sido frequentemente levado a sério ou tem sido completamente negligenciado. Um exemplo recente é H.P.Blavatsky, cujas excentricidades lançaram tal dúvida sobre a autenticidade de sua obra que poucos na sua época foram capazes à estimá-la em seu verdadeiro valor. Similarmente, as palhaçadas de Crowley o colocaram em uma categoria ainda mais duvidosa. Poucos deveras compreendem que o décimo-primeiro caminho é aquele do Louco que dança à beira do abismo, como retratado no trunfo de taro atribuído à este caminho. Salvador Dali, cujas brincadeiras práticas são notórias, também às vezes trouxe descrédito sobre sua arte, embora muitas pessoas fiquem impressionadas pela riqueza que sua arte acumulou. O ocultista Gurdjieff também cai nesta categoria⁴⁸³. Seu livro *Cartas à Belzebu* tem sido descrito como uma piada prática complicada, então, novamente, obscurecendo deliberadamente a importância vital de um ensinamento que é compreendido apenas pelos poucos. Cristo também não falou em parábolas de forma que ele *não* fosse compreendido?⁴⁸⁴

A nota principal da escala musical atribuída a Amprodias – ‘E’ – é, como Hé, a letra do útero da virgem impregnado pelo Louco⁴⁸⁵. De acordo com isto, o Rio do Submundo atribuído ao décimo-primeiro *kala* é o Acheron, que recebe espíritos como o útero recebe o relâmpago criativo. O arquidemônio deste caminho é o próprio Satan, Senhor dos Poderes do Ar (*aleph*) através do que o raio traceja.

Onze é o número atribuído à zona de poder (Daäth) dentro do abismo. A cor atribuída a Daäth é o Lavanda, ou Violeta Pura, que tipifica a cor além do espaço que vibra em uníssono com o *kala* ativado pela evocação de Amprodias. Ela é a cor do Louco; aquele que está fora do alcance da inteligência normal. A negação da razão que tipifica seu estado de consciência é consoante com o lado positivo deste caminho que é atribuído àquela parte da alma conhecida como a *Ruach*, ou Razão. Mais corretamente, a *ruach* é a respiração do espírito, a semente rodopiante que impregna a virgem do espaço e faz nascer inúmeros mundos.

O órgão corporal correspondente a este simbolismo é o nariz, o órgão da respiração e o veículo do sentido olfativo. Esta atribuição ajuda a explicar os fenômenos olfativos conectados às operações ‘satânicas’. O fedor do incenso empregado em ritos medievais era o véu grosseiro e externo de um fato espiritual interior. Portanto, uma das armas mágicas associadas à este *kala* é o abanador, que dispersa os vapores fétidos que envolvem o mago assim que ele evoca o demônio deste *kala*. Porém o instrumento principal é a adaga do ar, isso quer dizer a arma que rompe o hímen do éter virgem (representado pelo Ovo Negro do Espírito) e exibe a deidade terrível além da margem do ‘universo’; aquele que está sentado no Centro de Tudo, o deus louco celerado por Lovecraft sob o nome de Nyarlathotep⁴⁸⁶, o deus rodeado por ‘tocadores de flauta idiotas’.

A flauta é a Flauta de Pan, e aquele que ergue este véu e perscruta além é desprovido de razão e senso. Em outras palavras, ele vê a verdade das coisas em seu brilho nu e ele percebe que aquilo novamente é nada mais que um véu do sacramento primitivo alcançável apenas através da suprema fórmula da aniquilação, pois este é o caminho final, que conduz – *via Kether* – ao Grande Inane (*Ain*).

⁴⁸³ Vide o excelente estudo de David Hall sobre Crowley e Gurdjieff.

⁴⁸⁴ Lucas, 8, 10.

⁴⁸⁵ Vide *O Livro de Thoth*, de Aleister Crowley.

⁴⁸⁶ O deus ‘sem face’. Cf. o ‘sem cabeça’ do texto Greco-Egípcio usado por Mathers em sua tradução da *Goetia*.



Onze, sendo o 'número geral da Magia(k), ou Energia tendendo à mudança'⁴⁸⁷, o décimo-primeiro caminho representa particularmente o caminho da reversão e o ponto da volta do mais próximo para o outro lado da Árvore.

A enfermidade típica do décimo-primeiro caminho é o 'fluxo', que em termos mágicos é expressado como descargas desequilibradas ou 'intempestivas' da energia lunar. Este é portanto o *kala* do Sangue da Lua Negra. Ele adverte sobre um vazamento de fluido vital que, ao transbordar, forma um resíduo de energia mágica desequilibrada. Isto cria fantasmas que aparecem na forma de Silfos; elementais associados ao ar ou éter. Como as fadas e os duendes dos contos infantis eles são, mais frequentemente que não, retratados como criaturas diáfanas e enganadoras. Mas no aspecto no qual eles se manifestam no lado negativo da Árvore, eles assombram as terríveis brechas do espaço interior onde eles aparecem em feições de extremo horror que obsedam o mago e muitas vezes o deixam literalmente fora de si. Então eles invadem o espaço desocupado e, como sanguessugas, drenam o sangue de sua mente⁴⁸⁸ para dentro de seus próprios organismos. Esta é a origem dos mitos relacionados a magos aprisionados no espaço exterior⁴⁸⁹, suas mentes segregadas em celas transparentes que flutuam através dos golfos do vazio como imensas bolhas, aumentando em tamanho e luminosidade enquanto os silfos invasores extraem mais e mais energia vital dos fluxos que atacaram o imprudente invasor neste caminho.

Estas criaturas foram vagamente sentidas por Lovecraft⁴⁹⁰. Ele as descreve como 'entidades sem forma compostas de uma geleia viscosa que pareciam como uma aglutinação de bolhas'⁴⁹¹. uma descrição similar é aplicada à semi-entidade Yog-Sothoth. A passagem é citada em *O Renascer da Magia* (p.116) onde a atenção é dirigida à grande similaridade entre o fenômeno descrito e a esfera de globos iridescentes incorporados por Crowley no desenho de seu pantáculo mágico pessoal onde elas aparecem por trás do Pentagrama de Set invertido.⁴⁹²

As maiores iniciações sozinhas podem conferir imunidade contra estes vampiros que navegam com asas cintilantes. O conhecimento das fadas tem ocultado estas criaturas com véus de encantamento que ocultam o horror de suas perseguições e contata com os habitantes dos sistemas alienígenas de consciência nas regiões mais inferiores do cosmo. Arthur Machen, o escritor galês que sabia mais sobre estes assuntos do que ele se preocupava em admitir, nota esta propensão do estudioso das fadas em cair estes seres aéreos e retratá-los como entidades justas.⁴⁹³

O título do trunfo de taro atribuído ao décimo-primeiro *kala* é o 'Espírito do Éter'. No lado mais próximo da Árvore este espírito é mais resplandecentemente belo e luminoso do que as palavras podem descrever, mas seu reverso ou reflexo é tal como acima descrito; assim também são as bolhas sopradas pelo Louco do Taro em sua louca carreira à margem do abismo.

⁴⁸⁷ 777 Revisado (Crowley).

⁴⁸⁸ Matéria mental ou *chittam*.

⁴⁸⁹ Vide página 255.

⁴⁹⁰ Lovecraft chamava estas bolhas de *shoggoths*. Existe uma palavra similar na língua caldaica, viz.: *shaggathai*. O *Beth Shaggathai* era a Casa de Fornicação, e isto sugere os semitons sexuais contidos no nome da 'geleia viscosa', ou lodo, que é o veículo primitivo da semente criativa.

⁴⁹¹ *Nas Montanhas da Loucura*, Lovecraft, p.63.

⁴⁹² Este pantáculo é reproduzido em *O Renascer da Magia* na pág.52.

⁴⁹³ Vide *O Povo Branco* (Machen), Introdução.



O número de Amrodias se concentra em 5, o mais misterioso e místico dos números no cosmos, e além deste. Lovecraft⁴⁹⁴ indica a respeito das influências que ele denota quando ele alude à 'quíntupla tradição matemática dos Antigos' e suas estruturas de ciclope e moradas baseadas na forma da estrela de cinco pontas. No *AL*, I,60, Nuit descreve seu símbolo como "A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, & o círculo é Vermelho. Minha cor é o negro para o cego... 'Todas estas idéias pertencem ao décimo-primeiro caminho'⁴⁹⁵. O círculo vermelho é a lua 'negra' ou lua de sangue, os cinco pontos ou raios da estrela são as vibrações vaginais da mulher durante o derramamento de cinco dias. A estrela de cinco pontas é também o glifo dos Antigos transcósmicos; e o 'Ovo do Espírito'⁴⁹⁶ é 'negro para o cego', ou aqueles cujos olhos espirituais não estão abertos e que são, portanto, como a virgem que mais tarde assume a forma de 'fogo fluido' como o relâmpago.

O conceito africano de *Afefe* tem sido atribuído ao décimo-primeiro *kala*⁴⁹⁷. *Afefe* é 'o vento', e é precisamente aqui no mais primitivo simbolismo conhecido que nós descobrimos a identidade da serpente como um símbolo de potência criativa, a *ruach* ou espírito. *Afefe* tornou-se o Apep ou serpente Apap dos Mistérios Draconianos no Egito. O *Afefe*-Apophis é também a origem do Verme Fafnir da mitologia Nórdica e, como Massey mostrou, um derivativo moderno é nossa palavra 'puff', 'estourar' no sentido de tornar-se grande, inchado, entumecido ou grávido. O *Afefe* africano revela portanto a força 'protuberante' ou ondulante do vento que é a rajada ou espírito que se tornou - em um retrocesso posterior dos Mistérios - o Espírito Santo que impregna a virgem na forma da Pomba, o pássaro típico do ar. Isso é mais adiante confirmado pelo fato de que o gênio do vento, do qual *Afefe* é o 'mensageiro', reside no grande templo de Legba, a divindade fálica africana que nos cultos posteriores foi equacionado com o mal devido à sua conexão com os mistérios do sexo.

A letra 'A' na fórmula IAO é idêntica com Apophis e é o campo de operação no qual as energias mágicas do I e do O (o phallus e a kteis) se polarizam e realizam sua função criativa.

⁴⁹⁴ *Nas Montanhas da Loucura* (Lovecraft), p.86.

⁴⁹⁵ 'Meu número é 11, como todos os seus números que são de nós.'

⁴⁹⁶ O símbolo de *Akash* ou Espaço é um Ovo Negro; isto também tipifica o Espírito.

⁴⁹⁷ Vide *Cultos da Sombra*, p.30.



2

Baratchial

O DÉCIMO-SEGUNDO caminho ou *kala* é atribuído ao planeta Mercúrio e sua sombra remonta na forma de Baratchial cujo sigilo é este (no livro), e cujo número é 260. O sigilo deve ser pintado em um amarelo mais profundo do que aquele usado para o sigilo de Amprodias, sobre uma placa em forma de vaso (*vesica*) de índigo raiado com violeta. O nome Baratchial deve ser vibrado na clave de 'E', como com o sentinela anterior, mas deveria haver uma sugestão de 'som trepidante' ou 'risada silenciosa' acompanhando a vibração, que não deve ser uniforme.

260 é a soma da série (vide fórmula no livro), 8 sendo o número de Mercúrio como uma zona de poder cósmico. 260 é o número de Tiriél, a Inteligência de Mercúrio, assim esperamos encontrar uma reflexão e inversão muito precisa desta entidade nas profundidades do abismo onde o caminho se torna um túnel transmitindo influências infernais. E isso de fato encontramos, pois 260 é também o número de TMIRA, o 'escondido' ou 'oculto', e de KMR, 'um sacerdote', não da Luz mas das Trevas, pois KMR significa 'escuridão', sendo sua raiz [proveniente] do egípcio *Kam*, 'negro'. Muito embora o 12º caminho seja aquele do Mago ou Magus, o sacerdote negro ou oculto não deve ser identificado com o mago negro, mas com o Irmão Negro.

Este é o *kala* dos Feiticeiros, os *Monnim* (também igual a 260) que transmitem a luz diretamente de além de Kether para Saturno *via* fórmula da dualidade⁴⁹⁸. A dualidade é expressa zoomórficamente pelas duas serpentes Od e Ob⁴⁹⁹, e pelo símio – a sombra do Mago que, segundo a tradição, distorce e perverte a Palavra do Mago assim fazendo uma zombaria de sua obra, como fazem os Irmãos Negros com sua fórmula de dualidade⁵⁰⁰.

Isto é evidenciado pelos símbolos de Baratchial: duas espadas com as pontas voltadas para dentro, sugerindo intensa concentração no ego como oposto ao Si (Self) do Todo, ladeando uma face espectral (máscara) encimada por uma lua crescente. O sigilo é um glifo da falsidade e ilusão refletidas na corrente da dualidade que revela a Sombra de Thoth na imagem de seu símio ou cinocéfalo.

Esta doutrina é expressada no segundo verso do CCXXXI:

Os relâmpagos aumentaram e o Senhor Tahuti (i.e., Thoth) ergueu-se à frente.
A Voz veio do Silêncio. Então o Um correu e retornou.

O Um é Kether, e este retornou à sua própria zona de poder porque a vibração deste *kala* é ilusória e não pode transmitir verdade. Sua vibração duplica aquela do *kala* anterior, assim criando um mero simulacro do espírito criativo.

O Irmão Negro tem língua bifurcada, como a serpente, o que é significativo, pois o poder mágico atribuído ao aspecto anverso do qual este caminho é o túnel, é o Dom das Línguas, o Dom da Cura, e um Conhecimento das Ciências. A cura aqui é contudo a cura do ego, que meramente agrava com ilusão a doença da falsa identidade criando por meio disto uma corrente de sofrimento sem fim. Igualmente, as Ciências de cujo conhecimento é dado são as ciências da escuridão. Ainda assim não se deve supor que estas são necessariamente más, é meramente que nas mãos de um Irmão Negro elas necessariamente tendem a esterilidade porque são direcionadas rumo ao cumprimento de ambições totalmente pessoais. As ciências

⁴⁹⁸ A letra *beth* que é atribuída ao 12º *kala*, é sinônimo de nossa palavra *ambos* (*both*), implicando dualidade.

⁴⁹⁹ Mas não em sua forma equilibrada como no anverso da Árvore.

⁵⁰⁰ i.e., ilusão. É o 1 refletido que se torna 2. Igualmente 11, onze, é o número daqueles 'que são de nós'.



negras deste caminho contém os segredos dos *kalas* do vazio, e daquela Corrente Kaliniana que obtém no mundo de turbilhão [horário_?] da anti-luz.

Os bruxos e feiticeiros deste túnel falam com ‘vozes’ que são refletidas na aura do Adepto pelo mecanismo de acústica não-natural associado ao misterioso ventriloquismo de *Bath Kol*, a Voz do Oráculo. O *bath* ou *beth* é a casa ou útero do *kala* supremo, e da fonte daquele ventriloquismo que era primitivo nos mitos do homem, pois a Palavra estava dotada de carne e era emitida da barriga da mãe. Aqui novamente o número de Baratchial, 260, confirma a doutrina deste caminho de *beth* pois este é o número de MINMON, ‘prazeres’, ‘delícias’, e de IRKIK, ‘tuas coxas’, o que revela a natureza sexual destes prazeres.

A doença típica deste caminho é Ataxafasia que aqui se refere especificamente à distúrbios da faculdade da fala, tipificado pelos uivos bestiais ou *cachinnations*(?) da criação pré humana e por aquela ‘fala monstruosa’ (mencionada no *Liber VII*⁵⁰¹) que vibra além do véu do vazio.⁵⁰²

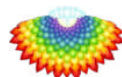
Os perigos contínuos ao uso deste *kala* são extremos, embora as vantagens que podem ser ganhas pareceriam sobrepujá-los no que o Adepto é capaz de transcender a transmissão de imagens meramente conceitual. Ele é assim capaz de manobrar atavismos específicos em um nível mais profundo do que aqueles que ele poderia penetrar como um Magus. Eis o porque o silêncio dos espaços externos, como a música as esferas, pode ser apreendido apenas quando o trepidar simiesco do veículo do Mago tenha sido subjugado pelo contato com as forças transcósmicas que varrem através deste túnel desde os caminhos do Grande Vazio. O último é o *Ain*, ou Vazio, o olho que não pisca que emite raios invisíveis que reificam por entre os santuários mais internos do não-ser do Adepto. Ele então se torna o *Mago do Poder*⁵⁰³ em um sentido verdadeiro e totalmente diferente daquele no qual este poder tenha sido compreendido em qualquer aeon anterior. Pois aquele poder (*Shakti*) é primal e *não existe* separado da sombra, sendo que a solidificação disto é o Magus entificado cuja Palavra é nada mais que falsidade e fascinação.

Este *kala* particular mostra claramente como a face da Árvore é – e apenas pode ser – uma fachada. Isto é porque uma interpretação reificada e portanto dualista das correntes ocultas de energia, que pulsam através dos túneis no outro lado da Árvore, transmitem as energias do Não-ser. É neste sentido que o ‘Um correu e retornou’. Para *onde* ele retornou? A Palavra manifesta retornou ao silêncio da não-manifestação.

⁵⁰¹ *Prólogo do Não Nascido*, verso 10.

⁵⁰² Seus sentidos.

⁵⁰³ O título do trunfo do taro equacionado com o caminho anverso.



3

Gargophias

O DÉCIMO-TERCEIRO caminho é carregado com o *kala* lunar. O nome de seu guardião-sombra é Gargophias que deve ser vibrado ou 'uivado' em repetições regulares na clave de 'G' agudo⁵⁰⁴. Seu [dela] sigilo deve ser pintado em prata sobre um círculo negro. Seu número é 393, um número de suprema importância no Culto Draconiano em sua fase Thelêmica. O número 393 contém os números 39⁵⁰⁵ e 93⁵⁰⁶. O caminho anverso é relacionado com AL, enquanto que o túnel aqui tratado é relacionado com LA. Além disso, $3 + 9 + 3 = 15 =$ Atu XV, *O Diabo*; e 393 é três vezes 131, o número de Pan e de Samael⁵⁰⁷ cuja esposa é a Lilith mais antiga, a Senhora da Noite, ou Não, o Grande Negativo. 393 é também o número de ShPhChH, a típica concubina ou prostituta que mais tarde se tornou Sefekh, a consorte de Thoth. Sefekh significa o número sete; ela é portanto uma imagem de Tífon.

Segundo Gerald Massey, Sefekh é uma sobrevivência de Khefekh ou Khepsh das Sete Estrelas, uma vez adorada em Ombos como a 'Palavra Viva'. Através dos cultos solares posteriores, ela foi odiada como a Grande Meretriz. A palavra *khepsh* significa, literalmente, a coxa posterior, um símbolo da vagina, que é por si mesma uma imagem de Tífon Primeva, a Mãe de Set. Ela tipificou a primeira progenitora conhecida em um tempo onde o papel do macho na procriação era insuspeito. Porque ela não tinha um consorte ela era considerada como sendo uma deusa sem um deus, e seu filho – Set – sendo sem pai era também sem deus e foi [considerado] portanto o primeiro 'demônio'⁵⁰⁸, o protótipo do Satan das lendas mais tardias.

Um dos totens de Tífon era a Pomba. Isto foi continuado pelos cultos solares onde ela tipificou o portador masculino da *ruach* ou espírito criativo, atribuído ao elemento ar. A pomba retratada no Grande Selo da *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.) é o pássaro de sangue Tifoniano, e pode ser demonstrado pela gematria que os emblemas contidos naquele selo são cabalisticamente equivalentes ao número 393.

(figura)

O vaso (vesica) todo circundante é a Porta Venusiana – *Daleth* – que é o número 4. O olho⁵⁰⁹ no triângulo ou pirâmide do Espírito⁵¹⁰ é 370. A Pomba, Espírito Santo, Geist ou Gust⁵¹¹ denota o elemento ar e a letra *Aleph*, 1. O Graal ou Cálice para⁵¹² dentro do qual a pomba mergulha é representado pela letra *Cheth*, 8; e o *Yod* dentro deste, a semente secreta ou *bindu* no coração do yantra é 10. A numeração total é portanto 393.

⁵⁰⁴ A natureza líquida desta entidade sugere que a evocação seja acompanhada por algum instrumento de cordas tal como a vira, a cítara ou a harpa.

⁵⁰⁵ Três vezes 13, o número deste túnel.

⁵⁰⁶ Três vezes 31, o número de AL, Deus, e de LA, Não.

⁵⁰⁷ O pivô ou Centro das Qliphoth Zodiacais.

⁵⁰⁸ Vide *Cultos da Sombra*, p.51.

⁵⁰⁹ *Ayin* = 70.

⁵¹⁰ *Shin* = 300.

⁵¹¹ Cf. Guest (Convidado) como o visitante ou alguém que 'chega'.

⁵¹² Vide descrição do Túnel 14.



Adicionalmente, 393 é o número de Aossic⁵¹³. O 4 'perdido' ou oculto é o Círculo Venusiano no coração do sigilo de Aossic:

(figura)

Neste sigilo a Deusa está oculta porque ela reside acima do Abismo no caminho que une Chokmah e Binah⁵¹⁴. Os números inteiros de 393 (3 + 9 + 3) totalizam 15; 1 + 5 = 6, o número do sol. Os números inteiros 3 x 9 x 3 multiplicam-se em 81 = 9 = o número da lua⁵¹⁵. 393 multiplicado por si mesmo resulta no número 154449. Note a persistência do número 15 (Atu XV) que é atribuído a Baphomet, o Demônio, e portanto ao Deus Set. O número 444 é aquele da Serpente de Bronze e de TzPRDO, significando 'rã', do egípcio Khepr-ta, o deus da terra com cabeça de rã⁵¹⁶. O número 9 é aquele da lua e de Yesod, o local do ion secreto⁵¹⁷ dos Yezidis⁵¹⁸.

Astro-simbólicamente, 393 é Saturno-Lua-Saturno, a Lua protegida em ambos os lados pelo Deus Set. Uma propriedade notável do número 393 é que ele se reduz à Unidade, ou seja: 3 em 9 é 3; 3 em 3 é 1, que é *AchD*, 13, 'Unidade'. Aplicando a fórmula inteira ao Pentagrama (i.e., 5 x 5 = 25) à 393, o Número Chave da Grande Obra é obtido: 393 + 25 = 418⁵¹⁹.

393 é 666⁵²⁰ menos 273, que é o número de AVR GNVZ, a 'Luz Oculta', e de ABN MASU HBVNIM, a 'pedra que os construtores rejeitaram'; também de ARBO, significando 'quatro', neste caso a 'luz oculta' da porta (*daleth*) no coração do sigilo de Aossic.

393 é 718⁵²¹ menos 325, que é o número místico de Marte, o veículo planetário de Ra-Hoor-Khuit, e de NORH, a virgem ou donzela equacionando com a Deusa Kali em seu aspecto lunar. A persistência do número 9 é também notável.

393 multiplicado por 3, o número de unidades das quais ele é composto, iguala 45, e 4 + 5 = 9. 45 = ADM, 'homem', 'espécie', composto por 'A', respiração ou espírito, e DM, sangue, o líquido lunar místico. 45 é o número místico de Yesod; ele é também o número de MAD, a palavra enoquiana para Deus, ao passo que a série de números de 1 a 9, (i.e., 45) é o número de AGIAL, a Inteligência de Saturno ou Set, e de AMD, o Louco⁵²².

O sigilo de Gargophias apresenta uma espada ereta, com um olho em cada lado da lâmina, colocada sobre um ovo e um crescente. A espada é típica da Mulher como o primeiro a cortar em duas [partes]. A constelação de quadris ou coxas na forma de foice era o símbolo celestial de Tífon que, em termos terrenos é a vagina da mulher que divide e se torna dois; a Fendida ou Bifurcada. Os dois olhos representam a dupla luação, celestialmente, e as duas fases do ciclo feminino com ênfase na eclipse periódica (N.R.E. menstruação?). O ovo está

⁵¹³ O nome de um Grande Antigo cuja influência é transmitida pelo atual Chefe Externo da O.T.O., ou seja: Kenneth Grant.

⁵¹⁴ Vide a próxima seção, 4.

⁵¹⁵ 81 é o número místico da lua que rege o 13° *kala*; ele é também o número de ALIM, a fórmula da feitiçaria. Note que 15 + 81 = 96, e 9 + 6 = 15. Também, 6 + 9 = 15, o que denota, novamente, o Atu XV.

⁵¹⁶ O simbolismo da rã é de grande importância em todas as fórmulas associadas com ou outro lado da Árvore. Vide observações *infra*, pp.172, 173.

⁵¹⁷ Nota do Tradutor: O autor algumas vezes escreve 'secret-ion', sendo que isto pode ser entendido como secreção?

⁵¹⁸ Vide *Cultos da Sombra*, Glossário, sob o título 'Yesod'.

⁵¹⁹ Para considerações sobre este número todo importante, vide *Liber 418* de Crowley, e os Comentários ao *AL*.

⁵²⁰ O número de Shugal-Choronzon, a Grande Besta do Abismo.

⁵²¹ A Abominação da Desolação, e do número da Tábua da Revelação. (Vide a Trilogia Tifoniana).

⁵²² ADM, ou Adão, deriva do egípcio Atem, a Deusa Mãe do Tempo e Periodicidade identificada como Tífon.



repleto em três quartos, o que indica os nove meses de gestação, a fase seca imediatamente precedendo a inundação caracterizada pelo transbordamento do fluido amniótico. Este aspecto da fórmula é latente no ovo e não se manifesta até o 15º caminho, o Caminho da Mãe. O animal sagrado a este *kala* é a cegonha (tradicionalmente associada ao nascimento), o cão, companheiro da caçadora virgem⁵²³, e o camelo. O camelo⁵²⁴ é o totem principal deste caminho pois ele atravessa o deserto do Abismo; ele é a arca ou navio tradicional do deserto. Suas corcovas contém o líquido vital da vida que sustém o Adepto durante sua travessia.

O 13º caminho é portanto caminho da Virgem que contém dentro de si mesma o potencial não despertado [manifestado] da esposa que é atribuído ao próximo caminho. A posição destes dois caminhos – 13 e 14 – constituem o Sinal da Cruz. O Abismo é o local de cruzamento do mundo da aparência (fenômeno) representado pelo anverso da Árvore, para aquele da des-aparência [o autor joga com as palavras para formar ‘desaparecimento’] (numinoso) representado pelo lado posterior.

Os poderes mágicos do *kala* da lua incluem a clarividência e a divinação. Não o tipo de divinação associado com o décimo primeiro *kala* (q.v.) que emana por ventriloquismo *via* útero aberto, mas divinação por sonhos que emanam do ‘útero lacrado à noite’⁵²⁵, i.e., quando a luz lunar é eclipsada.

Os 13º, 14º e 15º *kalas*, resumindo como fazem a fórmula completa da mulher, formam a Cruz Primal ou local de cruzamento do mundo material para o mundo dos fantasmas ou espíritos. A virgem menstrua e está selada, escura, não iluminada, não despertada; a esposa ou prostituta está aberta, despertada, sua fórmula é amor; a mãe está novamente selada, porém de uma maneira diferente pois ela traz à frente o que está trancado em seu útero.

O incenso menstrual do 13º *kala* assume a forma de lemures. Embora muitos léxicos derivem esta palavra ‘do Latim *lemures*, pl. espíritos dos mortos’⁵²⁶ o termo conota mais do que os fantasmas dos que partiram, pois o 13º túnel é assombrado pelos teratomas de tipo simiesco gerados sobre o 12º caminho que vazam para dentro do miasma lunar *via* sono da virgem. Assim, a descrição dada (nos léxicos) do lêmure terrestre fornece uma descrição mais exata: ‘tipos de mamíferos noturnos . . . aliados aos macacos’.

Segundo uma tradição iniciada da qual Blavatsky extraiu muita informação, os atavismos de Lemúria⁵²⁷ fervilharam sobre este caminho 13 em formas monstruosas reminiscentes de, embora muito mais horrendos que, o lêmure natural. Lovecraft os indicou mais de uma vez e a idéia deles o levou a observar que

. . . existe a respeito de certos esboços e entidades um poder de simbolismo e sugestão que age assustadoramente sobre a perspectiva de um pensador sensitivo e sussurra insinuações terríveis de relacionamentos cósmicos obscuros e realidades inomináveis por detrás das ilusões protetoras da visão comum.⁵²⁸

As realidades inomináveis são habitantes dos túneis de Set que fervilham com as conchas e sombras de coisas que ainda não foram entificadas mas que *tendem a se tornar*.

⁵²³ Artemis em sua fase lunar.

⁵²⁴ A letra atribuída a este caminho é *gimel*, que significa ‘um camelo’; ela é de fato muito similar à palavra inglesa.

⁵²⁵ Vide O Renascer da Magia, p.132.

⁵²⁶ *The Concise Oxford Dictionary*

⁵²⁷ Um estrato de consciência larval e pré-humana que vem de longa data anterior até mesmo à época da Atlântida.

⁵²⁸ *O Caso de Charles Dexter Ward* (Lovecraft), p. 195.



Suas súbitas tensões no éter são as latências refletidas – embora não manifestas - do próprio mago.

O plasma fluído da luz astral que permeia os túneis está vivo com potencial que se torna manifesto apenas quando ele vem à superfície da Árvore, divide-se em miríades de formas, e ferve através do buraco negro no espaço representado por Daäth, o Portal do Abismo. A manifestação do não manifesto é efetivada, magicamente falando, *via* corrente lunar que caracteriza a Suma Sacerdotisa deste *kala* em sua fase virginal, não manifestada, ou ‘de sonho’.

O verso no grimório aplicável à este *kala* é lido :

Agora [que] Nuit velou a si mesma, que ela possa abrir o portal de sua irmã.

Não duas mulheres, mas apenas uma é implicada por esta declaração. Nuit vela a si mesma em sono, i.e., ela se torna virginal, produz mênstruo, de modo a abrir o portal de sua irmã – o portal dos sonhos. Num sentido naturalista o véu é a roupa assumida pela mulher primitiva no começo da puberdade. Num sentido fisiológico ele é o hímen não rompido. Quando Nuit abre o portal ela vela a si mesma e é portanto capaz de divinar através de sonhos vistos no espelho do sono mágico ou transe. Isto é o sentido no qual a virgindade, ou o estado de ‘adormecimento’, é aqui pretendido. Em ainda outro sentido, a abertura do portal se refere ao portal da mãe do Caminho 15 (q.v.) por onde o não manifesto é tornado manifesto como o nascimento da criança através do portal da matéria. Mas isso é uma fórmula posterior e pertence adequadamente abaixo do Abismo, enquanto que o Portal aqui pretendido é o próprio Portal do Abismo.

A moléstia típica deste caminho é não surpreendentemente colocada na forma mais abrangente sob o rótulo geral de ‘distúrbios menstruais’, contudo deve ser entendido que enquanto esta moléstia é aplicável ao caminho, as moléstias correspondentes obtidas no túnel abaixo do caminho comportam distúrbios da própria corrente lunar, e a conseqüente geração de horrores lemurianos. Isto é substanciando pela arma mágica do caminho, o Arco e a Flexa. No Trunfo do Taro associado à esta *kala*, a Suma Sacerdotisa é apresentada com o arco e a flexa através de suas coxas. O arco é também um glifo do arco-íris que tem uma conexão mística direta com a fórmula lunar⁵²⁹.

O simbolismo do arco, como o emblema de Sothis, a Estrela de Set, e o arco-íris, foi tratado em detalhes no sétimo capítulo de *Aleister Crowley e o Deus Oculto*. Aqui é meramente necessário notar que no hebraico antigo o nome do arco-íris – *qesheth* ou *qashed* é um sinônimo cabalístico de *qadosh*, um método de magia(k) sexual envolvendo o uso da corrente lunar. Essa forma de ocultismo é confundida algumas vezes com magia homossexual que não são de forma alguma cognatas.

A fórmula mágica específica do *kala* 13 é ALIM⁵³⁰, cujo número – 81 – é o número da feitiçaria presidida por Hecate, ou Hekt, a deusa com cabeça de rã. É necessário se precaver de não interpretar o termo feitiçaria no seu sentido usualmente aceito, o qual não pertence à estes níveis mais altos da Árvore. O significado real da feitiçaria deve ser buscado na imagem da rã que possui uma significação secreta para iniciados que é muito mais próxima do conceito das fantasias batraquianas de Lovecraft do que é a avaliação pueril sobre o assunto por parte dos clérigos medievais, caçadores de bruxas e revivacionistas dos dias atuais.

A Rã ou Hekt era um símbolo terreno do transformador da vida aquática para a terrestre. Ele foi escolhido pelos iniciados dos Mistérios Draconianos como um símbolo daquilo que se transformou nas águas do abismo e subiu para a terra seca. Em outras palavras, ele era um glifo do invasor a partir das ‘águas do espaço’, i.e., do outro lado da Árvore. Além do

⁵²⁹ Vide *A Luz Perdida* (Kuhn), p.281.

⁵³⁰ Um termo significando os ‘Deuses Elementais’.



mais, os curiosos saltos da Rã sugeriram as formas pelas quais certos caminhos da Árvore poderiam ser atravessados ou saltados pelos Adeptos do 'outro lado'⁵³¹.

No Egito o transformador como Hekt era incorporado no Ur-Hekau, o 'Poderoso dos Encantamentos'⁵³² que era o protótipo da vara mágica através da qual o sacerdote abria a boca do morto e *transformava* a múmia em um espírito vivo. Assim os 'mortos' deste lado da Árvore se tornavam os *khus* ou 'espíritos vivos' no outro lado.⁵³³

O número da Rã é 353 que é também aquele de NGSh, significando 'relação sexual', do egípcio *nak*, 'fornicar'. O nome Hecate significa 'cem', que é o número de *qoph*, 'a parte de trás da cabeça', ou cerebelo, onde, como Crowley observa que 'a força criativa ou reprodutora está primariamente situada'⁵³⁴. 353 é também o número das iniciais dos dois instrumentos mágicos - o P(hallus) e a K(teis) – que em conjunção engendram a ilusão do universo.⁵³⁵ A Rã, Hekt ou Hecate é portanto a puladora ou saltadora no sentido sexual tanto quanto no sentido místico onde o Adepto utiliza a fórmula dos Voltigeurs na parte de trás da Árvore.

O arco aparece em conexão com o simbolismo primitivo (i.e., o africano) do 13º *kala* onde ele é associado à caçadora na luz da lua, Ochosé. A referência é dada à corrente lunar. Os dois lagos sagrados, Togo e Once, também são simbólicos deste *kala*. Togo, que significa literalmente a 'água vermelha' formava a base da Piscina do Impulso(?) Egípcia ou 'Mar Vermelho'. As lagoas desempenhavam um papel importante na administração das leis na África. As leis ou tabus mais primitivos estavam conectados à fisiologia e os fenômenos da menstruação e o rito conectado à seu começo e seu apaziguamento. Este tempo de 'rito'⁵³⁶ se tornou o tempo correto (para união sexual), e as infrações contra o tabu eram respondidas com punições severas. É neste nível primordial que a idéia de culpa tornou-se associada à relação sexual. Deve-se entender, contudo, que o nascimento do 'pecado' que surgiu em tal período inicial na evolução da sociologia era o real início do próprio 'tempo', no sentido em que a menstruação era um dos primeiros sinais de um período, ou ciclo de tempo, percebido pelo homem primitivo; o primeiro sendo provavelmente luz e trevas, dia e noite. Foi após estas observações, e não antes, que a divisão do ano em períodos tornou-se crescentemente mais detalhada e complexa. A recorrência de fenômenos fisiológicos foi básica e chamou a atenção do homem à recorrência dos fenômenos celestiais. Primeiramente, os surgimentos e desaparecimentos, ascensões e ocasos estelares; então as fases lunares; e finalmente o ciclo solar, quando o tempo se tornou plenamente evoluído e o ano tal qual nós o conhecemos foi calculado.

antes da mais antiga observação dos fenômenos fisiológicos, isto é, quando o tempo não era conhecido, e muito menos registrado, Chaos reinava. Mas, inevitavelmente, as forças do chaos foram sugadas para dentro do vórtice do tempo, e a mitologia contém relatos dos conflitos que enfureciam entre os gigantes do abismo que ocorreram *fora do tempo* e que tinham tipos elementais como seus veículos⁵³⁷ e os novos tipos que foram estabelecidos na forma de divindades estelares, lunares, e finalmente solares. Os últimos foram os kronótipos, os deuses do tempo ou cronologia.

⁵³¹ Cf. Os *Voltigeurs* do Culto da Serpente Negra discutidos em *Cultos da Sombra*, capítulo 9

⁵³² Vide *O Livro dos Mortos*.

⁵³³ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 3.

⁵³⁴ *Magick* (Crowley), p.183

⁵³⁵ Qoph é a letra atribuída ao Trunfo do Taro intitulado A Lua.

⁵³⁶ Nota do Tradutor: O autor faz um tipo de trocadilho: 'rite' tornando-se 'right', ou seja 'rito' tornando-se 'correto'.

⁵³⁷ Tais como vento, chuva, terremoto, trovão e relâmpago, etc.



Todos estes foram antropomorfizados e tornaram-se os vários deuses e deusas que foram *finalmente* atribuídos aos planetas, que eram considerados como os veículos dos seus poderes. Então os dez primeiros caminhos da Árvore foram atribuídos à Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Júpiter, Marte, Urano, Netuno e Plutão. O 13º *kala* é assim essencialmente e muito peculiarmente o *kala* de Kali (tempo), e de Chronos ou Kronos e os Kronótípos.



4

Dagdagiel

O DÉCIMO-QUARTO túnel é coberto com o *kala* de Vênus representado pela Prostituta. Sua atribuição cabalística é *Daleth*, significando ‘uma porta’; a porta que permite o acesso à sua casa ou útero, e regresso(?) desta. Sua zona cósmica de poder é Vênus. Este túnel apoia o primeiro Caminho Recíproco na Árvore da Vida; sua contraparte infernal é a base da pirâmide que, quando invertida, é equilibrada sobre o ponto do *Ain* no vazio do Abismo. O nome de seu sentinela é Dagdagiel. Ela pode ser evocada vibrando-se o seu nome na clave de ‘F’ aguda acompanhado de um sussurro ou som alegre. Seu sigilo pode ser pintado em um azul celeste vívido num círculo rosa brilhante raiado com verde pálido. Seu número é 55, que é um número místico de Malkuth, a zona de poder da Terra. Cinquenta e cinco, como 5×11 , resume a fórmula da magia(k) (11), posta em movimento ou controlada pela *shakti* (5). É também o número de DVMH, ‘silêncio’, que é a fórmula da mulher (*shakti*) quando ela fica grávida do filho da luz produzido pelo próximo *kala*. A palavra HIM, ‘inchar’, é indicativo dessa condição; e IHM (uma metátese de HIM) significa ‘conceber’, ‘ter relação sexual’, e ‘criar’, 55 é também o número de KLH, ‘a noiva’, a ‘nora’, que sugere a noiva cósmica Malkuth, a filha de IHVH, ela que é o termo final (*Hé*) de manifestação.

A filha é o símbolo de retorno iminente; da reversão incipiente da manifestação ao seu estado primal de não manifestação; de ser retornando-se não-ser. No Aeon atual o *Filho* é a Criança, mas no vindouro Aeon de Maat a Criança será a *Filha*, pois ao final daquele Aeon Malkuth uma vez mais retornará ao seu sono de dissolução (*pralaya*) anterior à uma nova manifestação.

A idéia da matéria chegando a um fim relembra a declaração em AL (I.66): “A Manifestação de Nuit está por um fim”⁵³⁸. O título do Atu deste Caminho é A Filha dos Poderosos. O tema é repetido pela palavra MUT (uma forma de Maat) que também soma 55 e que significa ‘sacudir’, ‘agitar’, ‘cambaleiar’, ‘falhar’, ‘decair’, ‘morrer’. Ele deriva da palavra egípcia *mut*, significando ‘terminar’ ou ‘morrer’.

O sigilo de Dagdagiel mostra a letra *Daleth* em reverso e na forma de uma forca na qual está pendurado um triângulo invertido acima das letras AVD. AVD (Od) é a luz mágicka. O triângulo é a pirâmide invertida colocada no Abismo com seu ápice no Vazio (*Ain*), pois este túnel recíproco é refletido dentro dos golfos além de Kether.

A implicação é que a pirâmide é a luz mágicka ou Serpente de Fogo suspensa em uma forca na forma da Mulher da Noite⁵³⁹ cuja vagina (*daleth* = porta) está aqui invertida. Esta peculiaridade mostra que ela é uma iniciada nos mais altos mistérios sexuais e que ela possui a marca⁵⁴⁰ especial de uma Mulher Escarlata. Seus totens são a pomba (o pássaro Tifoniano), o pardal⁵⁴¹, e a porca adulta. Numa nota holográfica em sua cópia pessoal do *Liber 777*, Crowley nota contra este caminho (coluna xxxvii): “A Porca [adulta] = tipo de Vênus que faz se iguala com Marte (oposto ao tipo romântico e outros tipos elevados). Marte = javali”. Com isto ele quer dizer que enquanto a virgem se aquece na luz idílica do amor romântico ou não realizado, a porca [adulta] se espoja no chiqueiro da sensualidade. Mas a comparação da Porca adulta de Vênus com o Javali de Marte comporta outro mistério que pode ser sondado apenas

⁵³⁸ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8, para o significado deste verso e sua relação com a *secreção* (*secret-ion*) implicada na fórmula da filha.

⁵³⁹ i.e., Lilith, a prostituta.

⁵⁴⁰ A vulva *retromingent* (*). Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 7. (Nota do Tradutor: Organizada de forma a descarregar a urina para trás. Fonte: Websters Dictionary)

⁵⁴¹ Notável por sua lubricidade.



em termos da Corrente Draconiana. A porca (Babalon = prostituta) é a *qlipha*⁵⁴² ou casca externa da Deusa. Seu mistério interno envolve o *kalas* ou a Própria Kali, pois ela é a Mãe definitiva. Em termos de Novo Aeon, portanto, Marte é a zona cósmica de poder atribuída a Ra-Hoor-Khuit como a criança (*Har*) do presente Aeon, porque o sangue associado à esta zona (de Marte) não é o sangue do homem derramado em batalha, mas o sangue da mulher que encarna a criança.⁵⁴³

A pomba é também atribuída ao 14^o *kala*⁵⁴⁴. A pomba era o pássaro de sangue (fonte feminina) antes de ele se tornar o pássaro do ar (espírito masculino). Primeiro era Marte-Kali-Tífon, *então* veio Vênus-Neftis-Nu-Isis.

O poder mágico correspondente à este *kala* é, tradicionalmente, a habilidade de destilar filtros de amor. A frase é um eufemismo para as vibrações vaginais emanando da virgem na forma de magnetismo sexual que atrai a Luz Criativa para dentro de seu útero.

No verso do grimório pertencente à este *kala*, está escrito:

A Virgem de Deus está entronada sobre uma concha de ostra; ela é como uma pérola, e buscou(?) 70 para seu 4. Em seu coração está Hadit a glória invisível.

A ostra é o afrodisíaco típico; a virgem está embriagada sobre sua concha e buscou 70⁵⁴⁵ para seu 4⁵⁴⁶. Em seu coração está Hadit (i.e. Set, o Próprio Demônio), a glória invisível que motiva seu desejo. A virgem portanto se torna a prostituta, ou, na linguagem do simbolismo mágico, a sacerdotisa encantada se torna iluminada ou despertada; a pitonisa se torna oracular, sendo inspirada com o espírito divino. Portanto a fórmula mágica deste *kala* é *Agapé*, cujo número é 93, que é o número de desejo ou vontade (*Thelema*) e do Próprio Demônio (Aiwass).

Todos os afrodisíacos e ‘todos os odores voluptuosos doces’ são atribuídos a este *kala*, cujas deidades que o presidem são Hathor, Afrodite, Kapris Cottyto, e, nos sistemas tântricos, Lalita⁵⁴⁷, o aspecto sexual da *shakti* (poder).

É, contudo, sobre a Árvore africana que as atribuições mais significativas são encontradas. Na magia primordial de Equatoria este 14^o *kala* é atribuído à deusa Odudua, a deusa cujo templo secreto em Ado, próximo a Badagry, se aglomerava com as sacerdotisas consagradas de seu culto. Eles o batizaram com o nome de Cidade da Prostituição, da qual a Babilônia foi um tipo mais tardio. Para os Ogboni⁵⁴⁸ ela era conhecida como Ile, a Terra.

O 14^o raio ou *kala* une a zona de poder cósmico de Odudua (Binah) com aquela de Once ou Anansi (Chokmah), simbolizado pela Aranha que mais tarde se tornou o símbolo supremo do Culto do Obi (Obeah). Estas duas zonas de poder são o campo de atividades do Obeah e da Wanga, o ‘trabalho da vara e o trabalho da espada’⁵⁴⁹. O simbolismo deste verso

⁵⁴² *Qliphah*, ‘uma meretriz’.

⁵⁴³ Vide capítulo 10, *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, para o papel da Corrente Marciana no Novo Aeon.

⁵⁴⁴ Vide observações sobre o *kala* anterior, 13.

⁵⁴⁵ i.e., o phallus ereto, simbolizado pelo Olho (*Ayin* = Olho = 70) do Demônio.

⁵⁴⁶ *Daleth*, 4, = porta (i.e., vagina).

⁵⁴⁷ A Lilith da tradição rabínica. É interessante notar que *Lalit* era a *Rerit* (a Porca adulta) anterior. Vide observações na página 177. A letra ‘r’ se tornou, por um processo de elisão, a letra ‘l’.

⁵⁴⁸ Uma sociedade secreta africana. Em seu aspecto esotérico ela é um corpo de doutrina compreendendo todos os *kalas* e as fórmulas de seu uso mágico.

⁵⁴⁹ AL.II.37.



(do AL) foi explicado em alguma extensão em *Aleister Crowley e o Deus Oculto*; aqui é necessário chamar a atenção para a simetria da teia da aranha. No túnel subjacente ao 14º caminho a teia não está estruturada sobre uma superfície plana mas ocupa vários planos de forma que – a partir da perspectiva de um observador trabalhando sobre este caminho – os filamentos cruzados produzem uma louca geometria. Por dentro do túnel, e visto por detrás da Árvore, entretanto, a teia parece formar com fios de luz suave infinitamente tênues as curiosas aberturas de escuridão que dão entrada à golfos de espaço entre as costas e a frente da Árvore. Na profundidade mais central deste túnel o encantamento mágico primal foi lançado e o primeiro de todos os círculos mágicos (teias) foi formado. É aqui que a Serpente e a Aranha se encontram em um símbolo. A serpente é OB, a corrente lunar da qual Once tece sua teia. Serk⁵⁵⁰, simbolizado pelo escorpião, assim une a aranha e a serpente em um glifo. O ‘trabalho da vara’⁵⁵¹ e o trabalho da espada⁵⁵² são idênticos. A fusão destes é o trabalho do Obeah e do Wangá que é realizado *via* 14º *kala*.

A palavra *Aud* (Od) que aparece no sigilo de Dagdagiel é a luz mágica que flui da yoni de Odudua. Neste túnel de Odudua, portanto, esta aparece como a pirâmide; ela é o triângulo (yoni) em uma dimensão adicional e cercada pela teia de filamentos, ou pelo anel de fogo, com o qual a aranha e o escorpião são respectivamente associados.

Em seu *Diário Mágico*, Crowley fala sobre os túneis ou cavernas de fogo através dos quais ele foi guiado por um espírito raposa durante suas mais altas iniciações. A raposa ou chacal, como já mostrado, é um zoótipo de Shugal, a forma-deus de Shaitan-Aiwass. Seu complemento é a entidade amorfa Choronzon, o Guardião do Pylon de Daäth que forma o ápice da pirâmide e é o portal de acesso para a rede de túneis que se inclinam para baixo nas costas da Árvore.

A teia da aranha é a rede de túneis que conduzem para outras dimensões, pois o que parece como meros interstícios numa superfície plana quando a aranha emergiu de seu buraco são – nas profundezas de Ile (a terra) – vazios intra-espaciais e golfos atravessados de sonhos (*talvez no sentido de extremamente imensos?*) de imensidão cósmica. O Obeah e o Wangá são portanto os modos duais de transformação através dos quais a entidade humana é transportada para dentro de dimensões mais além *via* vórtices do vazio.

As doenças típicas do 14º *kalas* são a sífilis, gonorréia, e ninfomania. Estas são explicadas pela atribuição à este *kala* do mais horrível dos fetiches africanos, Champana, a divindade deformada cujo símbolo é um leproso com um áspero bastão com pontos vermelhos e brancos. O elemento da ninfomania é evidente nos súcubos ou mulheres-sombra geradas a partir da yoni da Deusa cuja arma mágica é o cinto. A conexão com o mecanismo dos sonhos é óbvia embora haja uma explicação mais esotérica. A mulher-sombra é o meio de controle do sonho pois é através de seu cinto ou círculo mágico que o sonhador ingressa em dimensões que jazem no lado noturno da pirâmide invertida que é uma projeção do *yantra* da Deusa. A fórmula tem uma base sexual e tudo o que pode ser divulgado⁵⁵³ já apareceu na minha Trilogia Tifoniana.

É interessante ver o quão próximo H. P. Lovecraft abordou as fronteiras destas dimensões alienígenas. Em *O Caso de Charles Dexter Ward* ele alude ao ‘signo de Koth que os sonhadores vêem fixado acima da arcada de uma certa torre negra que permanece sozinha

⁵⁵⁰ Deusa do Círculo. Serk e Círculo são sinônimos em linguagem posterior.

⁵⁵¹ A vara é aquela do Magus, Chokmah, regida por Chozzar (Netuno). Vide observações referentes a Chozzar e Choronzon na página 191.

⁵⁵² A espada é a mulher, ou divisor em dois. Ela é tipificada na Árvore como Binah cujo representativo planetário é Saturno (i.e. Set).

⁵⁵³ Não por razões de segredo (vide Introdução Geral) mas porque a fórmula não pode ser transmitida em linguagem dualista mas apenas nas profundezas do próprio sonho.



no crepúsculo...’. A torre negra é o Phallus de Set, a pedra erguida fixada no crepúsculo do Abismo, i.e., no estado crepuscular entre o sonho e o ‘abismo negro do sono’. A palavra Koth ou Kotha aparece entre os nomes bárbaros de evocação que os Gnósticos usavam em sua *Agapoi*, alguns dos quais Crowley restaurou cabalisticamente e usou no *Liber Samekh*, o grimório central do Novo Aeon que contém o ritual conhecido como *Congressus cum Daemone*. Este é um dos mais potentes rituais existentes, segundo Crowley; ele contém as fórmulas de união com o duplo ou sombra-self⁵⁵⁴. Na seção elemental atribuída ao elemento Terra, Kotha aparece como o nome de Hathor, a Deusa voluptuosa do Prazer Sexual ‘a quem Satan, contemplando, deseja!’. Kotha é aqui traduzido como ‘Tu o vazio’, o ‘a’ final sendo evocativo. Koth portanto significa o vazio, o túnel que é simbolizado pela vagina da mulher que emite o tênue plasma suscetível à menor impressão da vontade magicamente direcionada. Com relação à esta seção elemental do grimório Crowley observa que ‘a concepção é da Terra, brilhante, habitada por um Hipopótamo Solar-Fálico⁵⁵⁵ de uma natureza Venérea’.

A palavra ChVTh, uma forma de Koth significando ‘a besta dos juncos’⁵⁵⁶ tem o número 414 que é aquele da Luz Ilimitada (*Ain Soph Aur*), um dos tríplexes véus do vazio além de Kether. Este é também o número de AZVTh (Azoto), o *fluido*, i.e. a suprema secreção ou *kala* que dissolve toda estrutura molecular com sua luz infinitamente corrosiva. Lovecraft conceitualizou esta noção em termos do seu próprio materialismo científico como Azathoth, o caos cego e idiota no centro do Infinito⁵⁵⁷. O nome Azathoth é composto de dois conceitos distintos, *Aza* e *Thoth*. Segundo W.Henning⁵⁵⁸ Az é a ‘mãe maligna de todos os demônios’. Unida à Thoth, de cujos tipos um é o do macaco com cabeça de cão ou cinocéfalos, ela resume o lado feminino do guardião do Abismo⁵⁵⁹. Azoto engloba as letras iniciais e finais dos alfabetos de três línguas antigas: *Aleph* e *Tau* (*Ath*) em hebraico; *Alfa* e *Ômega*, em grego; A e Z, em latim.

A palavra Koth como Cheth (*ChITh*), 418, é de vital importância no Novo Aeon pois ele é o número da Grande Obra em sua mais alta fase alquímica, ou seja: a dissolução de toda estrutura molecular,⁵⁶⁰ como esboçado em Al.II.44⁵⁶¹.

⁵⁵⁴ Este era ‘o Ritual empregado pela Besta 666 para a Obtenção do Conhecimento e Conversação de seu Santo Anjo Guardião’. Vide *Magick* p.355 e seguintes.

⁵⁵⁵ O hipopótamo é sagrado para Hathor. Como Crowley observa: ‘A idéia é aquela do Feminino concebido como invulnerável, tranqüilo, com enorme capacidade de engolir, etc.’ Em outras palavras um símbolo apto das mandíbulas devoradoras do abismo.

⁵⁵⁶ ChVTh (Koth) ‘a besta dos juncos’ (Salmos I.xviii) era uma imagem do Egito. A palavra deriva de *Khebt*, o hipopótamo, um zoótipo do Egito ao Norte, i.e. Baixo Egito, a região Tifoniana.

⁵⁵⁷ No sistema de Crowley Hadit é o Chaos no coração do Infinito (Nuit).

⁵⁵⁸ Vide ‘O Nascimento e Origem do Homem Primal segundo os Maniqueístas’ citado em *A Religião Gnóstica*, de Hans Jonas, p.341.

⁵⁵⁹ Vide Parte I, onde a identidade Thoth = Daäth foi demonstrada.

⁵⁶⁰ Cf. ‘a dissolução, e eterno êxtase nos beijos de Nu’.

⁵⁶¹ O número deste verso, 44, é o número de DM (sangue) que é a imagem mágica da Mulher Escarlata cujo *kala* compõe o assunto do presente capítulo e cujo ‘túnel’ é a morada de Dagdagiel.



5

Hemeththerith

O DÉCIMO-QUINTO túnel é iluminado pelo *kala* da Estrela, conhecido no Livro de Thoth como a “Filha do Firmamento”; a Habitante entre as águas. Ela é também o aspecto-Mãe do *kala* 13, a Virgem, e do *kala* 14, a Prostituta. A letra atribuída a ambas Mãe e Filha é Hé, o número 5, e o Pentagrama é seu selo. As duas águas são respectivamente os sangue da filha virgem e o leite da mãe *grávida*⁵⁶².

O Guardião deste Pylon é Hemeththerith que pode ser evocado vibrando seu nome (dela) na clave de ‘A’ agudo, sussurradamente, quase inaudivelmente. Seu número é 1054 que é aquele da palavra grega *Naos*, significando um ‘barco’ ou ‘arca’, também o ‘umbigo’ e aqui o útero. Seu sigilo deve ser inscrito em vermelho lívido sobre um triângulo invertido vermelho brilhante. Isto sugere uma face sobre três cruces com os braços iguais dispostas na forma de um triângulo descendente com duas formas serpentinadas dividindo as cruces.

No versículo relevante do CCXXXI se lê:

Agora ascende Ra-Hoor-Khuit, e é estabelecido o domínio na Estrela de Chama.

Isto é uma referência à criança Hórus manifestando-se na forma de Ra-Hoor-Khuit como o filho da Mãe. O animal sagrado à este *kala* é o pavão, um dos símbolos sagrados dos Yezidis que cultuam Shaitan sob esta forma. O pavão é também o *vahana* de Kartikeya, o Marte hindu, nascido do elemento fogo.

Em termos alquímicos, o 15º *kala* é aquele do Enxofre purificando pelo fogo; em outras palavras, a Mãe é redimida pelo nascimento do filho. Note que o Caminho 15 liga Chokmah, a Esfera do Magus, com Tiphareth, a Esfera do Filho.

O outro veículo sagrado à este *kala* é a Águia, o Querubim de Aquário presidindo sobre o 15º Caminho. Aquário desempenha um papel vital no simbolismo do Novo Aeon. Esse é o local do Norte atribuído à Nuit que produz as duas águas representadas no signo de Aquário como duas linhas ondulantes. No trunfo do Taro atribuído a este signo uma mulher é vista derramando as águas de dois jarros⁵⁶³. A Estrela de Vênus de sete pontas sobre ela é idêntica à Estrela de Babalon de sete raios, o Selo de Set que engloba a Mãe e a Criança em um glifo. Esta é também a Estrela de Sothis, sendo Vênus o representante planetário desta. *Sete* ou *Sevekh*, era a deusa primal das sete estrelas (*Ursa Maior*) do planisfério, e estas estrelas ou raios eram as sete cabeças do Dragão das Profundezas que posteriormente apareceu no mito cristão como a Besta do Apocalipse. A Estrela do 15º *kala* é a Estrela de Sothis ou Shaitan, e ela é ocultada na essência generativa feminina conhecida como a alma ou sangue de Isis.

Em *O Renascer da Magia* foi mostrado como Shaitan pode ser invocado pelo uso mágico desta corrente. Set foi o primeiro bebê masculino nascido da Mãe e o *oitavo* após as sete estrelas ou almas. Ele era portanto considerado pelos antigos como o ápice ou a plenitude da Mãe. Isto explica a expressão secreta de que ‘Vênus é transcendida em Sothis’, pois a criança (Set) transcende a mãe no sentido aqui indicado.

Chokmah, a Esfera das Estrelas, então derrama seus *kalas* ao longo do 15º Caminho para dentro da zona de poder do Sol-Filho, Ra-Hoor-Khuit (i.e., Tiphareth).

O *siddhi* mágico associado à este *kala* é a Astrologia que – no outro lado da Árvore – tem uma conotação muito diferente com relação àquela que ela geralmente obtém, pois é lá

⁵⁶² Portanto a atribuição do coco à este *kala*. Vide *Liber 777*, coluna xxxix.

⁵⁶³ Vide *O Livro de Thoth* (Crowley). Este Atu foi reproduzido em *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, Figura 9.



que está a genuína ciência das estrelas, ou *kalas*, e difere em muito da concepção popular de astrologia como também difere o Taro do vulgar jogo de cartas.

A energia estelar que cintila sua luz através deste túnel é simbolizada pela Estrela Cão, Sothis, e a natureza da criança nascida nesta cela de Hemetherith é satânica no sentido de que ela é procriada através de um método mágico envolvendo o uso do Olho de Set.⁵⁶⁴

Os *Behemiron*, significando os ‘bestiais’, são as qliphoth deste *kala*, e seu nome se refere à esta fórmula mágica.⁵⁶⁵

No mito africano a deusa Odudua reaparece neste Caminho na forma da mãe ou amade-leite, portanto a conexão com Aquário e as duas águas. A deusa Iyemoja também pertence a este caminho. Seu nome significa a ‘mãe dos peixes’. Ela foi violentada por seu filho, Orungan,⁵⁶⁶ e durante sua tentativa de escapar dele ela caiu *para trás*, seus seios se romperam e se tornaram dois fluxos.

⁵ Orungan é um tipo do elemento Ar, e portanto uma forma do Espírito Santo.

⁵⁶⁴ A fórmula pertence ao XIº O.T.O.

⁵⁶⁵ Vide nota anterior.

⁵⁶⁶ Orungan é um tipo do elemento Ar, e portanto uma forma do Espírito Santo.



6

Uriens

O DÉCIMO-SEXTO Caminho transmite a influência do Hierofante, e seu túnel é guardado pelo demônio Uriens que é evocado ao se vibrar seu nome na clave de 'C' agudo. O nome deve ser rugido ou, mais apropriadamente, berrado. O sigilo deve ser inscrito em linhas de chamas⁵⁶⁷ sobre um triângulo marrom. Ele apresenta uma figura de sete braços; os quatro braços superiores terminam em *yods*; os três inferiores, em cruces. A figura de sete braços é um glifo da Árvore da Vida⁵⁶⁸. Ela é relevante aos mundos abaixo do abismo. O sete também se refere à Luz no Céu original representada pelas estrelas da Ursa Maior (vide seção anterior). Esta interpretação é confirmada pelo fato de que 395 – o número de Uriens – é também aquele de HshMIM, os 'céus'. Os sete braços, os quatro *yods*, as três cruces, somam um total de 59 no todo (7 + 40 + 12) e este número fornece uma abundância de indícios relevantes ao significado do sigilo.

De acordo com a *Kabbalah Denudata*,⁵⁶⁹ 59 é AchIM, significando 'irmãos'; ele se refere particularmente a Samael que está situado no meio das Qliphoth Zodiacais acompanhado de sua *shakti*, a Anciã Lilith. Ela guarda o Quadrante Sudeste e seus companheiros são a Serpente e o Homem. A serpente é um glifo da menstruação e 59, como NDH, significa precisamente isto. Esta deriva da palavra egípcia *neti*, significando 'ser', 'existência', 'negativo', 'espuma', 'o sinal da hemorragia', 'fonte feminina'. Este número explica portanto o porquê os *Adimiron* (Os Sangrentos) são as *qliphoth* atribuídas ao Túnel de Uriens. Na lista de Primos⁵⁷⁰, Crowley descreve 59 como 'A Yoni chamando pelo Lingam, como ovum, menstruum, ou alkali'. Além do mais, e para endossar a interpretação, a palavra ZNB (59) significa 'cauda' ou 'extremidades'.

O nome Uriens sugere Oriens que, como Atlas, apoiava o universo sobre seus ombros. A idéia de apoiar ou *carregar* surge através do simbolismo geral associado à este *kala* que investe o Adepto com o *siddhi* mágico da força física.

O instrumento mágico atribuído ao 16º Caminho é o Assento, Trono, ou Altar, que são curiosamente símbolos femininos para um *kala* associado com o *Hierofante*⁵⁷¹ até que seja lembrado que, no Novo Aeon, o 'Senhor iniciador' (i.e., o hierofante) é o deus Set⁵⁷², que é idêntico à sua Mãe, Tífon, e portanto a continuação – como fora demonstrado – de seu [dela] *kala*, 15. Ela é de fato a *Deusa 15*, um nome dado à Mulher Realizada cujo símbolo, a lua cheia, ocorria no 15º dia. O 16º *kala* era portanto seu filho, i.e. Set, e Set-Tífon sob uma única imagem foi tipificado pela Estrela Cão, Sothis. Segundo Wilkinson⁵⁷³, Set-Tífon era conhecido como 'O Gigante' e este simbolismo o compara com os primevos(?) *Nephilim*.⁵⁷⁴

O nome do assento em egípcio é *Hes*, ou Isis. O trono comporta o Deus, como a mulher comporta o filho, como o altar apoia o sacerdote. A parte do corpo associada como 16º

⁵⁶⁷ i.e., em linhas em forma de chamas coloridas.

⁵⁶⁸ As três *sephiroth* superiores (As Supernas) não são sempre incluídas em diagramas da Árvore.

⁵⁶⁹ Traduzido por S. Liddell MacGregor Mathers (*Kabbalah Desvelada*).

⁵⁷⁰ Em *777 Revisado*, página xxv.

⁵⁷¹ O título do Trunfo do Taro atribuído ao 16º Caminho.

⁵⁷² Este fato vitalmente importante foi salientado por Frater Achad. Vide *Cultos da Sombra* capítulo 8, nota 32.

⁵⁷³ *Os Antigos Egípcios*.

⁵⁷⁴ Vide *Parte I*, capítulo 7, e outras partes.



kala é o ombro, um eufemismo para aquilo que suporta ou apoia o mundo, i.e., a Mãe. Portanto a associação com Atlas (Oriens) que apoia o mundo em seus ombros.

Uriens, ou Oriens, como o nome implica, é também atribuível ao Oriente, o lugar do sol nascente ou poder solar-fálico. Este fenômeno, tanto em seu aspecto cósmico (celestial) como em seu aspecto microcósmico (biológico) jaz por trás do nome da *Ordo Templi Orientis*, O.T.O., que sendo interpretado significa a Ordem do Templo do Falo Exaltado ou Ereto.

O verso do CCXXXI relativo à este Caminho declara:

Também é a Estrela de Chama (i.e., o Falo) exaltada, trazendo bênção ao Universo.

Uma olhada nas colunas do *Liber 777* mostra que Uriens é atribuído ao décimo primeiro *kala* que é regido pelo ar e cujo túnel é presidido por Satan, Príncipe dos Poderes do Ar.

O número correspondente à dimensão astral deste *kala* é 45, o número de ADM (Homem). Ele é uma das entidades que acompanham Lilith nos espaços *entre* os pontos cardeais sul e leste das *qliphoth* zodiacais, no centro do que está o ‘maligno’ anjo Samael.⁵⁷⁵ Por entre as dimensões invertidas destes espaços situa-se o Trono de Samael. Perante este fica o altar sobre o qual está estendida a Lilith noturna, Mãe dos Abortos.⁵⁷⁶ O conceito está explícito no número de Uriens, pois 395 é MShKLH *Abortiens*. Além do mais, o reflexo do Hierofante é refratado dentro das profundezas do Abismo na forma de Set ou Pan (Samael), o demônio ou duplo sendo a imagem ‘oposta’.⁵⁷⁷ Igualmente, este conceito está explícito no número de Uriens, pois 395 é MShNH, significando ‘dobrado’, ‘duplo’. Isto deriva do egípcio *shen*, ‘dois’, ‘duplo círculo’, e ‘o *outro*’, o ‘alter ego’. Assim os Céus (HShMIM = 395) são refletidos nos infernos, e o Hierofante ou Magus do Eterno⁵⁷⁸ se torna o Juiz dos ‘mortos’,⁵⁷⁹ cujo símbolo é o chacal, o uivador nas habitações dos mortos, e ‘o comedor de esterco no dia do Esteja Conosco (Juízo Final_?)’.⁵⁸⁰ Ao término deste abominável repasto os *Adimiron* (Os Sangrentos) fervilham através dos locais desolados do vazio deixando o ‘rico suco marrom’⁵⁸¹ da aniquilação em seu rastro.

Outros habitantes da cela de Uriens são as górgonas e os minotauros que são ligados ao sol-filho simbólico de Touro e o Hierofante, e com a força mágica que transforma em pedra.⁵⁸² O minotauro era a criação monstruosa de Parsiphae, filha do Sol, que copulou com um touro sagrado. Em *O Renascer da Magia* eu dei a descrição de Crowley sobre o rito associado à procriação do Minotauro. Quando ele era pego, era aprisionado num labirinto dentro do qual jovens e donzelas eram introduzidas para propósitos sacrificiais. Elas vagavam até as profundezas do labirinto e eram devoradas pela besta. A Górgona com cabelos de serpente é uma forma de Lilith; ela é rodeada com serpentes e seus olhos brilhantes transformam em pedra todos os que fitam seu olhar.

⁵⁷⁵ O número de Samael é 131, que é o número de Pan e de Mako, o filho de Tífon.

⁵⁷⁶ Outra referência aos *Nephilim*; vide nota 8 *supra*.

⁵⁷⁷ Satan significa o ‘opositor’.

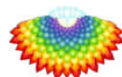
⁵⁷⁸ Um título alternativo do trunfo do taro conhecido como O Hierofante.

⁵⁷⁹ ShVPT, ‘juiz’ = 359.

⁵⁸⁰ Vide *Liber Cheth vel Vallum Abiegni* (*Magick*, p.494). No presente contexto, o refugio excremental dos abortos de Lilith.

⁵⁸¹ Esta é a cor atribuída ao Caminho 16.

⁵⁸² O nome Set significa ‘uma pedra erguida’; e Isis significa literalmente ‘o Assento de Pedra.’



Outro animal associado à este caminho é o hipopótamo, uma imagem primordial de Tífon. No culto africano a deusa Ife tipifica o 16º *kala* e ela é representada pela vulva aberta de Iyemoja, a fonte do universo manifesto sustentado sobre os ombros de Atlas ((Oriens/Uriens). O hipopótamo, ou vaca da água, é o grande portador nas águas, o equivalente de Taurus, o Touro da Terra, em terra seca, então a conexão com a deusa (Vênus rege Touro) e as águas do abismo. Iyemoja significa literalmente 'Mãe dos Peixes', o que mostra a natureza especificamente sexual de sua função.



7

Zamradiel

O DÉCIMO-SÉTIMO Caminho transmite a influência dos *Enamorados*. Seu túnel é guardado por Zamradiel que é evocado vibrando-se seu nome na clave de 'D'. O som deve ser acompanhado por uma rouca cachinnation(???). Seu sigilo deve ser pintado com uma tinta que se aproxime do couro amarelo novo sobre uma vesica (vaso_?) em mauva (púrpura mediano ou violeta pálido).

Seu número é 292, aquele de TzRB, 'o corvo', o pássaro negro de Set. TzRB também significa 'noite'; no ocaso o corvo inicia o seu vôo predatório. BTzR, uma metátese de TzRB, significa 'ouro', o metal associado aos gêmeos Set-Horus, sendo que o totem de Set é o pássaro negro e o de Horus é o falcão dourado. Os gêmeos anteriores, contudo, eram Set e Anúbis, o chacal dourado que, com sua sombra escura, assombrava o deserto das múmias, i.e. as conchas astrais deixadas por aqueles que fizeram a travessia e transcenderam o abismo.

O sigilo de Zamradiel é composto de um crescente lunar perfurada por uma flecha atirada de um arco, ambos os lados da qual terminam na letra G. A lua transfixada é a carne crucificada. Os 'crucificados' são aqueles que fizeram a travessia do Abismo. A letra G (*gime*) significa o 'camelo', o navio do deserto, o veículo pelo qual a travessia é realizada. Ela é a letra da Suma Sacerdotisa.

Este túnel concentra a influência de Set *via* zona de poder Negra (Binah) que recebe sua luz da Esfera Estelar (Chokmah) e a projeta em raios para baixo através do abismo. O 17º *kala* é portanto fortemente carregado com a atmosfera de Daäth e da Morte, ambos os quais tem forte afinidade com os *Enamorados*.

O número 292 é também aquele de Chozzar que, como sugerido em *Cultos da Sombra*, está provavelmente conectado com o nome Choronzon, uma forma corrompida deste. O símbolo de Chozzar lembra o signo astrológico de Netuno e segundo Blavatsky (*Doutrina Secreta*, II, 356) Chozzar é chamado de Netuno pelos não iniciados. Este é o símbolo da Magia Atlante e sua atribuição à segunda zona de poder, Chokmah, é altamente significativa porque Chokmah recebe um influxo direto de Plutão (Kether).

Michael Bertiaux observa que 'Plutão sendo correlacionado a Netuno é pura sexualidade' que na Esfera Plutônica é psíquica e mágica. Esta energia, que é chamada "libido" é a força mais poderosa do mundo e não pode ser isolada por métodos mágicos . . . Ela é portanto a fundação dos vários campos naturais de força, tais como luz, gravitação, eletromagnetismo, e é fato que a partícula subatômica básica, sendo um fóton funcional, é em realidade libido em uma forma elementar'⁵⁸³.

Esta é a energia que dá poder aos *Enamorados* do 17º Caminho, mas, no túnel abaixo deste, ela foi transformada no RPVAH⁵⁸⁴ ou 'droga da morte' que é representada pelo pássaro negro de Set e o porco negro de Tifon. Chozzar significa 'um porco'. Esta criatura foi adotada como um símbolo da Grande Obra pelos Tifonianos porque ele era o único animal conhecido que devora excremento humano. O porco é simbólico e também o é o excremento, pois não é refugo anal que é velado por este totem, mas o sangue da lua, o fluxo da fêmea humana em sua fase negra. O simbolismo foi mantido dentro dos cultos solares de eras posteriores, e na época do equinócio vernal o deus Khunsu é representado na órbita da lua cheia carregando em

⁵⁸³ Vide Michael Bertiaux: Papéis Graduados do 2º Ano do *Monastério dos Sete Raios*. Vide também *Cultos da Sombra* capítulo 11.

⁵⁸⁴ RPVAH = 292, significa 'uma droga'. APRVH, também 292, e uma metátese de RPVAH, significa 'um pássaro jovem'.



seus braços o porco sacrificial.⁵⁸⁵ A absorção do vinho negro da lua preparou o iniciado para a desintegração, ou crucificação, na época da Páscoa, e isso tornou possível a transição para dentro do mundo do espírito ou Não-ser.

Os gnósticos representavam Chozzar na forma de uma Serpente cujo representante estelar era Draco. A ondulação da serpente era uma imagem do fluxo feminino periódico.

O sigilo deste túnel é glifado pelo sigilo de sua sentinela com o lunar crescente transfixado pela flecha. Como Massey mostrou, 'o primeiro arco foi esticado pela Geradora' e isso 'tornou-se círculo inteiro no ciclo da Gestação, portanto o arco de Neith, e a flecha da Deusa Seti'.

No sigilo de Zamradiel a lua é jovem e ainda não alcançou a plenitude da gestação que ocorre após os enamorados emergirem da Cidade das Pirâmides (Binah) para dentro do deserto de Set.

O verso relevante do CCXXXI diz:

Então aqui abaixo o Eros alado é jovem, se deleitando em um e no outro.
Ele é Asar (Osiris) entre Asi (Isis) e Nephthi (Nephtys).

Osíris é a múmia, o morto que é renascido no mundo espiritual, tendo sido concebido por Isis e trazido ao nascimento por Nephthys.

O *siddhi* mágico deste *kala* é – compreensivelmente – a bilocação, aqui simbolizada pela múmia (Osíris) e a jovem erguida (Asi). Esta divindade dual às vezes aparece como *Os Irmãos* e algumas vezes como *Os Amantes*.

É deste túnel que emergem as forças negras e vazam dos abismos do não-ser, permeando as zonas de poder da manifestação com as sombras de sua ausência. Esta duplicação ou salpicado com luz e sombra é tipificado por híbridos simbólicos tais como o pega⁵⁸⁶, o pingum, o pintado(?), o papagaio, a zebra; de fato, todas as criaturas pintadas e do tipo camaleão que tem o aparente poder de transformação.

A Ordem de Qliphoth atribuída à este reino é a *Tzalalimiron*, 'Os Mutantes'. O totem supremo deste túnel é a hiena e este reino é assombrado por devotos do *Bultu*, ou Hiena Espectral. Este culto é conhecido como tendo existido na era paleolítica. Ele trouxe seu totem para fora da África e o propagou secretamente, por toda a terra.⁵⁸⁷ Ele tinha sua fonte astral no túnel abaixo do Caminho dos Gêmeos (*Os Amantes*) e foi refletido no plano terreno em um local da África chamado *Kabultiloa*. O nome significa literalmente 'a sombra (*Ka*) do espectro ou espírito (*loa*) da hiena (*bultu*)'. A vibração mágica do Culto estava concentrada no *mantram* 'Bultungin', um verbo significando 'eu me transformo em uma hiena'. Este era o atavismo assumido pela forma espectral que se formava [a partir] dos elementos do 17º *kala*, quando os poderes gêmeos de Amor e Morte⁵⁸⁸ eram fundidos em uma imagem. Seu reflexo qlifótico era sugado do espaço na forma desta criatura por um Adepto que 'conhecia os alinhamentos sagrados'⁵⁸⁹ e que vibrava o *mantram* que a evocava. Isso era obtido ao fundir as serpentes

⁵⁸⁵ Vide o planisfério de Denderah.

⁵⁸⁶ Nota do Tradutor: Ave européia.

⁵⁸⁷ Remanescentes da hiena e vários objetos de culto encontrados em *Tir Iarll* (a moderna Glamorgan) sugerem que o Culto se propagou até mesmo na Bretanha.

⁵⁸⁸ Eros = Libido, e Daäth = Morte.

⁵⁸⁹ A frase é de Austin Spare.



gêmeas, Ob e Od, por dentro do corpo de uma sacerdotisa dedicada ao deus negro deste *kala* cujo nome agora está perdido.

Este Culto da Hiena Espectral persistiu quando todas as outras formas de seu deus haviam perecido, e certos magos e sonhadores receberam intimações de sua existência ao longo dos séculos. Dr. John Dee (1527-1608), quem primeiro a atraiu dos espaços de Daäth em tempos históricos, a chamou de Choronzon. Aleister Crowley, que a contactou em nosso tempo presente, também a chamou de Choronzon, enquanto que H.P. Lovecraft a sentiu como o lodo monstruoso e amorfo conhecido como Yog-Sothoth.⁵⁹⁰

Segundo um grimório secreto ‘a Besta foi chamada não de espaços conhecidos mas de *celas entre eles*,⁵⁹¹ enquanto que os tambores *bultu* batiam ritmos excêntricos’. Similarmente, nos ritos posteriores de Petro no Voodoo – no qual o Culto sobreviveu sob outro nome – ‘os alinhamentos dos *vevers* secretos fluíram *entre* os pontos cardeais, não através deles. Uma entidade aparecia em resposta ao Chamado e cristalizava próximo a si a anatomia espectral peculiar ao totem *Bultu*. Ele presidia em um *Sabá por entre os túneis da terra*, e então ele desaparecia. Nem a Besta apareceu novamente, mesmo durante as dinastias negras de *Khem* quando o tráfico com entidades não humanas era desempenhado secretamente nos Cultos de Taurt e Set.

‘Tendo concentrado a essência do *Bultu* dentro de seu *eidolon*, ou espectro, ele segregava um esperma sutil que combinava com o sangue vital de sua consorte para produzir uma pomada magnética, assim selando o fogo da mulher com aquele da Besta em uma única substância.

‘Os “tempos estando corretos” e as “marcas do espaço” sendo estabelecidas, uma tempestade mágica violenta irrompia na região de *Kabultloa* onde este rito monstruoso era encenado. Diz-se que chuvas incessantes teriam caído em lugares onde raramente chovia, e violentos distúrbios elétricos na atmosfera apagava todos os traços do evento. Durante o dilúvio constantes relâmpagos luziam e, penetrando nas cavernas abaixo da terra, atingiam a noiva da Besta enquanto ela se contorcia em seu abraço. Seu corpo era instantaneamente queimado em cinzas e uma pequena pedra negra deslizava de suas coxas. Os dois óleos vitais, fundidos num calor incrível, produziam um talismã de poder incalculável. O fogo que matizava as serpentes gêmeas da vida, a bestial e a divina⁵⁹², afixava seu selo sobre a pedra na forma de um emblema curioso não diferente do sigilo de Zamradriel e um certo símbolo secreto conhecido por ter sido usado nos tempos da Atlântida em conexão com a adoração de Chozzar.⁵⁹³

Esta keraunografia mística daí em diante se tornou o sigilo do *Bultu*, o selo adotado pelo Culto através de sucessivos aeons, e dizem que existe no tempo atual num santuário secreto de Voodoo conhecido como Ville-aux-champs.⁵⁹⁴

O túnel de Zamradriel está sob a égide das forças de Shugal-Choronzon em suas formas voodoo de Baron Samedhi e Guéde-Nibho. O Baron representa o aspecto Saturnino⁵⁹⁵.

⁵⁹⁰ Um amálgama dos nomes de deus Set e Thoth.

⁵⁹¹ i.e., as Celas das Qliphoth.

⁵⁹² A mulher era uma sacerdotisa de Choronzon.

⁵⁹³ Foi sugerido (página 9) que Chozzar era a forma original do nome Choronzon.

⁵⁹⁴ *Assento da Ordem da Sombra, e local da verdadeira Shamballah. Vide Bertiaux, Papéis Graduados, MSR.*

⁵⁹⁵ *Saturno é atribuído a Binah.*



Outro de seus nomes é Cimitière, o lugar dos mortos ou *daqueles que fazem a travessia até o não-ser*. Então, Baron Samedhi é também conhecido como Maitre Carrefour ou Carfax, Mestre das Encruzilhadas, pois na junção dos quatro caminhos⁵⁹⁶ os espíritos dos vivos atravessam para dentro do reino do não-ser, e *vice-versa*. Guéde, por outro lado, concentra o elemento Eros-Libido da corrente representada por *Os Enamorados*. Seu veículo estelar é Gêmeos, seu assento planetário, Mercúrio, o deus que guia os mortos no submundo sob a forma de Shugal, seja como raposa, cão, chacal ou lobo, conforme o tipo de fauna local apropriado.

Guéde Nibho representa as polaridades duais Ob e Od nas formas da força Ódica doadora da vida, e do Obeah ou corrente Ofidiana manifesta através da morte e tipificada pelo horroroso Ganin-Gub.⁵⁹⁷ Guéde aproxima-se do egípcio Khonsu que está associado ao porco negro ou javali de Set, como anteriormente mencionado. O nome Nibho, significando ‘senhor’, deriva do egípcio Neb (nosso Nib ou Nob). O Senhor Guéde é atribuído ao quadrante Norte que, no presente contexto, está sobre Saturno e a esfera das estrelas⁵⁹⁸ no lugar de Daäth, profundamente enterrado nos golfos do deserto habitado pelo chacal de Set e o porco de Khonsu.

O *Bultu* não é nem humano nem animal mas uma manifestação astral que se alimenta como um vampiro sobre os óleos essenciais de suas vítimas. Como a hiena espectral ela fascina por seu olhar e então sacia seu desejo por sangue. Como o Ganin-Gub,⁵⁹⁹ ou Serpente de Ob, ela bebe o plasma real da vitalidade de sua vítima, misturado com o mênstruo da sacerdotisa que o drenou para dentro de seu cálice.⁶⁰⁰ Similarmente, Baron Samedhi retira alimento de suas vítimas de muitas formas, assim perpetuando uma prolongada vida parcial em dimensões fora do alcance da consciência normal, porém acessíveis àqueles que ‘conhecem os alinhamentos sagrados’ e que sabem como vivificar o sigilo do *Bultu*, de cujo *mantram* o som pode abrir os Pylons de Shugal.

A natureza dual do simbolismo associado à Zamradiel confere com a natureza do *Bultu* que, sendo de outra dimensão, não é carne nem espectro, branco ou preto, humano ou animal, mas uma combinação de entidades híbridas ultrapassando de longe em horror aqueles descritos pelos antigos como os produtos de união não natural. No ritmo excêntrico dos tambores *Bultu* o ouvido sensível pode detectar o *mantram* da última abominação, o símbolo horrível do qual se assemelha a hiena lendária por ter resultado da união do voraz chacal do deserto com a leoa da Etiópia.

A hiena é simbólica de todas as vidas parciais, todo ocaso e estados de consciência crepusculares, todas as raças cruzadas entrelaçando, enrolando, deslizando suas imagens ambíguas em carne e rotulando com a marca do *Bultu* as miríades de formas que ela escolhe como seus veículos. Atavismos primordiais são liberados pela batida dos tambores *Bultu* e, se usados em conexão com o túnel de Zamradiel,⁶⁰¹ na clave de ‘D’, apanhará a mente na teia escura de seus ritmos. Quer sejam ouvidos de perto ou de longe, aqueles que o ouvem são compelidos à comparecer ao Sabá sobre o qual Choronzon preside.

Isso explica, em um sentido fenomênico, as ‘aparências sinistras’ e as ‘fadas’, os seres legendários atribuídos à este caminho no *Liber 777*.

⁵⁹⁶ O centro da cruz representa a interseção do plano do ser por aquela outra dimensão que podemos apenas chamar de não-ser.

⁵⁹⁷ Vide *A Gênese Natural* (Vol.1, p.300).

⁵⁹⁸ *Binah* e *Chokmah* respectivamente.

⁵⁹⁹ Uma de suas formas posteriores, quando o Culto alcançou sua fase Voodoo.

⁶⁰⁰ *i.e.*, a vulva.

⁶⁰¹ *i.e.*, após Zamradiel ter sido invocado.



Nos mitos africanos mais antigos, Oro, a tempestade, tem afinidades com o 17º *kala*. Em seu dia de celebração ele aparece na forma de um 'monstro em forma humana' com face e lábios cobertos com sangue. Ele ruga e grita como um vento feroz; o sacerdote celebra sua missa em arvoredos sagrados onde, oculto dos olhos dos não iniciados, eles simulam seus uivos [de criatura sobrenatural] pelo giro rápido de um chocalho de madeira amarrado a uma corda.⁶⁰²

No sistema Voodoo os Marassas, ou Gêmeos, são simbolizados por um *vever* que incorpora os três pilares da Árvore da Vida. No *Cultos da Sombra* eu reproduzi uma ilustração deste *vever* feito por Michael Bertiaux que adicionou o 'bastão cruzado do Saturno mágico, ou Guéde Nibho, de forma a produzir o modelo para os caminhos dos *voltigeurs*, também como caminhos para as escolas secretas de iniciação Voodoo'.⁶⁰³ Isto é de importância vital pois isto demonstra os pontos nos quais os saltadores por trás da Árvore atravessam os golfos de espaço *sem utilizar os túneis de Set*, assim saltando pelos interstícios quando eles saem de uma dimensão e entram em outra.

A cor especial deste caminho é verde avermelhado tendendo para o mauva. Cinza tingido com vermelho sugere a Esfera das Estrelas⁶⁰⁴ salpicado com o sangue de Isis (Kali/Marte); a tendência ao mauva ou lavanda mostra o movimento da corrente estelar feminina na direção de Daäth. Segundo Crowley, lavanda é atribuída a Daäth.

⁶⁰² O primitivo touro-rugidor que apareceu mais tarde, no Egito, como o sistro nos Mistérios de Isis.

⁶⁰³ *Cults*, página 171.

⁶⁰⁴ *Chokmah*, a zona de poder cósmico do Magus associada com Netuno.



8

Characith

O DÉCIMO-OITAVO Caminho está sob a égide de Câncer. Seu túnel é guardado por Characith cujo número é 640. Câncer é o astro-glifo do Santo Graal e 640 é o número de KVS ThNChVMIM, o Cálice de Consolação; e aquele que consola o Adepto no Caminho de Cheth é o Cálice de Nossa Senhora. Tal é a natureza deste Cálice que produz ambos êxtase e imortalidade mágica que seus *kalas* são altamente viciantes. Se o Adepto se demorar muito neste túnel o vício se tornará obsessivo e ele correrá o risco de se tornar um vampiro, drenando cálice após cálice do caldo infernal destilado pela Grande Meretriz, a Mãe das Abominações, que responde avidamente aos desejos obscuros daqueles que estão embriagados pelo vinho de suas fornicações.

A fórmula mágica deste *kala* é cunnilinctus que, se exceder os limites apropriados leva não apenas à morte⁶⁰⁵ do(a) parceiro(a) mas também do próprio magista. A Ordem de Qliphot que habita o túnel de Characith é portanto conhecida como os *Shichirion*, 'os Negros'.

Nos Arcanos de Thoth a letra *cheth* (8) é atribuída ao caminho 18 e é significativo que o reflexo positivo da *qliphoth* negativa assume a forma de Krishna o Cocheiro⁶⁰⁶. Apolo o Cocheiro é também atribuído à este caminho, e o 'Senhor do Triunfo da Luz' (um título deste Atu) é refletido dentro do túnel como o Sol Negro de Tifareth, a Criança das Águas do Abismo que gira no Graal de Babalon.

Quando o sol se avermelha ou se põe diz-se que ele está bebendo o sangue da deusa ou 'realizando a mais alta forma de cunnilinctus', uma expressão utilizada em um certo comentário secreto sobre o rito Kaula do Vama Marga.⁶⁰⁷

O número de Characith, 640, é também aquele de ShMSh, a Esfera do Sol, que equaciona com MMSK (640), significando 'uma oferenda de bebida', e ThMR a 'palma da mão' e uma 'palmeira'. As datas da palmeira estão conectadas com os fenômenos da menstruação.⁶⁰⁸

O sigilo de Characith deve ser pintado em marrom esverdeado escuro sobre um círculo matizado de âmbar. Ele mostra uma múmia com a face voltada para baixo obscurecida por uma entidade com cabeça de camelo que é emitida de seus pés. Esta imagem é como ela foi ocultada no nome Characith, pois 640 é o número de MPLTzTh, um 'ídolo horrível' (*simulacrum horrendum*). O camelo é o navio do deserto. Seu simbolismo tem sido explicado em conexão com o 13º túnel que cruza o abismo *via* caminho da Sacerdotisa da Estrela de Prata. O camelo também é atribuído ao 18º caminho onde ele funciona como uma besta de carga. O caranguejo, tartaruga e baleia estão também incluídos porque este caminho está sob a égide de Câncer, uma influência aquática que representa o elemento mais vital em operações astro-mágicas.

Os *siddhis* associados a este *kala* são os Enfeitiçamentos e o Poder de Lançar Encantamentos.

O nome de Characith deve ser vibrado na clave de 'D' agudo acompanhado pelos *plashings*⁶⁰⁹ peculiares às fontes ou quedas d'água mágicas.

⁶⁰⁵ Por esgotamento.

⁶⁰⁶ 'Krishna' significa literalmente O Negro.

⁶⁰⁷ Vide a *Trilogia Tifoniana*.

⁶⁰⁸ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 2.

⁶⁰⁹ Nota do Tradutor: provavelmente uma onomatopéia.



O Cálice e o Forno são as armas mágicas apropriadas, e no simbolismo do reino vegetal o agrião é atribuído à este *kala* porque à combinação de calor e umidade, fogo e água, tipifica o conteúdo do Cálice que contém o orvalho ígneo da deusa.

O verso apropriado do *Liber CCXXXI* declara:

Ele viajou na carruagem da eternidade; o branco e o negro estão subordinados ao seu carro. Portanto ele refletiu o Louco e o sétuplo véu é revelado.

Isso implica a regência ordenada de diversas forças. O branco e o negro são os dois sóis do horizonte superior e inferior, ou a altura e a profundidade, o Forno infernal de Amenta e o Sol supernal da Árvore frontal (Tifareth). A força solar (Heru-Ra-Ha) está aqui implicada, pois o branco e o negro são Ra-Hoor-Khuit e Hoor-Paar-Kraat e não é por acaso que as iniciais destes deuses somam 640, o número de Characith⁶¹⁰. O sétuplo véu é aquele da Deusa das Sete Estrelas que é diáfano em sua luminosidade. 'Ele'⁶¹¹ reflete o Louco, que é a Luz Oculta que é 'A' entre I e O (Isis e Osíris). 'A' é Apophis, o Deus Set em sua forma Ofidiana. Ele é a luz que tinga o graal da deusa [que é] drenado pelo Adepto.

A Fórmula Mágica do 18^o *kala* é Abrahadabra, a 'chave dos rituais' mencionada em *AL*⁶¹² Estes rituais incluem aquele do oitavo grau da O.T.O. que descerra tanto este caminho quanto o 13^o caminho, cujo túnel é deslacrado pelo rito do XI. Had é o coração de Abrahadabra, como Apophis é o coração de IAO, o Coração Cingido com a Serpente (Set) que pulsa com as vibrações ofidianas girando no Cálice de Babalon. O VIII^o possui portanto uma ligação positiva com o XI^o a corrente lunar. Isto é equilibrado pelo IX^o que é a chave para o Caminho 19.⁶¹³

O deus africano Loco é um habitante do túnel de Characith. Ele é um deus das florestas que, junto com Elere, Ojehun e Abiku, maus espíritos da selva e do deserto, planeja para penetrar nos úteros das mulheres de forma a nascer dentro da onda de vida humana.

⁶¹⁰ HRH + RHK + HPK = 640

⁶¹¹ i.e., Asar (Osíris).o 'morto'.

⁶¹² I.20

⁶¹³ Vide observações relacionadas à relação entre túneis e as fórmulas de magia(k) sexual, *abaixo*, p.205.



9

Tempthioth

O túnel 19 é guardado pelo demônio Tempthiot cujo número é 610. Seu sigilo deve ser gravado em uma tonalidade nítida amarelo esverdeada sobre uma superfície cinzenta em forma de flecha. A influência predominante é aquela do leão-serpente, Teth, um glifo do espermatozóide, que é mostrado no sigilo sob o formato de quatro vesículas (vesicas) pendendo de uma forma serpentina fixada na cabeça de uma besta.

O número 610 é aquele de AThRVG, significando 'luxúria' e 'desejo'. Isto está de acordo com o Trunfo do Taro intitulado *Luxúria* pertinente ao Caminho acima deste túnel. O trunfo mostra uma mulher montada sobre uma besta leonina com sete cabeças: 'A cabeça de um Anjo; a cabeça de um Santo; a cabeça de um Poeta; a cabeça de uma Mulher Adúltera; a cabeça de um Homem de Valor; a cabeça de um Sátiro; e a cabeça de um Leão-Serpente'.⁶¹⁴

Outra forma de 610 é ChBRTh que significa 'ponto de acoplamento', 'local de junção', e é no túnel de Tempthioth que a união mágica da mulher e da besta ocorre. Isto é confirmado pela imagem de KPhRTh (610), o 'assento de misericórdia', e 'local dos dois querubins', originalmente conhecidos como a casa ou lugar dos dois besouros, este sendo o sinal de Khepra.⁶¹⁵

No 19º caminho a leoa Sekhet é o veículo da força de Leo, que ela representa como o tórrido sol de verão no seu zênite, sendo isso típico do calor sexual.

O *Liber CCXXXI* declara :

Também veio adiante a mãe Terra [Isis] com seu leão, igual a Sekhet, a senhora de Asi.

Isto significa que Sekhet é o calor sexual de Isis, a força que supera o 'mal'. Isso é demonstrado por ela controlar a Besta sobre a qual cavalga.

O *siddhi* mágico pertinente à este caminho é o de Treinar Bestas Selvagens, que é uma referência direta ao mecanismo do IXº da O.T.O., mas com a mulher dominante, controlando e direcionando as paixões insensatas. A fórmula mágica deste *kala* é portanto *Io Mega Therion* (a Grande Besta Selvagem). No túnel de Tempthioth esta fórmula é refletida como luxúria incontrolada simbolizada pelo Gato Preto dos Mistérios Sabáticos.

O nome de Tempthioth deve ser vibrado na clave de 'E' com uma força rugidora, como assobio explosivo por trás deste. Esta é a vibração raiz (*bija mantra*) da fêmea.

Enquanto que o 19º caminho é o local do leão, o túnel concernente é aquele da serpente. As serpentes que se contorcem no caldeirão das bruxas no sabá de Set são retratadas no desenho de Frieda Harris do Atu intitulado *Luxúria*.⁶¹⁶ Seu número é 11, o número da magia(k) ou 'energia tendendo à mudança.'

Nos sistemas Africano e Voodoo este é o local das divindades serpente, Dangbe, Idagba e o deus-píton Selwanga. Dangbe ou Damballah é consagrada à Aidowedo, a deusa do arco-íris. Seu simbolismo foi explicado particularmente em *Cultos da Sombra*, cap.2. ele está

⁶¹⁴ Vide a descrição do Atu XI em *O Livro de Thoth* (Crowley).

⁶¹⁵ Mais tarde aplicado à constelação do Caranguejo (Câncer) que denota o solstício de verão e a ocasião das tempestades. O Akkadian Su Kul-na – 'o apanhador de semente' era atribuído ao mês regido por Câncer.

⁶¹⁶ Vide *O Livro de Thoth*, Atu XI.



conectado com a fase lunar da mulher e indica o lado soombrio do IX^o em contraste à 'união na estação seca' indicada pela mesma fórmula aplicada ao caminho deste 19^o *kala*. Isto é, efetivamente, o IX^o representado durante a tempestade da qual o arco-íris é o glifo.

O fenômeno do relâmpago, simbólico da língua agitada da serpente também pertence ao túnel de Temphioth, e o súbito espasmo de orgasmo que ele representa é o *mudra* ou 'gesto mágico' do Culto do Espermatozóide. Um golpeio (síncope) é a doença típica deste caminho.

A Ordem de Qliphoth atribuída a este túnel é a dos *Shalchbiron* ou Os Flamejantes; as chamas que lambem o caldeirão do Sabá no qual as leões-serpentes são fervidas.

O símbolo supremo do túnel é a deusa Qatesh que é percebida em visão (por seus Adeptos) como uma mulher radiantemente bela, nua, montada sobre um leão. Em sua mão direita ela segura flores, na sua mão esquerda uma serpente. Uma lua cheia repousando em um crescente é a forma de seu ornamento de cabeça. Estes símbolos indicam a corrente lunar em sua fase ativa. O uso oculto da língua da serpente era bem conhecido dos antigos e ainda é aplicado⁶¹⁷ às genitais da sacerdotisa para induzir ao transe.

A pesquisa sobre os Caminhos da Árvore e dos túneis de Set correspondentes capacitaram o presente escritor a estabelecer um sistema exato de referências sexo-mágicas pertencentes à Corrente Ofidiana como exposto no Soberano Santuário da Gnose da O.T.O. É necessário, neste contexto, explicar estes procedimentos com alguns detalhes.

O Soberano Santuário contém três graus ativos, a saber, o VIII^o, o IX^o e o XI^o. Destes três graus ativos, o VIII^o tem três divisões, o IX^o tem duas divisões, e o XI^o tem uma divisão.⁶¹⁸ Estas são as principais divisões. Existem também muitas subdivisões, dependendo da habilidade e/ou das preferências dos praticantes envolvidos.

Falando em termos gerais, o VIII^o é de uma natureza masturbatória, o IX^o envolve o próprio *coito*, e o XI^o comporta o uso da corrente lunar. As tabelas seguintes esclarecerão a natureza destes três graus e suas seis divisões principais:

VIII^o

Sacerdote (Solitário): Para ritos envolvendo Consagração. 15^o *kala*.

Sacerdotisa (Solitária): Para ritos envolvendo Consagração.

(Para a consagração de talismãs reais e para materializar novos parceiros – por atração – como oposto à consagração de idéias e/ou projetos, a corrente lunar é empregada. Tais trabalhos são realizados com o 13^o e 18^o *kalas*).

(VIII^o)

VIII^o da Sacerdotisa pelo Sacerdote:

via língua para Indução ao Transe. Visão.

(VIII^o)

via mão para Indução ao Êxtase. Oráculos.

VIII^o do Sacerdote pela Sacerdotisa:

via boca para sua alimentação mágica e vigor sexual renovado. 16^o *kala*.

(VIII^o)

via mão para tornar seu próprio corpo uma máquina de fascinação e atração sexo-mágico. 14^o *kala*.

⁶¹⁷ Nos Templos secretos de Voodoo.

⁶¹⁸ O X^o é de uma natureza administrativa e seu aspecto esotérico não importa ao presente estudo. Contudo se sugere ao leitor que se refira ao *Cults of the Shadow*, p.138 para uma explicação esotérica do X^o.



VIII^{o+}

Sacerdote (Solitário): com were-masks(?) para operações de licantropia, etc.,
(Bestas Terrestres) realizadas com o 27^o *kala* no Túnel de Parfaxitas. Atavismos.

VIII^{o-}

Sacerdotisa (Solitária): com mer-masks(?) para operações de enfeitiçamento e
(Feitiçaria Oceânica) A projeção de ilusões, etc., realizado com o 29^o *kala* no Túnel de Qulielfi. Atavismos.

IX^o: OPERAÇÕES DO SOL, RA e KHEP-RA

(Supernal & Infernal).

Sacerdote e Sacerdotisa (IX^{o+}, Supernal): União Natural para Trabalhos de Criação,
Intuição e Inspiração. Realizado com o 19^o *kala* no Túnel de Temphioth. Dia.

Sacerdote e Sacerdotisa (IX^{o-}, Infernal): União não-natural para Trabalhos de Zombeísmo(*).
Postura da Morte. Controle dos Sonhos. Noite.
Realizado com o 24^o *kala* no Túnel de Niantiel.

(* Provavelmente se refere à criação de Zumbis_N.do T.)

XI^o OPERAÇÕES DA LUA.

Sacerdotisa e Sacerdote : Durante o eclipse da lua para Trabalhos de
materialização e reificação. Realizado com o 26^o *kala* no Túnel de A'ano'nin.

Será notado que dez *kalas* são empregados para estes Trabalhos principais sexo-mágicos nos Túneis de Set: o 13^o, 14^o, 16^o, e 18^o, para Trabalhos envolvendo o Cálice; o 19^o para Trabalhos envolvendo o Sol nos Céus (Ra); o 24^o para Trabalhos envolvendo o Sol em Amenta (Khep-Ra); o 26^o para Trabalhos envolvendo a corrente lunar tais como materialização de objetos, reificação de sonhos, etc.; o 27^o para Trabalhos envolvendo ressurgência atávica em terra seca (homem); o 29^o para Trabalhos envolvendo ressurgência atávica *via* feitiçaria oceânica (mulher).

Também será notado que, falando em termos gerais, estes Trabalhos podem ser divididos em Trabalhos de Consagração (VIII^{o-}); Trabalhos de Inspiração (IX^{o+}); Trabalhos de Dessacralização (IX^{o-}); e Trabalhos de Reificação (XI^o).

Ao *kala* em particular sob consideração aqui (i.e, o 19^o), é atribuída a Magia(k) sexual do IX^{o+}, portanto a fórmula mágica do Caminho 19 é *Io Mega Therion*, a Grande Besta Selvagem. Aquela do *kala* anterior, o 18^o, ao qual é atribuído o VIII^o, é Abrahadabra, a fórmula da Grande Obra e do Santo Graal. O 18^o *kala*, o Culto do Cálice, é portanto equilibrado pelo 19^o *kala*, o Culto do Espermatozóide.⁶¹⁹

⁶¹⁹ É interessante notar que a palavra ZOON (197) significa 'Besta'. Vide *Equinox*. I.x., p.55.



10

Yamatu

O 20º túnel está sob a égide de Yamatu cujo nome deve ser entoado na clave de 'F', em registro baixo e com sub-tons suspirantes ou murmurantes. Seu sigilo deve ser pintado em verde amarelado sobre um pedaço (cinza) de ardósia. Seu número, 131, é o número de Samael, um nome de Satan ou Set como Guardiã do Limiar. Ele é também o número de Pan e de Baphomet, o ídolo adorado pelos Templários. MKVNIH, significando 'sua fundação ou fundamento', um símbolo da *kteis*, também soma 131.

Note que 131 + 535 (o número da *kteis*) = 666, o número da Besta. Isto é confirmado pelo fato de que MAKO, o filho⁶²⁰ de Tífon, também soma 131.

O sigilo de Yamatu é uma cifra secreta de Set. Ele exibe a cruz invertida que significa a passagem em descida ou cruzamento para dentro do Amenta.

O astro-glifo do 20º Caminho é Virgem, e seu limiar é a *kteis* da Virgem guardada por Samael⁶²¹. Sua fórmula mágica é aquela da 'força viril reservada', i.e., Karezza, que comporta um armazenamento de energia sexual para propósitos mágicos mas sem a liberação final. Esta é uma fórmula mágica perfeitamente legítima e uma que pode ser usada em conexão com a fórmula descrita em conexão com o *kala* anterior. Ela é também uma fórmula dos Irmãos Negros e foi usada por um culto curioso tendo sua sede em Harvard (Nova Inglaterra) no século 18. Andrew Rothovius escreve⁶²² sobre este Culto :

Liderado por Shadrach Ireland, que veio de Charlestown com a mulher a qual ele chamava de sua 'alma gêmea', Abigail Lougeem, este [culto] foi uma reação à aridez do Calvinismo dominante, mas com sobretons sugerindo que este sorveu elementos de alguns remanescentes do culto da feitiçaria que se manteve oculto após Salém, um século previamente. Chamando-se a si mesmo de 'Fraternidade da Nova Luz', ele advogava o celibato, confissão mútua dos pecados, e um afastamento das 'pessoas do mundo', que logo seriam abolidas de qualquer forma, pelos 'poderes de fora'. Os 'eleitos' contudo, - i.e., os membros do culto – então obteriam imortalidade corporal da carne. Aqueles que morreram antes, necessitavam ter seus corpos preservados em *plataformas de pedra*,⁶²³ de onde eles se ergueriam, vivos e respirando, quando chegasse a hora.

Imortalidade na carne é um dos objetivos dos Irmãos Negros. A idéia não surgiu apenas da necessidade natural de proteger o ego do impacto da morte, com sua consequente ruptura de identidade consciente, mas também de uma interpretação errônea da doutrina da Postura da Morte exemplificado pelo Culto da Múmia no antigo Khem. Nesta conexão, Michael Bertiaux – escrevendo sobre Máquinas Astrais – se refere à magos que se empenharam em alcançar a imortalidade no plano astral. Ele observa:

Instrumentos como este⁶²⁴ contra as mudanças do tempo, e tem sido de conhecimento que tais instrumentos tem sido usados por ocultistas para preservar a si próprios, ou manter a si mesmos no plano astral contra a maré progressiva da evolução.⁶²⁵

⁶²⁰ i.e., Set.

⁶²¹ Vide *Liber 777*.

⁶²² Andrew Rothovius em um artigo intitulado 'Lovecraft e os Megalitos da Nova Inglaterra', publicado em *A Fraternidade Negra*, Arkham House, Winsconsin, 1966.

⁶²³ As plataformas de pedra (a grafia em itálico é de Rothovius) podem ter sido sugeridas através do nome de Set, sendo um de seus significados 'uma pedra erguida'. O Assento de Pedra é um símbolo de Ísis, originalmente Tífon, a mãe de Mako (i.e., Set). Isto está de acordo com o equivalente gemátrico de 131, MKVNIH, significando 'seu assento, ou fundação'.

⁶²⁴ Bertiaux está se referindo à uma máquina que ele chama de 'o Condensador Astral'.



O Teosofista Leadbeater deplorava esta prática como uma forma de magia negra. Ela é, de fato, um exemplo típico da magia favorecida pelos ocultistas que habitualmente perambulam no Túnel de Yamatu.

Narciso, a flor atribuída a este túnel, oferece uma chave para a natureza da fórmula de magia sexual associada à este, a qual, em seu aspecto negro reflete Karezza como um gasto estéril de força mágica.⁶²⁶ Isso é confirmado pela letra *Yod* sendo considerada sagrada para Yamatu. *Yod* significa uma ‘mão’ e à este túnel os cabalistas atribuem a Ordem das Qliphoth conhecida como os *Tzaphiriron*, significando ‘Os Riscadores’.

A Luz, ou semente secreta, ocultada por dentro do corpo sugere a idéia de invisibilidade e este é o *siddhi* mágico atribuído à este raio, como também é a partenogênese.⁶²⁷ O trabalho dos Irmãos Negros portanto pertence naturalmente ao Túnel de Yamatu onde a semente, lançada em um ato estéril, torna o corpo vazio(?) de luz e portanto ‘invisível’. O objetivo da Seita da Nova Luz era reter a luz interna, assim desafiando a morte e alcançando a imortalidade na carne.

A divindade atribuída à este raio é Hoor-paar-Kraat, o original egípcio do deus grego do Silêncio e da Força,⁶²⁸ Harpocrates. Ele era frequentemente representado nos monumentos como uma criança agachada sobre um lótus com o polegar ou o dedo indicador (ambos emblemas do falo) pressionado contra seus lábios no mudra de ‘não pronunciando uma palavra’.⁶²⁹

O verso relevante no *Liber CCXXXI* repete as idéias acima:

Também o Sacerdote se velou, por receio que sua glória fosse profanada,
por receio que sua palavra seja perdida na multidão.⁶³⁰

O Trunfo do Taro atribuído a este raio é aquele do Ermitão que carrega a lâmpada e o bastão simbólicos da luz oculta, ou a luz manifestada na escuridão. Ele é o Mago da Voz do Poder, mas em seu reflexo qlifótico ele se torna o emissor da Palavra da Morte aprisionada no cadáver e não permitida de realizar sua identidade com o Espaço (consciência cósmica).

Ser capturado neste túnel é sofrer a morte em vida de petrificação. A doença típica é a paralisia, e a inclusão de ‘todos os anafrodisíacos’ entre a lista de Drogas Vegetais atribuídas a este raio novamente sugere a natureza antivital de suas influências esterilizantes.

⁶²⁵ Papéis Graduados do *Monastério dos Sete Raios* (Curso do Terceiro Ano), por Michael Bertiaux.

⁶²⁶ i.e., *via VIII* ^{o+}.

⁶²⁷ Compare o simbolismo Virgo-Virgin.

⁶²⁸ i.e., sexualidade latente.

⁶²⁹ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8, para uma explicação total desta frase.

⁶³⁰ A grafia em itálico é do presente autor.



11

Kurgasiax

O 21º *kala* é dominado por Júpiter e é refratado em um Túnel guardado por Kurgasiax cujo nome deve ser entoado imperiosamente na clave de ‘A’ agudo. Seu sigilo deve ser pintado em rico púrpura sobre uma base de azul brilhante raiado com amarelo.

O número de Kurgasiax é 315 que é aquele de IshH. ‘permanecer’, ‘distinguir-se’, ‘perdurar’. É derivado do egípcio *As*, que indica a ‘parte secretora do corpo’; também *ash*, ‘emissão’, e *asut*, ‘os testículos’.

O sigilo de Kurgasiax mostra uma esfera com cornos (ou com um crescente) contendo uma cruz de braços iguais montada sobre uma haste terminando em três apêndices caudiformes. A cruz dentro do círculo é a Marca de Set que denota o local do cruzamento indicado pelo pólo ou eixo norte, i.e. Daäth, o Portal do Abismo. A cauda tripla sugere três modos de entrada *via* túneis inversos ou caudais que conectam Daäth para trás com as zonas de poder de Plutão, Júpiter e Vênus. Estes modos são lustrados pelo número 315 que também é aquele de OMRH, ‘Gomorrhah’, uma fórmula secreta de Plutão; IshH, ‘o falo’; e IQRH, significando ‘sua [dela] coisa preciosa’ (i.e., vulva), para Plutão, Júpiter e Vênus respectivamente. O círculo com chifres contendo a cruz de braços iguais é a farpa com chifres de Set (espermatozóide) gerado pela fórmula 315. Isso é ostentado pelo título da chave do Taro deste Caminho 21, isto é: O Senhor das Forças da Vida, o que, traduzido em termos do Túnel de Kurgasiax se torna A Senhora das Forças da Morte; aquela que envia o incubo e o pesadelo.

No verso do CCXXXI relevante à este *kala*, Júpiter aparece como o Pai cujo reflexo é a Mãe:

Agora então o Pai de tudo emitiu como uma Roda poderosa; a Esfinge e o deus com cabeça de cão, e Tífon, foram limitados em sua circunferência.

A Roda é a esfera contendo a Marca da Besta que é um *chakra* rotativo que ativa as forças da Esfinge,⁶³¹ o deus com cabeça de cão,⁶³² e Tífon,⁶³³ repetindo a fórmula descrita acima. No Taro, a roda se torna a Roda da Deusa Fortuna que determina a flutuação da vida terrena.

O *siddhi* mágico associado à este *kala* é a Ascensão, política ou de outra forma. Portanto a atribuição à este Raio do Cetro como sua arma mágica típica.

É digno de nota que Crowley considerou a fórmula de Gomorrhah,⁶³⁴ a qual é a fórmula principal do Túnel de Kurgasiax, como a versão feminina da fórmula de Sodoma que obtém no outro lado da Árvore neste nível.⁶³⁵

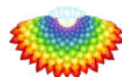
⁶³¹ Potências masculina-feminina.

⁶³² Plutão.

⁶³³ A Mãe.

⁶³⁴ O equivalente do IX ° na O.T.O. reorganizada.

⁶³⁵ Vide as notas de Crowley sobre o *Yi King* (Hexagrama 48), até agora não publicadas. Este era um projeto não terminado; Crowley, contudo, terminou o trabalho sobre a atribuição geral à cada hexagrama das fórmulas mágicas do Aeon presente.



Lafcursiax

O 22º Raio aparece por trás da Árvore no túnel guardado por Lafcursiax cujo número é 671. Ela responde a uma prolongada vibração de seu nome em 'F' agudo (registro superior). 671 é um número de grande importância na qabalah tradicional. Ele é o número da Lei (ThORA), o Portal (ThROA), a Roda ou *Chakra* (ThARO), e a Deusa do Amor (AThOR, ou Hathor). Ele é também o número de Adonai, o Santo Anjo Guardião, soletrado por inteiro. Estas idéias combinadas prenunciam a fórmula deste caminho, pois quando o *chakra* da deusa está sujeito à lei ou regra de 671 (i.e., Lafcursiax), o Portal do Abismo é repentinamente aberto.

Adonai é o glifo do Sol; a palavra é usualmente traduzida como o 'Senhor', porém abaixo do Caminho Adonai se torna Aidoneus que é uma forma de Had,⁶³⁶ o Senhor do Inferno. O nome Aidoneus significa Invisível ou Não Visto; no presente contexto, a forma invisível de Adonai que pode ser evocada pela fórmula de Lafcursiax. Isto envolve o tipo de magia sexual peculiar ao IX⁰⁺ O.T.O., como mostrado no sigilo, que é um glifo de Desequilíbrio. Ele deve ser pintado em verde pálido (claro) sobre uma superfície de um azul vivo. Ele mostra uma balança tombada por um demônio torto com um semblante vazio. A mão esquerda do demônio está na forma de um *yod* encerrado em um círculo do qual cai obliquamente uma espada ou cruz com um braço longo. O *yod* no círculo simboliza o Trabalho do IX O.T.O. A balança simboliza a constelação de Libra que rege o Caminho 22. Seu reflexo no abismo é inclinado por Lafcursiax cujo túnel corre oblíquo com relação à este caminho. Ele representa uma blasfêmia contra aquele 'ajuste' que é a fórmula deste Caminho. 'Ajuste' é também o título do trunfo do Taro atribuído à ele. Aquilo que *em manifestação* é o caminho da Justiça e Equilíbrio (ThORA, Lei) está baseado sobre o caminho oblíquo simbolizado pela cruz ou espada que cai. A balança inclinada, oscilando em caos e confusão, sugere a fórmula do Caminho Funambulatório(?) descrito por Austin Spare.⁶³⁷

A divindade egípcia atribuída ao Caminho 22 é Maat, e é fácil reconhecer no túnel de Lafcursiax a distorção dos símbolos de Maat: a balança, a pena, a espada, etc. A doutrina está resumida no verso 11 do *Liber CCXXXI*:

Também a senhora Maat com sua pena e sua espada permaneceu para julgar o justo.
Pois o Destino já estava estabelecido.

A Cruz do Equilíbrio está torcida para um lado e a Balança está tombada; o 'Regente do Equilíbrio' foi sufocado (dominado) assim que o Senhor do Abismo abre o portal da Deusa Negra e traz adiante seres fantásticos que assombram este túnel na forma de pássaros vorazes com faces de mulheres que arrebatam as almas dos vivos de seu barro mortal. Então o nome da Ordem das Qliphoth reinando com Lafcursiax é *A'abirion*, significando 'Os Clayey (da argila_?)' pois de suas garras escorrem as tiras de carne (ou barro mortal) que sua voracidade rasga das almas dos vivos. Este simbolismo é confirmado pela atribuição à este Raio do Egungun (ossos dos mortos) africano. Egungun era a entificação (personificação) da Lei e da Ordem nos Mistérios Africanos primitivos.

Aidoneus ou Hades é uma forma da Corrente Plutoniana que rege o Abismo. O *siddhi* mágico associado à este túnel é a habilidade de [se] equilibrar sobre o caminho traiçoeiro e funambulatório que conduz do negativo ao positivo no reino do caos criativo. Em outras palavras, ele capacita o mago a tecer uma teia através do golfo do Abismo, assim construindo uma ponte tênue e perigosa entre o não-ser e o ser.

⁶³⁶ Compare c/ Hades.

⁶³⁷ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte II, e observações sobre o simbolismo do balanço ou berço, página 128 *supra*.



Compreensivelmente, o animal consagrado a esta fórmula é a aranha, e a precisão e simetria deste Caminho são exemplificadas pelas idéias de Verdade e Justiça (Maat).



13

Malkunofat

O 23º *kala* está sob o domínio de Malkunofat que repousa nas profundezas do abismo de águas. Ele pode ser despertado através de um cricrilar estridente de seu nome na clave de 'G' agudo (registro superior). O sigilo deve ser pintado em azul escuro sobre um triângulo invertido de matiz verde marinho. Seu número é 307 que é aquele de VRIATz, um 'demônio da noite' do segundo decanato de Escorpião, e tendo portanto uma referência essencialmente sexual. Este é também o número de LZRO, significando 'semear', derivado da raiz ZRO, 'semen'.

Existe neste número um elemento de terror de pânico exemplificado na palavra ShVA, que significa 'fazer um ruído', 'estrondo', 'ser terrível'. Ele deriva da palavra egípcia *shefi*, significando 'terror, terrificar', 'terrível' ou 'como um demônio'. Esta é a raiz do nome Shiva, o deus hindu da destruição.

Estas idéias são aparentes no sigilo que está na forma de uma retrato de Malkunofat, com as letras NVH descendentes nesta ordem ao lado de uma seta apontando para baixo. A chave para este glifo está no número 61, que é o número de NVH. 61 é *Ain*, significando 'Não'. *Ain* é idêntico à *Ayin*, a yoni ou olho do vazio. Segundo Crowley,⁶³⁸ 61 é 'um número de certa forma como 31'. 31 é LA, 'Não', e AL, 'Deus', portanto identificando o Absoluto com o Vazio. *Ani*, o ego, 61, é também vazio. 61 é o número de Kali, Deusa do Tempo e da Dissolução. Sua cor é negra, o que a equaciona por um lado com o vazio do espaço, e por outro lado com o simbolismo da magia(k) sexual tipificada pela escuridão da gestação, o silêncio e a escuridão do útero. Acima de tudo, 61 é o número do 'Negativo concebendo a si mesmo como um Positivo'.⁶³⁹ Isto ele faz através do BTN (61) ou útero de Kali. BTN deriva do egípcio *but*, cujo determinativo é o sinal da vagina. O útero é a nave ou NVH (61) que em metátese se torna HVN, significando 'riqueza', cuja natureza é explicada por metonímia. A referência é recôndita e pertence à Deusa da serpente lunar que aparece apenas quando ela deseja beber. Ela então repousa sua cauda no solo e mergulha sua boca na água. Diz-se que 'aquele que encontra o excremento desta serpente será rico para sempre'.⁶⁴⁰ O excremento ao qual é feita alusão não é anal, porém menstrual.

A fórmula do sigilo pode ser interpretada como a sujeição do útero ou mulher por Malkunofat para o propósito de adquirir riqueza. O Atu correspondente ao Túnel de Malkunofat é intitulado O Enforcado: O Espírito das Águas Poderosas. Isto é indicado pela seta apontando para baixo ao longo do NVH, e isto insinua a luz (ou ouro) nas Profundezas. Este simbolismo está em acordo com o *siddhi* mágico atribuído ao Caminho 23, i.e. o poder de vidência/visualização(?). No verso 12 do CCXXXI, o processo aparece em sua forma mística:

Então o sagrado apareceu na grande água do Norte [i.e., o Abismo]; como uma aurora dourada ele de fato apareceu, trazendo bênção ao universo decaído.

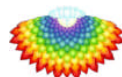
O túnel de Malkunofat é a morada dos Profundos, dos quais o Arqui-demônio Leviathan é o símbolo genérico. O *SepherYetzirah* se refere à Leviathan como *Theli*, o Dragão. Seu número é 440 que é o número de LBBVTh, 'placentae', ou 'bolos', uma referência ao excremento acima mencionado.⁶⁴¹ Ele é também o número de ThM, significando 'chegar à um

⁶³⁸ Vide *Um Ensaio Sobre Número*, *The Equinox*, I, v.p.101.

⁶³⁹ 777 Revisado, p.xxv.

⁶⁴⁰ *Fetichismo e Adoradores de Fetiche*, P.Baudin, p.47.

⁶⁴¹ Compare com os 'pães de luz' (AL.III.25). Estes são os 'bolos da escuridão'.



fim', do egípcio *atem*, 'aniquilar'. Este é o dragão da escuridão cujo número é 5, sendo a fórmula da mulher em sua forma lunar e noturna.⁶⁴²

MacGregor Mathers chama a atenção ao fato⁶⁴³ de que 'este dragão é considerado pelo autor do *Vale Real* como sendo o rei de todas as "conchas" ou demônios', e ele sugere a comparação com a besta na *Revelação*. De acordo com o *Livro do Mistério Oculto* 'a serpente (i.e. Leviathan) veio sobre a mulher, e formou nela um núcleo de impureza, de forma que ela pudesse tornar a habitação (habitaculum) maligna'. O núcleo de impureza é a substância da qual a água é o símbolo. Água (i.e. sangue) é o elemento atribuído ao 23º Caminho.

É este 'núcleo de impureza' que o Adepto reúne a sua volta para o trabalho do próximo (24º) *kala*. Deve ser entendido que o termo 'núcleo de impureza' é um legado do Velho Aeon,⁶⁴⁴ quando tudo que pertencia à mulher era considerado imoral. Em termos de fisiologia ela era considerada suja, impura, e, na esfera moral, 'maligna'. A substância então vivificada era a água da vida, i.e. sangue; e porque sua manifestação na mulher determinava o período de negação ou não – abertura ao homem, ele era execrado por um regime todo-masculino como detestável, fétido, e completamente negativo. No Novo Aeon de Hórus, contudo, esta água é o menstruum de manifestação sem o qual o universo fenomênico seria uma impossibilidade. Ele é o meio de encarnação tanto quanto de reificação mágica, e como tal ele é a substância primária de todo ser, que é NÃO (Nuit). Este Mistério é de uma ordem mística e pode ser compreendido apenas quando a natureza da Deusa é penetrada em sua totalidade.

⁶⁴² O grego *Pente*, 5, também resulta em 440.

⁶⁴³ O *Livro do Mistério Oculto*, p.53.

⁶⁴⁴ O Aeon de Osíris do qual os cultos Judaicos, incluindo o Cristianismo, são as últimas formas remanescentes.



14

Niantiel

O 24º Túnel está sob a influência de Escorpião e é guardado por Niantiel cujo número é 160. O nome desta *qlipha* deve ser entoado em 'G' (registro inferior) de um modo sugestivo de um caldeirão borbulhante de lava derretida, pois Marte é o poder planetário predominante.

O sigilo deve ser pintado em marrom índigo vívido – 'como um besouro negro'⁶⁴⁵ – sobre um triângulo equilátero de azul esverdeado.

O número 160 é aquele de QIN, o 'núcleo de impureza' mencionado com relação ao túnel anterior. Ele é também o número de LNSK, 'para uma oferta de bebida', que indica o sacramento associado com a fórmula de Niantiel, i.e. aquela do IXº O.T.O.⁶⁴⁶ Mas uma fórmula menor ou subsidiária é indicada pelo nome MNO (160), que significa 'restringir' ou 'reter', sugerindo a técnica de Karezza.

Outros conceitos relevantes são Otz, 'árvore', a Árvore da Vida, e IQIM, um 'organizador'(?), do egípcio *Khem*, significando 'itifálico'(?); também IPhO, 'ele resplandeceu', do egípcio *Af*, que denota o sol no hemisfério inferior.⁶⁴⁷ Esta idéia é confirmada pelo verso do CCXXXI que diz:

Também Asar estava oculto em Amenti; e os Senhores do Tempo o golpearam com a foice da morte.

Os Senhores do Tempo são representados no túnel de Niantiel pelas águas infernais de Scorpio que sugerem a fórmula alquímica de purificação *via* putrefação. As 'águas infernais' são os 'núcleos de impureza' já explicados. Eles sugerem o simbolismo do arco-íris como o selo da inundação do abismo do espaço.

O número 160 é aquele de TzLM, 'uma imagem', e isto é representado no sigilo de Niantiel como uma imagem de Morte com uma coroa de cinco raios portando uma foice com empunhadura em cruz ao lado da Cruz de Set. Ela é uma imagem de morte porque a água da purificação é o sangue que nega vida em manifestação, enquanto que ao mesmo tempo a afirma no Abismo onde o sangue é sugado para dentro⁶⁴⁸ como uma 'oferenda de bebida' no rito do IXº infernal. A coroa de cinco raios é o círculo ou ciclo dos cinco *kalas* típico da fase feminina de Negação: o período lunar que escurece a 'vida' na forma de MPLI,⁶⁴⁹ que significa literalmente 'flocos de carne'. O símbolo de *Pente*, Cinco, e do Pentagrama como o Selo ou Estrela de Nuit (Não), foi explicado em *O Renascer da Magia*.

Os animais espreitando nas sombras deste túnel incluem o lobo e – como Crowley nota *apropos* (a propósito_?) o 24º Caminho – 'o cão de caça como um tipo de lobo também pertence aqui'.⁶⁵⁰ Este é o cão de caça Cérbero que guarda o Abismo. Ele é a 'grande Besta do

⁶⁴⁵ Vide 777 *Revisado*, Tabela I, coluna xviii.

⁶⁴⁶ Vide p.205 *supra*.

⁶⁴⁷ A energia solar-fálica operando em Amenta como exemplificado na fórmula do IXº O.T.O.

⁶⁴⁸ INQ, 'sugado', 160.

⁶⁴⁹ Esta palavra também soma 160.

⁶⁵⁰ 777 *Revisado*.



Inferno... não de Tiphareth por fora, mas de Tiphareth por dentro⁶⁵¹ significando o sol infernal em Amenta, o falo no ânus⁶⁵² como distinto do sol supernal, ou a fórmula IX^o comum.

Também atribuídos à este 24^o *kala* são o escorpião e o besouro, ambos símbolos do Sol Negro.

A doença típica associada ao Caminho 24 é o câncer, que se conecta com o simbolismo do besouro que precedeu aquele do caranguejo como o sinal do sol da meia noite, o atravessador do caminho retrógrado no mundo [no sentido] horário (widdershins) do Abismo. As formas-deus apropriadas são Tífon, Apep, Khephra, as Deusas Merti,⁶⁵³ e Sekhet, o sol do calor sexual, o sol 'selvagem' no sul como oposto à grande Deusa com Cabeça de Gato, Bâst, a 'gentil' mãe do norte.

Em *O Livro de Thoth*, o Atu XIII é atribuído à este raio e seu título é Senhor do Portão da Morte. No *Zos Kia Cultus* de Austin O. Spare, o adepto neste túnel assume a 'postura da morte' e se torna um com a consciência cósmica através de uma retroversão dos sentidos.

O adepto tântrico alcança um resultado similar através da fórmula de *viparita* descrita na Trilogia Tifoniana. Esta fórmula se conecta com o *Mystère du Zombéisme* (Mistério do Zumbiísmo) n'O Culto da Serpente Negra,⁶⁵⁴ e o poder mágico atribuído à este mistério é a Necromancia, que comporta o uso do IX^o. A necrofilia também pertence aqui como aquele aspecto de meditação sobre a Dissolução que conduz o adepto ao portal do Mistério Final do Não-Ser. A natureza especificamente sexual da fórmula é tornada aparente na atribuição à este túnel das energias de Scorpio que regem os chakras genitais. Em uma nota à margem em sua cópia pessoal do *Liber 777*, Crowley escreveu: 'No Novo Aeon, Scorpio é a Mulher-Serpente'. Isto significa que o iniciador do adepto está oculto na imagem da Morte com uma coroa de cinco raios,⁶⁵⁵ cujo simbolismo já foi explicado em relação com o número feminino, cinco.

No panteão africano, a deusa do arco-íris, Aidowedo, pertence à esta corrente. Aqui, contudo, o arco não é manifesto porém latente nas profundezas do abismo. A fórmula oposta e frutífera(?) é aquela do XI onde o arco-íris aparece em seu total esplendor no céu de Nu. Mas aqui, no inferno de Hecate tudo é escuro, e a serpente Dangbe – a Serpente Negra – deixa em seu rastro uma trilha de limo que indica a presença das *Necheshtheron*, as Serpentes de Bronze, que frequentam o túnel de Niantiel.

De 'os seis pontos básicos que pertencem ao . . . tubos e túneis de matéria astral e mental', Michael Bertiaux cita como o quinto o *Mystère du Zombéisme*, que se iguala a este túnel de Niantiel. Ele descreve este Mistério como a 'magia do Templo Negro de Atlantis em sua primeira forma . . . O mago trabalha diretamente com os mortos, especialmente através de suas conchas e formas astrais'. Sobre o Trabalho do Templo Negro ele diz que 'ele estava relacionado com a morte, e certos ritos de "culto da morte" em ambos Voodoo esotérico e Tantra vem desta tradição'.⁶⁵⁶

O Trabalho do Templo Negro de Atlantis se relacionava aos Mistérios dos Mortos enquanto que o Trabalho do Templo Vermelho se relacionava àqueles de Magia(k) Sexual, e

⁶⁵¹ *Magick*, p.491.

⁶⁵² União não natural.

⁶⁵³ i.e., as deusas da morte.

⁶⁵⁴ *La Couleuvre Noire*. Seu líder atual é Michael Bertiaux. Vide *Cultos da Sombra*, capítulos 9 e 10.

⁶⁵⁵ i.e. mulher.

⁶⁵⁶ Michael Bertiaux: *Monastério dos Sete Raios; Papel Graduado* do Curso do Quarto Ano.



ambas as variedades se prolongam até o presente ciclo da onda vital humana. Eles foram condenados como ‘magia negra’ pelo Culto de Osíris do velho aeon.

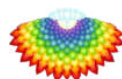
Uma vez que os Mistérios de Morte se referem ao 24^o *kala* é necessário entender o tipo de magia praticada pelos Atlantes do Templo Negro. É bem conhecido pelos ocultistas que no momento do orgasmo sexual o Adepto é capaz de lançar uma forma-pensamento criativa que penetra o invólucro astral de sua *psique* e reifica em matéria em um tempo determinado pelo mago. Um mecanismo similar opera no momento da morte. Quando a alma deixa seu veículo terreno, o Adepto do Culto da Morte pode dirigi-la para qualquer localização estipulada. Os magos negros podiam por esta maneira capturar a alma de um indivíduo e torná-la subserviente à sua vontade. Este é o método da criação de zumbis. Contudo a versão Atlante original desta feitiçaria envolvia elementos de magia(k) sexual. Uma sacerdotiza consagrada era sacrificada de uma maneira especial e o Adepto copulava com sua sombra para produzir um zumbi no plano astral. Este era também, caso fosse requerido, encarnado *vía* uma mulher vivente através do processo natural do nascimento. O zumbi produzido desta maneira não era um mecanismo sem alma – como no caso de um zumbi produzido pelo Voodoo haítiano – mas uma entidade altamente inteligente *embora automática* combinando a intensidade e a plasticidade da consciência astral com as qualidades mágicas do próprio Adepto. Ele era literalmente um filho da morta, ainda assim equipado com poderes mágicos e com todas as faculdades da humanidade exceto aquela da Vontade. Bertiaux observa corretamente: ‘Voudou e feitiçaria’ vem ‘do mesmo progenitor místico, i.e. as antigas religiões da Atlântida’.⁶⁵⁷

O zumbi recém descrito esta um verdadeiro espírito familiar. A forma-deus assumida pelo Adepto no momento da morte (ou orgasmo) determinava a forma, humana ou animal, do espírito familiar. O zumbi atlante é o resultado do Adepto retendo sua forma humana no clímax do ritual. As bruxas dos aeons mais recentes disfarçavam seus [espíritos] familiares como animais, embora que ainda assim eles se tornassem suspeitos aos olhos dos não-iniciados. Nos tempos da Atlântida o processo não carregava a ignomínia moral que receberia mais tarde.

A necromancia dos Irmãos Negros, por outro lado, consistia de contato físico com os mortos e muitos Adeptos do Culto da Morte se tornaram viciados em necrofilia. A prática envolvia união sexual com uma mulher ritualisticamente sacrificada dedicado à deidade com a qual era buscado contato. Uma seita asiática de necromantes sequestrava virgens especialmente selecionadas para o tráfico *post mortem* com os deuses. A união sexual ocorria pouco após a morte. A sombra da virgem era extraída por um método conhecido como o ‘vórtice vampiro’ e impelida para dentro de uma dimensão intermediária entre a consciência terrestre e *post mortem*. Neste estágio o espírito ainda está parcialmente ligado à terra (?). Estímulo sexual era novamente aplicado para excitar até o grau máximo de sensibilidade o espírito astral da sacerdotisa que era desta forma energizado e despertado do torpor do *post mortem* e capacitado a receber e transmitir as impressões mais sutis refletidas nos éteres astrais. O corpo da mulher parecia saltar como uma rã enquanto seus membros se contraíam convulsivamente à cada impacto do violento ataque sexual. Isto lança mais luz sobre o totem da rã e a razão para sua atribuição à ‘senhora da tumba’ em certos cultos negros insinuados em grimórios de feitiçaria asiática. Tais [grimórios] podem ter sido a fonte das referências de H.P. Lovecraft ao ‘abominável platô de Leng’ que, em seus contos, está localizado na Ásia central. Seja como for, não há dúvida de que a rã era um símbolo mágico relacionado não apenas aos *Voltigeurs* ou Saltadores dos Caminhos, mas também aos ritos mortuários que faziam o corpo da sacerdotisa morta simular convulsões saltantes e batráquias.

Passando das ficções de Lovecraft para o livro de Robert Temple *O Mistério de Sírius*; ao falar sobre Proclus, Temple observa que ele ‘tinha uma ligação particular com ritos envolvendo Hecate, a deusa que nós sabemos ser uma forma da estrela Sírius’. Hecate era a forma grega da egípcia Hekt ou Ur-Hekau, o ‘grande poder mágico’ atribuído à corrente lunar.

⁶⁵⁷ Vide nota anterior.



Temple observa ainda mais que 'o nome da deusa grega Hecate significa literalmente em grego "cem"'.⁶⁵⁸ Este é o número da letra *Qoph* que é atribuída à lua. *Qoph* significa 'a parte de trás da cabeça' e isto é onde a 'força criativa ou reprodutora está primariamente situada'.⁶⁵⁹ Além do mais, Temple declara que a tribo africana conhecida como os Dogon 'afirmam que criaturas anfíbias com caudas de peixe fundaram sua civilização . . . e elas vieram do sistema [planetário] da estrela Sírius'.⁶⁶⁰ Em outras palavras, existe uma conexão sutil entre Hecate, a Rã (uma criatura anfíbia), Sírius, a Lua, e a sexualidade. Estaria além do propósito desta seção continuar no assunto, mas pode ser notado que as formas Atlantes de magia envolvendo a produção de zumbis eram não menos do que as perversões negras dos Cultores da Morte, provavelmente relacionados com a fórmula dos *voltigeurs*, e tinham por objetivo a encarnação de entidades extra terrestres tais como aquelas mencionadas por Temple.⁶⁶¹

Este 24º *kala* altamente complexo comporta portanto vários tipos de magia(k) sexual. Pelo propósito de conveniência eles podem ser colocados em uma categoria mais abrangente sob o IXº O.T.O. Os elementos envolvidos estão todos relacionados ao caminho retrógrado do Sol em Amenta; à fórmula de Scorpio (purificação *via* putrefação); ou à feitiçaria necromântica e necrofílica associada com o *Mystère du Zombeeisme* e o *Culto dos Mortos*; e à retenção da semente-sol na prática de Karezza. Portanto não é surpreendente que ao caminho, do qual a cela de Niantiel é o túnel são atribuídos lârnias, stryges (?) e bruxas.

⁶⁵⁸ *O Mistério de Sírius*, p.113.

⁶⁵⁹ *Magick*, p.183.

⁶⁶⁰ *O Mistério de Sírius*, p.207.

⁶⁶¹ Como explicado na Trilogia Tifoniana, a estrela Sírius ou Sothis é a Estrela da A.'.A.'. (Argenteum Astrum; a Estrela de Prata). Ela era portanto a fonte do contato da humanidade com influências extra terrestres, e o sistema de obtenção ensinado na Ordem profana da A.'.A.'. , embora atualmente oculto, é de origem verdadeiramente extra terrestre.



Saksaksalim

662

O 25° Raio ilumina o Túnel de Saksaksalim cujo número é 300 e cujo não-ser pode ser induzido à assumir [uma] forma pela vibração de um som elétrico crepitante grande altura na clave de 'G' agudo. O sigilo deve ser pintado em amarelo brilhante sobre uma base azul escuro intenso, como o relâmpago em contraste com o céu noturno. 300 é o número de *Shin*, a letra do Espírito. Ela é a tripla língua de fogo simbólica de Chozzar, o princípio desintegrante da antimatéria. AVR BPAHH (*Khabs Am Pekht*, 'Luz em Extensão') também tem este número. Esta é a Falsa Luz, a Grande Mentira, que é a Palavra de Choronzon refletida no Abismo. Então, KPhR, 300, é uma substância usada para cobrir com breu ou cinzas. Ela deriva da palavra egípcia *Khepr*, 'transformar', 'reverso', ou '*regenerar* os mortos'. Os mortos são as múmias enfaixadas ou atadas, e SMR significa 'horror', 'como se paralisado pelo medo', 'horripilação' (vide Jó IV. 15), do egípcio *smar*, 'amarrar ou enfaixar para matança'. Os conceitos de reverso, transformação, e aniquilação também estão incluídos.

O sigilo de Saksaksalim mostra a figura de um sacerdote (com os braços estendidos na forma de uma cruz) pendurado de ponta cabeça em um vazio com limites irregulares no qual aparecem as letras SKR (200) e uma figura 7 invertida. O vazio está selado pela imagem de um crescente lunar negro emitindo fluxos de sangue. Este sigilo resume as idéias relacionadas ao número 300 e ao *siddhi* mágico do 25° caminho, i.e. Transmutações e a Visão do Pavão Universal.⁶⁶³ O pavão é um símbolo de Shaitan e comporta o simbolismo do arco-íris explicado anteriormente, assim mostrando a natureza feminina do fogo transformador deste *kala*.

O número 280 é aquele de RP, significando 'terror'. Ele é também o número de quadrados ao lado da Abóbada contendo o corpo de Christian Rosencreutz no simbolismo da Golden Dawn do Grau 5°=6°⁶⁶⁴, que deveria ser estudado em conexão com o simbolismo deste túnel.⁶⁶⁵

O verso relevante do *Liber CCXXXI* diz:

E um poderoso anjo apareceu como uma mulher, derramando frascos de aflição sobre as chamas, iluminando o fluxo puro com sua marca de maldição. E a iniquidade era muito grande.

O Anjo como a mulher amaldiçoando representa a corrente feminina simbolizada por Nephthys, a irmã de Isis. Nephthys é a reificadora ou transmissora de perfeição; a arte de transformar a natureza crua (i.e. virgem) na imagem do cumprimento da maternidade.

A Ordem de Qliphoth associada à este processo é a dos *Nechashiron*, ou Snakey (Ofidianos_?), e o Atu de Tahuti atribuído ao *kala* 25 é apropriadamente intitulado O Causador da Vida.

No panteão africano, Aidowedo – a deusa do arco-íris – é a divindade cognata. Sua vinda é comparada ao clarão do relâmpago. Esta é a influência sagitariana se manifestando na forma da corrente feminina. 'Seu fetiche é uma grande serpente que aparece apenas quando esta deseja beber. Ela então deita sua cauda no chão e mergulha sua boca na água. Diz-se que aquele que encontrar o excremento desta serpente será rico para sempre'.⁶⁶⁶

⁶⁶² Compare com o sinal de Netuno.

⁶⁶³ Esta visão encontra-se sob a influência de Sagitário, a constelação associada ao 25° Caminho.

⁶⁶⁴ Nota do Tradutor: Na verdade um pequeno quadrado ao lado do 6, que o teclado não permite reproduzir.

⁶⁶⁵ Vide *O Equinócio*, I.ii.

⁶⁶⁶ Vide página 217, *supra*.



16

A'ano'nin

O 26º Túnel está sob a égide de A'ano'nin, cujo número é 237. Seu nome deve ser pronunciado num tom áspero e gritante na clave de 'A'. Seu sigilo deve ser pintado em negro dentro de um pentagrama de cor índigo e invertido.

Seu túnel passa por baixo do 26º caminho que transmite o 16º *kala* na série de *kalas* microcósmicos começando com o 11º caminho. Deveria ser lembrado neste ponto que as zonas de poder Cósmico ou Aeônico constituem as dez *sephiroth*, não sendo Da'ath um *kala* no sentido estrito do termo porém um portal de Ingresso e Regresso de Aiwass (78) *via* Kether.⁶⁶⁷ As zonas de poder microcósmicas ou sexuais são os 22 Caminhos que, junto com as 10 zonas de poder Aeônico ou macrocósmico, perfazem 32 no total.

Os 22 Caminhos são reflexos na consciência humana das zonas de poder da consciência cósmica. Os aeons podem também ser considerados em relação aos centros cerebrais no homem, e os *kalas* em relação aos centros sexuais.⁶⁶⁸ O mecanismo psicosssexual dos 16 *kalas* na humanidade (8 na mulher; 8 no homem) é refletido dos centros aeônicos ou zonas de poder cósmico dentro do fluido cérebro-espinhal e do sistema endócrino. O 16º *kala*, em um sentido macrocósmico, é igualado ao Caminho 16, o Caminho da *Har* ou Criança (Horus). Ele é nascido da Deusa 15, representada no Caminho 15 como A Estrela cujo emblema místico é o décimo-primeiro signo zodiacal, Aquário. Este simbolismo foi explicado em *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, ao qual o leitor é convidado a examinar.

O reflexo de Horus no 16º *kala* microcósmico, que é numerado como 26, é O Diabo, ou Duplo, de Horus, i.e. Set. Uma perfeita fusão ou equilíbrio de forças nos macro e micro cosmos é então obtida neste 26º *kala*, que é regido pelas energias de Capricórnio. O Bode é o astroglifo da Mulher Escarlate cujo OLHO (Ayin) é atribuído a este caminho *via* o simbolismo do Atu XV, O Diabo. Este *ain*, ou olho, alcança sua mais completa extensão no nome da Sentinela deste túnel, i.e. A'ano'nin. Seu número é 237 que é também aquele de Ur-He-Ka, o Poder Mágico(k) da Deusa ShPhChH (Sefekh), 393.⁶⁶⁹ 237 é também o número de IERAOMI, 'ser um sacerdote ou sacerdotisa', o que confirma a natureza sagrada deste número.

O sigilo de A'ano'nin mostra o Ur-heka encimado pela cabeça do sacerdote e cercado pelas letras BKRN, que somam em 272. Este é o número de *Aroa*, 'Terra', e de *Bor*, 'consumir', 'ser bestial', 'bruto', etc. Ele é também o número de *Orb*, significando 'a noite', ou um *Arab*, i.e. uma pessoa vivendo no Oeste. O Oeste é o local de Babalon. Seu totem, o bode, é o glifo da terra no oeste como o local do sol poente. *Obr*, uma metátese de *Orb* denota 'lágrimas', 'gotejamento de mirra', da palavra egípcia *abr*, 'ambrosia', 'ungüento', e de *aft*, significando 'transpirando', 'destilando'.

Os poderes mágicos do Caminho 26 se relacionam ao Sabá das Feiticeiras e ao Olho Mau e este *kala* é aquele que é destilado pelo rito do XIº, pois o Olho Mau é o Olho da Noite (i.e. a lua), e a unção, o unguento, ou gotejamento de mirra é o *Vinum Sabbati* preparado no por do sol no caldeirão da Mulher Escarlate. Capricórnio é a Chama Secreta sobre a qual ferve o caldeirão, portanto sua conexão com Vesta, que, junto com as divindades Khem, Set, Pan, e Príapo, é atribuída ao Caminho 26.

⁶⁶⁷ Existem 78 chaves ou chamadas no *Livro de Thoth* e todas elas tem uma posição na Árvore da Vida. 78 é um número de Aiwass, a Inteligência extra-terrestre que comunicou a Crowley a Lei do presente Aeon de Horus. Ele é também o número de *Mezla*, a influência do alto, ou do *além*. Note que 26 (o número deste túnel) vezes 3 (o número de Saturno ou Set) é igual a 78. Note também que o Atu XVI é intitulado A Torre ou Fortaleza de Deus. Compare com os 'onze templos dos Yezidi' com o 'Aeon de onze torres' mencionados por Crowley em *O Trabalho Cephaloedum*. Vide *Mezla* (editado [por] Ayers e Siebert), Nos. 5 e 6, onde este Trabalho está publicado.

⁶⁶⁸ Vide *Cultos da Sombra*, capítulos 1 e 2, para uma explicação sobre estes assuntos.

⁶⁶⁹ Vide notas na página 166, *supra*.



A doença típica deste *kala* é o priapismo, e os animais sagrados à ele são a ostra, o bode, e o asno. O último é o totem específico da mulher e das *qliphoth* associadas à Lua de Yesod, o *Gamaliel* ou 'Asno Obsceno'.

O túnel de A'ano'nin é povoado por sátiros, faunos, e demônios do pânico, e a Ordem de Qliphoth associada à ele é a dos *Dagdagiron*, significando 'os Fishy' ('piscosos'- relativo à peixe), o que denota a natureza feminina. A Arma Mágica correspondente é a Força Secreta representada pela lâmpada, que é uma alusão ao olho oculto dentre as nádegas do bode.

A atribuição do Taro à este Caminho 26 é o Trunfo intitulado O Diabo, O Senhor dos Portões da Matéria; pois a corrente lunar é o mênstruo de reificação que ferve dentro do Cálice de Babalon. Ela é a noiva de Choronzon pois ele é em verdade Senhor dos Portões da Matéria.

Segundo o *Liber CCXXXI*:

O Senhor Khem surgiu, Ele que é santo entre os mais elevados,
e posicionou seu bastão coroado para redimir o universo.

Isto significa que Set ou Pan ergue o falo para redimir o universo, de cuja redenção a fórmula técnica está resumida no XIº O.T.O. O Diamante Negro é o símbolo secreto deste operação que envolve os poderes totais da geração, pois o diamante brilha na escuridão da matéria como o Olho de Set.

O panteão africano é representado neste túnel por Legba, o fetiche da 'vara nodosa', i.e. o falo. Ele é algumas vezes conhecido como Echu, o 'rejeitado'; rejeitado, isto é, pelo não iniciado que é incapaz de compreender o valor da Primeira Matéria e sua relação com os aspectos mais sutis da consciência. *Primeira Matéria*, neste contexto, é uma alusão àquele fluido excremental que forma parte do *Vinum Sabbati*. Isto é destilado no Banquete de Legba que é conhecido como Odun, e que é indubitavelmente o precursor do Sabá das Feiticeiras. Odun quer dizer 'o ano' e significa um ciclo de tempo completo, portanto conectando o simbolismo ao ciclo periódico da mulher. A referência é à serpente lunar que confere riqueza perpétua, então sua associação com o Diabo e Poder Material.

Como é importante fazer uma distinção entre a magia do XIº tal como praticada pelos membros contemporâneos da O.T.O., e a interpretação daquele grau fornecida por Crowley em seus *Diário Mágico*,⁶⁷⁰ eu me sinto justificado em citar a seguinte passagem de *Aleister Crowley e o Deus Oculto* com relação ao simbolismo deste túnel:

Este simbolismo revela a fórmula do XIº O.T.O., que é o rito *reverso* e complementar do IXº. Ele não envolve o uso sodomítico do sexo, como Crowley supunha, porém o uso da Corrente lunar como indicado em seu *Diário Mágico* pela frase *El.Rub. (Elixir Rubeus)*.

Os antigos Mistérios Draconianos de Khem sobre os quais o Culto de Shaitan-Aiwass está por fim baseado são silentes a respeito de qualquer fórmula sodomítica *exceto como uma perversão da prática mágica*. Naquela Tradição – a mais antiga do mundo – Horus e Set representavam originalmente Norte e Sul; o calor de Set era simbolizado pelo poder escurecedor ou enrubescente do sol no sul, também por Sothis a estrela que anunciava a inundação periódica do Nilo, interpretada místicamente como um fenômeno dos Mistérios Femininos. A lama vermelha, a inundação, o Horus 'cego', o Osíris atado em faixas, o sol choroso ou eclipsado, todos eram igualmente simbólicos do ciclo periódico da natureza feminina. Set, como o assento, não simbolizava o fundamento literal, mas a fundação no sentido lunar e Yesódico do fluxo fisiológico que é a base verdadeira de manifestação e estabilidade. Similarmente, o simbolismo regressivo da paródia medieval destes antigos Mistérios, com seu assim chamado Sabá das feiticeiras e *os obscaenum*, era uma referência ainda legível à fórmula lunar.

⁶⁷⁰ Vide *O Diário Mágico da Besta 666* (Ed. Symonds e Grant), 1972.



A interpretação errônea destes Mistérios em termos anais é, para o Iniciado, tanto uma perversão de doutrina (e, como tal, uma blasfêmia sacramental) quanto é a recitação do Pai Nosso de trás para frente e a violação dos sacramentos para o cristão ortodoxo.⁶⁷¹

⁶⁷¹ *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, págs.109-10.



17

Parfaxitas

O 27º Túnel está sob a égide de Parfaxitas, cujo número é 450. Seu nome deve ser vibrado em uma nota de comando profunda e imperiosa na clave de 'C' (registro baixo), e o som deve lembrar o trovão.

Seu sigilo deve ser desenhado com um pigmento vermelho brilhante em um quadrado esmeralda.

450 é o número de ThN, significando 'Dragão'. Ele é a raiz de Leviathan.⁶⁷² Tan, *Tanith* feminino, é aquele grande dragão das profundezas que se manifesta na terra como Babalon, a mulher ou sacerdotisa especialmente consagrada para o trabalho da Corrente Draconiana.

A fórmula de Parfaxitas é aquela do VIII^{o+} O.T.O., que comporta a assunção de formas astrais animais para a reificação de energias atávicas. Ela é descrita em detalhes por Austin Osman Spare, que se refere ao processo como aquele de 'ressurgência atávica'.⁶⁷³

No Culto da Serpente Negra a fórmula é conhecida como *De Mystère Lycanthropique*, que Michael Bertiaux descreve como o 'Mistério do Templo Vermelho de Magia Atlante na sua primeira forma', que envolve 'transformações mágicas em animais'⁶⁷⁴ para magia sexual'.

Na sua Segunda forma ela é conhecida como *Ataviqier*, que é análoga à fórmula de Spare de Ressurgência Atávica.

A versão da OTO desta fórmula envolve a operação sexual solitária do magista, que veste uma máscara animal consoante com a natureza do atavismo que ele pretende reativar. Alguns magistas vestem uma máscara de verdade durante o rito de forma que a assunção astral possa ganhar substância por este meio, porém esta é uma questão de preferência pessoal. No momento da emissão da semente a forma-deus é projetada para além da aura do magista e é alimentada por sua energia. Ela então reifica no astral e algumas vezes no plano etérico, onde ela se une sexualmente com uma entidade similar projetada por uma sacerdotisa operando no mesmo rito. Um trabalho bem sucedido é compreensivelmente raro, porém em casos onde as entidades alcançam uma existência objetiva, o resultado de sua união é tal que um vórtice de energia muito poderoso é gerado em níveis astrais de consciência. Então se torna possível sugar para dentro deste vórtice as energias supra humanas de atavismos primais.

O túnel de Parfaxitas é iluminado por criaturas híbridas resultantes de operações desta natureza realizadas de forma imperfeita.

Os animais tradicionalmente associados à este raio são a Coruja e o Lobo, portanto *Le Mystère Lycanthropique*.

O número de Parfaxitas – 450 – é aquele de KShPIM, significando 'encantamentos', 'bruxarias', 'feitiçarias'; e de PShO, 'transgressão', que neste contexto denota uma travessia para dentro do mundo astral ou do espírito. Isto é confirmado pela palavra AThMChA (também 450), 'ser crucificado', que significa a travessia desde a consciência corporal até a consciência espiritual.⁶⁷⁵ A palavra AThMChA deriva do egípcio *makha*, significando 'equilíbrio', 'nível', ou 'cruzamento (travessia)'.

⁶⁷² Vide página 217, *supra*.

⁶⁷³ Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*, Parte 2.

⁶⁷⁴ Nota do Tradutor: Aqui o autor escreve *were-animals*. Talvez algo como *werewolf*-lobisomem.

⁶⁷⁵ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 2.



O sigilo de Parfaxitas retrata uma Fortaleza com uma porta e duas janelas (olhos) superpostos sobre as letras SUE,⁶⁷⁶ cujo número é 71, que é o número de LAM.⁶⁷⁷

A fortaleza está magicamente protegida pelas letras M V N D V S D (170)⁶⁷⁸. O número 71 é aquele de ALIL, que significa 'nada', 'uma aparição', ou 'imagem', e serve para mostrar a natureza astral ou não-física da fórmula de Parfaxitas. Ele é também o número de ChZVN, 'visão', e de AIMK, 'teu terror'. Ele é também o número do 'Silêncio'. Por outro lado, 170 é ativo e é o número de MQL, a 'vara' ou 'báculo', i.e. o falo do magista. Ele é também o número de *Nephilim*, NPIL significando 'um gigante', a designação mítica de um deus ou ser extraterrestre, da palavra egípcia *Nepr*, 'um deus'.⁶⁷⁹ Os dois números juntos denotam a fórmula do VIII^o + O.T.O., que envolve o uso do Torre do Silêncio e da Torre de Shaitan (i.e. a vara), em cujo isolamento ele conjura imagens ou visões provenientes do Vazio.

O caminho acima deste túnel é consagrado a Trabalhos de Ira e Vingança, o que mostra a natureza notoriamente marcial da corrente que – no túnel abaixo dela – é interpretada na forma de atavismos primais. Fúrias e Lobisomens povoam suas sombras, e a Espada é a arma mágica associada com as deidades Mentu, Marte, e Horus o 'Deus flamejante' que se enfurece 'através do firmamento com sua lança fantástica'.⁶⁸⁰ Segundo o *Liber CCXXXI*: 'Ele derrotou as torres do lamento; ele as quebrou em pedaços no fogo de sua ira, de forma que só ele escapou das ruínas desta'.

Como Scholem ressaltou,⁶⁸¹ os conceitos de ira divina estão conectados com a corrente purgativa, que em seu sentido primário é a purgação associada ao ciclo feminino. O sangue derramado pela mulher no período da puberdade era a água da vida purificadora ou 'redentora'. Este era o primeiro sacrifício de sangue como também era este o primeiro sacramento.⁶⁸² O sangue derramado em batalha era uma forma secundária deste simbolismo e pertencia à Marte e à Corrente Marciana. É no sentido primário de purgação que a expressão 'Trabalhos de Ira e Vingança' deve ser compreendida.

Febres e feridas são as enfermidades típicas do Caminho 27; também a Inflamação, cuja vermelhidão é simbólica da ferida da puberdade, o primeiro corte sendo a fenda feminina com sua emissão de sangue. Portanto a Espada como o repartidor ou divisor [fazendo abertura] é simbólico da vagina, e era assim interpretada nos mistérios astronômicos primitivos.⁶⁸³ Isto foi continuado no simbolismo da foice atribuído a Saturno, o recente representante planetário da Deusa primal nos céus.⁶⁸⁴

A pedra preciosa associada à este 27^o *kala* é o rubi ou pedra *vermelha*; as plantas características são rue⁶⁸⁵, pimenta, e absinto, todas notórias por suas qualidades ígneas.

⁶⁷⁶ SUE pode ser uma abreviação do primeiro nome da mulher escarlate de Crowley na ocasião em que ele recebeu este sigilo. Outros exemplos da inclusão de nomes pessoais nos escritos 'transmitidos', ou *Livros Sagrados*, podem ser citados. Vide, por exemplo, os versos 1 e 2 do *Liber LXVI* (*Equinócio*, I, vi), *Liber LXV*, V, 43 (*Equinócio*, III, i). Vide também *The Bagh-i-Muattar*.

⁶⁷⁷ Vide página 125, *supra*.

⁶⁷⁸ A Fortaleza é uma forma da Torre, cujo simbolismo foi tratado na Parte I.

⁶⁷⁹ Vide capítulo 7 (Parte I).

⁶⁸⁰ *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli* (Crowley), capítulo vii, verso iii.

⁶⁸¹ *Sobre a Kabbalah e seu Simbolismo*, de Gershom G. Scholem, Routledge and Kegan Paul, 1965.

⁶⁸² Vide *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, capítulo 11, nota 53.

⁶⁸³ A Grande Mãe celestial era simbolizada pela constelação conhecida como a coxa.

⁶⁸⁴ Note que a foice, ou sinal de Saturno, é uma forma da figura 5 – o número do feminino como simbólico de Nuit (i.e., a fonte Negativa de toda positividade).

⁶⁸⁵ Nota do Tradutor: Uma planta do Velho Mundo com forte aroma antigamente usada na medicina. Do grego *rhute*.



18

Tzuflifu

O 28º túnel está guardado por Tzuflifu, cujo número é 302 e cujo nome deve ser entoado na clave de 'A' agudo. O sigilo deve ser pintado de branco sobre uma base violeta.

302 é o número de BQR, 'abrir [por corte]', 'investigar', 'aurora', 'aurora da luz', do egípcio *beka*, significando 'extender', *pekai*, 'florescer'. Seu anagrama, BRQ significa 'iluminar', 'enviar relâmpago', como aplicado à Grande Serpente (dos Gnósticos), do egípcio *buiruka*, significando 'fulgurante', 'brilhante'. Em uma metátese avançada, QBR significa 'uma caverna', 'buraco na terra', 'tumba'. Estas três letras portanto constituem um nome-tipo de um local de divinação fundado no oráculo do útero.

O sigilo mostra um Sacerdote ou Rei portando uma coroa no formato de um falo com seu 'olho' projetado. Esta é uma imagem da Grande Serpente prolongada ou 'florescente', seu olho significando o alvorecer ou o poder de abertura do falo.

O Atu pertencente ao Caminho 28 é aquele de *O Imperador*, que também é chamado 'Sol na Manhã e Chefe entre os Poderosos'. No Túnel de Tzuflifu este alvorecer assume um estado de calor quase solvente que lembra uma bola de fogo fluida.

A enfermidade típica do Caminho 28 é a apoplexia, e os demônios que povoam o túnel são as fúrias nascidas do sangue de Urano que foi castrado por causa de crimes contra os 'laços de parentesco'. As fúrias (ou Erinyes) são descritas no mito grego como mulheres aladas cingidas com serpentes, portanto revelando sua afinidade com a corrente lunar.

Urano é o planeta atribuído a Daäth, com seu simbolismo de reversão para a fonte do Não-Ser, portanto o crime de incesto associado à este túnel.

O verso relevante do *Liber CCXXXI* diz:

Transformada, a santa virgem apareceu como um fogo fluído, transformando sua beleza em um raio.

O raio tipifica a suástica, a força rodopiante ou espiral que restaura o mundo 'arruinado pelo mal'. Neste túnel o 'mal' (ou caos) emerge em seu estado bruto ('in natura') através do Portal do Abismo na forma do relâmpago (BRQ). Em um artigo intitulado 'Vida, Morte e Antimatéria'⁶⁸⁶ aparece o seguinte:

A antimatéria parece na maioria das vezes ou possivelmente sempre penetrar o mundo da matéria física através de espirais, especialmente espirais geométricas, no centro das quais o limiar entre tempo e anti-tempo aparentemente existe. *A energia parece se mover em ambas as direções através deste limiar.*⁶⁸⁷

Mais adiante no mesmo artigo é declarado que o 'corpo humano é composto por três espirais principais orientadas ao redor do aqueduto cerebral e do quarto ventrículo'. Se o leitor consultar o *Cultos da Sombra* (capítulos 1 e 4) este perceberá a força destas observações com relação ao *kala* que carrega o túnel de Tzuflifu.

O panteão africano relacionado à este *kala* revela a base original da fórmula acima. O Caminho 28 está sob a influência de Aries (regido por Marte), que é representado pelo aspecto ígneo de Chango e o deus Ogum com seus dardos flamejantes, ou *manamana* (literalmente

⁶⁸⁶ O artigo, de Henry Conway, apareceu em *Fronteiras da Consciência*, The Julian Press Inc., New York, 1974.

⁶⁸⁷ Os itálicos são do presente autor. Compare Daäth como o Portal do Abismo.



'correntes de fogo', i.e. o relâmpago). Como anteriormente explicado, o simbolismo marcial do calor violento, e energia superabundante, denota o poder feminino que alcança seu ápice no Túnel de Qulielfi (vide próxima seção).



19

Qulielfi

O Túnel 29 está sob a influência da lua e é o lugar frequentado pela feiticeira tipificada por Hekt, a deusa com cabeça de rã e Senhora da Transformação.

Qulielfi é a guardiã; seu número é 266 e seu nome deve ser entoadado na clave de 'B'. Seu sigilo deve ser traçado em prata – como a viscosidade da lesma – sobre uma pedra circular. O sigilo mostra 22 crescentes lunares invertidos, pois Qulielfi representa a terminação das *qliphoth* dos 12 signos zodiacais. Os três crescentes centrais encimam um olho cego [lançando] raios para baixo. Este simbolismo se refere aos três dias viáveis do fluxo lunar de cinco dias quando o falo gira um olho cego para o Olho da Lua enquanto ela fragmenta seu *menstruum* de criação astral. Portanto o poder mágico atribuído a este 29º *kala* é o de Lançar Ilusões e Encantamentos em geral. Como está escrito:

É do excremento de Choronzon que se toma o material para a criação de um Deus.⁶⁸⁸

O título do trunfo do taro atribuído ao Caminho 29 é *A Lua*, seu título alternativo sendo o 'Regente do Fluxo e Refluxo', e o espelho mágico é o único item de equipamento no templo lunar quando Qulielfi é evocada. O espelho denota o estado crepuscular de consciência peculiar à algumas regiões do plano astral. É neste estado que a operação astral bem sucedida é realizada, pois na fronteira entre o sono e o estado de vigília estão os 'deitados (?) em aguardo',⁶⁸⁹ aqueles elementais que assistem na reificação do sonho inerente.⁶⁹⁰

O símbolo secreto deste túnel é uma mulher sonhando realizando em seu estado crepuscular a magia(k) manual velada sob o símbolo do VIIIº – O.T.O. O número de Qulielfi confirma este simbolismo pois 266 é SVR, significando 'olla', 'um pote' ou 'vaso', um glifo da vulva em sua fase passiva e solitária.

Porém a fórmula deste túnel comporta outro elemento que não é passivo de forma alguma. Ele está sob o sinal da Rã, o transformador das águas. Este totem tipifica a evolução da consciência a partir do anfíbio até o estado terrestre. A rã é a saltadora ou puladora, o que sugere uma fórmula específica em conexão com o 'outro lado' da Árvore da Vida. No Culto da Serpente Negra esta fórmula é referida como aquela dos *voltigeurs*, os puladores ou saltadores. Michael Bertiaux faz alusão ao 'caminho dos *Voltigeurs*' em conexão com o 'verer dos Marassas, ou Gêmeos',⁶⁹¹ do voodoo. O *verer* mostra as três colunas da Árvore representadas pelo poste central da tenda ou cabana do houngan. Bertiaux cruzou estas três colunas com o *baton* de Guède Nibho⁶⁹² para mostrar o caminho dos *voltigeurs* 'tanto quanto os caminhos para as escolas secretas de iniciação Voodoo'. Ele prossegue dizendo que 'Por trás de cada uma das Sefiroth existem os caminhos secretos. ...caminhos desenvolvidos por magos muito especializados e seus aprendizes dentro das várias seitas secretas que estão

⁶⁸⁸ Vide *A visão e a Voz* (Liber 418), *Equinócio I*, v.

⁶⁸⁹ Os 'deitados (?) em aguardo' são mencionados por Lovecraft, em conexão com o fictício *Necronomicon*, em uma passagem que se refere também a Chorazin. (Vide *O Espreitor no Limiar*, de H.P.Lovecraft). Esta é a Cidade de Babalon, como Choronzon pode ser chamado a Cidade da Besta. O Túnel de Qulielfi leva até a cidade de Chorazin e os deitados-em-aguardo são os ring-pass-not (anéis de isolamento_?) Qlifóticos por fora da Cidade. Os Deitados em Aguardo(?) podem ser iguais aos *Ghagiel* (Os [que] Impedem) listados no *Liber 777* como a Ordem de Qliphoth (coluna viii) associada à Masloth ou Esfera das Estrelas Fixas.

⁶⁹⁰ No Culto da Besta, de Crowley, a *Verdadeira Vontade*.

⁶⁹¹ Vide *Cultos da Sombra*, p.171.

⁶⁹² O equivalente Voodoo de Saturno.



baseadas inteiramente sobre descobertas mágicas e intuições, e comunicados através de iniciações em cada um dos caminhos secretos.⁶⁹³

Charles Stansfeld Jones (Frater Achad), que ‘saltou’ de Yesod a Binah através do que ele designou ‘um método não usual’,⁶⁹⁴ tinha recurso aos caminhos secretos que foram referidos por Bertiaux. O significado mais profundo do salto mágico de Achad de Yesod a Binah é resumido pela fórmula dos saltadores como esta se aplica ao túnel de Qulielphi.

Frater Achad logrou uma profunda intuição dentro da natureza do Abismo através de sua iniciação nos caminhos retrocedentes da Árvore. Foi Achad que anunciou o começo do Aeon de Maat⁶⁹⁵ com sua fórmula da Filha como um equilíbrio para o presente Aeon de Horus, tipificado por Ra-Hoor-Khuit, o Aeon do Filho. Ma-lon⁶⁹⁶ é o Aeon de M.A.A.T., ‘que está sendo interpretado [pelo] Mestre do Templo da A.’A.’⁶⁹⁷ Achad se tornou um Mestre do Templo ao saltar de Yesod até Binah. Ele nota que ‘isto tinha a ver com o Pacto de ST, ou Set, proclamado por Aleister Crowley.’⁶⁹⁸

Ma-lon sugere, por metátese, o Ayon Mo ou Mv⁶⁹⁹ sugerido por Michael Bertiaux em seus Papéis Graduados do Quarto Ano.⁷⁰⁰ Achad aproximou-se bem de perto desta Doutrina Negra quando ele examinou o *Liber AI* à luz de sua súbita acessão ao grau de M.A.A.T. Ao invés de interpretar a doutrina à luz da gnose secreta de Daäth, ele permitiu que seu ódio pessoal por Crowley distorcesse sua visão, como evidenciado pelos seguintes comentários sobre os personagens principais de *O Livro da Lei*:

A assim chamada Deusa Nuit é, quando compreendida em seu verdadeiro valor, o Reino Etérico (Aetherial_?) da Natureza, o plano mais baixo do universo, sem traço de consciência, e caracterizado principalmente pelo Espaço, disfarçado como Infinito e a Senhora do Céu.

RaHoor-Khuit, o filho da falsa união da alma humana e o vazio é realmente o Zeitgeist – o Espírito do Tempo, como oposto ao Espírito da Eterna Verdade, aquele que nega perpétuamente, e é a própria falsidade; disfarçado como o Senhor do Universo – Deus.

A piada sobre a humanidade, se assim esta possa ser chamada, é que Nuit (por meio da ‘voz’ e ‘personalidade’ dados a ela por Aiwass e 666) adoça⁷⁰¹ o processo de dissolução ao bradar aos homens: ‘Vinde a mim!’. Assim os atraindo, não para o Mais Alto, como era de se esperar, mas para o reino mais baixo e mais negativo do universo, a margem do Abismo Negro. [A fase Universo ‘B’ da equação de Bertiaux].

⁶⁹³ Papéis Graduados do *Monastério dos Sete Raios*, de Michael Bertiaux (Curso do 4º Ano).

⁶⁹⁴ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.

⁶⁹⁵ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.

⁶⁹⁶ Este era o nome de Frater Achad para o Aeon de Maat.

⁶⁹⁷ *Liber CCCLXX*. Vide *Magick*, página 496.

⁶⁹⁸ Cartas Não Publicadas de Frater Achad. Primeira Série, p.56.

⁶⁹⁹ A ‘Doutrina Negra’.

⁷⁰⁰ Em um Papel Suplementar editado por Michael Bertiaux em 1975 aparece esta declaração iluminadora: ‘Vontade – vontade mágica e totalmente irracional – poder, i.e. livre de “repressão racional e estática” – é o portal para o Universo “B”.’ Portanto, a vontade mágica e a verdadeira vontade são idênticas, e se uma é o ‘portal para o Universo B’, a outra também o é. Será percebido que esta equação possui implicações vitalmente importantes e de longo alcance, pois magia(k) é a apoteose do irracional e – como tal – em seu sentido mais profundo ela é a chave para a Doutrina Negra (Mo Ayin).

⁷⁰¹ Nota do Tradutor: no sentido de ‘dourar a pílula’.



'Hadit', por outro lado, disfarçado como o Senhor e Doador da Vida (cujo Conhecimento é reconhecidamente a morte [Daäth, como explicado na Parte I] fornece as idéias negativas que auxiliarão, se forem aceitas e trabalhadas, a alma neste processo de auto-destruição e dissolução final.

'Ra-Hoor-Khuit', no Abismo, aguarda as vítimas deste processo com sua prometida Vingança, a qual, entretantes, é ameaçada contra todos aqueles 'cães' da Razão que poderiam se voltar na direção da Verdade real ou pensar em desmascarar a ilusão e o erro do sistema deste 'Novo Aeon'.⁷⁰²

Ainda assim, é precisamente este o Caminho que o Novo Aeon veio preparar, o caminho que atingirá sua apoteose no Aeon de Ma Ion⁷⁰³ quando a *Ma Ayon*, ou Doutrina Negra (de Daäth) se tornar a fórmula de realização.

Mo Ayon ou Aion = 891, que é o número de *Uranos* (Céu). Urano, o planeta, é atribuído a Daäth como se para afirmar a identidade do Céu com o Local do Abismo no lado noturno do Eden. $8 + 9 + 1 = XVIII$, *Cheth*, a Grande Obra simbolizada pelo Graal de Babalon.⁷⁰⁴

O número XVIII se reduz a 9, que é aquele da corrente lunar e de Yesod, o Local da Secreção⁷⁰⁵ que Achad falhou em encontrar.⁷⁰⁶ Yesod é o equivalente de Daäth em um nível mais denso de percepção. Ele é o centro da dinâmica psicosexual conectada com a magia(k) da O.T.O. Porém a mais chocante gematria de *Mo aion* é obtida quando ela é tomada como *Mu Aion*, 177, pois este é o número de *Gan Eden*, o Jardim do Éden, o paraíso 'perdido'. *Mv* = 46; *Aion* = 131; total, 177. A importância destes números já foi notada. 131 é o número de Samael (i.e. Satan), o Guardião no Limiar, e de Pan, Baphomet, e Mako (Set), o filho de Tífon. Eliphas Lévi descreve o número 46 (*Mv*) como 'a Chave dos Mistérios'. *Mv* é sêmen; da palavra egípcia *mai*, semente masculina. Ela é também a palavra para 'água', a primeira essência ancestral que foi primariamente feminina. 131 (Satan) adicionado a 535 (*Kteis*) resulta em 666, o número da Grande Besta da Cidade de Choronzon que está no Abismo. Portanto, a Doutrina Negra de Daäth é do Aeon de Maat cujo mistério – como Frater Achad percebeu – 'tinha a ver com o Pacto de Set'.

Pode ser compreendido agora em que sentido o túnel de Qulielfi é equacionado com o Espelho Mágico, o 'crepúsculo do lugar', pois a lua que ilumina este túnel é de Daäth, não de Yesod. Então, no *Liber CCXXXI* nós lemos:

Por seus encantamentos ela invocou o Escaravelho, o Senhor Kheph-Ra,
de forma que as águas foram divididas e a ilusão das torres foi destruída.

Kheph-Ra é literalmente o lado posterior de Ra (o Sol), i.e. a Lua. As águas se referem a *Mv*, a água do Abismo. As torres são aquelas dos Irmãos Negros ou Obscuros. Isto indica para um mistério relativo ao verdadeiro significado de Magia Negra, pois a Doutrina Negra é aquela dos Irmãos Negros que aparecem sobre a terra (i.e. no lado mais próximo da Árvore da Vida) como Magos Negros. Crowley, ao que parece, não estava ciente desta significação, pois de outra forma ele não teria se referido depreciativamente a Austin Spare como um 'Mago Negro', o que Spare seguramente era no sentido recém explicado, pois ele era um iniciado da Doutrina Negra.

⁷⁰² Cartas não publicadas de Frater Achad; 1a série, p.65.

⁷⁰³ i.e. da Filha; as *Costas da Árvore*.

⁷⁰⁴ Vide notas sobre o Túnel 18.

⁷⁰⁵ Nota do Tradutor: O autor escreve Secret-ion, o que permite duas interpretações: ou 'Secretion / Secreção' mesmo, ou 'Secret ion', o ion (partícula atômica) secreto_?

⁷⁰⁶ Vide *Cultos da Sombra*, capítulo 8.



O próprio Frater Achad chegou muito próximo à uma compreensão deste mistério da verdadeira Magia Negra, mas, como muitos ocultistas antes e depois dele, ele foi confundido ao assumir que o Universo 'B' é 'mal' enquanto que ele é – como Satan – meramente o adversário do sentido de individualidade que é gerado no homem através da consciência egóica ilusória. No Universo 'B' ocorre a 'dissolução . . . nos beijos de Nu' (i.e. as águas do Abismo) que Hadit promete em *AL.II.44*.⁷⁰⁷ Isto também explica a natureza das *qliphoth*, as *Nashimiron* ou 'mulheres malignas' que diz-se povoarem o túnel de Qulielfi.

Finalmente, o simbolismo do saltador tipificado por Hekt, a deusa com cabeça de rã dos *voltigeurs* dos caminhos retrógrados, é enfatizado pela atribuição à este *kala* 29 do Mangue, a árvore do brejo habitada por rãs e outros membros dos batráquios. Lovecraft fez alusão à estas criaturas como aquelas que se reúnem antecipadamente na proximidade dos Grandes Antigos ou seus subordinados. Seu coaxo anuncia o surgimento [a partir] do Universo 'B' das Forças do 'mal' que são – falando mais precisamente – os verdadeiros poderes da escuridão, ou não-ser. O mangue é portanto a Árvore da Morte típica do 'outro lado' da Árvore da Vida.

⁷⁰⁷ Note o número deste verso, 44, que é o número do sangue (IM).



20

Raflifu

O 30º Túnel 29 está sob a égide de Raflifu cujo nome deve ser vibrado numa eufonia suave e doce na clave de 'D'. Seu sigilo deve ser pintado em vermelho raiado sobre um disco âmbar.

O *kala* filtrante através deste túnel é de uma natureza solar. No tubo infernal de Raflifu este se torna escurecido mais como uma sombra profunda lançada na luz brilhante do sol.

O número de Raflifu, 406, é aquele da letra Tau soletada por completo, ou 'estendida'. O Tau místico, ou Sinal da Cruz, se tornou um emblema do deus dos mortos porque a Cruz simboliza a travessia do ser para o não ser. Ele é o emblema especial de Shaitan, a forma caldaica de Set. A identidade de Osiris, deus dos mortos, e Set, o Sol Negro, está substanciada no símbolo do *Tau*. 406 é o número da palavra hebraica AThH, significando 'tu' como em *Faze o que tu queres* no Culto de Thelema. 'Faze o que tu queres' é uma exortação ao sol ou espírito na escuridão do Amenta, i.e. o subconsciente. Isto é uma invocação da Verdadeira Vontade e daquela espontaneidade que é o estado de consciência supremo descrito pelo Wei Wu Wei como 'viver não-volitivo'⁷⁰⁸

AThH (*Ateh*) é um aspecto da tríplice deidade AHA, que compreende Ani (Eu), Hua (Ele), Ateh (Tu); três facetas de uma deidade adorada em três pessoas e de três maneiras: 1) com a face virada, 2) com prostração, e 3) com identificação. As iniciais A H A somam 7, o número da Deusas Estelares cujo símbolo – neste contexto – é o glifo de uma fórmula sexual consistindo também de três aspectos: 1) p.v.n.⁷⁰⁹ (com a face virada); 2) cunnilinctus (com prostração); e, 3) coito normal (com identificação).

O quanto acima é substanciado, cabalisticamente, pelo fato que o número de Raflifu é o resultado de somar juntos a série de números de 1 a 28, o que o conecta com o ciclo lunar.

406 é o número de QVSh, significando um 'arco', da palavra egípcia *Kesr*, 'uma flecha'; o símbolo de Sothis a Estrela de Set, o que, novamente, indica o XIº O.T.O. O arco e a flecha estão entre as armas mágicas atribuídas a este *kala*. 406 é também o número de ShVQ, significando 'aguaceiro'(?), 'inundação', do egípcio *sekh*, 'líquido'; e ShQV, 'bebida', do egípcio *sheku*, 'bebida'. ThV (também 406) significa 'desejo'; e MOTzVR significa 'coibido', 'restrito', 'retido', o que sugere que uma forma de Karezza também pertence à este túnel. Estas idéias se referem à uma libação, e a natureza sexual desta oferenda de bebida é confirmada pelo texto correspondente no *Liber CCXXXI*:

Então o sol apareceu sem nuvens, e a boca de Asi estava na boca de Asar.

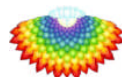
Isto se refere aos gêmeos, Set Horus, abraçando e se tornando um com o Sol Negro (Osiris ou Shaitan), o Deus da Travessia.

O sigilo de Raflifu exhibe o tridente com chifres de Tífon (ou Choronzon) guardado em ambos os lados pelo sinal do machado ou *neter* e encimado por um sol negro nos braços de uma lua crescente. O tridente com chifres é a tripla deidade cuja fórmula foi explicada acima. O machado é o sinal de deidade. Ele é o instrumento de abrir caminho e é portanto da Deusa, A Dividida⁷¹⁰, que é *neter*, ou seja, ela não é nem masculina nem feminina porém *neter* (= neutra)

⁷⁰⁸ Vide *Tudo Mais é Escravidão*, e outras obras de Wei Wu Wei.

⁷⁰⁹ Para detalhes relativos à p.v.n. (*per vas nefandum*), que comporta o uso do XI OTO, e portanto o Olho de Set, vide *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, págs. 107, 108.

⁷¹⁰ Nota do Tradutor: no sentido de partida, fendida.



pois ela é ambos homem e mulher num sentido místico que é indizível.⁷¹¹ O sinal do machado é representado pela cifra árabe do 7. Seu veículo planetário é Vênus, sendo um de seus nomes AHA, cujo número também é sete.

O leopardo é o animal sagrado à este túnel. O preto e o dourado de suas manchas simbolizam o sol na escuridão de Amenta; ou, em termos mágicos, o ouro sexual iluminando a subconsciência com seus raios. O falcão é o pássaro do sol, dourado na atmosfera superior onde ele tipifica Hórus, negro no abismo onde ele tipifica Set.

O *siddhi* mágico conectado ao 30º Caminho é o Poder de conseguir Riqueza (ouro), e o de Preparar a Tintura Vermelha. Este simbolismo combina os elementos solar e lunar em um glifo alquímico.

A enfermidade típica deste *kala* de energia solar é a exaustão. Os fetors (algo como névoas_?) de brejos e charcos são simbólicos do sol 'doente' em Amenta.⁷¹² As *qliphoth* portanto povoam este túnel na forma de will o' the wisps ou gases de pântano que lembram as curiosas fosforescências observadas por sensitivos sobre os túmulos dos mortos.

⁷¹¹ Vide Parte I, capítulo 2.

⁷¹² Para o significado do sol 'doente'; o sol na sua fase feminina, vide as obras de Gerald Massey.



21

Shalicu

O 31º Túnel está sob o domínio de Shalicu cujo nome deve ser vibrado na clave de 'C' num sussurro sibilante e sinistro. Seu sigilo deve ser pintado em vermelho sobre uma superfície esmeralda.

A tripla língua de fogo (*shin*) é atribuída ao Caminho 31, e isto é refletido dentro do abismo na forma do tridente invertido de Chozzar (uma forma de Choronzon e um emblema de magia(k) atlante).

Este é o caminho de Evocação e Piromancia *via* língua de fogo secreta que se manifesta no túnel de Shalicu na forma de Choronzon. Como está escrito no grimório :

Então também a Pirâmide foi construída de forma que a Iniciação pudesse ser completa.⁷¹³

O número de Shalicu é 500 que é o número de ShR, significando 'Príncipe', SORAH, 'principal', do egípcio *Ser*, 'chefe' ou 'presidente', de onde vem o inglês 'sir'. Shalicu é o príncipe das qliphoth na sua forma do arquidemônio Choronzon que reina dentro deste túnel e que transporta o *kala* mais secreto, que é conhecido como *O Aeon*. Este *kala* flui da zona de poder de Mercúrio até aquela da terra. Este túnel é portanto de importância primordial no que ele estende à terra as vibrações Choroônicas de Daäth, *via* Mercúrio.

ThNN, 'estender', também possui o número 500. A atribuição é confirmada por ThNIM (também equivalente a 500), significando 'bestas selvagens do deserto'. ThNIM se aproxima da palavra egípcia *tenemi*, que significa 'fazer recuar'. Os habitantes deste túnel são as bestas vorazes do Deserto de Set, e elas repulsam todos os esforços para ganhar acesso ao Pylon de Daäth.

500 é também o número de MThNI, 'os quadris', que tem afinidade com a palavra sânscrita *maithuna*, significando 'acasalamento', 'união sexual'.

O fogo deste caminho é o fogo de Set que é o calor sexual tipificado pelas bestas que espreitam no limiar de Daäth perante o Véu do Abismo. A Pira ou Pirâmide, e o Fogo, são idênticos; portanto a pirâmide como um símbolo de Set e da Estrela Sothis.

Os deuses atribuídos ao 31º *kala* são Vulcano e Plutão; aspectos gêmeos de Hades (seus aspectos ígneo e escuro respectivamente). Plutão é uma forma do Cérbero ou besta com cabeça de cão que guarda os Portões do Abismo.

O sigilo de Shalicu mostra a tumba de Christian Rosencreutz, ou, mais precisamente, a placa que anuncia o fato da morte, julgamento, e ressurreição. Estes compreendem a tríplice fórmula da Travessia do Abismo *via* crucificação ou passagem da vida para a morte. A idéia de julgamento, implícita nos cultos do velho aeon, denota a purgação e refinamento do corpo grosseiro (a múmia) e sua preparação para a travessia para o Amenta. Isto é esboçado na fórmula alquímica do Dragão Negro que simboliza o aparecimento da Primeira Matéria (*Ser*) em seu estado corrupto ou não regenerado (ego), antes da sua projeção como o Último *Kala* (remédio/medicina).

Nos mistérios da Golden Dawn esta fórmula era expressa pelos rituais dos Graus $0^{\circ} = 0^{\text{(quadrado)}}$ e $5^{\circ} = 6^{\text{(quadrado)}}$; o primeiro esboço – do ponto de vista dos habitantes da terra (Malkuth) – de Não-Ser definitivo se processando através da zona de poder de Hod (Mercúrio) até Malkuth (Terra).

⁷¹³ Liber CCXXXI.



O *siddhi* mágico do Caminho 31 é a Transformação, Invisibilidade, ou Desaparecimento; o desaparecimento do mundo das aparências (i.e. a numenalização dos fenômenos que, interpretada em termos de existência objetiva, é a transformação do corpo grosseiro em sua essência etérica).

A 'enfermidade típica' atribuída ao Caminho 31 é a Febre, que é associada ao calor ou fogo e que culmina no túnel de Shalicu como Morte e/ou Insanidade Total.

O panteão africano relativo à este *kala* inclui os aspectos ígneos de divindade tal como Manamana (relâmpago); Orun-apadi, a fornalha equivalente ao conceito cristão de inferno; e Egungun, o Juízo Final. É interessante notar que O Último Julgamento era o título dado ao Trunfo do Taro que mostrava os mortos se erguendo de suas tumbas. O simbolismo deste trunfo, revisado de acordo com a doutrina do Novo Aeon, é agora intitulado O Aeon, e ele está na forma da Criança que o espírito ressuscitado ergue da escuridão do Amenta. O grande mistério é, contudo, que esta criança é feminina: a filha, não o filho. Ela é representada no imaginário do pássaro fabuloso, TzITzISH, que denota o pássaro emplumado ou prestes a voar (i.e. a mulher pubescente), o pássaro da lenda cabalista. Seu número é 500. Ele é o último símbolo do Aeon de Maat como esboçado na Doutrina Negra de *Ma Ayon*.

Com relação a esta Doutrina, que é de suprema importância, Michael Bertiaux observa:

Na metafísica Druida, que é mais antiga que a religião Celta . . . o estudo do Universo 'A' [o universo conhecido] é chamado 'ontologia', ou a ciência do ser, enquanto que o estudo do Universo 'B' [o Meon, ou universo desconhecido] pôde apenas ser chamado 'meontologia', ou o estudo do não-ser. Contudo, eles [i.e. os Druidas] não desenvolveram este conceito muito bem, *devido ao medo de contatar os seres no outro universo*.⁷¹⁴

Segundo a antiga sabedoria oculta há apenas um método de penetrar os mistérios do Meon, e este é através de uma reversão das invocações mágicas que normalmente se utilizaria em conexão ao Universo 'A'. Frater Achad em tempos recentes usou esta fórmula de reversão num sentido cabalístico e ela o capacitou à desvendar muitos mistérios em *O Livro da Lei*. Ela produziu a chave mágica que Aleister Crowley tinha buscado em vão, embora Crowley tivesse intuído a fórmula correta quando ele declarou: 'Eu reconheço a magia(k) como envolvida em *reverter* qualquer ordem existente'.⁷¹⁵

Michael Bertiaux transportou esta idéia um estágio mais além do que ambos Crowley e Achad. Bertiaux sugere que 'Choronzon poderia ser considerado como uma das abordagens ao Universo 'B'.

Poderia ter sido, deveras, através deste túnel até o 'outro lado' da Árvore que Crowley obteve os elementos do 'mal' que iriam destruir sua obra no Outer (Ordem Externa_?) e tornar seus livros abominados por aqueles que não compreendiam a extraordinária conexão entre os dois universos. Bertiaux explica claramente este caso:

O Mal não existe no Universo 'A', e no Universo 'B' ele não existe. Entretanto, quando há um relacionamento entre os dois universos, existe a possibilidade de o mal penetrar o mundo, dentro do Universo 'A'. Eis o porquê os magos que operam ao longo das linhas de busca de contato com o Universo 'B' estão algumas vezes em uma situação onde eles dão a impressão de serem 'Magos Negros' ou além disso, de serem 'perigosamente maléficos' ou 'perversos e não naturais'.

⁷¹⁴ Os *itálicos* são do presente autor.

⁷¹⁵ *O Diário Mágico da Besta 666*, p.248. O símbolo supremo de reversão é Tífon, a deusa que representa o Caminho Para Trás ou Reverso. Vide *O Mistério de Sirius* (Temple) p.71



Bertiaux prossegue dizendo que a ‘qualidade maléfica de Choronzon existe apenas no fato que ele existe *entre* os dois universos, ‘A’ e ‘B’, como um guardião mágico . . .’⁷¹⁶

O 31º Caminho está dividido entre os poderes do Fogo e Espírito, e o 32º e último caminho está dividido entre os poderes da Terra e Saturno.

No 31º túnel os poderes do Fogo e Espírito resumem a fórmula da Serpente de Fogo, que é aquela do Espírito/Matéria no macrocosmo e Choronzon/Mulher no microcosmo. Em outras palavras, as forças essenciais da escuridão (matéria) são ativadas no macrocosmo pelo elemento do Espírito, e no microcosmo elas se manifestam na mulher que incorpora a Serpente de Fogo.⁷¹⁷ A mecânica desta fórmula foi explicada na minha Trilogia Tifoniana.⁷¹⁸

A este *kala* 31 a Papoula Vermelha, Hibisco, ou Rosa da China são atribuídas, pois estas flores são simbólicas da Mulher Escarlata – Babalon – que encarna as energias cósmicas da Serpente de Fogo. Estas são simbolizadas pelo Opala de Fogo que surge como uma pedra preciosa de sua vulva, e pela Pirâmide de Set, a chama fálica cósmica que a consome completamente com sua tripla língua de fogo.

⁷¹⁶ Itálicos do presente autor, Michael Bertiaux, Curso do 3º Ano (*Monastério dos Sete Raios*).

⁷¹⁷ i.e. a Sacerdotisa iniciada da Besta, Shugal-Choronzon.

⁷¹⁸ Vide também a explicação de Crowley sobre a Fórmula de LASH TAL (*Magick*, págs. 415-16).



Thantifaxath

O 32º Túnel está sob a égide de Thantifaxath cujo número é 1040 e cujo nome deve ser reverberado na clave de 'B' agudo como se nos buracos das profundezas ctonianas. Seu sigilo deve ser pintado em um retângulo preto raiado com azul.

1040 é o número de Temenos (o precinto de um templo), e de Choros, que, segundo o *The Canon* (p.195) era 'uma dança pela qual os primeiros adoradores invocavam a deidade, movendo-se com passos medidos ao redor do altar'.

Neste *kala* está resumida toda a gama de *kalas* macro e microcósmicos. Dezesseis *kalas* são distribuídos para o macrocosmo, e dezesseis para o microcosmo. O 32º *kala* é, em um sentido, o *segundo* décimo-sexto e como tal pertence à Terra, tipificada pelo altar. O sigilo de Thantifaxath portanto forma a terra ou base da série inteira de *kalas* e o ânodo e o cátodo estão conectados ou aterrados ao *Tau*⁷¹⁹ que tem sua origem na subconsciência, logo:

O sigilo inclui a figura geomântica de *Acquisitio* que está atribuída ao número nove, e que, neste exemplo, está informado pelo ígneo Sagitário – aqui a natureza elétrica de Thantifaxath e seu aterramento nas células ctonianas ocultas. Estas são tipificadas pelas forças de restrição e encarceramento simbolizados por Saturno.

Os *siddhis* mágicos deste *kala* compreendem Trabalhos de Maldições e Morte, e a foice de Saturno – O Grande da Noite do Tempo – é o emblema supremo deste Túnel que é a estância de maus espíritos (ogros?) e larvas da cova iluminada pelo clarão lúrido e fosforescente das velas dos cadáveres.

O Freixo e o Cipreste, a Erva Moura, o Elmo, e Teixo, são as árvores da escuridão em cujas sombras o túnel desaparece para o interior das células mais profundas da terra. Ainda assim este túnel tem afinidades com o oceano de espaço através de sua associação com Set, o filho da Deusa das Sete Estrelas cujo veículo planetário é Saturno.

Sebek, o crocodilo, é o emblema zoomórfico deste túnel, e Mako – um nome de Set como o filho de Tífon e os poderes da escuridão – é uma deidade secreta desta célula mais inferior. O Deus Terminus também pertence aqui, pois seu posto avançado do sistema cósmico é verdadeiramente o fim das vibrações cósmicas que, a partir deste ponto, retornam para sua fonte nas estrelas.

No complexo de poderes africano associado ao 32º *kala* estão o Ogboni e o Egungun que tipificam as organizações ocultas mais terríveis em toda a África. É aqui também, nas profundezas da terra como no golfo mais estendido do mais negro espaço, que o Odun ou Sabá Africano é celebrado com os ritos primais dos Deuses Antigos que servem O Grande da Noite do Tempo. Os Zangbeto ou 'povo da noite que vem do outro lado do mar'⁷²⁰ também povoam esta zona de poder de fim e morte.

A enfermidade típica deste *kala* é a arteriosclerose, o endurecimento da artéria que é o complemento da senilidade e o começo do *rigor*⁷²¹ final.

Os trabalhos deste túnel incluem o encarceramento ou 'amarrar como um cadáver' nas bandagens (amarras) da eternidade. Esta é a origem de uma forma mortal de feitiçaria que

⁷¹⁹ i.e. a corrente fálica.

⁷²⁰ i.e. das profundezas do espaço além de Saturno; Saturno é o Grande Mar.

⁷²¹ Nota do Tradutor: *rigor mortis*: rigidez do cadáver?



consiste em aprisionar almas no espaço por meio de um método curioso que foi descrito por Michael Bertiaux. As vítimas potenciais desta forma particular de ataque são colocadas – simbolicamente⁷²² – numa figura em forma de diamante:

(antes da dobra) [figura]

(após a dobra) [figura]

Para intensificar seu confinamento, mentalmente você dobrará o diamante formando a tríada, de forma que duas pessoas lutarão para ocupar cada um dos três ângulos remanescentes desta forma, na qual cada um [dos ângulos] tem espaço mágico suficiente apenas uma pessoa. Isto provocará seu conflito objetivo enquanto elas lutam para ocupar o mesmo *situs* psíquico e mental . . . Através deste método muitos inimigos morreram por sufocação oculta, porque eles foram cortados fora da vitalidade cósmica por meio das paredes mágicas do espaço íntimo.⁷²³

O 32º Caminho transmite as energias astrais de Yesod para a esfera de Malkuth desse modo efetuando o ‘aterramento’ final de *todos* os *kalas* e influências que fluíram através dos túneis de Plutão (Kether) até a Terra (Malkuth). Porém neste aterramento máximo e final da corrente cósmica ocorre uma reversão súbita; e esta é a fórmula da própria Magia(k), que a Corrente tendo se aterrado em Malkuth⁷²⁴ agora volta-se para trás sobre si mesma e move-se rapidamente pela Árvore acima para se dissolver em sua fonte nos centros de energia transcósmicos representados por Kether.

Portanto ‘Malkuth está em Kether e Kether está em Malkuth, embora em um modo diferente’. A Noiva é celebrada no verso final do *Liber CCXXXI* com as palavras:

E no coração da Esfinge⁷²⁵ dançou o Senhor Adonai,⁷²⁶ em suas guirlandas de rosas e pérolas tornando alegre a multidão de coisas, sim tornando alegre a multidão de coisas.

⁷²² i.e. na forma de sigilos. Vide *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* para um método de construção de sigilo.

⁷²³ Michael Bertiaux, Papéis Graduados do *Monastério dos Sete Raios*, Curso do Quarto Ano. Tais formas de constrangimento mágico podem ser a causa das frequentes recorrências kármicas de asma e moléstias respiratórias hereditárias (ou em família_?) que afligem tantos ocultistas.

⁷²⁴ Malkuth é a Noiva do poder criativo em Kether.

⁷²⁵ O mistério da identidade de Kether e Malkuth ou, em termos orientais, de Nirvana e Samsara.

⁷²⁶ O Santo Anjo Guardiã de cada indivíduo. Crowley identifica Adonai com a Serpente Apep (Liber LXV, v.57).





Amrit
Thelema, Yoga & Magick
www.amrit.com.br
MMVI era vulgaris



www.amrit.com.br